

**Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Ciências Administrativas
Programa de Pós-Graduação em Administração - PROPAD**

Diego Costa Mendes

**SER OU NÃO PARECER NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO?
EIS A QUESTÃO!**

**A performance de alunos gays e bissexuais no contexto de um
curso heteronormativo**

Recife , 2019

Diego Costa Mendes

**SER OU NÃO PARECER NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO?
EIS A QUESTÃO!**

**A performance de alunos gays e bissexuais no contexto de um
curso heteronormativo**

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Costa de Mendonça

Tese apresentada como requisito de obtenção de título de doutor, área de concentração em Gestão Organizacional, do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco.

Recife, 2019

Catálogo na Fonte
Bibliotecária Ângela de Fátima Correia Simões, CRB4-773

M538s	Mendes, Diego Costa Ser ou não parecer no curso de Administração? Eis a questão! : a performance de alunos gays e bissexuais no contexto de um curso heteronormativo / Diego Costa Mendes. - 2019. 217 folhas: il. 30 cm. Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Costa de Mendonça. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco. CCSA, 2019. Inclui referências e apêndices. 1. Heteronormatividade. 2. Performance. 3. Administração. I. Mendonça, José Ricardo Costa de (Orientador). II. Título. 658 CDD (22. ed.) UFPE (CSA 2019 – 068)
-------	---

DIEGO COSTA MENDES

SER OU NÃO APARECER NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO? EIS A QUESTÃO!

A performance de alunos gays e bissexuais no contexto de um curso heteronormativo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PROPAD) da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de doutor em Administração.

Aprovado em 27/05/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. José Ricardo Costa de Mendonça (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Diogo Henrique Helal (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Dra. Débora Coutinho Paschoal Dourado (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Luiz Alex Silva Saraiva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Minas Gerais

Profª. Dra. Luciana Leila Fontes Vieira (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

*A mainha (in memoriam) e a painho,
fontes de toda inspiração e incentivo de
que precisei para alcançar meus objetivos.*

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus pela dádiva da vida, pela saúde, pela disposição e pelas bênçãos que me concede diariamente.

À Nossa Senhora, pelo acolhimento e pela proteção.

À mainha (*in memoriam*), por todo o amor, toda a dedicação e luta para me transformar na pessoa que hoje sou. Agradeço cada sorriso, cada lembrança e cada gesto que me enchem de coragem e me tomam dos sentimentos mais puros e verdadeiros; e que está viva em meu coração aonde quer que eu vá.

A paião por todo o incentivo e toda a dedicação aos meus estudos, ensinando-me, desde pequeno, o valor da educação e me motivando a perseguir meus objetivos e aquilo em que acredito. Ele moveu céus e terras para me ajudar a concretizá-los.

À Natália, minha irmã preferida (e única), pela paciência, pelo companheirismo e pelo amor dedicados.

A Jonas pela amizade, paciência, dedicação, incentivo e companhia (principalmente nas idas diárias à biblioteca). Obrigado por tornar meus dias mais leves e felizes.

A todos os membros da família Costa e da família Mendes, por terem contribuído e me apoiado durante essa jornada das mais diversas formas e expressões.

Às famílias de coração — Brayner, Aquino, Lopes de Paula, Amante e tantas outras —, por me adotarem como filho, sobrinho e irmão, e por me darem o aconchego necessário para levar os dias com mais leveza e alegria.

A todos os meus amigos (dos quais nem ousou citar nomes, para não cometer a heresia de esquecer alguém). Eles saberão ao ler este agradecimento que os amo imensamente e que são queridos e indispensáveis para o meu dia a dia. A todos agradeço pela compreensão, apoio e carinho dispensados a todo e qualquer momento.

A Ricardo Mendonça, orientador, pela paciência, pelas orientações, por acreditar neste estudo e por me receber após transcorridos 2 anos do meu doutorado, aceitando começar do zero um caminho novo para nós dois. Obrigado por tornar esse árduo caminho mais leve e humano.

Aos professores Diogo Helal, Luiz Alex e Luciana Vieira, pela disponibilidade, pelas conversas e pelas valiosas contribuições direcionadas à pesquisa desde antes da qualificação.

À professora Débora Dourado por aceitar participar da banca de defesa e por estar presente em mais uma etapa de minha trajetória acadêmica.

Aos Professores Leonardo Bulhões e Maristela Melo (*in memoriam*), por plantarem em mim a primeira semente acadêmica e por enxergarem, ainda em meados de minha graduação, a possibilidade — hoje concreta — de tornar-me um docente.

Ao professor Walter Moraes, que sempre foi para mim exemplo e inspiração de docente.

Aos amigos e companheiros de pesquisa, de artigos, de congressos e de vida: Iraneide (Miss), Myrna, Bárbara, Alexandre e Tiago, por toda ajuda, paciência, presteza, cuidado, atenção e companheirismo dispensados desde o mestrado.

Aos amigos Humberta Silva, Paula Callado, Tarcísio Régis, Hérrisson Dutra, Beatriz Gondim, Camila Rodrigues, Marcela Pereira, Caroline Carneiro, Jéssica Dyva e Jéssica Targino (entre tantos outros) pela amizade e companheirismo nos bons e não tão bons momentos da árdua trajetória no doutorado e no mestrado.

Aos meus alunos e orientandos de TCC, pelas trocas, pelo aprendizado e pelos momentos tão prazerosos em sala de aula e nas orientações.

A todos os discentes que participaram deste estudo. Obrigado pela disponibilidade, por compartilharem suas experiências e percepções, por acreditarem e por confiarem na condução da pesquisa.

Aos funcionários da secretaria do PROPAD e da manutenção (especialmente a Nilda).

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo amparo financeiro durante o doutorado.

E, por fim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse chegar ao fim desta longa jornada. Cada um, cada palavra, cada gesto, cada abraço foram extremamente significativos para que pudesse concluir mais um importante ciclo em minha vida. O meu sincero e afetuoso MUITO OBRIGADO!

*"Fé na vida, fé no homem, fé no que virá.
Nós podemos tudo. Nós podemos mais.
Vamos lá fazer o que será..."*
(ErasmO Carlos)

Resumo

Este estudo defende a tese de que o discurso subjacente de orientação sexual presente na graduação em Administração possui pressupostos normalizadores e heteronormativos, que restringem as categorias identitárias reconhecidas neste contexto específico e demandam dos estudantes performances consideradas legitimadas no curso. A partir deste pressuposto, procurei compreender quais as implicações do discurso heteronormalizador em cursos de graduação em Administração sobre as performances de estudantes gays e bissexuais. Para alicerçar a realização do estudo, busquei amparo sobre a teoria *queer* — em especial sobre os conceitos de performance, performatividade e heteronormatividade — a fim de entender as questões de dominação e de instabilidade sobre as diferenças de orientação sexual. A pesquisa teve abordagem predominantemente qualitativa, e foi realizada com 16 estudantes (9 gays e 7 bissexuais) de variados períodos do curso de Administração, numa Instituição de Ensino Superior Privada localizada na cidade do Recife, entre os meses de setembro a novembro de 2018. A coleta de dados foi realizada por intermédio de entrevistas semiestruturadas, com duração média de 40 a 50 minutos cada. Os textos transcritos foram analisados com o suporte da Análise Crítica do Discurso (ACD). Os textos dos discentes gays e bissexuais entrevistados levam à compreensão de que a performance no curso de Administração é condicionada à matriz de inteligibilidade heterossexual, a qual legitima socialmente a conformidade entre sexo, gênero e sexualidade, estabelecendo a heterossexualidade como pré-condição para ser reconhecido(a) no curso. A partir da performatividade as práticas discursivas e sociais são produzidas, e as performances são moldadas com base nos códigos de significação presentes na matriz heterossexual. Decorrente deste contexto apresentado, os corpos dos discentes circunscritos no curso tendem a ser regulados e naturalizados pela sexualidade, com base num conjunto de imposições estabelecidas a partir da compulsoriedade heteronormativa. A matriz heterossexual possibilita certo controle social na Administração a partir de elementos legitimados e universalizantes que projetam as performances esperadas pelo(a) administrador(a), e que buscam conformar os corpos discentes sobre identidades previamente arquitetadas.

Palavras-chave: Heteronormatividade. Performance. Performatividade. Administração. LGBT.

Abstract

This study defends the thesis that the underlying discourse of sexual orientation present in the undergraduate degree in Management has normalizing and heteronormative presuppositions, which restrict the recognized identity categories in this specific context and demand from the student's performances considered legitimate in the course. From this assumption, I sought to understand the implications of the heteronormalizing discourse in undergraduate courses in Management on the performances of gay and bisexual students. In order to support the study, I sought support for Queer theory — especially on the concepts of performance, performativity and heteronormativity — in order to understand domination and instability on the differences of sexual orientation. The research had a predominantly qualitative approach and was carried out with 16 students (9 gays and 7 bisexuals) of various periods of the Management course, in a Private Higher Education Institution located in the city of Recife, between September and November 2018. Data collection was done through semi-structured interviews, with an average duration of 40 to 50 minutes each. The transcribed texts were analyzed with the support of Critical Discourse Analysis. The texts of the gay and bisexual students interviewed lead to the understanding that the performance in the Management course is conditioned to the heterosexual intelligibility matrix, which socially legitimizes the conformity between sex, gender and sexuality, establishing heterosexuality as a precondition for being recognized in the course. The discursive and social practices from the performativity are produced, and the performances are shaped based on the codes of signification present in the heterosexual matrix. Due to this context, the bodies of the students circumscribed in the course tend to be regulated and naturalized by sexuality, based on a set of impositions established from heteronormative compulsion. The heterosexual matrix allows some social control in the Management from the legitimized and universalizing elements that project the performances expected by the manager, and that seek to conform the student bodies on identities previously architected.

Keywords: Heteronormativity. Performance. Performativity. Management. LGBT.

Lista de Quadros

Quadro 01	Movimento Homossexual x Movimento <i>Queer</i>	34
Quadro 02	Evolução do Ensino em Administração	51
Quadro 03	Relação entre questionamento geral e questionamentos específicos da pesquisa	64
Quadro 04	Terminologias para a realização da Análise Crítica do Discurso	78
Quadro 05	Descritivo dos(as) Entrevistados(as)	82

Lista de Figuras

Figura 01	A "linha de produção" do administrador	54
-----------	--	----

Sumário

1 Caminho introdutório da tese	15
2 Problematizando as diferenças a partir da tríade sexo-gênero-sexualidade	25
3 Perturbando a tranquilidade da normalidade: a estranheza da teoria <i>queer</i>.....	33
3.1 Discurso, sujeito e identificação	37
3.2 A heteronormatividade e a inteligibilidade sobre os corpos	41
3.3 A regulação da performatividade e a repetição das performances	44
4 Contextualizando o lócus de investigação: a graduação em Administração	49
4.1 Cronologia e considerações quanto a evolução do ensino em Administração no Brasil ..	50
4.2 Como posso caracterizar a graduação em Administração?	54
5 Desconstruindo o viés gerencialista na Administração a partir do diálogo entre os estudos organizacionais e a teoria <i>queer</i>	58
6 O fazer da pesquisa: percurso metodológico	64
6.1 Visão de mundo e do fazer científico	65
6.2 Lócus de pesquisa: a graduação em Administração	67
6.3 A coleta de dados: escutando o que os discentes têm a dizer	68
6.4 Análise Crítica do Discurso: dando forma à verbalização da subjetividade e da ação humana	73
6.4.1 "Constituindo e construindo o mundo em significado": o que é discurso?	74
6.4.2 A dialética relação e mútua influência entre o discurso e a estrutura social: a Análise Crítica do Discurso (ACD)	75
6.5 IES selecionada	80
6.6 Quem são eles? Quem são elas? Conhecendo um pouco do perfil dos entrevistados	81
7. O curso de Administração a partir dos relatos discentes	86
7.1 Como lidam com sua orientação sexual	88
7.2 Intertextualidades: a família, a religião e a escola	92
7.3 Um novo <i>ethos</i> : o Ensino Superior	102
7.4 Como é ser diferente no curso de Administração: a performance dos discentes na graduação e seus condicionantes	105
7.5 Algumas semioses observadas	114
7.6 Do diferente para o diferente: como os discentes percebem outros alunos LGBs no curso	117
7.7 O cotidiano do curso de Administração a partir das redes de relacionamento	127
7.8 "As brincadeiras são para divertir ou ofender?": piadas e chistes direcionados aos discentes gays e bissexuais no curso	139
7.9 Percepção sobre o curso: um olhar a partir das diferenças	147
7.10 Imaginário sobre o(a) profissional da Administração	170
8 Refletindo sobre os questionamentos da pesquisa	186
8.1 Quais intertextos podem ser identificados nas falas dos discentes?	186
8.2 Como as semioses identificadas nos discursos discentes se relacionam com suas performances?	187
8.3 Como os discentes enxergam o curso de Administração e o contexto no qual estão inseridos?	189
8.4 Como as relações presentes no curso de Administração podem ser caracterizadas a partir dos relatos discentes entrevistados?	190
8.5 Como pode ser desenhada a prática social sobre a graduação em Administração a partir dos discursos de discentes gays e bissexuais do curso pesquisado	192
9 Considerações finais ou iniciais?!	195
Referências	200

Apêndice A: Instrumento de coleta de dados	214
Apêndice B: Instrumento de coleta de dados (versão com comentários)	215
Apêndice C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	216

1 Caminho introdutório da tese

Há mais de 20 anos, a temática de diversidade vem sendo alvo de diversas discussões nos estudos organizacionais e de gestão (COX JR., 1993; NKOMO, COX JR., 1999; FLEURY, 2000; ALVES, GALEÃO-SILVA, 2004; SARAIVA, IRIGARAY, 2009; SOUZA, 2009; MAZUR, 2010; HANASHIRO; TORRES, 2010; CONCEIÇÃO et al., 2011; LORENTZ, 2014). Tais estudos tiveram início a partir da observação que a força de trabalho se apresentava gradativamente mais diversa em diferentes partes do mundo e que essas diferenças não poderiam ser negligenciadas, a ponto de se deixar de ganhar vantagem competitiva (FLEURY, 2000).

O termo diversidade, por sua vez, possui uma conceituação difícil de ser demarcada devido à polissemia de uso em distintas áreas do saber e, na literatura em Administração, sua utilização varia entre definições restritas àquelas demasiadamente amplas (NKOMO; COX JR., 1999).

No campo administrativo, a diversidade foi inicialmente caracterizada como uma combinação de pessoas com distintas identidades se relacionando num mesmo sistema social (NKOMO; COX JR, 1999; FLEURY, 2000), e algumas de suas preocupações preliminares centravam-se em como gerir diferentes grupos nas organizações, como se trabalhar com [e a] diversidade de pessoas (HANASHIRO; TORRES, 2010).

Já que o conceito de diversidade deveria incluir a todos (THOMAS JR., 1991), as políticas organizacionais nele baseadas poderiam se pautar na gestão de grupos distinguidos pela idade, etnia, gênero, raça, orientação sexual, habilidades físicas ou mentais, formação educacional, localização geográfica, nacionalidade, experiência de trabalho, religião, renda, papel e nível organizacional, entre tantos outros possíveis (NKOMO; COX JR., 1998; FLEURY, 2000; HANASHIRO, CARVALHO, 2005; MAZUR, 2010; LORENTZ, 2014). Tais categorias almejavam representar a diversidade existente na composição social.

Desde o surgimento dos debates sobre diversidade na Administração até hoje é comum a utilização do termo nos discursos que visam trazer maior eficácia às práticas organizacionais, com intuito de agregar valor a estas estruturas (FLEURY, 2000; LORENTZ, 2014), e a ideia de gestão da diversidade e de sua valorização tornou-se componente recorrente na área de gestão de pessoas, com vistas a incrementar a produtividade organizacional, adquirir maior valor e vantagem competitiva (MAZUR, 2010).

A nomeada gestão da diversidade teve influências distintas, a depender da região/país na qual era implantada. As organizações começaram a utilizá-la de maneira reducionista, numa tentativa de dar um enfoque mais pragmático às questões que envolvessem a diversidade cultural da força de trabalho e as necessidades de competitividade a ela relacionadas (FLEURY, 2000). Segundo Cox Jr. (1993), a gestão da diversidade estaria atrelada ao planejamento e a execução de sistemas e práticas de gestão de pessoas que visam potencializar as vantagens da diversidade e conter suas desvantagens. Tal abordagem pragmática pautada pelo gerencialismo não conseguiu dar conta da complexidade da natureza humana, e acabou por negligenciar a perspectiva do indivíduo e das relações sociais a ele relacionadas.

No tocante à produção de conhecimento na área, Conceição et al. (2011) apontaram que existia pouco diálogo entre a literatura estrangeira e a brasileira no que tange a gestão da diversidade, já que os estudos internacionais apresentavam um cunho mais gerencialista, enquanto parte das pesquisas realizadas no Brasil estava centrada em compreender os significados que os grupos nas organizações conferiam à locução “gestão da diversidade” (CONCEIÇÃO et al., 2011).

Ao observar algumas produções brasileiras com um viés crítico — viés por mim escolhido para conduzir a argumentação deste estudo —, observei algo que veio a constituir o primeiro pressuposto que alicerçou esta tese: o caráter gerencial/funcionalista frequentemente dado à diversidade na Administração. Alves e Galeão-Silva (2004), ao criticarem a gestão da diversidade, discorrem que há um determinismo técnico no discurso de tal abordagem que está, por sua vez, a serviço da maximização econômica. A ideia de inclusão de minorias se molda à lógica produtiva, na tentativa de transformar as diferenças em vantagens competitivas e, posteriormente, em recursos gerenciáveis. Dessa forma, os autores chamam atenção para o fato de que as diferenças humanas são direcionadas a um contexto em que passam a ser mercadorias neutras a serviço da gestão.

No mesmo sentido, Saraiva e Irigaray (2009) esclarecem que as políticas de diversidade adotadas pelas organizações são discursos empresariais articulados, designados ideologicamente a conquistar a adesão dos empregados, projetar ao mercado imagem de responsabilidade social, além de conseguir reconhecimento do mercado e dos clientes.

As citadas políticas não são suficientes para questionar preconceitos enraizados a respeito das diferenças, mantendo algumas vezes o silenciamento das minorias, além de evidenciar certa "dissonância entre o discurso e as práticas da diversidade" (SARAIVA; IRIGARAY, 2009, p. 346).

Tais críticas à "onda" da gestão da diversidade na Administração abrem espaço para a discussão da própria ideia de diversidade. A noção de diversidade constitui uma das maneiras mais usuais de se enxergar as diferenças, a partir da busca por aspectos de convergência e distinção, os quais negligenciam o caráter dinâmico, temporal, contextual e circunstancial das diferenças (BURBULES, 2008).

É frequente a discussão sobre diversidade com base numa abordagem categorial que classifica e define as diferenças. No entanto, Borbules (2008) atenta que a categorização tende a excluir casos fronteirícios que não se adéquam às classificações instituídas, sem contar que tais categorias são constantemente determinadas historicamente, estando em mudança permanente. As categorizações tendem a se originar de um modelo a partir do qual se estabelecem diferenciações, o que pode refletir a legitimação de um grupo específico em defesa de seus interesses. A própria taxonomização do humano revela a tentativa de encaixar os indivíduos em agrupamentos genéricos que não necessariamente refletem quem são; parte-se do pressuposto da semelhança para então classificar as diferenças. No intuito de fugir do reducionismo classificatório, a saída pode ser encontrada na mudança de forma que a problemática vem sendo discutida e na tomada de consciência de que há distintas maneiras de se enxergar e falar sobre as diferenças (BORBULES, 2008).

Os estudos pós-críticos, por seu turno, têm interpretado a diversidade como um fenômeno de homogeneização cultural. Discordam dos discursos baseados no "multiculturalismo liberal ou humanista", os quais defendem que os diferentes grupos culturais podem ser igualados por uma "comum humanidade", alicerçados por ideais de respeito, tolerância e convivência. Já para os críticos pós-estruturalistas, mais especificamente, há um aspecto negligenciado nesse olhar sobre "uma mesma humanidade": as relações de poder. De acordo com os pós-estruturalistas, a diferença é discursivamente produzida, não podendo ser apreendida fora dos processos linguísticos de significação. Estabelece-se que algo é diferente a partir da relação com outro algo "não diferente", e esse processo de significação está permeado por relações de poder (SILVA, 2013, p. 86-88).

Inevitavelmente nessa relação estabelecida entre o "não diferente" e o "diferente" há poder: o primeiro é qualificado positivamente e normatizado como padrão legitimado, enquanto o segundo é apreciado negativamente e, por vezes, silenciado ou excluído. Segundo os pós-estruturalistas, a habitual ideia benevolente da tolerância denota aparente superioridade de quem é tolerante; e o respeito, por sua vez, indica certo essencialismo cultural sobre o qual as diferenças são observadas, sendo percebidas como estáticas, restando a alternativa de respeitá-las (SILVA, 2013).

A fim de fugir das generalizações e reducionismos que a discussão em torno da diversidade humana e da gestão da diversidade podem trazer a presente pesquisa, discutirei as diferenças humanas a partir de visões dialéticas e de ressignificações que questionam os sistemas binários comparativos e suas reificações (BURBULES, 2008).

A argumentação que teci até aqui visou estabelecer um breve panorama sobre como as discussões sobre diversidade e diferenças foram inseridas e conduzidas no âmbito da Administração, bem como os contrapontos que podem ser levantados a elas. Imerso em leituras sobre diversidade e diferenças na Administração, comecei a me questionar sobre o fato de que tal olhar também poderia ser lançado sobre a graduação em Administração e sobre os indivíduos que estão inseridos nesse contexto.

Ao refletirmos sobre o curso de Administração à luz de conceitos como as diferenças humanas, alguns questionamentos podem surgir na discussão que aqui começará a ser realizada, como: de que maneira são tratadas as diferenças presentes no campo da Administração? Será que os discentes da graduação deste curso estão sendo sensibilizados a compreender as diferenças que existem na conjuntura em que estão inseridos e no contexto com o qual se depararão nas organizações? E será que estes discentes se sentem à vontade para expressar sua sexualidade neste ambiente educacional?

Esses e outros questionamentos povoaram minha cabeça quando comecei a refletir sobre o tema. Contudo, havia uma escolha que precisei fazer para prosseguir neste debate. Senti a necessidade de realizar recorte mais específico em meio a tantas diferenças possíveis de serem observadas e discutidas, pelo contexto e contingências distintas que incidem sobre a realidade de cada uma delas. A escolha não foi tão difícil de ser realizada e o enfoque da pesquisa se direcionou em torno da orientação sexual.

Há algum tempo tenho levantado algumas indagações sobre a temática e procurado adentrar este campo de estudos, com exploração limitada pela Administração, buscando compreender como tal perspectiva se relacionaria à ciência que estudo e pesquiso. A seleção do lócus de pesquisa (graduação em Administração) foi fruto direto de minhas vivências e experiências nesse ambiente educacional, já que possuo graduação, mestrado e me encontro na vigência do doutorado nessa área de conhecimento, além de concomitantemente atuar nela como docente.

Aproveito aqui o espaço de justificativa das minhas escolhas para me utilizar de semelhante linha de raciocínio apresentada por Teixeira (2015, p. 8-9) em sua tese doutoral em Administração, quando discorreu sobre o porquê da seleção das empregadas domésticas como sujeitas de sua pesquisa. Reconheço meu vínculo com o recorte temático da pesquisa —

orientação sexual no curso de Administração —, dessa forma, igualmente reconheço que minhas vivências e reflexões estiveram consciente e inconscientemente relacionadas com o que discuti. Do mesmo modo, reconheço "a não neutralidade e a subjetividade dos pesquisadores, mesmo quando fazem ciência". Essa tese foi desenvolvida por alguém que escreve de um lugar, por um pesquisador interessado e não neutro e que realizou suas escolhas a partir do que viveu e de quem é. Outrossim, essa tese foi escrita para dar voz aos atores pesquisados, analisando suas experiências e narrativas e não as minhas. Esse reconhecimento do lugar que escrevo, ressalta a procura contínua por um posicionamento reflexivo enquanto pesquisador neste estudo. Essa explicação também justifica minha opção por escrever em primeira pessoa, algo não muito usual nos trabalhos acadêmicos de Administração, e que representou também uma desconstrução no modo de me posicionar no fazer pesquisa.

O dissertar sobre orientação sexual demandou também um olhar epistemológico diferenciado, que rechaçasse a exclusão, não estivesse preso a concepções universalizantes, mas que fosse aberto a possibilidades diversas e, ao mesmo tempo, propiciasse vias para se questionar os limites impostos à discussão sobre identidade sexual. Tal inspiração foi encontrada na filosofia pós-estruturalista.

Um dos traços cruciais do pós-estruturalismo que coaduna com a discussão que está sendo tecida é a ruptura que promove com o binarismo identitário. Ao falar sobre sexualidade, os pós-estruturalistas desconstroem a lógica binária e as categorias analíticas identitárias de gênero e sexualidade que dela advêm (COSTA, 1998) — pressuposto essencial para a discussão que aqui foi desenvolvida.

Mesmo com toda diversidade associada à sexualidade, o referido pensamento binário está alicerçado na dicotomia existente entre a heterossexualidade e a homossexualidade, favorecendo uma hegemonia baseada na ideia de normalidade, que julga como perversão e desvio as práticas que fogem desse "normal". Por conseguinte, a sexualidade passa gradualmente a estabelecer "o lócus de domesticação e de controle social" que reforça as significações presentes na lógica heteronormativa, que se auto julga "divina, racional, biológica" (SWAIN, 2001, p. 90).

Em virtude da referida domesticação e normalização da sexualidade, diversas categorias surgiram a fim de nominar, classificar e hierarquizar o comportamento sexual humano. Entre algumas delas podemos citar: heterossexual, homossexual (gay, lésbica), bissexual, pansexual (SWAIN, 2001).

Contudo, a norma — ser heterossexual — não está inclusa dentro da noção de diversidade, ela é o padrão de normalidade que deve ser seguido pelos sujeitos diferentes¹. Estes últimos costumam ser vistos como estranhos e desviantes do modelo heterossexual dominante na sociedade. Sendo assim, qualquer comportamento que não esteja em consonância com o padrão heterossexual provocaria uma descontinuidade na "tríade sexo-gênero-sexualidade" e passa a configurar como "minoria" (SOUZA, 2009).

É importante frisar que a visão pós-estruturalista (que inspira o presente estudo) é política, e a partir dela vislumbra-se o mundo de outras maneiras. É possível mudarmos nossa relação com nossos corpos, tanto com relação a sexualidade, a gênero e a outros corpos quanto com as relações com o contexto em que estamos inseridos e com o inconsciente. Tal olhar nos permite visualizar "novas possibilidades escondidas sob aparentes fixidades", a partir da interpretação de suas raízes históricas e, por conseguinte, da transformação que essa interpretação pode suscitar (WILLIAMS, 2003, p. 37).

Não posso deixar de pontuar na fase introdutória deste estudo a influência do feminismo em sua construção. A terceira fase (geração ou onda) do movimento feminista caracterizou-se sobre a "análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade", discutindo "a igualdade e a diferença na constituição das subjetividades masculina e feminina" (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649). Ademais, esta fase problematizou inicialmente o núcleo até então fixo, essencial e estável que determinava as identidades masculina e feminina mediante argumentação de que nossa identidade como homem ou como mulher não poderia ser limitada pelo biológico, físico ou corpóreo, defendendo que tais identidades faziam parte de um processo histórico de construção de dimensão tanto cultural quanto social (SILVA, 2013).

Continuando o caminho problematizado pelas teorias feministas sobre gênero, e "epistemologicamente fundamentada no pós-estruturalismo" (SOUZA; CARRIERI, 2010, p. 4), surge uma corrente de estudos que questiona a ordem sexual normalizadora vigente (FILAX et al., 2015): a teoria *queer*, abordagem escolhida para alicerçar a construção do presente estudo.

A citada corrente teórica desponta como uma espécie de reunião dos estudos gays e lésbicos. O termo *queer* era originalmente utilizado com uma clara conotação depreciativa

¹ Apesar de reconhecer que a diferença é uma pré-condição humana, denomino de "sujeitos diferentes" na presente pesquisa aqueles indivíduos que não fazem parte da hegemonia. No caso das diferenças com base na orientação sexual/sexualidade, a hegemonia está representada pelos heterossexuais, enquanto os "sujeitos diferentes" correspondem às demais formas de identidade sexual: homossexuais, bissexuais, etc.

associada a sexualidade dos homossexuais (em especial os do sexo masculino), classificando-os como estranhos, esquisitos, anormais ou excêntricos. Como reação a essa alusão depreciativa, o termo foi resgatado pelo movimento gay como uma maneira positiva de autoidentificação, utilizada como manifesto político para "complicar a questão da identidade sexual e, indiretamente, também a questão da identidade cultural e social" (SILVA, 2013, p. 105).

A teoria *queer* amplia a compreensão da construção social da identidade abordada pela corrente feminista para o âmbito da sexualidade, evidenciando que as formas pelas quais vivemos nossa sexualidade também são socialmente construídas. Tal corrente vem problematizar a heteronormatividade — apoiada na ideia de uma pretensa identidade sexual normal, a heterossexual, que serve de parâmetro para se diferenciar as demais formas de manifestação da sexualidade — e a conotação anormal e desviante direcionada à homossexualidade (SILVA, 2013).

A ótica *queer* utiliza-se do aparato discursivo para evidenciar a compulsoriedade da heterossexualidade e a existência da performatividade, que impõe aos sujeitos normas linguisticamente constituídas e naturalizadas socialmente mediante matriz de poder que regula a conduta humana por meio de "restrições sociais, tabus, proibições, ameaças de punição" (BUTLER, 1993, p. 21). A partir das normas subjacentes presentes nos discursos legitimados socialmente, os indivíduos passam a adotar performances que homogeneizam seus comportamentos, para que possam ser aceitos socialmente.

Por performatividade compreende-se as normas regulatórias que nomeiam e induzem comportamentos performativos aos sujeitos, a partir dos aparatos discursivos que emanam do poder hegemônico continuado, os quais, por seu turno, restringem as possibilidades de se manifestar e demandam performances dos atores sociais dentro de um contexto específico (SOUZA, 2017; LOURO, 2016).

Se posso aludir que o pós-estruturalismo se utiliza de um conjunto de experimentos acerca de textos, ideias e conceitos para demonstrar "como os limites do conhecimento podem ser atravessados e revertidos em relações subversivas" (WILLIAMS, 2013, p. 42), a abordagem *queer* — juntamente aos conceitos de heteronormatividade e performatividade — pode ser considerada um caminho de conhecimentos direcionado a essas subversividades.

Em complemento, entender o cerne que o poder ocupa na perspectiva *queer* e que as estruturas que alicerçam esse poder são constituídas de sujeitos privilegiados e marginalizados, tanto do "lado hétero" quanto "do lado *queer*", possibilita ampliar a compreensão sobre o alcance que a ótica *queer* pode ter (SOUZA, 2017). A teoria *queer*

interessa-se em discutir como alguns ordenamentos de sexualidade e atribuição de gênero adquiriram domínio sobre outros, e baseia suas interpretações nas elaborações e experiências de identidades pessoais e coletivas (FILAX et al., 2015).

Fazendo um paralelo com a Administração, acredito que a teoria *queer* fornece um robusto alicerce para se interpretar as práticas discursiva e social presentes nesse ambiente, a fim de responder a seguinte pergunta de pesquisa: **quais as implicações do discurso normalizador na graduação em Administração sobre as performances de estudantes gays e bissexuais do curso?**

A importância de analisar o discurso tem papel central na identificação de relações de poder, bem como estas "reproduzem, reestruturam ou desafiam as ordens do discurso existentes" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 131). Dessa forma, esta tese se amparou sobre a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2016; 2012) a fim de compreender como o discurso normalizador na graduação em Administração estaria relacionado às performances de estudantes gays e bissexuais do curso.

Louro (2016, p. 45) esclarece que as normas regulatórias do sexo têm "poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam", a partir de um caráter performativo elas repetem e reiteram as normas dos gêneros da ótica hegemônica. A linguagem realiza uma descrição dos corpos ou do sexo que, por meio da nomeação, tem o poder de constituir os corpos e os sujeitos. Tal performatividade tem um efeito opressivo e pode ser compreendida como o resultado das tensões realizadas sobre os indivíduos para que se adaptem e ajam de acordo com as normas hegemônicas vigentes (SOMEKH; LEWIN, 2015).

A fim de responder a pergunta de pesquisa, este trabalho foi construído com base na tese de que **o discurso subjacente de orientação sexual presente na graduação em Administração possui pressupostos normalizadores e heteronormativos, que restringem as categorias identitárias reconhecidas neste contexto específico e demandam dos estudantes performances consideradas legítimas no curso.**

A tese defendida está amparada em dois pressupostos: 1) há cultura heteronormativa na graduação em Administração que produz discurso normalizador sobre o curso (HIGASHI, 2016) e 2) esse discurso restringe diferenças e demanda dos estudantes performances legítimas pela matriz de poder.

A fim de responder a pergunta de pesquisa e confirmar a tese apresentada, estabeleci 5 questionamentos que nortearam as análises desse estudo, com base nos textos coletados com 16 estudantes da graduação de Administração de uma IES privada do Recife/PE. Foram eles: quais intertextos podem ser identificados nas falas dos discentes?; como as semioses

identificadas nos discursos discentes se relacionam com suas performances?; como os discentes enxergam o curso de Administração e o contexto no qual estão inseridos?; como as relações presentes no curso de Administração podem ser caracterizadas a partir dos relatos dos discentes entrevistados?; como pode ser desenhada a prática social sobre a graduação em Administração a partir dos discursos de discentes gays e bissexuais do curso pesquisado?

Penso que este estudo e a analítica *queer* que o subsidia têm muito a contribuir para compreendermos questões voltadas à sexualidade — bem como a diversidade e heterogeneidade — presente no curso de Administração e nas relações que o permeiam. Ademais, acredito que a temática aqui discutida e problematizada contribuirá para reflexões acerca de identidade forjada sobre à Administração, das relações de poder baseadas na sexualidade, do cotidiano de estudantes homo e bissexuais no curso, dos atos de preconceito e discriminação direcionados aos sujeitos diferentes, dos estereótipos criados sobre estes atores e sobre a graduação a partir da orientação sexual, de práticas discursivas presentes no curso, bem como, sobre a compreensão do papel do administrador diante das diferenças.

A relevância deste trabalho se evidencia ainda a partir de contribuições acadêmicas, estudantis, docentes e institucionais. Com relação às colaborações acadêmicas, o estudo expande as discussões sobre as diferenças nos estudos organizacionais, além daquelas direcionadas ao curso de Administração; no tocante aos discentes, busquei compreender as experiências dos estudantes gays e bissexuais no curso, acredito que seus relatos têm muito a contribuir para a problematização das relações de poder baseadas na sexualidade neste *ethos*; a respeito dos docentes, creio ter fornecido *insights* sobre como a questão das diferenças e da inclusão nas discussões em sala de aula são percebidas e vivenciadas pelos discentes, por meio delas as práticas pedagógicas de ensino podem ser repensadas e as temáticas discutidas, revistas pelos professores; e no que tange as contribuições institucionais, o estudo fornece informações que possibilitam a coordenadores de graduações em Administração (e demais cursos) e dirigentes de IES (independente do seu porte ou público alvo) repensar aspectos concernentes à estrutura, às práticas e os direcionamentos dados ao Ensino Superior.

Espero ainda que o resultado deste trabalho contribua teoricamente para preencher lacunas de conhecimento nas áreas dos estudos organizacionais, do ensino e pesquisa em Administração e da gestão de pessoas.

Em busca de fundamentar teoricamente este estudo, apresentarei posteriormente as discussões que alicerçaram o percurso da pesquisa, a fim de comprovar a tese apresentada e responder o questionamento de pesquisa. As seções seguintes discutirão sobre diferenças,

teoria *queer*, heteronormatividade, performatividade e acerca da graduação em Administração.

2 Problematizando as diferenças a partir da tríade sexo-gênero-sexualidade

Assim como as discussões que apresentei no capítulo anterior sobre diversidade, é indiscutível não reconhecer as variadas perspectivas por meio das quais o conceito de diferença pode ser debatido, assumindo específicos significados em distintos discursos. A diferença pode ser utilizada para designar aquilo que se percebe distinto em si a partir da observância do outro, ou ainda para diferenciar o outro a partir de referenciais contidos em si. Entretanto, por meio de quais referenciais podemos designar o outro? Quem define e a partir de quais parâmetros se pode diferenciar? Como um grupo se diferencia de outro e a partir de que demarcam as diferenças entre si? Como as demarcações em torno da diferença são construídas, reforçadas ou extintas? (BRAH, 2006). Esses são alguns questionamentos pertinentes à pesquisa desenvolvida nesta proposta de tese.

De acordo com um viés humanista, as diferenças são manifestações superficiais das características humanas, e os indivíduos poderiam ser igualados ou assemelhados a partir de sua comum humanidade. Já por meio da perspectiva pós-estruturalista — sob a qual me inspirei para construir o presente estudo —, compreende-se a diferença como um encadeamento linguístico e discursivo em constante movimento de produção e reprodução, concebida por intermédio de processos linguísticos de significação, que se dão em ligação com relações assimétricas de poder (SILVA, 2013).

Sob uma visão mais ampla, a diferença pode ser enxergada como categoria analítica. Partindo desse viés, cabe aqui apresentar as quatro formas por meio das quais Brah (2006) aponta que a diferença pode ser interpretada. São elas a diferença como experiência, a diferença como relação social, a diferença como subjetividade e a diferença como identidade, desenvolvidas nos tópicos que seguem abaixo:

a) Diferença como experiência

Pode-se entender experiência como um processo de significação que se apresenta como condição para a compreensão daquilo que chamamos de realidade; uma prática de atribuição de sentido por vias simbólicas e narrativas; uma construção cultural. "A experiência é o lugar da formação do sujeito" (BRAH, 2006, p. 360), e deve ser vista também

como um lugar de contestação, "um espaço discursivo onde posições de sujeito e subjetividades diferentes e diferenciais são inscritas, reiteradas ou repudiadas" (BRAH, 2006, p. 361).

É a partir da experiência que o indivíduo se constitui sujeito, em meio a distintos campos de significação e a processos simultâneos permeados por relações socioeconômicas e culturais que o possibilitam atribuir significado, dar sentido e diferenciar a vida cotidiana. Cada pessoa interpreta um evento a partir de sua bagagem cultural. Da mesma forma, histórias coletivas e a própria noção de diferença irão variar culturalmente, mediante "processo de atribuir significado ao cotidiano das relações sociais" (BRAH, 2006, p. 362).

As discussões sobre diferença devem levar em conta que a diferenciação que grupos fazem entre si são reflexo das experiências que cada um deles têm acesso. É relevante ainda apontar que os valores e normas enxergados como verdade sejam questionados, pois podem tornar legítimos contextos de dominação e de desigualdade que naturalizam diferenças particulares.

b) Diferença como relação social

Diz respeito à forma como a diferença é "constituída e organizada em relações sistemáticas através de discursos econômicos, culturais e políticos e práticas institucionais". Distintos grupos se utilizam desse conceito de diferença para tratar "as genealogias históricas de sua experiência coletiva" e construir sua identidade de grupo a partir de formações estruturadas baseadas, por exemplo, em gênero, etnia ou raça. Tais diferenças salientarão sistemas de significação e representação, os quais constituirão uma dada classe como categoria cultural e fomentarão o sentimento de coletividade a partir de narrativas grupalmente compartilhadas, resultando em diferenciações entre grupos com distintas identificações (BRAH, 2006, p. 362).

Considero ser importante sublinhar ainda que a maneira como a diferença é definida nessa perspectiva pode tanto valorizar a diversidade como também atuar como instrumento de práticas excludentes e discriminatórias, gerando opressão de um grupo sobre outro.

c) Diferença como subjetividade

As pessoas não são mecanicamente situadas nos discursos, mas são influenciadas e constituídas por eles, com possibilidades de resistência e de mudança sobre eles. Essa interpretação é explicada pela conflituosidade e dinamicidade da mente humana, que através de sua subjetividade fragmentada e em constante processo se posiciona sobre os discursos. Tal

interpretação, possibilitada pela psicanálise freudiana, foi utilizada pelo movimento feminista como gancho de problematização da diferença de gênero, por exemplo.

Segundo a perspectiva da diferença como subjetividade, a mente humana é formada por elementos constituídos em e por intermédio de experiência interior e exterior, e os processos de formação dessa subjetividade são compostos social e subjetivamente, explicando a heterogeneidade das representações mentais dos sujeitos, bem como as diferentes posições específicas que assumirão nas relações sociais (BRAH, 2006).

d) Diferença como identidade

Podendo a subjetividade ser entendida como "o lugar do processo de dar sentido a nossas relações com o mundo" (BRAH, 2006, p. 371), a identidade pode ser traçada como a forma como essa subjetividade é experimentada. As distintas buscas por significações que possibilitam interpretar e se relacionar com o meio em que se vive dão origem a diferentes modos de ser, diferentes identidades. Sendo assim, a identidade tem estreita ligação com temas ligados à experiência, à subjetividade e às relações sociais.

As identidades pessoais estão de alguma forma conectadas com a experiência coletiva de um grupo, no entanto, a identidade coletiva não pode ser reduzida a soma de identidades individuais. Por identidade coletiva pode-se compreender "o processo de significação pelo qual experiências comuns em torno de eixos específicos de diferenciação [...] são investidas de significados particulares" (BRAH, 2006, p. 371-372), apagando traços de outras identidades ao passo que também carrega outros traços delas.

A identidade é fruto de uma construção contextual econômica, cultural e política específica e em movimento contínuo, que pode ser proclamada coletivamente mediante discursos que visam criar e/ou estimular uma identidade coletiva. A mobilização política se faz a partir de tentativas de reinscrever a subjetividade mediante invocações à experiência coletiva.

As variadas formas como discursos específicos da diferença são produzidos, questionados, reproduzidos e resignificados estão diretamente ligadas à compreensão do conceito de diferença por meio da identidade, podendo questionar tanto as fronteiras fixas que distinguem grupos tidos como essencialmente diferentes, como também podem lidar com a diferença de forma relacional, variável e circunstancial.

Algumas vezes a diferença como identidade é utilizada como demarcador hierárquico que distingue e promove opressão. Em contextos como este, diferentes mobilizações políticas foram realizadas ao longo da recente história humana recorrendo-se a experiências coletivas

baseadas em aspectos culturais, de gênero, étnico-raciais e sexuais — os quais variam substancialmente entre si de acordo com o seguimento do grupo-alvo que pretendem alcançar —, acreditando-se apenas ser possível falar em comunalidade a partir de um discurso de diferença (BRAH, 2006).

Cada uma dessas mobilizações políticas colocam em pauta distintos aspectos sob os quais podemos discutir o conceito de diferença. Para a presente pesquisa, argumentarei mais especificamente sobre as questões relacionadas as diferenças de gênero e de sexualidade.

As relações de gênero são tomadas como eixo das discussões sobre diferença pelo movimento feminista, com o intuito de problematizar a produção de desigualdades a partir das diferenças entre o masculino e o feminino. O movimento feminista está posicionado politicamente sobre questões de identificação das mulheres, buscando dar voz às experiências femininas a partir de discussões que se opõem ao patriarcado, ao sexismo e à violência contra a mulher (SILVA, 2013; BENTO, 2011).

A primeira geração do referido movimento trouxe para discussão a ideia que as desigualdades não estavam apenas amparadas nas diferenças de classe social, mas também em estruturas patriarcais. A segunda fase, denunciava a opressão masculina e buscava igualdade (nos EUA), além de chamar atenção para o negligência frente as especificidades da experiência feminina (na França). Já na terceira onda feminista — talvez a de contribuição mais significativa para este estudo — as principais indagações concentravam-se sobre "a igualdade e a diferença na constituição das subjetividades masculina e feminina", bem como estariam relacionadas sobre os estereótipos e preconceitos de gênero, e na reprodução de desigualdades (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649).

Por intermédio da perspectiva feminista, questiona-se a aparente neutralidade do contexto social sobre o gênero, evidenciando que a sociedade está estruturada de forma a favorecer características do gênero dominante: o masculino. A partir dessa máxima, buscava-se possibilitar acesso e oportunidade às mulheres nas mais diferentes esferas, defendendo que as diferenças entre os dois gêneros (lógica inicialmente binária) não justificam a diferença de poder e de ocupação dos espaços e posições na sociedade, tampouco a definição do mundo sob "interesses e formas masculinas de pensamento e de conhecimento" (SILVA, 2013, p. 93).

Vale salientar que o conceito de gênero foi criado com o intuito de ressaltar que as identidades masculina e feminina são produzidas social e historicamente. Ao longo do tempo e de distintos posicionamentos políticos direcionados a tal ideia, apresenta-se que as identidades não são fixas nem essenciais, e muito menos naturais, tanto nossa identidade de

gênero quanto nossa sexualidade passam a ser enxergadas como social e culturalmente construídas, a partir de significações que lhes são dadas (SILVA, 2013).

O movimento gay surge nesse contexto denunciando a heterossexualidade compulsória e trazendo a sexualidade para a pauta política, baseado na noção de que os homossexuais eram pessoas normais e respeitáveis, colocando em discussão questionamentos sobre as exigências sociais, os valores e os padrões morais que atuavam como forças autoritárias, as quais segregavam gays e lésbicas. Com isso, procuravam se posicionar frente a práticas preconceituosas e a buscar por aceitação ou incorporação social dos gays e lésbicas, mediante adaptação destes às demandas sociais hegemônicas (MISKOLCI, 2016).

Posteriormente desponta o movimento *queer*, radicalizando as inquietações da corrente feminista e do movimento gay sobre a suposta estabilidade e fixidez da identidade humana, ao colocar em xeque a ideia de normalidade, dicotomização da sexualidade e os feminismos institucionalizados. A partir da perspectiva *queer*, critica-se os dispositivos de poder que propiciam a naturalização das identidades, assim como a noção de essência masculina e feminina; a concepção e a adaptação aos valores hegemônicos, bem como a diferenciação que estigmatiza, envergonha e rebaixa lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBTTT); questiona-se a heteronormatividade, inclusive em espaços gays e como parâmetro para a diferenciação dentro do seguimento LGBT; censura-se a normalização de gays e lésbicas de acordo com parâmetros hegemônicos; e busca-se a desconstrução do modelo heteronormativo reprodutor (MISKOLCI, 2016; SILVA, 2013; BENTO, 2011).

Apesar de também partir do princípio que a identidade não é uma coisa da natureza e sim uma relação, significada socialmente e sujeita ao poder (SILVA, 2013), o pensamento *queer* constitui uma virada contra a cultura dominante, contra o pensar hegemônico, adentrando espaços até então proibidos, pelos quais se é possível perceber a plasticidade da identidade humana e as diferentes possibilidades de mudança de performance em distintos ciclos sociais (BENTO, 2011).

Aspectos relativos ao sexo, ao gênero e a sexualidade têm sido utilizados para diferenciar sujeitos, e não raro produzem segregações e discriminações por apontarem o "outro" não só como diferente, mas também como inferior (MOREIRA, 2002). Com relação a cada um dos elementos que compõe a tríade sexo-gênero-sexualidade, a diferenciação dos corpos sociais não se deu de maneira unívoca.

Antes do século XVIII, existia apenas o reconhecimento de um único sexo, categorizado a partir de uma hierarquia corporal que começava pela mulher (tida como um ser

inferior) e atingia seu grau máximo no homem. No *one-sex model*, modelo de sexualidade hegemônico no Ocidente, a mulher era interpretada como um homem invertido, sendo o clitóris um pênis que não se desenvolveu perfeitamente (LAQUEUR, 1996).

A necessidade de diferenciação sexual e reconhecimento da mulher como um outro sexo surgiu com os iluministas, mesmo antes de qualquer certeza científica, com o intuito de encontrar subsídios que fundamentassem a desvantagem de direitos, política e social das mulheres naquela sociedade. A nova imagem da mulher, a partir do século XIX, fez surgir discussões acerca da diferença sexual e influenciou a forma como a própria ciência contemplou e analisou as questões relacionadas ao sexo (COSTA, 1995).

A linguagem científica começa a influenciar o imaginário cultural (COSTA, 1995) e a diferenciação biológica do sexo a atuar como dispositivo de poder (FOUCAULT, 1999). A partir de então, outra concepção passa a dominar a binarização biológica do sexo — o *two-sex model* (LAQUEUR, 1996) —, pautando a discussão sobre sexualidade por meio das diferenças entre homens e mulheres, que desencadeiam e justificam uma série de diferenciações e demandas comportamentais do que se espera do masculino e do feminino (COSTA, 1995).

O processo de normalização da sexualidade começa a influenciar os corpos desde o momento em que declarados os sexos das crianças. Quando expressões como "É uma menina!" ou "É um menino!" são proferidas apontam os rumos que supostamente cada corpo deve seguir, iniciando um processo de masculinização ou feminização com o qual os indivíduos devem estar comprometidos. O sujeito passa a sofrer a pressão das normas que controlam sua cultura, e os significados culturais nomearão e regularão o que se espera de um corpo feminino e de um corpo masculino, por meio de uma lógica que concebe o sexo como um dado binário (com apenas duas faces possíveis: masculina ou feminina), a-histórico e permanente (BUTLER, 2017; LOURO, 2016).

O sexo passa a se restringir a uma lógica binária que não só se dualiza entre o masculino e o feminino, mas também sobre o que é permitido e proibido, legítimo e ilegítimo, normal e anormal (FOUCAULT, 1999). Como desdobramento do *two-sex model*, tem-se o surgimento das primeiras discussões sobre gênero.

A distinção entre sexo e gênero foi inicialmente traçada com o intuito de questionar a predestinação dada pela biologia e mostrar que o gênero não é fixo, constitui-se culturalmente. Uma das primeiras pessoas a utilizar o termo "gênero" como o compreendemos na atualidade foi o estadunidense John Money, que em 1955 buscou associar a palavra aos elementos sociais do sexo (SILVA, 2013). O gênero passou a ser descrito a partir dos

significados culturais manifestados por um corpo sexuado. A partir desta perspectiva, enquanto o sexo estava relacionado aos aspectos biológicos da identidade social, o gênero passava a se atrelar aos "aspectos socialmente construídos do processo de identificação social" (SILVA, 2013, p. 91).

No entanto, há outras discussões que aproximam sexo e gênero. Butler (2017, p. 27), por exemplo, compreende que o sexo também é o meio cultural pelo qual "a natureza sexuada" é pré-discursivamente produzida e estabelecida, "uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura". O gênero, por sua vez, pode ser concebido como "um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente" e este significado existe a partir da relação com outros significados opostos a ele. Ainda segundo a autora, "o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes" (BUTLER, 2017, p. 31-33).

Com base no *two-sex model*, o gênero estaria refletindo o sexo ou sendo por ele refletido, reforçando a hegemonia da lógica binária (BUTLER, 2017). Os sistemas jurídico-normativos — fundados e fundantes da lógica binária — impõem mecanismos de controle que limitam, proíbem, regulam e, por sua vez, produzem, definem e reproduzem os sujeitos que passam a assumir performances, a partir das exigências presentes nesta estrutura de poder (FOUCAULT, 1999). Tais sistemas produzem "sujeitos com traços de gênero determinados em conformidade com um eixo diferencial de dominação" (BUTLER, 2017, p. 19), ou seja, indivíduo do sexo masculino necessita se enxergar como homem e pessoa do sexo feminino, como mulher.

Ainda como repercussão do *two-sex model*, há o surgimento de outra dicotomia com base no desejo: a heterossexualidade e a homossexualidade. A heterossexualidade passa a associar-se a noção de normalidade e a regimentar o comportamento socialmente aceitável, enquanto a homossexualidade assume traços de anormalidade e vexação. Importante ressaltar até então a ocultação de outras formas de orientação sexual, como a bissexualidade por exemplo, o que reforça a sujeição dos corpos à categorização binária.

Historicamente os homossexuais foram vistos como o avesso dos heterossexuais, a partir de uma relação comparativa que inferioriza e rechaça aqueles que não se enquadram nos moldes do padrão de sexualidade hegemônico. Apenas a partir da metade do século XIX que a homossexualidade e o sujeito homossexual começam a se desvincular da imagem sodômica, e passam a ser marcados e reconhecidos como um "tipo humano distintivo", mesmo que desviante da norma. A homossexualidade vai aos poucos ocupando espaço em discussões levantadas nos mais distintos âmbitos da sociedade, sendo interpretada tanto a

partir de caráter desviante, anormal e inferior quanto mediante discurso que a enxerga como algo natural, assim como a heterossexualidade (LOURO, 2016, p. 29-30).

A partir da década de 1980, surge uma corrente que busca questionar e debater as formas de até então conceber as identidades sociais inicialmente por meio da sexualidade: a teoria *queer*. Toma como ponto de partida o suporte teórico e político dos estudos feministas, gays e lésbicos, além dos estudos culturais norte americanos e do pós-estruturalismo francês (SOUZA; CARRIERI, 2010; FILAX et al., 2015), a fim de problematizar a noção de normalidade e as experiências, discursos e identidades associados à matriz sexual normalizadora. A partir do contexto de lugar, cultura e tempo, a teoria *queer* trava um debate sobre as categorias que enquadram as possibilidades de viver dos seres humanos (FILAX et al., 2015).

De acordo com o pensar *queer*, a homossexualidade não poderia mais ser definida como oposta ou a partir da heterossexualidade, muito menos como transgressão desta forma estável e dominante de sexualidade. O desafio *queer* se constituiu em desconstruir e repensar outras formas de sexualidade — e também de identidade de gênero —, compreendendo-as como "formas sociais e culturais em si mesmas, ainda que subestimadas e discursivamente dependentes de formas de sexualidade mais reconhecidas" (FILAX et al., 2015, p. 131-132).

Ante o exposto, é possível perceber que há relações de poder em contextos onde se diferencia. A diferença não é um fato e sim um processo relacional, entrecortado por relações de poder (SILVA, 2013). Alguns movimentos políticos e teóricos — como o movimento gay e a corrente *queer* — buscam desestabilizar tais relações de poder, examinando e problematizando a existência de diferenças em distintos âmbitos da vida humana (MOREIRA, 2002).

3 Perturbando a tranquilidade da normalidade: a estranheza da teoria *queer*

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante — homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser "integrado" e muito menos "tolerado". *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do "entre lugares", do indecível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca, fascina (LOURO, 2016, p. 08).

A teoria *queer* fortaleceu-se primordialmente nas ciências sociais e humanas, principalmente nos estudos da Psicologia, Filosofia, Linguística, com destaque para os estudos nas áreas de Educação e da Sociologia, tendo como inspirações seminais trabalhos de autores que estabelecem ligações entre os estudos culturais estadunidenses e o pós-estruturalismo francês, a exemplo de Sedgwick, Butler, Lauretis, Preciado, Rubin, Seidman, Warner, Halperin e Halberstan (SOUZA, 2017; MISKOLCI, 2009; PINO, 2007).

O designado termo *queer*, tanto em termos teóricos quanto políticos, emergiu das críticas realizadas à ordem sexual vigente, em meados da década de 1960, pelos chamados novos movimentos sociais: negro, feminista e homossexual. A qualificação "novos" deve-se ao fato de tais movimentos terem surgido após o movimento operário ou trabalhador, indo além das críticas à desigualdade econômica para trazer novas reivindicações contra outras formas de opressão no âmbito social e político. Enquanto o feminismo lutava pelo controle contraceptivo e o movimento negro rechaçava os saberes e práticas racializadores, os homossexuais questionavam o discurso médico-legal que os rotulavam como perigo social e psiquiátrico (MISKOLCI, 2016).

Nesse contexto, alguns temas até então rejeitados envolvendo o corpo, o desejo e a sexualidade começaram a ser utilizados para ajudar a entender como as relações de poder podem ser expressas socialmente (LOURO, 2016). Movimentos sociais passaram a se articular na luta contra a ideia fixada na sexualidade da reprodução, evidenciando as múltiplas formas de se relacionar e de lidar com o prazer (MISKOLCI, 2016).

Um importante marco nos antecedentes contextuais que abriram caminho à perspectiva *queer* foi o surgimento da epidemia de AIDS nos EUA, na segunda metade da

década de 1980. A epidemia que poderia ter sido classificada como uma doença viral, foi apontada como doença sexualmente transmissível, numa espécie de castigo para aqueles que não se adequavam à ordem sexual tradicional (MISKOLCI; PELÚCIO, 2009).

Segundo Miskolci (2016, p. 23), a AIDS foi um "catalisador biopolítico" para que coalizões de resistência perspicazes e radicais surgissem, como o *Act Up* e o *Queer Nation*. A ideia por trás de tais movimentos era a de que parte da nação estadunidense estava sendo desprezada e era considerada como ameaça ao "bom funcionamento" da sociedade. Em aspectos sociais, a abjeção a que era submetida refletia o temor e a repugnância da maioria da população, e era pautada por uma visão homogênea e estável do código moral em vigor na sociedade.

É nesse contexto que se começa a desenhar a postura política *queer*. Como discuti anteriormente, enquanto o tradicional movimento gay e lésbico almejava a aceitação coletiva e buscava incorporar os homossexuais mediante sua adaptação às imposições sociais, o movimento *queer* focou na crítica aos valores, demandas e convenções culturais. Ao passo que o movimento homossexual buscou denunciar a compulsoriedade da heterossexualidade, o movimento *queer* deu ênfase à crítica à heteronormatividade, ao mostrar que até mesmo gays e lésbicas "normalizados" poderiam ser aceitos socialmente, desde que enquadrassem suas vidas no modelo heterorreativo (MISKOLCI, 2016).

Acredito ser oportuno, nesse momento, ressaltar a explanação na qual Miskolci (2016, p. 25) amplia o entendimento sobre o *queer*: "não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo". O autor apresenta um esquema didático para se distinguir os princípios políticos que distingue o movimento homossexual do movimento *queer*, o qual pode ser observado no quadro 01 abaixo:

Quadro 01: Movimento Homossexual x Movimento *Queer*

	Homossexual	Queer
Regime de verdade	Binário hetero-homo	Normal-anormal
Luta política	Defesa da homossexualidade	Crítica aos regimes de normalização
Perspectiva	Diversidade	Diferença
Concepção de poder	Repressora	Disciplinar/controle

Fonte: Miskolci (2016)

A mudança de direcionamento da luta política se caracteriza fortemente a partir da compreensão que se tem sobre o poder. Enquanto o movimento homossexual enxerga a operação do poder a partir da repressão, que culmina na luta pela liberdade perante os

mecanismos opressores, o movimento *queer* percebe tais mecanismos sociais como disciplinadores, empenhando-se em "desconstruir as normas e as convenções culturais que nos constituem como sujeitos" (MISKOLCI, 2016, p. 27).

A locução teoria *queer* foi usada pela primeira vez por Teresa de Lauretis, numa conferência na Universidade da Califórnia intitulada *Queer Theory*, com o intuito de relacionar o termo *queer* — até então pejorativamente utilizado para adjetivar homossexuais, como explicado anteriormente — com o virtuoso vocábulo científico *teoria*, com o propósito de problematizar e desconstruir os conhecimentos científicos até então relacionados aos gays e lésbicas (SOUZA, 2017), mediante uma compreensão renovada que rompe com a aparente estranheza com que tais pessoas são apontadas, a fim de "perturbar a tranquilidade da 'normalidade'" (SILVA, 2013, p. 105).

Para isso, foi necessário questionar as verdades globalizantes até então estabelecidas e contestar todo conhecimento que se apresentasse como verdade universal por intermédio de análise e revelação das relações de poder que engendram alguns saberes como hegemônicos (SOUZA, 2017). O citado vocábulo *queer* passou a representar diversas subjetividades que ameaçam a sexualidade dominante, como gay, lésbica, bissexual, transexual, e ao mesmo tempo levou a questionar o arcabouço ideológico que distingue tais subjetividades (FILAX et al., 2015).

Entretanto, o intuito era tornar *queer* as teorias e não criar uma teoria (HALPERIN, 2003). A teoria *queer* não deve ser compreendida como um corpo unificado e sólido de conhecimentos (WATSON, 2005). Ela resiste a definições limitadoras, e tem na indeterminação e na elasticidade características fundamentais ao seu entendimento. Seu significado está sempre "aberto, incompleto e inacabado", e eis aí que se encontram suas maiores forças, a não limitação é o sustentáculo maior para resistir ao hegemônico, ao normalizador e às exclusões pelas quais se impulsiona (BUTLER, 1993; SOUZA, 2017).

Há uma variedade de abordagens e conceitos que podem ser compreendidos como parte da chamada teoria *queer*. No entanto, não há uma domesticação do termo *queer* por uma suposta teoria que o restrinja (HALPERIN, 2003), muito menos técnicas pré-demarcadas dos limites de se fazer pesquisa (WATSON, 2005). O intuito maior de tal abordagem figura-se na "resistência às forças que a querem estabilizar e normalizar" (SOUZA, 2017, p. 311).

Souza (2017, p. 312) defende que a conversão teórica da teoria *queer* deve ser compreendida como um "processo de normalização da [própria] teoria *queer*". Souza e Carrieri (2010), outrossim, aduzem que a abordagem está muito mais centrada numa análise sobre o poder e com o propósito de se distanciar da construção de metanarrativas — discursos

que se propõem a engendrar consensos universais —, do que preocupada em se constituir numa corrente teórica, sugerindo a utilização da locução "analítica *queer*" em troca da expressão teoria *queer*.

Partindo desse entendimento, não podemos compreender a teoria *queer* como um conjunto finito de conceitos e metodologias, e sim a partir de um arcabouço de princípios que norteia seu olhar (BRYANT, 2003). Apesar da resistência à definição, algumas premissas podem ser percebidas, como a hesitação diante das citadas metanarrativas e a influência das relações de poder advindas da perspectiva foucaultiana (SEIDMAN, 2006).

Cabe também aqui apontar alguns direcionamentos com base na perspectiva *queer*, entre eles pode-se encontrar as possibilidades lançadas diante do sistema hegemônico, a problematização da normalidade, além da contestação das relações de poder e dominação (SOUZA, 2017). Julgo pertinente aqui discorrer sobre alguns princípios, propostos por Filax et al. (2015), sob os quais se pode agrupar as orientações relacionados à teoria *queer*.

O primeiro deles se encontra no questionamento feito sobre a categorização das identidades, que fixa a identidade humana numa ordem sexual "normal" constituída por 2 sexos, 2 gêneros e 1 sexualidade. Tal métrica promove reificações, homogeneizações, naturalizações e totalizações que excluem as múltiplas possibilidades de identidade de gênero e de orientação sexual. O próprio discurso sobre a homossexualidade baseado nas categorias fixas "gay" e "lésbicas" constitui uma reprodução da ideologia heteronormativa. A referida teorização dualística heterossexualidade/homossexualidade limita a multiplicidade e a proliferação das categorias de gênero e sexualidade, excluindo outras manifestações — bissexualidade e pansexualidade, por exemplo (FILAX et al, 2015).

Ademais, a identidade sexual e a de gênero se multiplicam ao se associarem a outras categorias — como raça, classe, religião, idade, fisicalidade e cultura —, criando "identidades hifenizadas" que desestabilizam e rompem com a "ordem sexual normalizadora" (FILAX et al., 2015, p. 132-133).

O segundo princípio refere-se à problematização da heteronormatividade como o formato dominante da sexualidade. Tal crítica parte da ideia de normalização que relaciona todas as demais categorias de sexualidade como desviantes da heteronormatividade, questionando a maneira de se olhar para a heterossexualidade como forma original da qual os demais modos de viver a sexualidade se desviam. Ao invés disso, busca-se compreender como a heterossexualidade e a homossexualidade mutuamente geram uma a outra, por meio de mútuas exclusões. A fim de problematizar a estruturação da vida sexual cotidiana pela heteronormatividade, a teoria *queer* estuda como distintas áreas da vida humana — entre elas

a observância sobre o processo educacional (LOURO, 2001) — introduzem mecanismos que normalizam as relações humanas e que apontam o que podemos considerar normal (FILAX et al., 2015).

O terceiro fundamento emana da busca por novas possibilidades de viver e lidar com as diferenças, discutidas aqui no capítulo 2.

Por meio da teoria *queer* podemos perceber como a heteronormatividade se constitui como normal e natural a partir da exclusão do outro desviante. O homossexual é enxergado pelos *queers* como "um meio para se estabilizar a identidade heterossexual e, como tal, é o limite ou o além do heterossexual" (FILAX et al., 2015, p. 134). A heterossexualidade, por sua vez, sobressai-se "preservando e consolidando suas contradições internas ao mesmo tempo em que preserva e consolida a ignorância a respeito delas" (FILAX et al., 2015, p. 134).

Em essência, destaco que a teoria *queer* se constitui sobre o ataque e as possibilidades de respostas pautadas frente as noções de universalismo, binarismo e essencialismo que pretendem definir o humano (SOUZA; CARRIERI, 2010), e que contestam a convicção de identidades estáveis (SULLIVAN, 2003), revelando que o ser humano é uma "constelação de múltiplas posições instáveis" (FILAX et al., 2015, p. 132).

Ante o exposto, posso situar a teoria *queer* dentro da compreensão de que

intenciona mostrar como identidades sexuais binárias (homossexual e heterossexual) são construções discursivas sociais, históricas e culturais envoltas por relações de poder e saber, desafiando o conceito hegemônico e tido como natural pelo qual heterossexuais e homossexuais são vistos como produtos biológicos que pertencem à ordem da natureza (SOUZA, 2017, p. 312).

Muitos dos estudos *queer* direcionam-se a questionar noções pré-estabelecidas sobre identidade que se relacionam com as temáticas de gênero e sexualidade. Entre elas estão a determinação biológica da sexualidade, a distinção entre o que é natural e aquilo concebido como estranho, e a assimetria de poder conferida as diferentes categorias sexuais na dinâmica social (COHEN, 1997; SULLIVAN, 2003; SEIDMAN, 2006; SOUZA, 2017; BUTLER, 2017).

3.1 Discurso, sujeito e identificação

Diversos teóricos *queer* (BUTLER, 1993, 2017; HALPERIN, 1995; SEIDMAN, 1996) consideram a existência anterior de um discurso, emanado de uma matriz de poder, que constitui e condiciona os sujeitos a partir de "processos de nomeação e categorização"

(SOUZA, 2017). O sujeito não é sempre dotado de vontade genuína, nem livre para se comportar fora das estruturas de poder estabelecidas. O discurso legitimado e as relações de poder que vigoram em determinado contexto social produzem padrões de normalidade aceitáveis socialmente, padrões estes que irão fabricar os chamados "sujeitos viáveis". O discurso é imbuído de uma história que precede os sujeitos e condiciona os costumes contemporâneos. Sendo assim, o sujeito não tem propriedade exclusiva sobre o que diz e sobre como age, ele é produto de um aparato discursivo e de uma estrutura de poder que estão por trás do que o "eu" profere (BUTLER, 1993; FOUCAULT, 1999).

Os discursos hegemônicos que vigoram sobre as relações sociais tendem a reforçar um perfil uníssono, o qual solidifica as identidades em torno do eixo biológico. Tal direcionamento naturaliza os corpos e passa a definir os papéis sociais com base numa sexualidade normalizada (SWAIN, 2001).

Como caminho argumentativo, os estudos *queer* nos mostram que a sociedade é constituída por uma matriz de poder composta por uma estrutura jurídica, por uma linguagem e pelo aparato político, os quais tracejam todas as posições sociais contemporâneas. Segundo esta perspectiva, não é possível estar fora dessa matriz, mas há como criticar suas convenções legitimadoras. E é justamente este o papel da teoria *queer*, criticar as categorias estáticas de identidade projetadas e naturalizadas pela linguagem e pelos discursos jurídicos e políticos (BUTLER, 2017).

Inspirada na forma como a filosofia pós-estruturalista interpreta a subjetividade, a olhar *queer* questiona a estabilidade e a manutenção das categorizações humanas. A partir da ideia de que o indivíduo é formado por influência de um discurso, o olhar *queer* questiona noções limitantes baseadas na fixidez, na biologia, na essencialidade ou em pré-discursos. Filax et al. (2015) expõem que

O jeito de falar, agir, pensar, o que se diz, o que se pode dizer, quem é autorizado a falar, quando e onde, bem como o modo como nossa vida é organizada, constituem formas unificadas de pensar sobre as coisas, pessoas, cultura e acontecimentos. Um exemplo de discurso é o gênero, um modo sistemático de organizar e pensar os seres humanos cujo efeito é gerar sujeitos masculinos e femininos [...]: maneiras de vestir, arranjos familiares, leis que determinam quem pode se casar ou herdar, atividades adequadas de lazer e trabalho e reações e responsabilidades emocionais (FILAX et al., 2015, p. 132).

Acredito ser fundamental discorrer nessa argumentação sobre a importância de se analisar o discurso para a teoria *queer*. O discurso opera de maneira normativa, estabelecendo as fronteiras do permitido e do transgressor sobre o comportamento humano, a partir da

designação de categorias identitárias hierarquizáveis. A teoria *queer* surge para desafiar o processo de normalização decorrente dos atos discursivos hegemônicos, ao se opor ao caráter estático e estável de identidade defendido por tal discurso (SOUZA, 2017).

Dessa forma, o termo *queer* não deve ser entendido como um substantivo, sinônimo de identidade por exemplo, e sim como um verbo, indicando uma ação política. O *queer* também não deve ser reduzido apenas ao universo LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) — ou como uma nova denominação para esse grupo —, muito menos a estudos direcionados exclusivamente a categorias sexuais consideradas "anormais" (SOUZA, 2017). A teoria *queer* debruça-se sobre as formas de transgressão às normas e ao *modus operandi* hegemônico, a fim de problematizar o elo entre identidade e desejo, e contestar a suposta estabilidade de tais identidades (WATSON, 2005) e a institucionalização destas a fim de controlar e socializar os sujeitos (COHEN, 1997). A teoria *queer* pode ser utilizada para analisar tanto o "normal" quanto "anormal", trata-se de "uma abordagem com potencial de aplicação" por meio de diversas formas de significação (SOUZA, 2017, p. 319).

A partir do suporte *queer*, pode-se entender que as identidades são múltiplas, heterogêneas, políticas, contraditórias e fluidas (COHEN, 1997), se interceptando e combinando com outras identificações — seja pela raça, orientação sexual, gênero, nacionalidade, classe social, etc. (KING, 2016). Tal percepção leva a compreensão que não existe uma unidade de personalidade harmônica e autônoma, tampouco que as identidades são formadas a partir da junção de categorias distanciadas e independentes (GAMSON, 2006).

Desta forma, identidades são discursivamente constituídas por processos contínuos, ou seja, em movimentos constantes e ininterruptos de construção e desconstrução pelos quais as diversas expressões identitárias possíveis constituem-se por meio de afetos simultâneos, conjuntos e múltiplos, sem hierarquia entre elas, o que significa afirmar que não há uma identidade que existe *a priori* das demais ou que atue como base para outras identidades (SOUZA, 2017, 313).

Presumo ser fundamental compreender que a identidade "é um processo contínuo, sempre em construção e desconstrução", que precisa ser significada a partir de sua problematização, história e contextualização. As identidades são instáveis e fluidas, compostas por uma série de aspectos distintos que se interseccionam e se manifestam de diferentes formas nos indivíduos (SOUZA, 2017), isso permite assimilar que mesmo se alguns sujeitos fizerem parte de um mesmo grupo e/ou possuírem alguma característica semelhante não terão igual identidade (McDONALD, 2013).

A teoria *queer* traz para as discussões em relação à identidade a crítica sobre os processos de exclusão desencadeados pela categorização identitária, no sentido de alertar e debater o caráter de universalidade, essencialidade e estabilidade que tal divisão costuma trazer (BUTLER, 1993). Acredito ser importante frisar que a teoria *queer* não busca a destruição destas categorias, mas sim a desestabilização delas para que possam ser reconstruídos e expandidos sobre elas entendimentos e possibilidades (SOUZA, 2017). A objeção não advém exatamente dos termos que são empregados para definir e diferenciar tais classificações, e sim do reducionismo que podem trazer a sua compreensão e à manifestação das identidades, desconsiderando fatores políticos, históricos e contextuais, indispensáveis à construção e ao entendimento da identidade humana (BUTLER, 1993). Todavia, além do processo de reconceituar as categorias identitárias, é necessário levar em conta as intersecções entre tais categorias e a natureza política que elas carregam (COHEN, 1997).

Butler (1993) apresenta ainda nesse debate uma problematização sobre a relação entre o condicionamento discursivo e o reconhecimento social. Para ela, o sujeito procura reconhecimento social em meio a uma série de contingências existentes ao longo de sua formação. Esta busca é condicionada por um discurso que nomeia, categoriza e hierarquiza as identidades sociais, mas — a busca — não consegue se concretizar por completo haja vista que o sujeito não se encaixará totalmente dentro das especificidades requeridas socialmente. Tal processo reforçará a sensação de incompletude e instabilidade que, por sua vez, continua a alimentar a procura pelo reconhecimento (BUTLER, 1993). Não estando livre das normas discursivas impostas compulsoriamente, os sujeitos são produzidos e transformados a partir da contínua repetição das normas (BUTLER, 2017).

Na busca incessante por reconhecimento e pertencimento social, os indivíduos são impelidos pelas normas discursivas a se enquadrarem na ordem simbólica mediante processo de identificação. As mesmas normas que possibilitam o reconhecimento social dos sujeitos são as que estabelecem as distintas categorias que irão diferenciar o normal do anormal. Os indivíduos passam a existir como humanos a partir da identificação que encontram com elementos e/ou categorias estabelecidas discursivamente (LEE et al., 2008).

Como desdobramento das disparidades e da falta de estabilidade com relação à ordem simbólica, o sujeito que nela se apoia em busca de reconhecimento se encontra incompleto e dividido. Ao passo que acredita não haver espaço fora deste ordenamento social, passa a se submeter à ordem simbólica para existir como sujeito. Ao invés de se caracterizar apenas em sua fonte de reconhecimento, tal ordem se converte na impossibilidade de sua realização plena (LEE et al., 2008). A citada ordem simbólica problematizada pelos estudos *queer* está

apoiada sobre a heteronormatividade. É através dela que podemos investigar a estrutura de poder na sociedade.

3.2 A heteronormatividade e a inteligibilidade sobre os corpos

Enquanto a heterossexualidade é concebida como uma orientação sexual, a heteronormatividade engloba as instituições, as estruturas de conhecimento e as práticas discursivas e sociais por meio das quais a heterossexualidade é tomada como normal e arquitetada como modelo a ser seguido, o que a confere privilégio em relação às demais formas de sexualidade (BERLANT; WARNER, 1998).

As discussões que serviram de base para o início da problematização da heteronormatividade podem ser encontradas na definição de heterossexualidade compulsória, por Adrienne Rich (1980); na demonstração da sobreposição entre questões de gênero e de sexualidade, e consequente evidenciação de como as relações de gênero estão heterossexualmente estruturadas, a partir das contribuições de Monique Wittig (1980); e na caracterização da matriz heterossexual, por Judith Butler (2017).

Dentro do modelo discursivo de inteligibilidade de gênero, os corpos são generificados e sexuados ao nascer, carregando expectativas de performance tanto de gênero quanto de orientação sexual. O homem necessita ser masculino e atraído por mulheres, enquanto a mulher precisa ser feminina e sexualmente interessada por homens (BUTLER, 2017; PHILLIPS, KNOWLES, 2012). Tal construção de pensamento decorre da heterossexualidade compulsória, que institui por meio de elementos simbólicos a predisposição natural dos corpos à orientação heterossexual.

No tocante à matriz aludida por Butler (2017), a autora expõe a existência de um ordenamento social e cultural que compele os sujeitos sociais a binários de gênero e de sexualidade, manifestamente distintos, os quais arquitetam identidade sexual e de gênero atreladas a desejo devidamente oposto e complementar.

A matriz heterossexual hierarquiza e fornece critérios para o reconhecimento e inteligibilidade cultural dos corpos, naturalizando gênero e desejo (BUTLER, 2017). A citada inteligibilidade é realizada por meio de semioses observáveis — sobre o modo como as pessoas se vestem, se comportam e se expressam, por exemplo —, atreladas a expectativas do que é ser mulher e do que é ser homem, forçando os sujeitos a buscar coerência e sentido nas construções binárias tanto físico quanto socialmente instituídas (BUTLER, 2017; TYLER, COHEN, 2010).

Por meio da referida matriz, os sujeitos sociais são induzidos a performar e corporificar signos admitidos como normais (BUTLER, 1993a; TYLER, COHEN, 2010). O sentido de normalidade, por sua vez, é atribuído às expressões inteligíveis a partir da matriz de poder, concebendo, dominando e selecionando os sujeitos viáveis a partir das normatizações sobre a sexualidade (HARDING et al., 2011).

A compulsoriedade heterossexual (RICH, 1980) e a matriz de inteligibilidade (BUTLER, 2017) alicerçam a heteronormatividade. A legitimação social da orientação heterossexual juntamente às demandas de performances de gênero a ela atreladas arquitetam uma rede normativa que regula e estabelece limites ao comportamento dos sujeitos (BUTLER, 1993), a qual denominamos de heteronormatividade.

Mediante a naturalização, normatização e institucionalização da heterossexualidade sobre os corpos sociais, criam-se limites à manifestação da sexualidade (OLIVEIRA, 2013), a fim de regular, vigiar e punir performances desviantes.

O sistema de reconhecimento heteronormativo institui modelo a ser seguido em nossa sociedade, por intermédio de institucionalização tanto de normas sociais, quanto políticas, jurídicas e econômicas (SOUZA; PEREIRA, 2013), as quais estabelecem a orientação heterossexual como exemplar normativo, enquanto exclui, marginaliza ou silencia homossexuais e bissexuais (OLIVEIRA, 2013). O padrão estabelecido passa a controlar os comportamentos a medida que corporifica e transforma em rotina as normas heteronormativas (HIGASHI, 2016).

A cultura heterossexual está presente nos mais variados arranjos da vida em sociedade. É uma produção difusa, constituída por signos que atribuem a partir de noção biológica modo natural de existência, e se contrapõe a identificações apontadas como não naturais (BERLANT; WARNER, 1998; HIGASHI, 2016). É possível observar ainda que a matriz heterossexual sustenta valores masculinos, por meio da hierarquização dos gêneros (TYLER; COHEN, 2010).

Nesta cultura, os indivíduos passam a se esforçar para ajustar sua performance a estereótipos legitimados socialmente. Os homossexuais, em especial, sofrem dupla normatização: por serem homossexuais (e não heterossexuais) e por terem que se resignar exclusivamente a padrão de comportamento masculino ou feminino, associadamente compatível a seu gênero (HIGASHI, 2016).

No campo da Administração não é diferente. A heteronormatividade pode ser observada nas estruturas e nos processos organizacionais, como também nas teorias que reproduzem relações e práticas de poder baseadas no gênero e na sexualidade (REED, 2007).

Não obstante, nas organizações, a heteronormatividade se institucionaliza e naturaliza de maneira sutil padronizando a vida daqueles que as constituem.

Harding et al. (2011) afirmam que as organizações costumam ser estruturas heterossexistas, as quais submetem os indivíduos que delas fazem parte a adaptar suas performances ao modelo de comportamento heteronormativo. São espaços que costumam gerar constrangimento, temor e sofrimento nos que possuem sexualidade desviante da norma hegemônica (HARDING et al., 2011).

Mesmo em organizações autodenominadas *gay-friendly*², costumam-se exigir aos homossexuais comportamentos "discretos" (normalizados) nas relações de trabalho, associando a necessidade de adequação à cultura heteronormativa (SOUZA; PEREIRA, 2013; PRIOLA et al., 2014). Por meio deste exemplo, podemos notar a sutil incidência da heteronormatividade sobre a performance dos sujeitos no trabalho, além da disfarçada discriminação contra LGBTs neste ambiente.

Mediante a naturalização do padrão heterossexual, discursos normativos baseados em valores morais hegemônicos passam a exercer controle sobre as diferenças sexuais e silenciar performances destoantes da matriz de poder, restringindo a manifestação da sexualidade "desviante" (fora da matriz heterossexual) ao domínio da vida privada (PRIOLA et al., 2014).

No Brasil, mesmo com a Lei nº 9.029/1995 — que proíbe práticas discriminatórias nas relações de trabalho —, não há legislação federal específica contra a homofobia, e é ínfima a existência de políticas de equidade e de apoio sindical (HIGASHI, 2016). Essas e outras evidências ajudam a justificar a necessidade de se questionar as metanarrativas disseminadas pela heteronormatividade, a fim de possibilitar reconhecimento a outras formas de viver, sem negar as diferenças de orientação sexual, além de possibilitar espaço e dar voz àqueles que não se enquadram na matriz de poder.

A adaptação às normatizações de gênero e de sexualidade instituídas pela matriz heterossexual não se dá deliberada ou conscientemente, ela é fruto da repetição das normas que submetem, direcionam e coagem os indivíduos a se identificarem com a ordem simbólica para que possam ser reconhecidos e existir como sujeitos (SOUZA, 2017). O constante processo de repetição das normas dá origem ao que podemos chamar de performatividade.

² Termo norte-americano, também usado no Brasil, utilizado para se referir a espaços, políticas ou organizações receptíveis para as pessoas LGBTI (LGBT, s.d.).

3.3 A regulação da performatividade e a repetição das performances

A crítica às categorias de identidade centra-se principalmente sobre o fato de que estas classificações não buscam apenas descrever, mas principalmente normatizar a partir de critérios exclusivistas que excluem e pré-definem comportamentos linguísticos e sociais (BUTLER, 1998).

Aquilo que fazemos e dizemos não é fruto de uma essência interior, subjetivamente real e natural, o que continuamente dizemos e fazemos nos constitui como real e natural (BORBA, 2014). Esta reflexão pode ser explicada a partir do modelo performativo discutido por Butler (2017). Segundo a autora, o que muitas vezes enxergamos como essência e composição natural de nossa identidade, na verdade, são performances repetidas constantemente que reforçam discursos estabelecidos historicamente e culturalmente.

A performance pode ser compreendida como a maneira como o indivíduo se apresenta e tenta controlar a percepção que outras pessoas têm dele, tal performance pode ser baseada naquilo que se pode ou não fazer (GOFFMAN, 1959). Entretanto, não é possível falarmos que a intenção do falante determina por si só a totalidade de seus atos (DERRIDA, 1990). A performance humana não é sempre consciente ou intencional, é produto da repetição compulsória das normas históricas, culturais e sociais que regulam a sociedade através do discurso, e está associada ao poder vinculado ao discurso. Tal discurso, por sua vez, é articulado a partir de uma matriz de inteligibilidade³ composta por normas hegemônicas e legitimadas socialmente, e que servem de pano de fundo para a fabricação do sujeito mediante práticas sociais continuamente reproduzidas (SOUZA, 2017).

A citada matriz de inteligibilidade possibilita certo controle social a partir de elementos legitimados e universalizantes que formam o modelo tradicional da identidade, a qual busca conformidade dos corpos sobre identidades previamente arquitetadas (PINTO, 2007).

Os corpos podem ser vistos como elementos regulados por normas ritualizadas, as quais nele estão inscritas e que ao mesmo tempo postulam prévias significações. Pinto (2007, p. 12) esclarece-nos que para a teoria dos atos de fala "o corpo tem seus limites irredutíveis

³ Também chamada de matriz heterossexual, a matriz de inteligibilidade (BUTLER, 2017) é uma maneira simbólica de organizar e conceder significado aos corpos, atribuindo sentido de coerência à identidade de gênero e à sexualidade. A citada matriz estabelece que o ser humano deve corresponder a apenas um gênero, e que esta conformidade se dá em razão do seu sexo, produzindo aparente encadeamento entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, além de auferir inteligibilidade àqueles corpos que apresentam estabilidade e unidade entre essas categorias. Dessa forma, a matriz de inteligibilidade atribui reconhecimento e sentido de coerência àqueles que têm gênero concordante ao sexo e orientação sexual heterossexual, ao passo que confere sentido de incoerência e exclui dessa matriz os sujeitos que não apresentam tal conformidade.

porque nele estão inscritos as regulações sociais, não como representações das estruturas de poder, mas como parte dessas estruturas".

As normas que regulam a performance linguística e social não são simplesmente reflexos de uma estrutura existente, mas também elementos de criação e recriação da estrutura. O sujeito seria um ser performativo que repete ações para circunscrever sua identidade no tempo (CAMERON, 1995). As identidades, por sua vez, também são performativas, decorrência de atos que estimulam marcações em quadros de comportamento (PINTO, 2007).

Ante o já exposto, é possível compreender o conceito de performatividade a partir das normas sociais impostas aos sujeitos, podendo estes se enquadrar aos aparatos normativos ou entrar em atrito com eles. Tais normas advém de uma estrutura discursiva exterior aos sujeitos, mas que são internalizadas e incorporadas por estes (MISKOLCI, PELÚCIO, 2007).

A "performatividade funciona como uma rede de premiações e punições que confere e afirma um poder vinculado sobre a ação performada que acontece e é operada por meio do discurso" (SOUZA, 2017, p. 316). Pode ser concebida como uma pré-condição de existência do sujeito (JAGOSE, 1996), que viabiliza, reforça e também restringe a performance mediante códigos de significação (SULLIVAN, 2003; CAMERON, KULICK, 2003), desafiando a compreensão do senso comum de que o comportamento humano não é uma simples exteriorização do Eu interior (CAMERON, KULICK, 2003).

A performatividade permite a repetição de atos e ritos mesmo com a ausência de seu referente, ou de significados e intenções não tão claramente determinados (PINTO, 2007, p. 9). "A performatividade regula" (BORBA, 2014, p. 444) e os ideais performativos "normatizam sujeitos através do ato que se propõe a descrevê-los, controlando, pela exclusão e pré-definição, comportamentos sociais em geral" (PINTO, 2007, p.15).

Contudo, a performatividade não pode ser compreendida como uma apresentação teatral muito menos como um jogo livre no qual se dão as performances. As diversas formas de regulação da conduta e comportamento humanos impulsionam e alicerçam a performatividade (BUTLER, 1993a). Ela simboliza a força que ao mesmo tempo em que submete o indivíduo a um sistema de normas o possibilita se constituir como sujeito (PINTO, 2007, p. 13), seja por meio da adequação performativa seja pela subversão.

A performatividade apoia-se na ratificação de normas constantemente reafirmadas nas práticas sociais e que materializam aquilo que reconhecem e nomeiam. Tal sistema de normas é anterior aos sujeitos que agem (BUTLER, 1993a). Os princípios reguladores do sexo, por exemplo, generificam os corpos, naturalizando o conjunto de imposições estabelecidas e

materializando as práticas reguladas sobre os corpos (MISKOLCI, PELÚCIO, 2007; BUTLER, 1993a).

De acordo com a perspectiva da performatividade, os sistemas de reconhecimento — constituídos por discursos sócio e culturalmente legitimados e pautados por relações estáveis entre corpo, sexo, gênero, desejo e performance — são alicerçados na e pela linguagem, mediante uma ampla e complexa rede de regulações, vigilâncias e punições (BORBA, 2014, p. 467).

A performatividade está relacionada com a estilização⁴ reiterada do corpo, o qual é submetido a princípios normativos de coerência advindos da lógica da heterossexualidade compulsória (JAGGER, 2008; BUTLER, 2003a) e que estão relacionados à produção de identidades, impelindo o corpo a enquadrar-se aos parâmetros performativos (PINTO, 2007).

A citada estilização do corpo causa efeitos sobre a anatomia e sobre a sexualidade por estar ancorada sob a lógica binária e reprodutora homem/mulher, reforçando a heterossexualidade compulsória e "postulando a única possibilidade do sujeito" (PINTO, 2007, p. 22-23).

Neste contexto, Butler (2017) salienta que as performances de gênero não ocorrem voluntariamente e sim dentro de um cenário discursivo repleto de imposições e coerções que limitam aquilo que é reconhecido em dado contexto, funcionando como uma rígida estrutura que demarcará as possibilidades de se performar.

O gênero — assim como outras categorias — é performativo, produto de normas regulatórias que distinguem e hierarquizam as diferenças por meio de "restrições sociais, tabus, proibições, ameaças de punição" (BUTLER, 1993, p. 21). Tais limites à manifestação do comportamento humano são linguisticamente constituídos e socialmente naturalizados, a partir da repetição das normas que passam a instituir caráter homogêneo e estável daquilo que vem a constituir, por exemplo, a masculinidade e a feminilidade (BUTLER, 1993). Tal produção da ideia de gênero consolida e naturaliza essa produção, normatizando os corpos, e excluindo quaisquer sujeitos que destoem dessa matriz de inteligibilidade (BUTLER, 2017; PINTO, 2007).

⁴ A estilização do corpo pode ser compreendida a partir da imposição de elementos indispensáveis à formação e a produção de sujeitos compatíveis e legíveis. "As instâncias que condicionam o corpo como alvo das condutas normativas delimitam os ambientes pelos quais os indivíduos estilizados devem habitar nos espaços sociais. O esforço da incidência, por uma perspectiva heteronormativa compulsória, de uma identidade cultural repleta de atos e ações que devam ser coerentes, demonstra o excesso de adestramento ao qual o corpo é submetido" (BRAVO, 2015, p. 116) e a decorrente estilização deste corpo.

Há uma complexa rede de estilizações de gênero e da sexualidade que estimulam ações performativas. A pluralidade, a instabilidade, a indecisão ou mesmo a mudança são encarados previamente com estranheza e passam a ser submetidos a inúmeras formas de violência. "O controle intencional das identidades inteligíveis escapa ao sujeito, ao mesmo tempo que implica suas possibilidades ritualizadas de existência" (PINTO, 2007, p. 25).

Para Butler (2017; 1993a), tanto o sexo quanto o corpo são efeitos discursivos que se materializam a partir de sua significação cultural, encontrada a partir de códigos de significação e estruturas reguladoras que lhes atribuem ou não inteligibilidade mediante conformidade com estruturas discursivas heteronormativas. Para a autora, quando se enuncia expressões como "é uma menina" ou "é um menino" no nascimento de uma criança, por exemplo, se descreve um estado de elementos anteriores à enunciação e, ao mesmo tempo, faz-se com que o corpo ao qual tais enunciados se dirigem seja pressionado por normas presentes na matriz de inteligibilidade, a qual busca uma suposta coerência entre sexo, gênero e desejo, e que compele o sujeito social e discursivamente (BORBA, 2014).

Com base na matriz de inteligibilidade, projetamos e negociamos nossa imagem pública perante uma audiência por meio do uso de certos recursos semióticos, como roupas, entonação da fala, gestos, seleção de palavras e o próprio corpo (GOFFMAN, 1959). Recorrendo à perspectiva derridiana, Borba (2014) ressalta que a repetição de tais recursos semióticos em nossa disposição é um fato recorrente em nossa existência linguística e social.

Todavia a influência da referida matriz sobre os corpos não deduz um processo imutável e estático, tais repetições são acompanhadas de mudanças, não se apresentando como meras reproduções destes recursos (PINTO, 2017; BORBA, 2014). Ao serem transportados para distintos contextos e indivíduos, os signos linguísticos que compõem a matriz de inteligibilidade produzem continuidade, descontinuidades, fissuras e rupturas concomitantemente, abrindo espaço para subversões que podem possibilitar mudanças nesse processo e desarmonias, por exemplo, na conformidade esperada entre corpo, sexo, gênero, desejo e performance (BORBA, 2014). As mencionadas rupturas podem "apontar formas de subjetivação que resistem de maneira a constituir sujeitos singulares, seres que produzem diferenças" (MISKOLCI; PELÚCIO, 2007, p. 258).

Diante do que foi discutido até aqui neste tópico, devo reproduzir o que Butler (1993) chama atenção sobre a importância da performatividade não ser entendida como a verdade interior do sujeito, muito menos como a performance que este desempenha no meio social, até porque performatividade e performance não suportam a mesma carga de sentido. Enquanto a performatividade reflete o conjunto de normas que antecede, submete e sobre-excede a

vontade do indivíduo que executa a ação, regulando a repetição dessas normas, as performances podem ser entendidas como atos performados frutos da indução promovida pelas normas e convenções performativas (BUTLER, 1993).

A performatividade compele práticas compulsórias ao comportamento humano, todavia não pode ser compreendida como determinante da formação do sujeito. A performatividade é regida por normas que instigam a repetição, no entanto, a intenção a ser atingida se encontra numa posição ideal que não é alcançada do mesmo modo que é performada (SULLIVAN, 2003). Isso leva a perceber que o ato de repetir permite uma série de possibilidades de mudança e subversão à lógica performativa e à matriz de poder que a sustenta (SOUZA, 2017).

O ideal heteronormativo presente nas relações sociais conduz atos performativos a partir do conjunto de práticas norteadoras e normalizadoras presentes na matriz de poder, ajudando a compreender, por exemplo, como a heteronormatividade estão relacionadas à performance dos atores na graduação em Administração. A performance atua até o momento em que estiver alinhada às normatizações instituídas dentro da heteronormatividade a qual se deseja enquadrar (BUTLER, 1993). E é justamente sobre heteronormatividade que se trata a seção seguinte.

4 Contextualizando o lócus de investigação: a graduação em Administração

A graduação em Administração reúne o maior número de alunos matriculados, de ingressantes e de concluintes no Ensino Superior do país (BRASIL, 2013; CFA, 2017). De acordo com Censo da Educação Superior do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), de 2015, cerca de 793.564 alunos estavam matriculados nos bacharelados do curso pelo Brasil, número que corresponde a 12% do universo total de estudantes brasileiros no nível superior (CFA, 2017). O amplo mercado de trabalho e a formação abrangente e generalista são algumas das justificativas utilizadas pelos estudantes que escolhem o curso para se profissionalizar (MELLO et al., 2015).

Alguns estudos (PETINELLI-SOUZA, 2013; NICOLINI, 2003) evidenciam que há uma forte inclinação na graduação em Administração para estimular o aprendizado a partir de modelos. Muitas vezes a reprodução de práticas no ambiente organizacional vão estabelecendo alguns pontos de vista que se fixam como verdades preestabelecidas. No entanto, mesmo com a compreensão de que a Administração é caracterizada por processos, não se pode esquecer que tanto as organizações quanto os administradores são frutos de seu tempo, construções temporais e contextuais que precisam se adaptar às demandas e aos atores presentes no âmbito da gestão (PETINELLI-SOUZA, 2013).

O curso de Administração produz diversos sujeitos administradores (PETINELLI-SOUZA, 2013), que podem se graduar sob a reprodução de modelos dominantes ou ainda em meio a processos com rupturas que desconstruam tais formas predominantes, e abram novas possibilidades para se pensar esta graduação e o próprio perfil do administrador.

De maneira geral, o contexto organizacional contemporâneo tem demandado por administradores que sejam capazes de: formar, liderar e fazer com que equipes se motivem; articular e coordenar diferentes áreas nas organizações; atuar com visão sistêmica; e otimizar o uso de recursos com foco nos resultados (MELLO et al., 2015).

A última afirmação tem respaldo nos dados provenientes da pesquisa nacional sobre o perfil do administrador, realizada pelo Conselho Federal de Administração (CFA) (MELLO et al., 2015), na qual são apontados que os conhecimentos específicos mais significativos para o

profissional administrador — na percepção de gestores, professores da área e empregadores — são a visão estratégica e holística da organização e o foco na condução e integração da gestão das pessoas, das finanças e do orçamento empresarial.

Na citada pesquisa, são indicadas ainda como importantes competências a facilidade na identificação de problemas, bem como a formulação e implementação de soluções para eles; a mediação de conflitos; a capacidade de elaborar cenários futuros; além de raciocínio lógico, crítico e analítico sobre o dia a dia organizacional. Outrossim, foram mencionadas as habilidades de relacionamento, de liderança e as capacidades de adaptação, transformação e inovação como aptidões essenciais ao perfil de um gestor (MELLO et al., 2015).

O mesmo levantamento, a partir da consulta nacional a administradores, professores do curso e empregadores, indicou a ética como a atitude mais relevante no comportamento do profissional da administração. Além do mais, com relação ao contexto de formação do administrador, a pesquisa apresentou recomendação de que os projetos pedagógicos desenvolvidos e implementados nos cursos de Administração devem exprimir as necessidades estudantis e da sociedade (MELLO et al., 2015).

4.1 Cronologia e considerações quanto a evolução do ensino em Administração no Brasil

Até onde se tem conhecimento, os primeiros cursos brasileiros que passam a lecionar Administração datam do ano de 1902, mais especificamente no Rio de Janeiro — na Escola Álvares Penteado — e em São Paulo — na Academia de Comércio. No entanto, apenas em 1931 que sua regulamentação ocorreu, juntamente com a fundação do Ministério da Educação e consequente estruturação dos níveis de ensino, que fundou o curso Superior de Administração e Finanças (NICOLINI, 2003).

Tal regulamentação foi fortemente influenciada pela necessidade de profissionais capacitados que pudessem gerir as organizações que chegavam ao país. O interesse por profissionais da área administrativa está até hoje relacionado ao momento histórico-econômico do país. Em 1938, por exemplo, é criado o DASP (Departamento de Administração do Setor Público), encarregado de organizar o pessoal, os materiais, realizar orçamentos, além de ordenar e criar métodos para gerir o serviço público com base nos ideais burocráticos e da administração científica (NICOLINI, 2003).

Originada da DASP, em 1944, é criada a Fundação Getúlio Vargas (FGV), com o intuito de habilitar indivíduos especializados a trabalhar tanto com a administração pública

quanto com a privada. A utilização de modelos estrangeiros no ensino de Administração se intensifica após a Segunda Guerra Mundial, com a ida de componentes da FGV a cursos de Administração em universidades estadunidenses, que gerou uma cooperação técnica entre instituições brasileiras e dos EUA, e que culminou na formação de equipe docente própria desta instituição. A influência estrangeira sobre o ensino dos cursos de Administração se consolida a partir de 1959, com o Programa de Ensino de Administração Pública e de Empresas, no qual se almejava prover o governo e organizações privadas de técnicas que favoreçam o desenvolvimento econômico e social, até meados de 1965, quando se termina a missão de professores norte-americanos especializados em gestão pública e privada, responsáveis por implantar programas de ensino de Administração no país (NICOLINI, 2003).

Os fatos citados até o presente momento, juntamente com outros marcos fundamentais ao acompanhamento da cronologia dos cursos de Administração no Brasil, estão sintetizados no quadro 02 abaixo:

Quadro 02: Evolução do Ensino em Administração

ANO	FATO
1881	Marco no ensino de Administração: o curso da Universidade da Pensilvânia nos Estados Unidos foi o primeiro curso exclusivamente de Administração a ser ofertado.
1902	A Escola Álvaro Penteado (Rio de Janeiro) e a Escola de Comércio (São Paulo) ofertam cursos em Administração, todavia estes ainda eram regulamentados.
1930	No Brasil teve início o processo de industrialização, pelo presidente Getúlio Vargas, em que começa a haver uma demanda por profissionais da área de Administração.
1938	Criação do DASP - Departamento de Administração do Serviço Público.
1941	Foi criada a ESAN – Escola Superior de Administração de Negócios, na cidade de São Paulo e foi inspirado no modelo oferecido pela Universidade de Harvard.
1944	O DASP constituiu uma outra instituição, denominada Fundação Getúlio Vargas (FGV), voltada para as seguintes atribuições fundamentais: o estudo das organizações e da racionalização do trabalho e a preparação de quadros profissionais em nível superior.
1952	A FGV estabelece na cidade do Rio de Janeiro, a Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP), hoje EBAPE/FGV, Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas.
1954	É criada a Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP/FGV), que foi responsável pelo primeiro currículo especializado em Administração do Brasil.
1963	Criação da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP), que, à época, possuía apenas os cursos de Ciências Econômicas e Ciências Contábeis, que ofertavam algumas disciplinas de Administração.
1965	Regulamentação da profissão de Administrador no Brasil, através da Lei n. 4769 de 9 de setembro de 1965. Expansão da oferta de cursos em Administração.
1966	O primeiro currículo mínimo do curso de Administração entrou em vigência.

1993	Criação do segundo currículo mínimo em Administração.
2005	Criação do terceiro currículo mínimo em Administração, que possui algumas diferenças substanciais em relação aos seus antecessores. Primeiramente, cabe destacar o maior detalhamento em disciplinas de Ciências Humanas, como Sociologia e Psicologia. A Psicologia passa a ser dividida em Estudos Psicológicos e Comportamentais, enquanto a Sociologia em Estudos Antropológicos, Sociológicos e Políticos.

Fonte: Teixeira, Silva e Mafra (2011, p. 8-9).

A partir do quadro acima, pode se ter um panorama geral dos principais acontecimentos que permitiram a evolução do ensino ligado à ciência da gestão, e que culminaram no crescimento e expansão de cursos de graduação e pós-graduação em Administração no Brasil.

Como venho pontuando, desde sua criação e durante seu desenvolvimento o ensino de Administração no Brasil foi bastante dependente das técnicas e modelos estrangeiros, que denotaram forte caráter gerencialista à ciência da gestão brasileira (BERTERO, 2006) e dificultaram a construção de uma via própria para a apreensão dos fenômenos organizacionais tipicamente brasileiros (NICOLINI, 2003).

A regulamentação da profissão de administrador no Brasil se deu em setembro de 1965, por meio da Lei nº 4.769, do Conselho Federal de Educação — seguida da regulamentação do bacharelado do curso e estabelecimento de seu primeiro currículo, por meio do Decreto 61.934, de 24 de fevereiro de 1966 —, fortemente condicionada pela chegada das empresas multinacionais ao país e pelo crescimento das grandes empresas estatais durante o período do "milagre econômico", que demandavam por tecnocratas que pudessem acompanhar o desenvolvimento de tais organizações. Apenas em 1993 são alteradas as diretrizes do curso, com base nas mudanças do contexto nacional, na globalização da economia e nas novas demandas ambientais (NICOLINI, 2003).

Mesmo com as mudanças, o processo de ensino continuou transformando os futuros profissionais em técnicos pouco "pensantes", meros aplicadores de modelos importados (COVRE, 1991, p. 76). E tal configuração trouxe, conseqüentemente, um impacto para a produção de conhecimento local na área, ao passo que inibe a possibilidade de formar pesquisadores e cientistas que possam produzir conhecimento voltado a realidade brasileira e modificar a conjuntura apoiada na importação tecnológica estrangeira.

Em 2005, há ainda uma nova alteração nas diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Administração, a partir da resolução nº 4, de 13 de julho do referido ano, as quais vigoram até os dias de hoje. Nelas são estabelecidos o perfil almejado do egresso deste curso, as competências e habilidades que devem ser desenvolvidos durante sua formação, os

componentes curriculares e atividades complementares, entre outras disposições (BRASIL, 2005).

Em seu artigo 3º institui que os cursos de Administração devem capacitar os estudantes do curso e desenvolver aptidões para que compreendam

as questões científicas, técnicas, sociais e econômicas da produção e de seu gerenciamento, observados níveis graduais do processo de tomada de decisão, bem como para desenvolver gerenciamento qualitativo e adequado, revelando a assimilação de novas informações e apresentando flexibilidade intelectual e adaptabilidade contextualizada no trato de situações diversas, presentes ou emergentes, nos vários segmentos do campo de atuação do administrador (BRASIL, 2005, s.p.).

Com relação às habilidades e competências, as mesmas diretrizes apontam que o profissional formado em Administração deve:

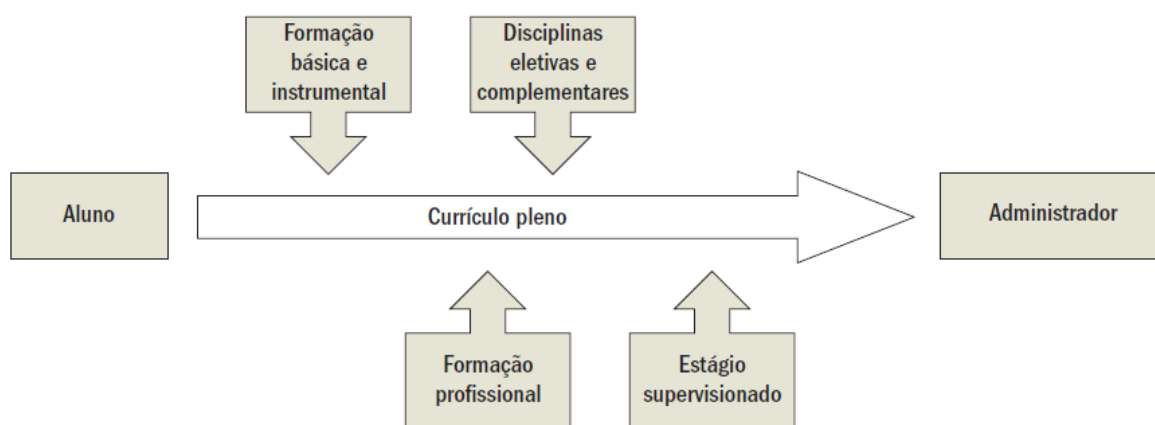
- I - reconhecer e definir problemas, equacionar soluções, pensar estrategicamente, introduzir modificações no processo produtivo, atuar preventivamente, transferir e generalizar conhecimentos e exercer, em diferentes graus de complexidade, o processo da tomada de decisão;
- II - desenvolver expressão e comunicação compatíveis com o exercício profissional, inclusive nos processos de negociação e nas comunicações interpessoais ou intergrupais;
- III - refletir e atuar criticamente sobre a esfera da produção, compreendendo sua posição e função na estrutura produtiva sob seu controle e gerenciamento;
- IV - desenvolver raciocínio lógico, crítico e analítico para operar com valores e formulações matemáticas presentes nas relações formais e causais entre fenômenos produtivos, administrativos e de controle, bem assim expressando-se de modo crítico e criativo diante dos diferentes contextos organizacionais e sociais;
- V - ter iniciativa, criatividade, determinação, vontade política e administrativa, vontade de aprender, abertura às mudanças e consciência da qualidade e das implicações éticas do seu exercício profissional;
- VI - desenvolver capacidade de transferir conhecimentos da vida e da experiência cotidianas para o ambiente de trabalho e do seu campo de atuação profissional, em diferentes modelos organizacionais, revelando-se profissional adaptável;
- VII - desenvolver capacidade para elaborar, implementar e consolidar projetos em organizações; e
- VIII - desenvolver capacidade para realizar consultoria em gestão e administração, pareceres e perícias administrativas, gerenciais, organizacionais, estratégicos e operacionais (BRASIL, 2005, s.p.).

Mesmo com as novas atualizações realizadas no currículo que norteia os cursos de Administração (BRASIL, 2005), percebo que ainda há baixa originalidade e relativa homogeneidade nas propostas curriculares da maioria das escolas de Administração no Brasil — reflexo da manutenção de um contexto que já havia sido apontado por Nicolini em 2003. Ainda continua sendo "bastante comum a prática de repetir o currículo mínimo preconizado pelo Conselho Federal de Educação" (MARTINS et al., 1997, p. 239).

4.2 Como posso caracterizar a graduação em Administração?

A despersonalização e a circunstancial homogeneidade presente nos projetos pedagógicos e curriculares dos cursos de graduação em Administração têm configurado uma lógica de produção sobre a formação dos bacharéis destes cursos, a partir da analogia tecida por Nicolini (2003) na qual os alunos podem ser considerados matérias-primas a serem transformadas ao longo de uma linha de produção — mediante currículo pleno — em produtos ao mercado, na figura do administrador, conforme pode ser observado na figura 01 abaixo:

Figura 01: A "linha de produção" do administrador



Fonte: Nicolini (2003, p. 48).

Por influência das diretrizes curriculares nacionais que regem os cursos de graduação em Administração no Brasil (BRASIL, 2005), foram instituídos campos interligados de formação que visam indicar como os projetos pedagógicos e a organização curricular dos cursos devem estar estruturados, assim como, quais conteúdos devem ser contemplados e inter-relacionados durante a formação dos discentes.

Entre eles estão: a) os conteúdos de formação básica, que relacionam "estudos antropológicos, sociológicos, filosóficos, psicológicos, ético-profissionais, políticos, comportamentais, econômicos e contábeis", possibilitando a formação básica e instrumental para se compreender outras ciências que dão suporte à Administração; b) conteúdos de formação profissional, contemplando disciplinas relacionadas especificamente ao universo da Administração, e que tornarão os futuros formandos capazes de exercerem a profissão em sua área, a partir técnicas e ferramentas que os habilitem; c) conteúdos de estudos quantitativos e suas tecnologias, abrangendo noções de pesquisa operacional, modelos matemáticos e

estatísticos, e outras tecnologias que possam contribuir para a elaboração e implementação de estratégias e procedimentos alinhados à Administração; d) conteúdos de formação complementar, os quais abarcam "estudos opcionais de caráter transversal e interdisciplinar para o enriquecimento do perfil do formando" (BRASIL, 2005). A partir de tais indicações se delinea o papel esperado dos cursos de Administração no país.

Em pesquisa realizada com profissionais da Administração, Shimada e Crubellate (2012) evidenciam que a constituição do perfil profissional do sujeito-administrador ainda está fortemente associada às regras, normas e parâmetros presentes nas práticas discursivas e em dispositivos ligados ao curso, como os Conselhos Regional e Federal de Administração, manuais de conduta, disciplinas da grade curricular na graduação, projeto pedagógico do curso e revistas de negócio, direcionando, influenciando e controlando "o que deve fazer e o que deve ser" o sujeito-administrador.

Na maioria das vezes, o sujeito-administrador é compelido a se comportar e a utilizar-se das práticas legitimadas, restando pouco espaço para que possa refletir sobre seu comportamento e sobre o papel que exerce como administrador. Por meio de sujeição, tais indivíduos buscam ocupar o espaço designado ao administrador, conforme o que se espera de tal figura, restando pouca crítica, autonomia e reflexão sobre sua autoconstituição. É comum encontrar profissionais desta área resignados sob os discursos predominantes (SHIMADA; CRUBELLATE, 2012), estado prolongado desde sua formação e sob influência dos manuais, modelos e técnicas que alicerçam a graduação em Administração.

Nesse contexto, "há uma mentalidade empresarial que governa a todos", e que se encontra não só como um pré-requisito da profissão do administrador, como também na graduação em Administração — pautado num "deslumbramento por um tipo de desenvolvimento e modo de vida que passaram a servir como referência", mas que são repletos de inconsistências (PETINELLI-SOUZA, 2013, p. 479).

Higashi (2016) chama atenção de que parte considerável dos estudantes do curso reproduzem o discurso do "politicamente correto", reproduzindo valores morais heteronormativos presentes na sociedade. A partir deste indicativo, o autor evidencia caráter heteronormativo sobre a Administração, apresentando que tal particularidade pode estar relacionada a padrão reforçado pelo ensino e pelas pesquisas na área, indo contra a suposta neutralidade no campo da produção do saber e do ensino.

A heteronormatividade se constitui como fator organizador da vida social, na qual não se percebe sua presença mas se sente seus efeitos (BERLANT, WARNER, 1998; BUTLER, 2017; HIGASHI, 2016). No entanto, as teorias administrativas não parecem legitimar que

tanto as estruturas quanto os processos organizacionais são intercortados por relações de poder baseadas no gênero (MORGAN, 2007; REED, 2007) e também na sexualidade. Dessa forma, Reed (2007) evidencia a importância de se estudar a questão de gênero — a qual eu somo a temática sobre sexualidade — como instrumento de análise nos estudos organizacionais, e como estas modelam a vida e o espaço organizacional.

Alguns dos signos que ilustram a heteronormatividade sobre a Administração podem ser vistos na linguagem e nas metáforas majoritariamente masculinas, além dos estereótipos reproduzidos sobre o feminino e o masculino na gestão (HEARN, 1992). Soma-se ao contexto apresentado, o retrocesso quanto à criação de políticas públicas para a educação voltadas às minorias e à diminuição do preconceito e discriminação contra LGBTs. Além de valores heteronormativos, entram em jogo no cenário político brasileiro valores de cunho religioso que, deturpadamente utilizados, atribuem a noção de anormalidade às diferenças de orientação sexual e de identidade de gênero.

Em complemento à discussão, Rumens (2016) apresenta que as escolas de Administração tendem a refletir a estrutura de poder presente na sociedade. Em decorrência dessa constatação salienta o fato delas reproduzirem a heteronormatividade que vigora na sociedade e principalmente no mercado. A socialização dos estudantes passa a usualmente ser promovida no espaço educacional a partir de modelo de comportamento almejado pelo mercado (LÄMSÄ et al., 2007), o qual reflete padrão heteronormativo.

Pesquisas em escolas de Administração em distintos países tendem a também refletir a generificação dos discentes e o não estímulo por parte das teorias administrativas à reflexão sobre como as diferenças são hierarquizadas com base no padrão hegemônico (HIGASHI, 2016). Diante desse indicativo, as críticas aos padrões hegemônicos são quase inexistentes, o que contribui para a reprodução e perpetuação de modelo excludente no curso e nas práticas gerenciais durante o trabalho dos futuros administradores.

Ao investigar estudantes da Administração, Higashi (2016) percebeu que a heteronormatividade presente no curso está relacionada ao modo como estes julgam o que é verdade, saber, linguagem inteligível e comportamento normal, a partir de valores trazidos do contexto externo às IES. Segundo o autor, tal percepção ainda é estimulada pela própria estruturação do currículo do curso, marcada pelo silenciamento diante de temas em torno das diferenças.

Tais pesquisas existentes têm demonstrado que há predominância de cultura masculina sobre o currículo, o ensino e as relações na Administração, que contribui para a não importância dada a temáticas relativas à diversidade de gênero (KELAN, 2013) e à

sexualidade no futuro exercício profissional dos discentes e nas problematizações sobre a estrutura organizacional.

Além da identificação do *ethos* masculino sobre as práticas na graduação, há indicativo de certa instrumentalidade do conteúdo vivenciado na Administração para atender à ideologia hegemônica. Apesar das diferenças humanas e diversidade sexual fazerem parte da vida em sociedade (e do contexto organizacional) e estarem presentes nas discussões do cotidiano, pouco é argumentado sobre elas no ensino da Administração e pouco também são questionadas pelas teorias e nas práticas dessa área do conhecimento (SWAN; STEAD; ELLIOTT, 2009), fatos que corroboram com a naturalização do padrão heteronormativo sobre a dinâmica social do curso.

Outra justificativa sobre a relevância da temática nesta graduação envolve o fato que as organizações contemporâneas necessitam de profissionais que pensem para além dos paradigmas tradicionais, sendo assim, o ensino da Administração não pode se limitar a padrões hegemônicos (MAVIN; BRYANS; WARING, 2004), incorrendo no risco de não se adequar a complexidade e diversidade das relações sociais atuais. É necessário se repensar qual o "papel da Administração na valorização do ser humano independente de questões de gênero e outras transversalidades" (HIGASHI, 2016, p. 83).

Apesar de não ser possível determinar se a habitual ausência de conteúdo sobre diferenças nas ementas das disciplinas é consequência de limitação e/ou percepção de irrelevância por parte dos docentes ou ainda pela falta de conteúdo teórico nas teorias administrativas (HIGASHI, 2016), torna-se premente pensar como incluir tais tópicos nas práticas discursivas do curso. Problematicar questões relacionadas à orientação sexual e à heteronormatividade na graduação em Administração poderá formar profissionais mais reflexivos e críticos, e menos vulneráveis aos padrões hegemônicos.

É necessário ainda questionar as naturalizações, verdades inquestionáveis e as relações de poder presentes nos saberes administrativos (SCOTT, 1986), bem como problematizar temáticas silenciadas, performances fora do padrão normativo e construções discursivas que constroem e relegam sujeito diferentes.

Nesse sentido, observo que há espaço para se inserir um novo olhar sobre a graduação em Administração, questionando a relação entre os discursos reducionistas presentes no curso e as diferenças existentes tanto neste espaço quanto no ambiente de trabalho. Sendo assim, na próxima seção, buscarei tecer aproximações entre as discussões pragmáticas sobre diversidade na gestão, os estudos sobre diversidade nas organizações — inicialmente apresentadas na introdução deste trabalho — e a teoria *queer*.

5 Desconstruindo o viés gerencialista na Administração a partir do diálogo entre os estudos organizacionais e a teoria *queer*

A questão da diversidade cultural humana começou a ter repercussão a partir da década de 1960, nos EUA e posteriormente no Canadá, com a promulgação de ações afirmativas que buscavam ampliar o espaço das minorias, dando maior visibilidade e ampliando as oportunidades na educação e na esfera do trabalho a mulheres, afrodescendentes e outros membros de grupos étnicos (FLEURY, 2000; CONCEIÇÃO et al., 2011). No entanto, em meados da década de 1980, as ações afirmativas passaram a ser alvo de duras críticas, perdendo o apoio estatal e sendo apontadas como saídas injustas para os problemas de justiça aos quais se destinavam (DWORKIN, 2000 apud CONCEIÇÃO et al., 2011).

No contexto da gestão, a temática foi tratada inicialmente pelas subsidiárias das empresas multinacionais americanas, que se estabeleceram em outros países e tiveram que conviver com a diversidade de composição social e cultural da força de trabalho (FLEURY, 2000). A partir de um enfoque mais pragmático, as organizações começaram a buscar uma resposta empresarial para gerirem tais diferenças, relacionadas a aspectos tanto físicos quanto culturais (FLEURY, 2000).

Ainda na década de 1980, surgem vários estudos de cunho instrumental sobre a diversidade da força de trabalho, com o intuito de converter a preocupação social — pautada na inclusão de minorias historicamente discriminadas — em resultados (SARAIVA; IRIGARAY, 2009).

A reflexão sobre a diversidade nas organizações foi estimulada a partir da percepção de que ao entrar numa organização o indivíduo não abandonava sua sexualidade, raça ou etnia. Observou-se que o trabalhador sofria influência mútua entre o grupo com o qual se identificava juntamente com o grupo que compartilhava experiências de trabalho semelhantes (grupo organizacional). Diante desse entendimento, as organizações passaram a observar e a canalizar esforços sobre a interação entre os grupos com comum identificação e os grupos organizacionais (HANASHIRO; CARVALHO, 2005). Começou-se, então, a discutir a multidimensionalidade cultural nas quais as organizações estão estruturadas, bem como os efeitos que as diferenças promovem nas organizações (NKOMO; COX JR, 1999, p. 351).

Neste contexto, surge no meio organizacional a expressão "gestão da diversidade".

O conceito de diversidade traz em seu cerne a valorização do "diverso" e suas implicações para o negócio. As empresas desenvolvem internamente suas próprias definições, políticas e práticas de diversidade, adequando-as às suas respectivas condições e necessidades corporativas (HANASHIRO; CARVALHO, 2005, p. 09).

A abordagem da gestão da diversidade tem um caráter claramente gerencialista, buscando conciliar a diversidade da força de trabalho com as necessidades de competitividade e as relacionadas (FLEURY, 2000; MAZUR, 2010). Ela foi inicialmente idealizada como um programa voluntário das organizações, com o intuito de estimular um ambiente de trabalho no qual os empregados se sentissem incluídos e pudessem expressar sua subjetividade (GILBERT; IVANCEVICH, 2001).

A partir do discurso presente nos programas de gestão da diversidade, podemos inferir que o principal interesse das organizações está mais relacionado com a vantagem competitiva e o ganho de valor ao negócio que a diversidade pode trazer — aspectos recorrentemente encontrados na literatura sobre gestão da diversidade e endossados por forte discurso gerencialista — do que com questões ideológicas e igualitárias (FLEURY, 2000; HANASHIRO, CARVALHO, 2005).

Tal caráter gerencialista é reforçado por diversos autores, os quais salientam variadas razões que impulsionam as organizações a aderirem à gestão da diversidade, entre elas estão: ganho de vantagem competitiva em recrutamento, diminuição da rotatividade organizacional, melhoria na produtividade, maior satisfação e harmonia nas equipes de trabalho, diminuição da discriminação e do assédio, promoção da criatividade e inovação, maior qualidade na prestação de serviços, e ganho de flexibilidade organizacional (COX JR, 1993; HANASHIRO, CARVALHO, 2005; CONCEIÇÃO et al., 2011).

Ao observar as pesquisas sobre diversidade nos estudos organizacionais, é possível encontrar duas correntes distintas: a corrente principal (*mainstream*) e dos teóricos críticos. A primeira está usualmente centrada no alcance dos resultados empresariais a partir do foco no clima organizacional positivo, e defende que são as diferenças individuais (de personalidade) que contam para um programa de gestão da diversidade. Já a corrente dos teóricos críticos contradiz a noção de que as diferenças pessoais são atributos essenciais de cada indivíduo, acreditando que a diferença é socialmente construída no tempo e espaço em que se vive. A segunda corrente reprova os métodos utilizados nos estudos do *mainstream* — fortemente baseados nos *business cases for diversity management* —, julgando que necessitariam de tratamento mais político e histórico, e critica ainda os parâmetros ideológicos sobre os quais

são fundamentados os argumentos daquela corrente principal — entre eles: reducionismo dado às diferenças históricas entre os grupos, não comprometimento em apontar soluções aos problemas sociais, forte influência da ideologia neoliberal, etc. (CONCEIÇÃO et al., 2011).

Ao analisarem os estudos sobre diversidade nas organizações até a primeira década do século XXI, Conceição et al. (2011) expõem alguns dos diferentes caminhos por eles percorridos. Parte dos estudos se dispõem a analisar resultados de programas de gestão da diversidade aplicados por organizações públicas e privadas, enaltecendo os benefícios conquistados e as soluções que trouxeram aos desafios usualmente encontrados pelas empresas; outra parcela dos estudos concentram-se em refletir teoricamente sobre as características contemporâneas da sociedade que fazem com que programas de gestão da diversidade sejam necessários nas organizações; e ainda há aqueles estudos que destacam a gestão da diversidade global como positiva ferramenta para o incremento da produtividade e desempenho econômico organizacional (CONCEIÇÃO et al., 2011).

Nos últimos anos, muitas das publicações que abordam o tema diversidade nas organizações na área de Administração têm proposto modelos para serem utilizados na gestão de grupos minorizados. Siqueira et al. (2016, p. 12) apontam que tais modelos constituem um problema que reduzem a um único tipo de política/perspectiva distintas diferenças (mulheres, LGBTs, pessoas com deficiência, afrodescendentes), colocando numa mesma conjuntura pessoas advindas de contextos diferenciados.

Tal prática denota, outrossim, baixa criticidade perante as políticas de gestão da diversidade, e uma certa preocupação em vincular a imagem de minorias à melhoria de resultados organizacionais, sem se ater de fato a ótica que estes grupos possuem com relação às políticas de inclusão das quais são alvo, bem como se tais indivíduos estão efetivamente conquistando direitos e espaço nas organizações (SIQUEIRA et al., 2016, p. 12).

Entre os desafios com relação à diversidade nas organizações pode-se citar ainda a falta de estudos que interseccionem as diversas diferenças existentes nas organizações, deixando de focar apenas em aspectos isolados que não representam a complexidade e multiplicidade do contexto organizacional (SIQUEIRA et al., 2016, p. 12).

Diante do contexto apresentado e da discussão tecida no capítulo 03, acredito que a teoria *queer* muito tem a oferecer ao desenvolvimento teórico e como suporte analítico para a área dos estudos organizacionais no Brasil, possibilitando relacionar e analisar as diferenças humanas, a partir do questionamento que tal perspectiva (*queer*) tece sobre as verdades universais relacionadas ao sujeito e à identidade, bem como sua contestação à ideia de normalidade, às relações de poder que doutrinam os indivíduos (HALPERIN, 2003; SOUZA,

2017) e à categorização identitária discursivamente estabelecida que instaura processos normativos a fim de moldar a subjetividade humana (SEIDMAN, 2006).

Como "o conceito de identidade presente na teoria *queer* pode ser estendido para identidades laborais, ou seja, identidades profissionais construídas no ambiente laboral" (SOUZA, 2017, p. 320), logo pode perfeitamente se incorporar aos estudos sobre diversidade nas organizações. No tocante ao campo da identidade, os distintos formatos identitários devem ser percebidos como construções fluidas e heterogêneas, compostas de variadas práticas que categorizam e regulam o sujeito (COHEN, 1997). Assim sendo, "conceitos *queer* relacionados a identidade, performatividade, identificação e *performance* podem ser aplicadas a estudos relacionados à construção de identidades no trabalho" (SOUZA, 2017, p. 320).

Essa construção da identidade no trabalho, assim como em outras esferas da vida humana — como a de formação profissional —, é mediada por um aparato discursivo que dita normas as quais induzem performances no dia a dia laboral. As identidades não são fixas, muito menos estáveis, contudo são fragmentadas e estão imersas numa lógica binária que, por sua vez, fabrica hierarquias dentro das estruturas organizacionais, estabelecendo em tempo e lugares próprios o que se espera de conduta padrão por parte de cada indivíduo no exercício de sua função/papel (SOUZA, 2017).

Apesar da teoria *queer* trabalhar em sua maior parte a partir das categorias de gênero e sexualidade, ela pode ser também utilizada para contrapor distintas categorias de identidades ocupacionais e corporativas (PHILIPS; KNOWLES, 2012 apud SOUZA, 2017), além de ser capaz de fornecer substancial olhar a respeito da graduação em Administração, bem como a formação por ela propiciada influencia a performance dos gestores que adentram o mercado de trabalho e como estes lidam com as diferenças presente nesse ambiente. Problematicar identidades no mundo do trabalho pode constituir, outrossim, uma maneira de questionar as noções funcionalistas e gerencialistas que alicerçam a lógica organizacional vigente, bem como o próprio ensino dos profissionais que irão atuar nesse contexto. Dessa forma, a teoria *queer* pode ampliar as possibilidades analíticas e de diálogo sobre a diversidade e a diferença nestes cenários. Explano algumas delas a seguir.

A partir da compreensão acerca da instabilidade da identidade humana, é possível refletir mais criticamente sobre como as diferenças estão inseridas no contexto organizacional. A teoria *queer* possibilita explorar e expandir as possibilidades de análise identitária, não apenas se restringindo aos aspectos relacionados à sexualidade e a gênero nas organizações, ampliando seu escopo a outras diferenças não hegemônicas (como a questão dos negros, dos portadores de deficiência e/ou necessidades especiais, entre outros), como

também a identidades hegemônicas e ao processo de naturalização que as tornam padrões de normalidade para os demais sujeitos sociais (SOUZA, 2017, p. 319) dentro e fora das organizações.

Explorar a interseccionalidade entre as diferenças presentes no ambiente organizacional abre portas para que os indivíduos se percebam "semelhantes em suas diversidades" (SOUZA; CARRIERI, 2010, p. 68) e para que a diferença se constitua o pontapé inicial das relações, não sendo encarada com estranheza e sim como pré-condição de qualquer indivíduo.

A ótica *queer* também fornece linhas norteadoras para se problematizar a diversidade e a heterogeneidade no contexto de formação em administração e no âmbito organizacional. A busca por respostas diante do universalismo, binarismo e essencialismo (SOUZA; CARRIERI, 2010), que almejam definir e enquadrar o humano, permite se questionar as reificações e homogeneizações que estabelecem uma ordem sexual normalizadora (FILAX et al., 2015) e que, por conseguinte, reproduzem silenciamentos e até mesmo exclusões no ambiente de formação profissional e no mundo do trabalho.

A perspectiva *queer* possibilita mostrar como o binarismo sobre a sexualidade (homossexual e heterossexual) — presente no imaginário sobre o administrador e na graduação em Administração —, por exemplo, é fruto de discursos com influências históricas, sociais e culturais (SOUZA, 2017, p. 312), que são hegemônicos e atuam como normas condutoras, disciplinares e organizadoras, hierarquizando as diferenças. É necessário, por meio da teoria *queer*, questionar a heteronormatividade (SILVA, 2013) e a compulsoriedade heterossexual (BUTLER, 1993).

Por intermédio do olhar *queer*, também é possível discutir os ordenamentos de sexualidade e atribuições de gênero (FILAX et al., 2015), como também conduzir discussões sobre temas pouco debatidos nos estudos organizacionais, por exemplo, o entendimento de como corpo, desejo e sexualidade podem ser utilizados para compreender relações de poder, oportunidades e inclusão/exclusão no contexto organizacional.

A análise sobre o aparelho discursivo das organizações e as relações de poder desencadeadas a partir da discursividade nelas dominante, também pode ser alicerçada pela perspectiva *queer*. Serve também para desconstruir as normatizações organizacionais que atuam como disciplinadoras, mediante "estratégia que permite a manutenção de velhas práticas de controle, só que com [novas roupagens]" (SOUZA; CARRIERI, 2010, p. 67). Por semelhante forma, a ótica *queer* auxilia na identificação dos discursos legitimados e nas

consequentes relações de poder que dele emanam, com o intuito de fabricar "sujeitos viáveis" (BUTLER, 1993) aos interesses organizacionais.

Outro aspecto importante levantado pela analítica *queer* está relacionado à performatividade em contextos laborais, e a forma como os sujeitos performam em tais espaços específicos, questionando a homogeneização dos comportamentos a partir de performances socialmente legitimadas.

Analogamente, a lente *queer* possibilita compreender o conjunto de normas que antecedem, submetem e sobre-excedem a vontade do indivíduo que executa a ação e está inserido no contexto organizacional e as performances que derivam dessas normas e convenções performativas (BUTLER, 1993).

De maneira ampla, a teoria *queer* desafia o sistema hegemônico vigente (SILVA, 2013; FILAX et al., 2015; SOUZA, 2017), fornecendo alternativas para se superar a perspectiva gerencialista sobre as diferenças nas organizações, a partir de um olhar mais crítico que problematiza o ideal de normalidade e os padrões a partir dele estabelecidos.

A analítica *queer* pode fornecer ainda novos rumos aos estudos organizacionais, e trabalhar com temas ainda pouco usuais nesse campo do saber, como as relações sociais de sexo, e a diversidade e heterogeneidade da composição social nas organizações. Outrossim, possibilita um olhar mais apurado sobre "as relações de poder estabelecidas nos espaços laborais fundamentadas no dispositivo da sexualidade, trazendo para os estudos organizacionais novas maneiras de estudar e entender os fenômenos organizacionais sob uma perspectiva crítica" (SOUZA; CARRIERI, 2010, p. 67-68).

Para atender o objetivo do presente estudo, embasado a partir da teoria *queer* e da compreensão sobre heteronormatividade, performatividade e performance, descreverei na seção seguinte quais os procedimentos metodológicos adotados durante a pesquisa de campo e nas análises dos dados coletados.

6 O fazer da pesquisa: percurso metodológico

Nesta seção apresentarei os procedimentos metodológicos que foram utilizados na realização do presente estudo. O percurso metodológico foi pensado e estruturado com base nos pressupostos da tese já apontados no capítulo introdutório deste texto: 1) há um discurso normalizador no curso de Administração e 2) esse discurso restringe diferenças e demanda dos estudantes performances consideradas legitimadas pela matriz de poder, com o intuito de responder a pergunta de pesquisa proposta: "**quais as implicações do discurso normalizador na graduação em Administração sobre as performances de estudantes gays e bissexuais do curso?**". O questionamento geral será respondido a partir do direcionamento dado às questões norteadoras, conforme mostro no quadro 03 abaixo.

Quadro 03: Relação entre pergunta de pesquisa e questões norteadoras

Pergunta de Pesquisa	Questões Norteadoras
Quais as implicações do discurso normalizador na graduação em Administração sobre as performances de estudantes gays e bissexuais do curso?	Quais intertextos podem ser identificados nas falas dos discentes?
	Como as semioses identificadas nos discursos discentes se relacionam com suas performances?
	Como os discentes enxergam o curso de Administração e o contexto no qual estão inseridos?
	Como as relações presentes no curso de Administração podem ser caracterizadas a partir dos relatos dos discentes entrevistados?
	Como pode ser desenhada a prática social sobre a graduação em Administração a partir dos discursos de discentes gays e bissexuais do curso pesquisado?

Fonte: Elaborado pelo autor

No subitem a seguir retomo a escolha do olhar epistemológico que inspira meu exercício de pesquisa neste estudo. Posteriormente, discorro sobre o contexto em que a pesquisa foi realizada, o recorte que realizado e sua justificativa, o método de coleta de dados escolhido, assim como, a descrição do método de análise utilizado e sua operacionalização para este estudo, seguido das dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa de campo e na finalização do estudo.

6.1 Visão de mundo e do fazer científico

Acredito que para a construção do presente estudo não poderia optar por caminho diferente de um cunho crítico. Esta escolha, por si só, traz preocupações e desafios mais tênues que opções funcionalistas nos Estudos Organizacionais (PAULA, 2008). Todavia, o compromisso deste trabalho com a problematização da heteronormatividade e da noção de normalidade e suas implicações sobre os estudantes gays e bissexuais de Administração apontava para um olhar que fugisse das habituais generalizações e gerencialismos tão comuns nos estudos funcionais.

Para a construção do presente estudo, influenciado por meu comprometimento pessoal pela busca de relações baseadas na equidade e que rechacem a exclusão, busquei um olhar epistemológico que se distanciasse de concepções universalizantes e que estivesse aberto a possibilidades diversas, propiciando questionar os limites impostos à discussão sobre orientação sexual. Tal inspiração foi encontrada no pós-estruturalismo. Segundo Williams (2013, p. 16-17), a filosofia pós-estruturalista representa

uma [...] ruptura de nosso senso seguro do significado e referência na linguagem, de nosso entendimento, de nossos sentidos e das artes, de nosso entendimento da identidade, de nosso senso da história e do papel dela no presente e de nosso entendimento da linguagem como algo livre do trabalho do inconsciente.

O autor argumenta ainda que o pós-estruturalismo desestabiliza a normalidade (âmago) a partir de suas diferenças (limites), propondo uma ruptura que pode ser utilizada contra a discriminação e contra as inclusões e exclusões baseadas no sexo, gênero, raça, experiências prévias, classe social ou riqueza. Seu viés pode ser utilizado na luta por causas específicas, no entanto, a justificativa de tais lutas deverá ser encontrada num tempo particular e em contextos históricos, linguísticos e experienciais mais amplos. Seu intuito, entretanto, não é trazer respostas definitivas, e sim reviver constantemente a possibilidade de enxergar o novo, o diferente, a partir dos sentidos presentes na linguagem, no pensamento e na experiência (WILLIAMS, 2003).

Neste estudo, propõe-se uma ruptura com a ideia limitante da heterossexualidade compulsória que favorece uma hegemonia baseada na ideia de normalidade e julga como perversão e desvio as práticas que fogem desse "normal", a fim de compreender o discurso de estudantes gays e bissexuais no curso de Administração. Dessa forma, procurei questionar "o locus de domesticação e de controle social" prescrito pelo modelo de orientação sexual

dominante, o qual reforça as significações presentes na lógica heteronormativa, que se auto julga "divina, racional, biológica" (SWAIN, 2001, p. 90).

O pós-estruturalismo estimulou nesta pesquisa o ímpeto por resistir à ideia de verdades estabelecidas, as pressuposições de pureza e essência, bem como os valores e oposições que dessas verdades emanam. As obras que comungam com essa visão de mundo tendem a desconstruir e transformar as estruturas dadas, mostrando as exclusões que a antiga concepção ocasionava (WILLIAMS, 2013). Foi sobre tais orientações que este estudo se desenvolveu, valorizando tanto aspectos culturais como relacionais à orientação sexual, relegando a perspectiva biológica (SOUZA, 2009), e considerando que a distinção e a classificação de identidades configuram-se como um dispositivo de poder que retroalimenta e reafirma a discriminação (SCOTT, 2005).

A noção de sujeito presente neste estudo procura romper com a visão tradicional do homem da modernidade (SOUZA; MACHADO; BIANCO, 2008), assumindo que o sujeito não é totalmente autônomo nem determinado pela estrutura (SOUZA; SOUZA; SILVA, 2013). Para tecer as argumentações que serão apresentadas ao longo deste texto parto do princípio de que

O sujeito é, ao mesmo tempo, constituído e constituidor de sua subjetividade, contingenciada por discursos e relações de poder, inserida em uma rede complexa de narrativas e práticas instáveis [...]. Sendo a subjetividade descentrada e fragmentada, o sujeito não tem essência ou origem, pois, ao invés de ser origem, sua subjetividade está mergulhada em um duplo movimento de produção e efeito (SOUZA; SOUZA; SILVA, 2013, p. 213).

O desenho da pesquisa — pormenorizado nos demais subtópicos deste capítulo — buscou se distanciar das "formas de essencialismo, determinismo e naturalismo" (WILLIAMS, 2013, p. 27) por acreditar que o vivido não deve ser demarcado apenas pela ciência, necessitando do contexto histórico e de criações futuras apreendidos a partir "da linguagem, do pensamento e da experiência" (WILLIAMS, 2013, p. 34). Dessa forma, não prometerei com este estudo chegar ao estado puro dos sujeitos da pesquisa, trabalhei pelas aberturas nos estados atuais a fim de compreender suas mudanças nos e pelos seus limites, já que não acredito na verdade de uma essência dos sujeitos, e sim na historicidade e contextualidade que os permeiam e os constituem.

Por acreditar que a realidade social é formada por experiências subjetivas e intersubjetivas dos sujeitos, a pesquisa foi conduzida interpretativamente com base no processo de experiências vividas, e a investigação se realizou sobre a complexidade da realidade concebida socialmente por discentes do curso de Administração. A intenção aqui

não foi testar uma teoria, criar um experimento ou medir qualquer coisa. Meu empenho recaiu sobre o desejo de compreender as percepções e interações que se estabelecem no contexto do curso, a partir do ponto de vista de discentes que não se enquadrassem no modelo heterossexual.

Ante o exposto, sob minha ótica particular, o presente estudo não poderia ter outra abordagem que não a qualitativa. Tal escolha também é influenciada por minha trajetória de pesquisa e aprendizado no contexto acadêmico em Administração, uma formação extensamente qualitativa. Acredito que a maior afinidade com a referida abordagem se deve ao fato de estar mais próxima a minha história de vida, a minha visão de mundo e a minha tentativa de compreendê-lo. A procura por significados que estejam relacionados a vida das pessoas a partir das condições envoltas a vida real, e das opiniões, reflexões e comportamentos dos participantes envolvidos em dado contexto são algumas das influências que fazem desse estudo uma pesquisa qualitativa.

A abordagem qualitativa possibilita "contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; e esforçar-se por usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em uma única fonte" (YIN, 2016, p. 07). Busca ir além das definições operacionais trazidas pelas correlações entre variáveis, buscando-se caracterizar um fenômeno mediante uma sensibilidade contextual sobre as interações sociais e os significados que seus participantes dão a elas (SILVERMAN, 2009, p. 51). A tentativa de compreender o significado subjetivo presente na percepção de indivíduos ou grupos de pessoas em relação a complexidade de um problema social ou humano (CRESWELL, 2010; FLICK, 2013) está no cerne de tal abordagem de investigação e na essência desta pesquisa.

A próxima seção irá descrever de forma mais específica e detalhada o lócus em que a pesquisa ocorreu, a inserção ao campo, a relação com os sujeitos pesquisados (discentes), bem como a estratégia utilizada para coletar os dados.

6.2 Lócus de pesquisa: a graduação em Administração

O ponto de partida para a realização da pesquisa de campo se deu com a definição do lócus onde a investigação se daria: uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada. Os critérios para a escolha da instituição se deram a partir de alguns parâmetros: ofertar graduação em Administração em seu rol de cursos; ter discurso (mesmo que não formal) voltado ao respeito às diferenças e à inclusão; heterogeneidade de alunos; conceder

autorização formal prévia para a realização da pesquisa; dispor de facilidade de acesso para o pesquisador, a fim de facilitar a coleta de dados e a abordagem aos atores da pesquisa.

O lócus escolhido para a realização deste estudo foi uma pequena IES privada, com fins lucrativos, que opera há 20 anos no segmento educacional do Ensino Superior, na cidade do Recife, e na qual atuei no momento da pesquisa como docente. Dos critérios mencionados, certamente a acessibilidade (já que fui docente da instituição) e a aderência da diretoria da instituição ao projeto facilitaram a realização da pesquisa de campo e me possibilitaram saber que no curso de Administração existiam pessoas que se enquadravam no tipo de sujeitos de minha pesquisa.

Após a escolha da instituição, uma série de cuidados metodológicos foram tomados (os quais serão descritos nos subtópicos seguintes). Precisei ainda definir qual o recorte que a pesquisa teria, já que a temática sobre as diferenças e a categoria orientação sexual já estavam previamente estabelecidas. Sendo assim, optei intencionalmente por corte transversal centrado sobre a performance de discentes gays e bissexuais da graduação em Administração.

6.3 A coleta de dados: escutando o que os discentes têm a dizer

A entrevista foi escolhida como principal método de coleta de dados. Apontada como um dos recursos mais utilizados nas pesquisas qualitativas pela profundidade e detalhe das informações que pode proporcionar, a entrevista é ainda capaz de ser aperfeiçoada durante o processo de interlocução (COOPER; SCHINDLER, 2003), e pareceu ser o instrumento mais adequado à fase de coleta de dados do presente estudo.

Além disso, a entrevista representou importante instrumento pelo qual tive acesso às vozes e experiências que podem ter sido negligenciadas ou reprimidas, além de possibilitar importante contato com atitudes e valores dos atores da pesquisa (SILVERMAN, 2009). Por intermédio das entrevistas pude fazer aos entrevistados questionamentos relevantes à pesquisa, permitindo a ampliação de significação da temática de estudo e o aprofundamento sobre a realidade contextual dos discentes (FLICK, 2013), por meio dos quais busquei responder à pergunta de pesquisa proposta.

Conforme apresentado nos apêndices A e B, utilizei no presente estudo a entrevista do tipo semiestruturada, a partir de roteiro com perguntas destinadas a captar as percepções dos entrevistados sobre o tema pesquisado, podendo estes responderem de forma livre e extensiva — com base no que orienta Flick (2013). Direcionadas a aspectos relacionados à pergunta de pesquisa da tese e aos questionamentos norteadores do quadro 03, as questões do roteiro de

entrevistas foram: como o entrevistado descreveria sua orientação sexual; como lidava com sua orientação sexual no período escolar e no contexto do Ensino Superior; se percebia diferenças quando comparava seu comportamento dentro e fora do curso; se acreditava que outras diferenças poderiam estar relacionadas a questões de sua orientação sexual no contexto do curso de Administração; como descreveria o cotidiano e as relações dos LGBTs com os demais atores do curso; como descreveria o perfil do profissional de Administração que se busca formar no curso; como relacionaria o curso com as diferenças humanas nele existentes e se acreditava que a formação que está recebendo o(a) prepara para lidar com as diferenças humanas no contexto organizacional; o que sugeririam de novo ou complementar para o curso de Administração com relação as diferenças humanas; como enxergam a relação entre sua orientação sexual e seu exercício profissional como administrador(a).

Com intuito de aperfeiçoar o roteiro de entrevistas, bem como minimizar possíveis problemas na coleta de dados, realizei um ensaio da entrevista antes de iniciar efetivamente as entrevistas na IES selecionada para a investigação. A verificação e adequação do instrumento de coleta (roteiro de entrevista) buscava atenuar algumas dúvidas quanto a inserção no campo e se apresentou como "mecanismo que permite testar, avaliar, revisar e aprimorar as escolhas metodológicas que informarão a futura pesquisa" (BAILER; TOMITCH, 2011, p. 144), num movimento de aplicação, reflexão e reorganização.

A primeira entrevista foi realizada no final do mês de julho/2018, com 1 aluno gay do gênero masculino, estudante do 8º período de uma graduação em Administração. Nesta ocasião foi possível testar o roteiro de entrevista, a pertinência e clareza das perguntas, bem como ensaiar a dinâmica estabelecida na conversação com os discentes.

Esta primeira inserção no campo me possibilitou ajustar a linguagem das perguntas elaboradas, bem como a própria interação com os entrevistados, com o propósito de deixá-las mais claras e fluidas. Foi possível também averiguar a pertinência dos questionamentos realizados quanto à apreensão do que se estava perguntando para o entrevistado e à coleta dos dados necessários para a realização da pesquisa. Ademais, pude ter uma parcial noção de quanto tempo as entrevistas poderiam durar e como isso poderia impactar a finalização do estudo.

As entrevistas que de fato compuseram o *corpus* da pesquisa foram realizadas entre setembro e outubro de 2018. O período de provas da instituição em que a pesquisa se realizou atrasou o cronograma da realização das entrevistas porque a maioria dos estudantes selecionados para serem entrevistados se dispuseram a marcar uma conversa presencial apenas após a realização das avaliações (meados do mês de outubro).

O primeiro contato com o público alvo da pesquisa foi feito por meio de visitas a todas as salas de aula do curso de Administração da instituição. Neste primeiro contato, fiz uma breve explanação sobre a pesquisa e salientei o porquê de meu contato com os discentes, disponibilizei contato de *whatsapp* e de e-mail, e convidei aqueles que tivessem interesse e disponibilidade para participar da pesquisa por meio de contato inicial pelos meios cedidos.

A segunda forma de contato se deu por meio da coordenação de curso que encaminhou mensagem por mim elaborada aos representantes de turma, e estes reproduziram a chamada para participar da pesquisa nos seus respectivos grupos de *whatsapp* e nos e-mails das turmas de Administração.

O terceiro caminho encontrado para definir o *corpus* foi a partir de indicações dos entrevistados, semelhantemente à técnica *snowball* (bola de neve) (VINUTO, 2014). As indicações fortaleceram a pesquisa de campo pois, por meio das redes de contatos dos discentes que eram entrevistados, consegui chegar a outros discentes que não haviam me procurado após as duas primeiras tentativas de proximidade. Ao final de cada entrevista, compartilhei com os entrevistados sobre as dificuldades de acessar o público da pesquisa e, ao mesmo tempo, solicitei que caso conhecessem outros estudantes do curso de Administração que tivessem orientação sexual diferente da hegemônica (heterossexual) pedissem que entrassem em contato comigo para participar da pesquisa. Foi salientado ainda que este pedido deveria ser feito diretamente ao(s) discente(s), pois só poderia identificá-lo(s) caso me procurasse(m) e consentisse(m) com tal conversa.

As tentativas de busca a novos alunos para serem entrevistados cessaram quando não surgiram mais relatos inesperados ou novas informações durante o processo de pesquisa de campo, além de ter considerado nesse momento que o volume e a riqueza de informações já eram significativas para as análises e conclusões buscadas com a investigação, sinalizando aparente estágio de saturação dos dados até então coletados (MINAYO, 2010; PAIVA JÚNIOR et al., 2011).

Durante as diferentes tentativas de comunicação com os discentes, foi esclarecido que todas as informações disponibilizadas por eles teriam caráter confidencial, e que vossas identidades não seriam reveladas nem por aquilo que informassem por mensagem nem pelo que viessem a falar por meio das posteriores entrevistas.

Como forma de não expor os discentes, haja vista que parcela dos sujeitos que fariam parte da pesquisa poderiam não revelar publicamente sua orientação sexual, optei por realizar a convocação dos estudantes informando aspectos mais amplos da pesquisa (como: o fato de estudar o contexto do curso de Administração e a relação deste com as diferenças humanas

nele existentes). Ao realizar este breve prólogo da pesquisa exemplificava que as diferenças humanas poderiam ser enxergadas com base no gênero, na orientação sexual, na raça/etnia, na idade, na presença ou ausência de deficiência, entre outros aspectos. Tal estratégia utilizada nos primeiros contatos com o campo de pesquisa deveu-se à preocupação com o sigilo das informações passadas pelos estudantes e o receio de que a explicitação da diferença central do estudo (orientação sexual) pudesse afugentar possíveis respondentes que ocasionalmente ficassem intimidados em participar da pesquisa com receio de poderem ter sua orientação sexual exposta caso fossem identificados como não heterossexuais⁵.

Com base em informações disponibilizadas pela instituição pesquisada, havia no momento das coletas de dados 848 alunos matriculados no curso de Administração. Destes 66 alunos fizeram contato comigo (em sua grande maioria por *whatsapp*) estimulados por uma das 3 tentativas de contato estabelecidas. Foi solicitado a todos que respondessem um breve descritivo de perfil, contendo: curso, semestre cursado, idade, gênero, raça e orientação sexual. Com tais respostas, pude filtrar os discentes pelo recorte almejado pela pesquisa (orientação sexual), mais especificamente selecionando aqueles que não fossem heterossexuais para a segunda etapa da coleta: a realização das entrevistas.

Os contatos partiram de todos os 8 períodos do curso, com uma concentração maior de alunos próximos à conclusão da graduação, algo importante para pesquisa pois necessitava de falas situadas em diferentes momentos do curso, principalmente daqueles que estariam na chamada "reta final" e que teriam uma visão mais ampla da vivência na graduação.

Dos contatos realizados, 16 se enquadravam no perfil buscado pela pesquisa e desses 9 se declararam gays e 7 bissexuais. Outro ponto relevante quanto à orientação sexual (principal característica a ser problematizada pelas análises) foi que a maior concentração de respondentes com o perfil selecionado para as entrevistas do estudo foi de ingressantes (alunos que estavam começando o curso, no primeiro semestre) e de concluintes (alunos nos 3 últimos semestres da graduação), o que possibilitou à pesquisa acessar percepções de diferentes momentos dessa formação, em especial àqueles que tiveram mais vivências e, conseqüentemente, mais experiências atreladas ao curso para compartilhar.

Cabe aqui informar que, antes de realizar o recorte que a pesquisa possui, tinha interesse em investigar a relação do discurso de aluna transexual com o discurso do curso. No entanto, até o findar da coleta de dados não tive contato com a referida discente, fato que não

⁵ A expressão "não heterossexual(is)" será utilizada neste trabalho meramente como recurso linguístico e não como categoria. Não há a intenção de dicotomizar a orientação sexual em categorias binárias e opostas.

possibilitou incluir no escopo do estudo discussão sobre transexualidade no curso e me fez optar por centrar o recorte da pesquisa apenas sobre a orientação sexual.

Desde o início da pesquisa de campo, tinha pretensão em escutar estudantes que não estivessem dentro do padrão de orientação heterossexual vigente na sociedade e também sobre seu lugar no curso de Administração. A decisão por realizar o recorte da pesquisa em torno de alunos gays e bissexuais foi intencional, está relacionada ao retorno que tive na fase de inserção sobre o campo e ao contato com os discentes que se colocaram disponíveis para participar da pesquisa. Apesar de alguns dos entrevistados alegarem existir diversas discentes lésbicas no curso, as entrevistadas nesta pesquisa não se autodeclararam lésbicas.

Após iniciada a coleta de dados, convidei os alunos que se declararam gays ou bissexuais para uma conversa pessoal, na qual se deram as entrevistas. O intuito principal das entrevistas era coletar a percepção destes discentes sobre o curso de Administração a partir de sua orientação sexual e, a partir desse olhar, construir interpretativamente a realidade que os cerca por meio do que tivessem para falar.

Os sujeitos da pesquisa foram informados que a entrevista versaria sobre aspectos relacionados a sua orientação sexual. A maioria se demonstrou tranquila com a informação e disposta a falar sem receios. Alguns alunos, perceptivelmente, chegaram à entrevista um pouco receosos, mas foram se soltando ao longo da conversa. Duas das entrevistadas deixaram claro logo por mensagens de *whatsapp* que não eram "assumidas" e que não gostariam que sua orientação sexual fosse "descoberta" pelos colegas.

Antes do início de todas as entrevistas, ressalttei as preocupações éticas da pesquisa. Esclareci que o anonimato dos entrevistados seria mantido em sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, e que os dados informados seriam utilizados para a elaboração da tese, além de publicações e eventos de caráter científico. Informei ainda que os entrevistados estariam livres para se expressar da forma como achassem mais pertinente, que poderiam me questionar acerca de qualquer pergunta que não entendessem, não quisessem ou não soubessem responder.

A maioria das entrevistas foi realizada na própria instituição, em salas de aula que não tivessem fluxo de pessoas, na presença exclusiva do entrevistado e do entrevistador. As demais ocorreram em locais públicos, escolhidos em consenso com o(a) entrevistado(a) e conforme sua disponibilidade, a exemplo de praças e estabelecimentos comerciais.

Foi solicitada permissão aos entrevistados em todas as conversas presenciais para que o áudio da entrevista pudesse ser gravado. Não houve nenhuma objeção quanto ao pedido. As

gravações possibilitaram maior precisão quanto ao registro das falas dos sujeitos da pesquisa e, posteriormente, foram transcritas para depois serem analisadas.

Ao término das entrevistas, ainda como forma de manter o anonimato dos entrevistados, solicitei que cada discente escolhesse um nome próprio (diferente do seu) para que fosse usado no estudo caso sua fala fosse citada no texto.

Logo após, entreguei a cada entrevistado duas cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da presente pesquisa (que pode ser encontrado como Apêndice ao final da tese), os quais foram assinados e datados pelo discente entrevistado e por mim, na qualidade de entrevistador e autor do estudo.

A presente pesquisa, de caráter amplamente social, se construiu a partir da relação interpessoal e intersubjetiva entre o pesquisador e cada um dos pesquisados. Parto do princípio de que todas as análises e decorrentes compreensões sobre a performance dos discentes no curso de Administração foram fruto dessa relação. Busquei dar voz aos atores da pesquisa para que estes, a partir de seu saber-poder, pudessem me ajudar a compreender o contexto que estavam inseridos e o lugar que ocupavam. Essa compreensão se deu com o suporte da Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2016), utilizada como método de análise dos dados coletados, a qual discutirei na seção a seguir.

6.4 Análise Crítica do Discurso: dando forma à verbalização da subjetividade e da ação humana

O ponto de partida para começar a falar sobre discurso será a linguagem. Ela representa a realidade social, por meio da reprodução de determinados aspectos que a significam, a partir de diferentes vozes, pontos de vista e percepções em constante conflito. A linguagem não deve mais ser vista como um "sistema de signos ideologicamente neutros e instrumentais para comunicar e formular pensamentos", e sim deve ser encarada como um arcabouço de elementos linguísticos e extralinguísticos articulados pelo que podemos chamar de discurso. Dessa maneira, "o discurso é a linguagem como manifestação da ideologia, prática social que medeia o homem e sua realidade" (SOUZA; CARRIERI, 2014, p. 16).

As correntes que se destinam a analisar o discurso estão empenhadas em entender como a realidade é arquitetada por falas, textos e outros signos, constituindo-se importante fundamento teórico e metodológico para orientar "procedimentos de identificação, coleta e análise dos dados" (SOUZA; CARRIERI, 2014, p. 17).

A análise do discurso possibilita ao pesquisador interpretar práticas discursivas e como estas estão relacionadas aos fenômenos sociais. A análise não se restringe aos significados relacionados ao conteúdo, envolve as correlações com outros textos e discursos, como também abrange a forma como tais discursos são propagados, fabricados, recebidos e absorvidos (SOUZA; CARRIERI, 2014).

Com base em Faria (2001), Souza e Carrieri (2012, p.61) sugerem alguns procedimentos para se aplicar a análise do discurso, são eles:

a identificação de percursos semânticos, isto é, conjuntos mais amplos de sentidos que ordenam as ideias centrais dos enunciados; a identificação de estratégias de persuasão por parte do enunciador, por exemplo, a seleção do vocabulário, o silenciamento de temas e figuras, o emprego de personagens discursivas e a relação entre temas explícitos e implícitos; e as relações de convergência e de divergência estabelecidas entre os níveis intra e interdiscursivo.

Dentre as inúmeras possibilidades de análise de discurso existentes, busquei nas contribuições de Norman Fairclough (2016; 2012; 2003) o suporte que me possibilitou compreender as falas e o contexto de estudantes gays e bissexuais num curso de Administração.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) discutida por Fairclough (2016, p. 131) possibilita uma "forma de analisar a prática social à qual pertence o discurso em termos de relações de poder", identificando se estas "reproduzem, reestruturam ou desafiam as ordens do discurso existentes". Dessa forma, tal teoria e método foram utilizados nesta pesquisa como forma de compreender se as relações de poder originadas pela orientação sexual reproduzem, reestruturam ou desafiam a ordem de discurso hegemônica do curso de Administração e se induzem performances aos discentes gays e bissexuais do curso.

Antes de adentrar propriamente na ACD, cabe discutir sobre o que vem a ser discurso.

6.4.1 "Constituindo e construindo o mundo em significado": o que é discurso?

O discurso é uma forma de ação; um modo que as pessoas têm de agir sobre o mundo e sobre os demais indivíduos que estão nele; uma forma de representá-los e de significá-los. Segundo Fairclough (2016, p. 94-96), o discurso não é uma atividade de essência meramente individual, representa o uso da linguagem como forma de prática social. O autor apresenta que o discurso é socialmente constitutivo, contribui para a construção das identidades sociais, das posições do sujeito, para os tipos de 'eu', para a constituição das relações sociais entre as pessoas e para a construção de sistemas de conhecimento e de crença; o discurso tem função tanto identitária, quanto relacional e ideacional.

O discurso também está relacionado à composição das dimensões da estrutura social, que de maneira direta ou indireta também o moldam e o limitam — seja pela classe ou por outras relações sociais, por relações singulares em instituições específicas, por normas e convenções discursivas e não discursivas, ou ainda por sistemas de categorização.

Os discursos constroem, representam e refletem entidades e relações sociais. "Diferentes discursos constituem entidades-chave [...] de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais [...], e são esses efeitos sociais do discurso que são focalizados na análise do discurso" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 22). Diferentes discursos podem ainda combinar-se a condições sociais específicas na produção de um novo e intrincado discurso.

O discurso é uma construção ativa relacionada à realidade, constrói sentidos a ela e por meio destes a significa (FOUCAULT, 2008, 2009). Analisar o discurso não se refere a identificar objetos nas falas, e sim dá sentido a eles. Dessa forma, o discurso é utilizado de maneira ampla tanto na teoria quanto na análise social, referindo-se aos distintos modos de organização das áreas de conhecimento e da prática social (FAIRCLOUGH, 2016, p. 21-22).

6.4.2 A dialética relação e mútua influência entre o discurso e a estrutura social: a Análise Crítica do Discurso (ACD)

A análise do discurso busca fazer conexões exploratórias entre a origem dos processos discursivos em níveis específicos e a natureza das práticas sociais das quais fazem parte. Para tanto, é necessário identificar os recursos aos quais os sujeitos têm acesso — "estruturas sociais efetivamente interiorizadas, normas e convenções para a produção, a distribuição e o consumo de textos" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 113-114).

Os intérpretes na maior parte das vezes adotam um sentido particular, ou um restrito conjunto de sentidos alternativos, para realizar suas interpretações. Na presente pesquisa, como mencionado anteriormente, a análise será realizada inicialmente sobre textos decorrentes da fala de estudantes gays e bissexuais do curso de Administração, com base nos questionamentos basilares da Teoria *Queer*, mais especificamente por intermédio de discussões acerca: da oposição às ideias de binarismo de gênero e da heteronormatividade compulsória; da noção de performatividade e das performances a ela relacionadas (direta, indireta ou subversivamente); da desconstrução da noção de normalidade e da crítica às normatizações sobre as identidades sociais.

A ACD não possui a análise dos textos e falas como um fim em si mesmo, expande sua interpretação ao momento e contexto social; é uma espécie de "análise social com foco no

contexto e momento do discurso" (MISOCZKY, 2005, p. 129). Podemos compreender como contexto a relação e interação do mundo físico, social e organizacional com o texto que, em decorrência, cria o discurso (GODOI, 2006). Sendo assim, o contexto e momento histórico possuem importância essencial para a ACD (SANTOS et al., 2015).

Além do exposto, pode-se perceber certo engajamento social da ACD, caracterizado por Van Dijk (2003) por "solidariedade com os oprimidos", pelo fato de centrar-se sobre os problemas sociais e na produção e reprodução dos abusos de poder e dos processos de dominação. Santos et al. (2015) apresentam que a ACD possui características que a aproxima do solo epistemológico pós-moderno, evidenciando: o compromisso social do pesquisador com o fazer científico; a importância dada ao saber comum, que pode ser utilizado para o fazer ciência; o questionamento às formas de redução da realidade; a rejeição à dicotomização.

Para Fairclough (2012, p. 307), a ACD é tanto um método quanto uma "perspectiva teórica sobre a língua", que oscila entre a ênfase na estrutura e a ênfase na ação. Para o autor, a ACD "preocupa-se particularmente com as mudanças radicais na vida social contemporânea, no papel que a semiose tem dentro dos processos de mudança e nas relações entre semiose e outros elementos sociais dentro da rede de práticas" (FAIRCLOUGH, 2012, p. 309). Podemos entender por semiose "todas as formas de construção de sentido – imagens, linguagem corporal e a própria língua", por meio das quais a vida social se constitui como uma rede inter-relacionada de práticas sociais de distintas espécies — econômicas, políticas, culturais, entre outras (FAIRCLOUGH, 2012, p. 308).

A ACD argumentada por Fairclough (2016), mais especificamente, caracteriza-se pela concepção tridimensional do discurso, que o considera ao mesmo tempo como um texto, uma prática discursiva e uma prática social. Ao analisarmos um texto estamos realizando uma "descrição", ao passo que a interpretação só se dá sobre a análise da prática discursiva e da análise da prática social da qual o discurso pertence.

O texto (enunciado) remete qualquer produto escrito ou falado — nesta pesquisa refere-se às falas (relatos) transcritas a partir das entrevistas que realizei com discentes de Administração. Em tal dimensão, cuida-se da análise linguística de textos. A análise textual pode ser organizada a partir de 4 dimensões: 1. o vocabulário, que trata da lexicalização das palavras individualmente; 2. a gramática, que se atem à combinação das palavras em orações e frases; 3. a coesão, que se refere a ligação entre orações e frases, bem como a forma como grupos de enunciados podem ser articulados; e 4. a estrutura textual, que versa sobre as propriedades organizativas dos textos (FAIRCLOUGH, 2016, p. 108). O tempo verbal e os

conectivos utilizados, as formas de uso, as pausas e as prioridades estabelecidas nos enunciados podem ser alvo de análise específica e evidenciar compreensões sobre as estruturas e as relações sociais.

A prática discursiva, por sua vez, refere-se "a convenções que naturalizam relações de poder, ideologias particulares e as próprias convenções" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 99), e está relacionada aos processos de produção, distribuição e consumo textual, bem como estes podem se articular como foco de luta.

A prática discursiva pode ser analisada a partir de elementos como: a força dos enunciados (promessas, pedidos, ameaças etc.); como os consumidores entendem o discurso, a partir da coerência dos textos; a partir da intertextualidade presente nos textos, tanto de forma manifesta quanto de forma constitutiva (FAIRCLOUGH, 2016; SANTOS et al., 2015).

Fairclough (2016) apresenta que a intertextualidade pode ser compreendida como uma propriedade heterogênea que os textos têm de possuírem fragmentos explícitos, implícitos ou mesclados de outros textos. A interpretação dos textos também é moldada por outros textos consumidos anteriormente pelo intérprete. A intertextualidade manifesta corresponde à constituição heterogênea de textos explicitamente por meio de outros textos, eles estão "manifestamente marcados ou sugeridos por traços na superfície do texto" (FAIRCLOUGH, 2012, p. 119). Já a intertextualidade constitutiva ou interdiscursividade diz respeito à articulação de tipos distintos de discurso e processos particulares de tradução que geram discurso híbrido, "por meio de uma combinação de elementos de ordens do discurso" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 158).

Enquanto prática social, o discurso é "influenciado pelas ideologias existentes no contexto, sendo capaz de representar hegemonias ideológicas, políticas, econômicas etc." (SANTOS et al, 2015, p. 61). Para Fairclough (2016), as ideologias podem ser tratadas como concepções do mundo que estão implícitas nas manifestações da vida individual e coletiva, e que direcionam as práticas discursivas, contribuindo para a produção, a reprodução e/ou a transformação das relações de dominação. Segundo o autor, as ideologias lutam constantemente pela hegemonia nos discursos, sendo esta concebida como "liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 127).

Fairclough (2016) chama atenção ainda para o fato de que, ao produzirem seus mundos, as práticas dos indivíduos são moldadas inconscientemente por estruturas sociais, relações de poder e pela própria natureza da prática social nas quais estão inseridos. Ao mesmo tempo, o autor nos adverte que tal prática social também tem resultados e efeitos

sobre as estruturas sociais, as relações sociais e as lutas sociais, podendo ser aberta para ser investida ideológica e politicamente.

Ante o exposto, discorri sobre a ACD faircloughiana com o intuito de mostrar que se trata de uma abordagem apropriada para tratar de questões relacionadas a elementos sociais dentro da rede de práticas sociais. A ACD foi utilizada nesta tese como forma de tratar os textos provenientes das entrevistas realizadas com discentes do curso de Administração, a fim de identificar, descrever e questionar práticas discursivas e práticas sociais presentes no âmbito desta graduação e como estas estão relacionadas com as performances de estudantes homo e bissexuais no curso.

Acredito ser importante ressaltar que tal análise apresenta-se pertinente no intuito de questionar discursos hegemônicos legitimados sobre as estruturas sociais, os quais sustentam relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2016), onde também podemos perceber a efetivação do trabalho ideológico (muitas vezes disfarçado e oculto) dessa hegemonia sobre o diferente.

A fim de facilitar a compreensão das análises realizadas neste estudo, sintetizo no quadro 04 a seguir outros conceitos da ACD de Fairclough (2016; 2012).

Quadro 04: Terminologias para realização da Análise Crítica do Discurso

Terminologias do método analítico	Breve compreensão
Coerência	Pode ser compreendida como uma propriedade da interpretação. Um texto coerente é aquele cujos episódios e frases estão relacionados de forma a atribuir sentido ao texto como um todo.
Semiose	"Inclui todas as formas de construção de sentido – imagens, linguagem corporal e a própria língua. Vemos a vida social como uma rede interconectada de práticas sociais de diversos tipos (econômicas, políticas, culturais, entre outras), todas com um elemento semiótico" (FAIRCLOUGH, 2012, p. 308).
Intertextualidade	Propriedade heterogênea que têm os textos de possuírem fragmentos explícitos, implícitos ou mesclados de outros textos. A interpretação dos textos também é moldada por outros textos consumidos anteriormente pelo intérprete.
Intertextualidade manifesta	Constituição heterogênea de textos explicitamente por meio de outros textos, eles estão "manifestamente marcados ou sugeridos por traços na superfície do texto" (FAIRCLOUGH, 2012, p. 119).

Terminologias do método analítico	Breve compreensão
Interdiscursividade ou Intertextualidade constitutiva	Articulação de tipos distintos de discurso e processos particulares de tradução que geram discurso híbrido, "por meio de uma combinação de elementos de ordens do discurso" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 158).
Ideologias	Concepção do mundo que está implícita nas manifestações da vida individual e coletiva.
Hegemonia	"Liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 127)
Pressuposição	"São proposições que são tomadas pelo(a) produtor(a) do texto como já estabelecidas ou dadas" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 161)
Negação	"Tipos especiais de pressuposição que também funcionam intertextualmente, incorporando outros textos comente para contestá-los ou rejeitá-los" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 163)
Ironia	Ecoa de um enunciado, no entanto, há uma disparidade entre o significado a que o interlocutor está dando voz e a função real de seu enunciado, que é expressar algum tipo de atitude negativa sobre seu enunciado ou sobre si. Depende da capacidade dos intérpretes de reconhecer que o significado do texto ecoado não é o significado que o(a) produtor(a) do texto quer atribuir.
Polidez	Conjunto de estratégias discursivas utilizadas por um dos interlocutores para reparar os atos de fala que possam de alguma forma ameaçar o falante ou algum dos interlocutores da conversação.
<i>Ethos</i>	"Características que vão em direção à constituição do 'eu' ou de identidades sociais", envolvendo o discurso, o corpo e as ligações em determinadas direções intertextuais de preferência a outras. Ex.: <i>ethos</i> familiar, <i>ethos</i> acadêmico, <i>ethos</i> do mundo da vida.
Conectivos	A atenção para coesão textual e estrutura frasal possibilitará identificar o tipo de argumentação usada e os padrões de racionalidade que pressupõe.
Referência	Alusão a uma parte anterior do texto.

Terminologias do método analítico	Breve compreensão
Significado das palavras	Os produtores das falas possuem uma infinidade de palavras e, associadamente, de significados que podem ser utilizadas para proferirem aquilo que desejam, as escolhas de tais palavras e o significado associado a elas podem constituir importante fonte de interpretação.
Reexpressão ou relexicalização	"Geração de novas palavras que são estabelecidas como alternativas às existentes, ou oposições a elas" (FARICLOUGH, 2016, p. 249). Funciona como uma ressignificação de um vocábulo a partir da intertextualidade.
Metáfora	"Estruturam o modo como pensamos e o modo como agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 250), de forma naturalizada. A escolha de uma metáfora em detrimento de outra está associada a maneira como o sujeito constrói sua realidade e também pode ser problematizada.

Fonte: Elaborado a partir de Fairclough (2016; 2012).

Os conceitos da ACD listados acima subsidiaram as análises dos textos coletados, possibilitando investigar a relação entre o sistema de normas heteronormativas (performatividade) e a estilização reiterada dos corpos discentes (performance). Por exemplo, as intertextualidades e semioses foram elementos importantes para visualizar as estruturas discursivas no contexto do curso, enquanto o reconhecimento de (in)coerências, pressuposições, negações, ironia, polidez e metáforas foram significativas para compreender os princípios normativos aos quais os sujeitos da pesquisa estavam submetidos.

A seguir, caracterizarei brevemente a instituição onde foi realizada a pesquisa.

6.5 IES selecionada

A IES selecionada para a realização do estudo possui como missão "transformar vidas, através da educação, com o objetivo de formar profissionais competentes e capazes de enfrentar um mundo em constante transformação, possibilitando o empreendedorismo e a acessibilidade à empregabilidade, tendo como pilares os valores humanos e a sustentabilidade"; e como visão "ser uma Instituição de Ensino Superior reconhecida pela excelência em educação" (INSTITUCIONAL, s.d.).

Em sua página na internet declara compromisso com o respeito à diversidade, aos direitos e à dignidade humana. Entre outros valores organizacionais informados pela IES estão a confiança:

na ética em todas as relações; [...] na inclusão social; no conhecimento como igualdade de oportunidades para todos; no ensino superior como meio de compreendermos e transformarmos positivamente nossa realidade; no reconhecimento por mérito; no consumo consciente e na preservação dos recursos naturais; numa atitude sustentável; a conquista de um Brasil mais justo e solidário, através da educação; na nossa cultura e na valorização de suas manifestações; nas relações humanas; nas relações familiares; na criatividade como impulsionadora das realizações pessoais e profissionais; na vida, no amor e em Deus como diretrizes para a perfeição da existência (INSTITUCIONAL, s.d.).

Vale salientar ainda que a IES é uma instituição que possui valores religiosos, mais especificamente cristãos. A influência cristã é percebida não só pelo seu nome, como também por meio de alguns eventos e grupos com fins religiosos, como a realização de missas comemorativas, a existência de pastoral e ações de caridade, entre outros.

Em 2018, a Faculdade possuía 117 funcionários — divididos nas funções de: diretor-presidente (1), coordenador geral (1), coordenadores de curso (3), coordenador acadêmico (1), professores (49), secretário geral (1), bibliotecário (1), serviços gerais (7), portaria (6), funcionários administrativos (21) e estagiários (26) — e 1755 alunos, dos quais 848 estavam matriculados no curso de Administração. E foi justamente sobre os discentes de Administração que a investigação se desenvolveu.

6.6 Quem são eles? Quem são elas? Conhecendo um pouco do perfil dos entrevistados

Conforme já descrito anteriormente, entrevistei durante a pesquisa de campo 16 estudantes do curso de Administração. Com o intuito de apresentar os atores da pesquisa e facilitar a identificação dos discursos posteriormente analisados, organizei no quadro 05 abaixo uma breve descrição relacionando o nome escolhido por cada sujeito da pesquisa para representá-lo neste estudo, o gênero e a orientação sexual por eles declaradas, a identificação da forma como lidam com a orientação sexual no contexto do curso no qual são discentes, sua idade e o semestre que se encontram na graduação em Administração.

Quadro 05: Descritivo dos(as) Entrevistados(as)

DISCENTES ENTREVISTADOS(AS) Nome fictício escolhido pelo(a) entrevistado(a)	GÊNERO	ORIENTAÇÃO SEXUAL	COMO APRESENTA SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL NO CURSO	IDADE (anos)	SEMESTRE CURSADO/ TURNO	RAÇA/COR
Ana	Feminino	Bissexual	Não assumida	28	6º/Noite	Branca
Bruna	Feminino	Bissexual	Assumida	20	2º/Manhã	Parda
Caio	Masculino	Homossexual	Assumido	26	1º/Noite	Negra
Carlos	Masculino	Homossexual	Assumido	25	6º/Manhã	Parda
César	Masculino	Homossexual	Assumido	23	8º/Noite	Negra
Eduardo	Masculino	Homossexual	Reservado	31	6º/Manhã	Parda
Evaristo	Masculino	Bissexual	Reservado	25	8º/Noite	Branca
Felipe	Masculino	Homossexual	Reservado	25	7º/Noite	Branca
Isadora	Feminino	Bissexual	Reservada	19	4º/Noite	Parda
José	Masculino	Homossexual	Assumido	25	3º/Noite	Branca
Júnior	Masculino	Bissexual	Assumido	22	8º/Manhã	Branca
Lorenzo	Masculino	Homossexual	Assumido	29	1º/Noite	Parda
Marcelo	Masculino	Bissexual	Não assumido	18	1º/Manhã	Parda
Maria	Feminino	Bissexual	Assumida	23	1º/Noite	Branca
Miguel	Masculino	Homossexual	Assumido	23	2º/Noite	Negra
Rafael	Masculino	Homossexual	Reservado	24	7º/Manhã	Amarelo

Elaborado por mim (2018).

A seguir, descrevo cada entrevistado a partir de características que utilizaram em seus textos fazendo referência a si e a maneira como identificam sua orientação sexual.

Ana é casada, tem filhos e se autodeclara bissexual, mas revela que apesar de ter tido experiências com mulheres nunca se assumiu publicamente, apenas pessoas muito íntimas sabem de sua orientação sexual. Percebe que as pessoas acreditam que ela é heterossexual pelo fato de "agir" como uma heterossexual. Se descreve como uma pessoa reservada, que não faz muitas amizades, e que a maioria das poucas amigas que tem são evangélicas. Sente que suas amizades e o fato de estar numa união civil a oprime de falar sobre o assunto, e que se sente constrangida em tocar no tema com outras pessoas.

Bruna se compreende como bissexual. Diz que no começo foi bastante difícil lidar com tal constatação e que isso atrapalhou seu processo de aceitação. Conta que só se assumiu depois que entrou na faculdade e que hoje lida de forma "relax e leve" com sua orientação. Compartilha que sente certa pressão social pelo fato de ser bi, pois a sociedade questiona o fato de "não saber se gosta de homem ou se gosta de mulher".

Caio se autodeclara homem cisgênero e gay. Diz que é bem resolvido com relação a sua orientação sexual, principalmente porque atualmente tem o apoio dos pais, pois a não aceitação de sua família seria um grande transtorno para si. Revela que até o momento nunca sofreu homofobia.

Carlos alega lidar tranquilamente com sua homossexualidade. Fala que inicialmente foi tenso assumir-se pelo fato de sua família ser quase toda evangélica, e de achar que ele faria uma cirurgia de mudança de sexo quando o descobriam gay. No entanto, hoje diz que "um respeita o espaço de cada um" e que convivem em harmonia na mesma casa.

César se autodeclara homossexual e diz que lida "normalmente" com sua orientação sexual desde que conseguiu se "inserir no mundo" como ele é. Relata que antes não se aceitava, achando que ser gay era algo errado por causa da grande quantidade de informações e adjetivações pejorativas atribuídas à homossexualidade. Chegou a tomar remédio porque foi colocado para fora de casa por seus pais, motivados pela não aceitação a sua orientação sexual. O aluno manifesta ainda acreditar que o preconceito com sua homossexualidade é acentuado pelo fato de ser negro e de religião de matriz afrodescendente.

Eduardo se autodeclara homossexual, e diz que pra ele ser gay é normal. Se descreve como alguém reservado, que gosta de preservar sua vida e imagem. Diz que antes tinha medo de vivenciar sua sexualidade de forma plena, mas que agora se sente mais tranquilo e solto. É assumido para a família, para amigos e no trabalho, mas não são todas as pessoas de seu convívio que sabem de sua orientação sexual, principalmente na sala de aula.

Evaristo se descreve como bissexual, apesar de "ser voltado mais para o lado masculino" (se sentir mais atraído por homens do que por mulheres). Relata que só conseguiu se identificar melhor com sua sexualidade após acompanhamento psicológico. Fala que é difícil lidar com sua sexualidade, mas que não vê problemas em lidar com as diferenças de orientação sexual das demais pessoas, atribui tal constatação sobre a dificuldade de autoaceitação por conta de questões religiosas, não por questões sociais. É católico praticante. Apesar da preferência por homens, ainda se relaciona esporadicamente com mulheres.

Felipe se autodeclara gay. Diz que apenas seus amigos sabem. Não expõe sua sexualidade no ambiente familiar, de trabalho, nem na faculdade, mas acredita que devem desconfiar pelo seu jeito calado e porque nunca apareceu com namorada e nem fala de mulher. Se diz tranquilo com sua orientação sexual e que não precisa se esconder por causa dela. "Se alguém quiser saber, pergunta!". Prefere ficar calado do que escutar "piadinhas" e ter que lidar com essa "situação chata".

Isadora "acha que se enquadra" na categoria bissexual. Atualmente namora um homem, mas já teve relações com mulheres, as quais sentia atração. Alega que lida tranquilamente com sua orientação sexual e que seu namorado, irmã e amigos sabem dela. Conta que apenas seus pais não têm conhecimento.

José descreve-se como homossexual. Fala que a "descoberta" ocorreu há cerca de 2 anos, mas conta que as pessoas especulavam sobre sua orientação sexual por conta do seu "jeito". Acredita que demorou a se perceber gay pelo fato de sua família ser evangélica; tinha receio de não ser aceito pela família e pelos amigos. Diz que hoje lida bem com sua orientação sexual e apesar de alguns entes de sua família não lidarem bem com a situação, se sente seguro com eles.

Júnior se autodefine bissexual, diz sentir desejo tanto por homens como por mulheres, sem preferência por um gênero em específico. Diz que não foi fácil se assumir porque nasceu num "lar evangélico", mas quando isso ocorreu se assumiu como gay porque acredita que seria mais fácil as pessoas o compreenderem como gay do que como bissexual, pelo fato de ser "afeminado"⁶. Confessa que até hoje é julgado e desacreditado pelas pessoas, pois não concebem um homem com traços femininos se interessando por mulheres.

Lorenzo diz que sua orientação sexual é "um detalhe" e que as vezes se esquece que a sexualidade alheia incomoda as pessoas. Se autodeclara gay, e diz que sua orientação sexual nunca o impediu de "querer fazer nada". Ao mesmo tempo, fala que algumas pessoas da família não concordam com esta característica, e se pudessem não conviveriam com um homossexual, isso faz com que em algumas ocasiões tenha que "se policiar" no contexto familiar. O aluno trabalha com produção de eventos voltados ao público LGBT. Está no terceiro curso superior, é formado em design de moda e cursou até o 4º período de publicidade, além de ter especialização em visual merchandising.

Marcelo se autodeclara bissexual. Alega que não lida com sua orientação sexual de "um jeito mau", que a enxerga como "algo normal" e que acredita não precisar se assumir. Não fala publicamente sobre sua orientação sexual, pois não se sente muito à vontade para isso, atribuindo tal não manifestação a sua timidez. Acredita que as pessoas têm maior preconceito com os bissexuais — principalmente o meio LGBT —, porque os "bis" não sentem atração apenas por um gênero.

Maria conta que ficava com meninos no período de escola por obrigação, e que começou a entender mais sobre sua sexualidade quando começou a namorar uma menina. Diz

⁶ Adjetivação fruto de lógica binária utilizada para denotar performance comportamental que tenha características usualmente atreladas ao gênero feminino em pessoa de gênero masculino.

que sua preferência é por mulheres, no entanto, também fica com homens, o que a faz se intitular como bissexual. Hoje fala abertamente sobre sua orientação sexual, mas inicialmente tinha um pouco de receio em lidar com ela, pois veio de uma cidade pequena de quase 38 mil habitantes no interior do Estado de Pernambuco. Maria está em sua segunda graduação, cursou Serviço Social anteriormente numa instituição pública.

Miguel se declara abertamente gay. Diz que tenta lidar com sua orientação sexual da melhor forma possível, apesar dos diversos "empecilhos" vindos da sociedade e da família, que já o fez se sentir mal quando souberam que era homossexual. Declara que procura relevar as piadas e outras demonstrações de não aceitação para não se magoar e não arrumar confusão.

Rafael se autodeclara gay. Diz que logo quando se percebeu gay não via a situação como algo natural e não lidou bem com ela por causa da não aceitação da família e da sociedade de maneira geral, chegando a perder um ano de estudo no Ensino Médio por *bullying*. No entanto, alega que hoje trata sua orientação sexual de maneira mais fácil, "se identifica bem", não enxerga mais problema e se aceita.

Apresentados os atores da pesquisa, descreverei e analisarei a seguir os depoimentos coletados sobre: como os entrevistados lidam com sua orientação sexual, a presença de intertextualidades nas falas, como enxergam o *ethos* do Ensino Superior, suas performances no curso, as semioses observadas nos relatos, como percebem outros LGBTs na graduação, como se estabelecem os relacionamentos na prática social da Administração, as brincadeiras e piadas direcionadas aos entrevistados, a percepção que têm acerca do curso, e o imaginário construído sobre o perfil do(a) profissional de Administração.

7 O curso de Administração a partir dos relatos discentes

Como já abordei em seção anterior, a presente pesquisa trata-se de investigação sobre o curso de Administração, notadamente sobre as implicações do discurso normalizador nesta graduação sobre as performances de estudantes gays e bissexuais que nele se encontram. Após a realização das 16 entrevistas, foi necessário procurar modos de articular coerentemente os diversos elementos presentes nos textos coletados e transcritos (FAIRCLOUGH, 2016). Tal busca não se deu de forma fácil e rápida, pois os dados pareciam apontar para diversos caminhos possíveis e para distintos aspectos do cotidiano discente e do contexto do curso que se relacionariam de maneiras direta e indireta com a performatividade na graduação e, conseqüentemente, com a performance dos alunos.

Como autor e intérprete das falas dos atores da pesquisa, não pude também abster de me enxergar como um sujeito social, com experiências sociais particulares acumuladas (inclusive na própria graduação de Administração, tanto como aluno quanto como docente) e com recursos orientados variavelmente para as múltiplas dimensões desta realidade social, variáveis estas que certamente estão relacionadas com o modo como interpretei os textos dos entrevistados. Como já dizia Fairclough (2016, p. 256), "os analistas não estão acima da prática social que analisam, estão dentro dela".

Durante a interpretação do contexto da graduação de Administração na IES estudada, foi necessário atentar-me para o efeito que a orientação sexual pudesse ter sobre a percepção dos discentes sobre a produção de seus textos (falas). Segundo Fairclough (2016, p. 117), "o efeito do contexto de situação sobre a interpretação textual (e produção textual) depende da leitura da situação". Em algumas entrevistas, a investigação dos princípios interpretativos utilizados por alguns dos entrevistados foi fundamental para entender o investimento político e ideológico de certos discursos, como também preconceitos e estigmas por vezes internalizados e ocultos nas falas de alunos não heterossexuais.

A produção e a interpretação dos dados coletados na pesquisa foram parcialmente descendentes — tomando-se por base alguns dos pilares da teoria *queer*, como a problematização da normalidade e a heteronormatividade — e parcialmente ascendentes — por meio de significados atribuídos às frases, a textos ou a episódios de falas que pudessem ser interpretadas por meio de uma coerente conexão entre eles.

Com o suporte da análise crítica do discurso, as interpretações que inferi a partir dos textos das entrevistas também me possibilitaram "analisar a prática social à qual pertence o discurso em termos de relações de poder", identificando se estas "reproduzem, reestruturam ou desafiam as ordens do discurso existentes" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 131). Dessa forma, os direcionamentos concedidos por Fairclough (2016) foram utilizados nesta pesquisa como forma de compreender se as relações de poder originadas pela orientação sexual reproduzem, reestruturam ou desafiam a ordem de discurso hegemônica no curso de Administração e se induzem performances aos discentes gays e bissexuais do curso.

Vale salientar que o emprego de aspas foi extensamente adotado para indicar a utilização explícita de recortes dos textos coletados, a fim de reproduzir por meio de discurso direto as falas dos entrevistados, preservando seus aspectos gramaticais e sua organização discursiva.

A agenda de tópicos presente no roteiro das entrevistas foi planejada buscando compreender a percepção dos alunos sobre a relação de sua orientação sexual com o curso de Administração e sobre como o discurso deste está relacionado a suas performances neste contexto. Os tópicos que conduziram as entrevistas versaram sobre: a forma como os discentes descreviam sua orientação sexual; a forma como lidavam com a orientação sexual no período escolar e no contexto do Ensino Superior; se percebiam diferenças quanto ao seu comportamento no curso; como enxergavam outros LGBTs no curso; a descrição sobre as relações estabelecidas com o corpo discente e com o corpo docente; como percebiam o perfil de profissional que o curso de Administração visa formar; se observavam relação entre a formação concedida pelo curso de Administração e as diferenças humanas no contexto organizacional (entre elas as de orientação sexual); se sentiam-se preparados(as) para lidar com as diferenças humanas presentes no mercado de trabalho; além de quais sugestões apresentariam para o curso.

Os tópicos que compuseram o roteiro de entrevistas tornaram-se, posteriormente, as temáticas que direcionaram as análises do material coletado. No entanto, estes não foram os únicos temas selecionados para analisar os textos falados, alguns tópicos emergiram das interações no campo, sendo evidenciados a partir dos relatos e informações trazidas e apontadas como relevantes pelos discentes. Algumas das revelações do campo estiveram relacionadas a: interdiscursos sobre família, religião e escola relacionados à orientação sexual, sátiras direcionadas às diferenças de orientação sexual, preconceito e discriminação presentes nas relações da graduação, além de percepções e estereótipos sobre o curso.

Os tópicos descritos acima serão descritos e analisados a seguir.

7.1 Como lidam com sua orientação sexual

O início da coleta de dados foi realizado com o intuito de compreender como os entrevistados identificavam suas respectivas orientações sexuais. Quando perguntados sobre como descreveriam sua orientação sexual, alguns estudantes foram mais detalhistas e valeram-se de intertextos para explicar como se relacionam com a orientação sexual a qual se identificam, outros foram mais comedidos e sucintos.

"Eu descreveria [minha orientação sexual] como um detalhe. Eu sempre falo que as vezes eu esqueço que isso é uma coisa [...] que incomoda as pessoas, na verdade. Elas que sempre me lembram. Porque isso é uma coisa que para mim nunca teve problema, nunca me impediu de querer fazer nada, [...] é uma coisa que incomoda mais aos outros do que a mim. Então eu não vejo problema não. Não é uma coisa que me limita a fazer o que eu quero [...]. Eu sou homossexual. E eu lido com ela... Claro, da melhor forma." (Lorenzo)

"Eu sou gay, é, no caso homossexual, e cis. [...] Lido de maneira tranquila. Eu sou bem resolvido com relação a isso, porque agora eu tenho apoio de ambos os pais. Eu contei primeiro a minha mãe e o meu pai veio saber a pouco mais de 2 anos. Sabe "assim" [faz sinal de aspas com as mãos]... porque lá no fundo mãe e pai sempre sabem". (Caio)

"Eu me descreveria bissexual, apesar de ser voltado mais pra o lado masculino, eu sinto mais atração por homens, mas eu ainda fico com mulheres. Eu digo ser bi porque já tirei até essa dúvida com psicólogo, então eu fiz muita terapia, entendesse? Então, foi aí que eu consegui identificar a minha sexualidade". (Evaristo)

"Eu me considero bissexual, porém eu tenho mais atração por mulheres. Por exemplo, eu já fiquei com alguns meninos depois de estar aqui, está na cidade de Recife e tal. Mas a minha preferência é mulher, por isso que me identifico como bissexual". (Maria)

"Eu me descrevo como homossexual. Na verdade, a descoberta, vamos dizer assim, aconteceu há alguns anos atrás. Não tanto tempo, só que pra que tenha ocorrido algo, que eu tenha percebido que era isso que eu era, e não o que as pessoas queriam que eu fosse, foi na transição de 2016 até hoje. [...] Eu sempre tive uma diferença, eu sempre fui diferente, eu sempre me senti diferente dentro da escola, tanto desde criança até no caso me transformar em adolescente e passar pela transição todinha de criança até juventude. Mas quando eu era criança eu sempre tive um jeito diferenciado, sempre me senti estranho, porque do mesmo jeito que eu olhava para as meninas eu olhava para os meninos. Eu me sentia diferente, porque sempre teve aquele negócio, porque a gente é criado no preconceito em si, pelo fato de um homem não poder achar outro homem bonito, aí se você achar você já é gay, alguma coisa do tipo. [...] Quando era criança eu me incomodava quando alguém implicava comigo, porque geralmente criança gosta de insultar o outro, criança chamando de bicha porque é mais fácil de brincar né, para tirar onda com a outra criança. E eu sempre me incomodava, sempre me incomodei com a questão, no caso dos outros amiguinhos né, quando eu era criança,

que me chamavam ou de bicha ou de alguma outra palavra para no caso transformar aquilo como insulto. [...] Como vamos dizer, eu não queria ser, então eu fazia de tudo para ninguém me chamar desse jeito, e eu me incomodava só não sabia o porquê, era um incômodo tão ruim pra época. Hoje em dia pode me chamar que eu nem ligo, vai entrar por um ouvido e sair pelo outro". (José)

Os relatos acima descrevem de maneiras diversas as experiências dos discentes, como estas estão relacionadas às identificações com a orientação sexual, e os singulares caminhos percorridos até esta identificação. Ademais, pude discernir aqueles que lidavam de maneira aberta, discreta ou velada com a orientação.

Percebi ao longo das entrevistas uma tensão maior em falar acerca de sua sexualidade por parte daqueles alunos que não eram assumidos. A tensão pode ser notada pela dificuldade de construção de suas ideias para as perguntas que eram feitas, pelo friccionar de mãos ao falar e/ou pelas sucessivas pausas e quebras de raciocínio ao se expressarem, como pode ser visto na fala de Marcelo a seguir:

"Diariamente eu lido de um jeito normal. Principalmente com outras pessoas, eu nunca gostei... assim, publicamente, de falar sobre isso, entendeu? De dizer: 'ah, sou bissexual', entendeu? [...] é porque eu não me sinto muito bem à vontade. [...] Eu não vejo o porquê de falar [...]. Eu acredito que é mais por causa da minha timidez, entendeu? De... é... de falar sobre esse assunto. Eu sinto uma dificuldade em relação a isso" (Marcelo).

A influência das normas sociais que nomeiam, regulam e induzem comportamentos performativos, pode ser evidenciada a partir da fala de Ana abaixo:

"Eu sou bissexual, já tive algumas experiências, mas não assumi ainda. Não assumi, até porque, eu sou casada, tenho filhos. Tem todo um contexto que oprime, é... eu me abrio assim, contar, falar sobre isso" (Ana).

Foi possível constatar que o silenciamento de Ana a respeito de sua orientação sexual está relacionado à pressão exercida por aparatos discursivos que emanam do poder hegemônico continuado — que compelem os corpos ao exercício da heterossexualidade —, os quais, por sua vez, restringem-na de manifestar sua bissexualidade, oprimem-na de ser quem é, e demandam dela performances do que se espera de uma mulher "casada e com filhos": postura e comportamento heterossexual.

Foi possível identificar nos textos a característica de fluidez (COHEN, 1997; SULLIVAN, 2003) e as "múltiplas posições instáveis" destinadas à identidade (FILAX et al., 2015, p. 132), principalmente quando discentes bissexuais descreviam sua orientação sexual:

"Sou bissexual. Eu lido da forma mais leve possível, porque é tanta coisa assim, a pressão tão grande, que você não é isso, você não sabe se você é isso ou se você é aquilo. É o que a sociedade hoje em dia dá. Eu lido de forma relax, eu sou bem leve [...]. Hoje em dia eu estou com um relacionamento com homem, mas logo no passado eu estava me relacionando com uma menina daqui [da faculdade]". (Bruna)

"Eu acho, no caso, que me enquadro na bissexualidade, pelo fato de já ter tido relações com mulheres, entendeu? E assim, mas atualmente, como eu falei para o senhor, eu namoro um homem. Mas, já tive relações com mulheres, e assim, das quais tive atração por elas [...]. Para mim é bem tranquilo, não tenho nada de mais não. Tanto é que meu namorado também já sabe". (Isadora)

"Eu me apaixono por pessoas, eu tenho um rótulo bissexual, mas eu não, talvez futuramente se eu me apaixonar por alguém que fuja desse, dessa coisa homem ou mulher, não tem problema nenhum. Mas hoje eu me defino bissexual, homem e mulher, que tem esse rótulo. Que hoje em dia fala muito em polisssexualidade, que não é bissexual, é uma coisa a mais. Mas hoje eu me defino bissexual, me apaixono e sinto desejo por homens e mulheres, igualmente, não tenho um tipo... prefiro esse ou prefiro esse não. Dependendo do momento, da pessoa". (Júnior)

A partir dos termos proferidos por alguns discentes em seus textos e da comparação com outros textos de outros entrevistados, pude perceber que há um desnível de compreensão sobre sexualidade e, conseqüentemente, sobre orientação sexual entre os atores da pesquisa. Nos trechos citados acima, enxergo uma maior segurança e apropriação do discente Júnior para falar sobre orientação sexual em comparação, por exemplo, à estudante Isadora. Juntamente a esta constatação, o nível de compreensão sobre a temática que estudo nesta pesquisa também reflete por parte de cada estudante seu posicionamento político e ideológico diante das diferenças de orientação sexual.

Percebi também uma recorrente utilização do termo "normal" nas exposições dos entrevistados — percepção esta que voltará a ser apontada e discutida em outras seções desta análise —, denotando que a noção de normalidade⁷/anormalidade ainda é bastante presente no imaginário dos discentes entrevistados.

"Eu não lido de um jeito mal, porque eu ainda não, assim, é... eu não preciso é... no meu caso me assumir... é... dizer que eu sou bissexual, entendeu? Porque, assim, a sociedade impõe isso né?! [...] Eu vejo isso como algo normal, no meu caso, entendeu? eu não vejo isso como uma...é... [risos] tá difícil". (Marcelo)

⁷ A noção de normalidade corresponde ao sutil processo pelo qual o poder se manifesta sobre as identidades e as diferenças, elegendo autoritariamente uma particular identidade como parâmetro a partir do qual as demais sejam avaliadas e hierarquizadas, a ponto de deslegitimar e/ou silenciar outras construções identitárias que se distanciem da concepção hegemônica (SILVA, 2014), podendo ainda dispor sobre estas a alcunha de anormalidade.

Algumas vezes, os entrevistados tenderam a realizar comparações com o ser heterossexual. O padrão hegemônico, legitimado socialmente, parece exercer influência sobre a construção de seus discursos. E a dissonância constatada a partir da comparação com o aparato ideológico heterossexual parece servir de gancho para que encontrem seu lugar e se posicionem, mesmo que esta posição desafie a normatividade vigente.

"Eu sou homossexual, e hoje eu lido com ela [orientação sexual] normalmente. A partir do momento que eu consegui me compreender como homossexual e consegui me inserir no "mundo" né, eu consegui conviver com isso normalmente, como se eu fosse um heterossexual, como seria normal para as pessoas. Só que isso para mim hoje é algo normal [...], algo que não seja... que não chegue a ser apontado como algo ruim". (César)

Já no primeiro questionamento levantado aos entrevistados, foi possível identificar pontos de tensão quando falavam de como é ter uma orientação sexual diferente da hegemônica (heterossexual).

"Eu sou gay, abertamente. Eu tento lidar com ela [orientação sexual] da melhor forma possível, porque apesar de todos os empecilhos que acontecem na sociedade, em termos de família, algumas pessoas próximas, eu tento levar isso da melhor maneira possível pra que eu não procure me estressar mais com uma coisa que já me fez tão mal. Que foi a descoberta, a aceitação, a família. Então eu procuro sempre levar da melhor forma. Se for uma piada ou alguma coisa eu procuro relevar, nunca vou mais a fundo para tentar arrumar confusão". (Miguel)

"Gay. E assim, na minha vida acho que só meus amigos sabem em relação a minha sexualidade. Mas no trabalho ninguém, no meu atual trabalho ninguém sabe. Na família também ninguém sabe, acho que devem desconfiar, [...] por causa do meu jeito eu acho, não sei explicar também, eu nunca apareci com namorada também, coisa do tipo [...], mas sou bem tranquilo em relação a isso, não tenho porque me esconder não. Se alguém quiser saber, pergunta. [...] No trabalho eu não falo de mulher nem nada, sou mais reservado, então alguém pode desconfiar. [...] Meu receio é mais preconceito eu acho, escutar piadinha dos outros, aí eu prefiro ficar calado do que lidar com situação chata". (Felipe)

Na fala de Felipe, mais especificamente, é possível notar que os valores e padrões morais decorrentes da heteronormatividade atuam como forças restritivas e segregadoras. O silenciamento pode simbolizar uma adequação à ordem simbólica vigente, que na busca de reconhecimento e de espaço no ordenamento social, impossibilita a vivência plena de sua sexualidade em esferas como a familiar e do trabalho.

Com relação a outros círculos de convívio que não o da Educação Superior — lócus desta pesquisa —, identifiquei nas entrevistas a recorrente presença de enunciados

intertextuais que remetiam aos *ethos* familiar, religioso e escolar. Na subseção a seguir, discutirei como tais *ethos* foram associados pelos discentes a suas respectivas orientações sexuais.

7.2 Intertextualidades: a família, a religião e a escola

Durante as entrevistas, ao serem questionados sobre sua orientação sexual e a maneira como lidavam com ela dentro e fora do contexto da Educação Superior, os discentes trouxeram, por diversas vezes, elementos de outros textos, seja para ajudar a responder os questionamentos por mim feitos, para reacentuar alguma observação ou retrabalhar argumentos. Segundo Fairclough (2016), tal recurso pode ser chamado de intertextualidade — podendo ser manifesta (explícita) ou constitutiva (implícita ou mesclada de outros textos).

Ao longo da coleta de dados, pude perceber que intertextos — provenientes principalmente dos contextos familiar, religioso e escolar — têm importantes implicações sobre a autoidentificação dos sujeitos da pesquisa, como também sobre a prática discursiva no contexto do Ensino Superior e sobre os processos de constituição e reconstituição dos grupos e da interação discente.

No tocante ao ***ethos familiar***, mesmo não questionados diretamente, uma parte significativa dos entrevistados fez referência em seus enunciados a aspectos de como a família lida com a orientação sexual que se identifica.

"Até o momento eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito em relação a minha sexualidade, a orientação no caso, nunca passei por homofobia no caso. E minha família aceita de boa, eu acho que esse seria o maior transtorno, pelo menos para mim". (Caio)

"Eu sou bissexual e no caso a sociedade vem e fica perguntando: "tu não sabe se gosta de homem ou se gosta de mulher... uma hora tu está com homem, uma hora está com mulher". Então isso é uma pressão muito forte, principalmente pelo lado familiar". (Bruna)

Alguns discentes explicam que apesar de um convívio conturbado no passado, ao longo do tempo a aceitação veio e o convívio familiar atual se encontra mais harmônico.

"Eles [pais] perceberam que eu não mudei a princípio nada, continuei sendo a pessoa chata, insuportável de sempre, entendeu?! Então foi tranquilo, foi um clima tenso, mas hoje em dia cada um respeita o espaço de cada um, eu respeito o espaço deles e eles respeitam o meu, e convivemos muito tranquilo dentro de casa. [...] Acredito que veio a partir de muito respeito de ambas as partes. Então, mesmo com minha família sendo cristã, meus familiares também sendo cristãos, me respeitam muito bem, eu não vejo diferença nenhuma entre o tratamento para comigo". (Carlos)

"No começo foi um pouco difícil me aceitar né, até porque pelo meio em que vivia... Porque vim do interior, cidade pequena, quase 38 mil habitantes. Então, lá não tinha casos... claro que tinha, todo canto tem, sempre houve. Porém, no caso, mais fechado. Que, por exemplo, a minha mãe não falava a palavra "sapatão" na minha frente. Nunca falou isso. Ela falava assim, "aquele negócio feio e tal", mas nunca chegou a falar abertamente. Então eu nem sabia o que significava isso [...]. Comecei a namorar uma garota e foi o momento mais de alívio da minha vida, porque eu consegui conversar com a minha mãe sobre o assunto e foi super muito tranquilo. O que eu não espero... na verdade, hoje minha mãe é a base assim para tudo, em relação a esse assunto é o que me dá força no momento tão difícil como esse de continuar, depois de tudo tão difícil". (Maria)

Mas os relatos não são semelhantes. Parte dos entrevistados alega que apesar de saberem, os familiares não aceitam ou não compreendem a orientação sexual fora dos moldes heteronormativos, o que dificulta o convívio e aparenta ocasionar sofrimento aos discentes.

"Foi uma pressão psicológica que eu sofri muito da sociedade. A sociedade onde eu vivia eles veem as pessoas que não são hétero, seja bi ou homossexual, como uma aberração mesmo, entendesse? Então eu fui crescendo, fui ficando meio afeminado, e quando eu passava as pessoas ignorantes faziam uma pressão psicológica muito grande. Justamente por isso que eu tive até uma crise de pânico na saída de casa. Isso me atingiu até o início da faculdade, entendesse? Isso fez com que eu não confiasse em ninguém. Então, isso foi o que me deixou doente". (Evaristo)

"Realmente eu não me aceitava. Eu cheguei até a tomar remédio e tudo mais. Porque meus pais não me aceitavam, fui colocado para fora de casa e tudo. Mas, graças a Deus, hoje, consegui superar tudo isso. [...] Talvez tenha alguma questão traumática da minha infância, mas aí eu teria que fazer toda uma análise. De acabar tendo sido repreendido. Como eu disse ao senhor, eu já fui expulso de casa quando era mais novo, por conta da minha sexualidade. Então eu acabei para algumas coisas me retraindo, eu tive que começar a me moldar, tanto que eu amadureci muito mais rápido. Eu acho que hoje em dia um adolescente, ele não amadurece ao ponto que amadureci, se não tivesse acontecido tudo aquilo que aconteceu comigo. Então, e acho que por eu ter que tomar todas aquelas atitudes de adulto e não mais de um adolescente, ou um jovem que querendo ou não tem suas inconseqüências. Eu acabei me fechando muito para a questão de amizades. Eu só realmente procuro ter amizade com aquela pessoa que eu consigo me identificar nela" (César)

A partir de relatos como os de Evaristo e César, pude perceber que experiências vivenciadas na infância e juventude contribuíram direta ou indiretamente para a construção da identidade destes discentes e, consequentemente, influenciou na maneira como lidam com sua orientação sexual e como convivem com ela no meio social. As vivências dos entrevistados parecem evidenciar que anseios familiares são um dos vetores que impelem estes indivíduos à adequação de comportamento aos moldes da heteronormatividade.

Alguns estudantes discorrem que a própria autoaceitação foi dificultada pela não compreensão familiar, como podemos perceber na fala de Rafael:

"Me identifico como gay. E, como é que eu lido com ela? No início não foi tão bom, não foi tão natural. Hoje em dia eu consigo me aceitar muito mais fácil do que antigamente. Mas hoje em dia eu digo que eu me identifico bem. Não tenho... não vejo problema não, com relação a isso não, não quanto a mim, a minha aceitação. [...] Eu acho que antes é que eu estava me descobrindo e, no caso, como tinha a não aceitação da sociedade, tanto da família, e eu também não conseguia me aceitar. Mas era algo que eu sempre soube, só que eu queria bloquear aquilo. Mas hoje em dia não mais, não tento bloquear e estou bem". (Rafael)

Com relação aos estudantes que lidam de forma transparente (assumida) com sua orientação sexual, noto que é quase unânime a percepção de que algumas pessoas se incomodam com o fato de serem "diferentes" do padrão heteronormativo. Em alguns casos, o incômodo também está instalado em seus lares e causa restrições de como performam no ambiente familiar, impedindo por vezes o livre expressar e agir no âmbito domiciliar. Principalmente por parte dos homens (tanto gays quanto bissexuais), há diversos relatos de preconceito sofrido na infância, que reflete machismo estrutural na sociedade e retratam aparente tentativa de normalização dos indivíduos ainda enquanto crianças.

"Eu sei que existe pessoas próximas a mim... familiares, claro!... que não concordam, que se pudesse não teriam, não iriam conviver. Então, com essas pessoas eu policio algumas coisas. Tipo levar amigos em casa ou compartilhar certas coisas, certas vivências. Vamos dizer assim, por eu trabalhar na noite, produzindo eventos e tal — na noite LGBT para ser mais específico — tem certas coisas que eu não compartilho, vamos dizer assim. Eles sabem, lógico, de mim. E nunca teve problema em relação a isso, mas tem coisas do meio que eu não compartilho, porque eu sei que eles não vão absorver da melhor forma. Mas em relação as pessoas de fora, lógico que tem desde a época da escola, vamos dizer assim, que tem pessoas que abominam! Que não querem, que não queriam os filhos andando. Isso é uma coisa que já virou hábito". (Lorenzo)

"Primeiro, minha família toda sabe sobre a minha orientação sexual. Minha família eu achei essencial saber, principalmente a minha mãe, foi muito doloroso ela queria voltar para Alagoas, e eu disse "pode voltar". [...] Entre família, eu me solto mais, principalmente com meu cunhado, [...] menos na frente da minha mãe". (Evaristo)

"Nessa época [escolar], não sabia muito o que eu queria, estava em cima do muro, estava reservado, não falava para ninguém. [...] Tentava não me expor por causa da família, para a família não saber, não sabia como iam aceitar, se iam aceitar ou não, aí eu fiquei reservado". (Eduardo)

O estereótipo do que é ser gay ou bissexual está presente no imaginário da rede familiar e, muitas vezes, é a estimuladora de preconceitos. Esse imaginário desviante é

utilizado por alguns discentes como justificativa a alguns receios que sentem e para o não assumir sua de orientação sexual perante o convívio social.

"Era esse o medo da minha mãe, tipo "meu Deus, meu filho vai se tornar homossexual e daqui a pouco ele vai estar fazendo alguma cirurgia ou intervenção cirúrgica, colocando peruca" ou essas coisas que não aconteceu. Aí foi quando eu conversei, eu tinha na época uns 22 anos, falei "mãe, veja bem, a questão de eu ser homossexual, eu gostar de outro homem, de outros homens na realidade, no sentido de me relacionar. Mas a minha personalidade enquanto pessoa, enquanto Carlos é a mesma dentro de casa, fora, onde quer que eu esteja eu sou a mesma pessoa". (Carlos)

"Era mais estranho do que hoje em dia, porque hoje em dia eu tenho mais liberdade e, naquela época de escola, minha era a que me prendia mais, entendeu? Eu ficava com medo de falar as coisas para ela". (Isadora)

Alguns relatos trouxeram interdiscursos de distintos *ethos*. Ao abordarem a relação familiar com sua orientação sexual, alguns estudantes relacionaram seus textos ao *ethos religioso*, provavelmente pela ligação que tais *ethos* estabelecem em alguns contextos.

"A descoberta, vamos dizer assim, aconteceu a alguns anos atrás. Não tanto tempo, só que pra que tenha ocorrido algo, que eu tenha percebido que era isso que eu era, e não o que as pessoas queriam que eu fosse [...]. Pelo fato da minha família ser cristã, evangélico né, tinha também aquele receio de ser aceito pela família, pelos amigos, mas por incrível que pareça graças a Deus deu tudo certo dentro dessa transição desses dois anos, 2016 pra cá. Pra mim foi supertranquilo porque quando eu falei para a minha família, meu pai soube recentemente — ele não está muito bem com a situação, mas um dia chega (risos). Mas em questão da minha mãe, do meu irmão, o meu irmão sempre aceitou tranquilo, minha mãe é aquela que aceita, mas ainda tem aquele pensamento controverso sobre a questão sexual, mas ela me defende. A questão de defesa ela nunca vai deixar de me defender, porque eu nunca vou deixar de ser filho né?" (José)

"Eu nasci num lar cristão, então entra a coisa da Bíblia e tal que vai de encontro ao casamento homossexual, a sexualidade, enfim, era complicado. Por vez eu me sentia culpado de ser homossexual e eu me reprimia ao máximo. Tanto tal que quando eu praticava algum ato homossexual aquilo ali me gerava um peso na consciência e um choro e era muito complicado, entendeu? Era como se eu vivesse preso. [...] No começo quando eu resolvi assumir a minha homossexualidade dentro de casa foi complicado, porque a minha família, grande maioria, 90% é religiosa, da Assembleia de Deus. Então no começo foi difícil. Não em termo de, como posso dizer, de exclusão não, de repressão dos meus pais... eu não tive. Sempre ficou um clima tenso. [...] Acredito que os pais pensam que a sexualidade do filho, tipo "ele se descobriu homossexual", acham que ele daqui a algum tempo vai querer fazer alguma cirurgia ou alguma mudança no corpo. Acho que em suma a cabeça dos pais cristãos funciona mais ou menos desse jeito". (Carlos)

Alguns entrevistados expressaram que o padrão heteronormativo é imposto na infância, e desde ali sentiam pressionados a terem uma performance que fosse legitimada pelas famílias e pelos demais com quem conviviam.

"Eu levava tudo na "brincadeira", só me incomodava pelo fato de eu estar na igreja, eu me sentia insultado pelo fato das pessoas estarem me chamando de bicha, gay ou alguma coisa do tipo, pelo fato de eu ser muito brincalhão. Na minha brincadeira querendo ou não eu era afeminado desde criança, não sou tanto assim escancarado, mas não deixo de ser um pouco afeminado em questão de no caso ser homossexual. [...] Porque pelo fato de você ser criança, e no caso eu estar dentro da igreja, eu fui criado para ser hétero, querendo ou não a gente sabe que a família em si, principalmente quem é convencional fica naquele negócio na mesmice de sempre, acha que todo mundo tem que seguir o mesmo padrão". (José)

"Eu fui criado em igreja [católica], é muito difícil lidar... a questão de aceitação. Então eu sofri muito por depressão por conta disso. Foi isso que me levou a procurar a psicologia. É difícil de lidar com a minha sexualidade, a sexualidade dos outros não. Difícil de lidar comigo, eu me aceitar do jeito que eu sou, entendeu? É por questão religiosa, não por questão social. [...] melhorou mais, hoje eu sou mais aberto comigo mesmo, antigamente eu me prendia. Quando eu imaginava que eu sentia atração por homens não estava me vendo como uma boa coisa aos olhos de Deus, entendeu?" (Evaristo)

"Antes não era tranquilo como é hoje, por causa da religião. Eu nasci num lar evangélico e eu me considero evangélico, só que alguns temas eu penso por mim mesmo, não consigo pensar em determinados temas como aborto e sexualidade na religião. Eu acho que não tem como pensar nesses temas na religião, eu penso por mim. Então era muito difícil antigamente essa coisa da fé, então eu acreditava que era pecado. Conforme eu gostava de mulher era como se fosse uma vantagem para mim, era só esquecer esse lado que eu gosto de homem e viver esse lado que eu gosto de mulher, só que não tem como você excluir uma parte sua. Não tem como viver excluindo uma parte que você é, você tem que viver inteiro. Então foi bem complicado" (Júnior)

A indicação de José de que "eu fui criado para ser hétero" explicita como os valores religiosos — em especial os cristãos, no caso dos entrevistados — reforçam e induzem padrões de comportamento heteronormativos. A fala de Evaristo reflete como tais valores pressionavam psicologicamente e excluía os discentes a um lugar "repudiado por Deus". Os argumentos de Júnior, por sua vez, denotam conflito que colocava em confronto de um lado o ideal requerido a partir dos dogmas religiosos (heteronormativo) e de outro como o estudante se enxergava. Ao reconhecerem sua homossexualidade e contrapô-la aos valores cristãos, os discentes produziam uma autoaversão, denominada por Borrilho (2015) como uma violência interiorizada.

Os comportamentos desviantes à norma legitimada criavam uma dissonância entre como se via e o que era pregado e estimulado como comportamento padrão nos círculos religiosos, como pode ser também observado no enunciado de José:

"Eu sempre fui cristão, saí da igreja pelo fato de, já pelo fato de ser gay e não se sentir bem no âmbito cristão e sabendo que para a bíblia aquilo era pecado, para Deus né... para a palavra de Deus. Então eu estava me sentindo um hipócrita estando em um local, em um lugar que eles chamam de igreja, que é o Corpo de Cristo vamos dizer assim, na igreja sempre falava, e estar em um local sabendo que a visão das pessoas vai ser de lhe julgar". (José)

A influência do *ethos* religioso também adentra o contexto do Ensino Superior e interfere nos julgamentos que são proferidos sobre orientação sexual no âmbito do curso.

"Teve um colega meu [...] eu estava almoçando com uma colega minha, no caso eu estava ficando com ela, conhecendo ela, e ele chegou para mim, passou por mim e disse: "Bruna eu não acredito", disse na frente da menina, "eu não acredito que você está ficando com uma mulher". Aí eu olhei para ele e disse: "qual o problema? eu estou te fazendo mal?" Aí ele disse: "não, você não está me fazendo mal, mas você era uma menina cristã, uma menina direita, uma menina que servia a Deus, uma menina temente, uma menina que não fazia nada de errado". E eu não achei isso certo, era meio que me crucificando. E eu não achei correto isso dele. Então isso me marcou bastante, isso foi bem dolorido. Porque eu disse: "poxa, eu tô vivendo desse jeito, eu não estou fazendo mal a ninguém, e as pessoas meio que estão dizendo que eu estou fazendo algo de errado". (Bruna).

"Como eu sou uma pessoa bem reservada, eu não faço muitas amizades, e a maioria das minhas amigas, às vezes são evangélicas, por exemplo, e esse tipo de amizade oprime mais a minha questão sexual. Por exemplo, não sei se o senhor lembra de [Nádia], [Nádia] era minha melhor amiga de todos os períodos, a gente passava a vida toda juntas, é uma bem louquinha, ela é bem evangélica, e no momento ela é muito minha amiga, mas em nenhum momento tive coragem de contar para ela sobre minha opção sexual. Porque, o fato dela ser de uma religião, isso eu acho que afetava. Acho que em relação a religião, isso aumenta". (Ana)

Nas falas acima, pude identificar como valores religiosos também podem reforçar a exigência de comportamentos heteronormativos no ambiente do Ensino Superior, além disso, como tais valores podem silenciar a manifestação de orientação não heterossexual. Outro aspecto interessante foi perceber na fala de Bruna a utilização de expressões advindas do *ethos* religioso como contrárias ao seu comportamento. Não se encontrar sob os moldes da heteronormatividade foi desassociado ao ser cristã, direita e "menina que servia a Deus". Ademais, a discente sentiu-se "crucificada" por tais julgamentos, numa associação ao martírio sofrido por Jesus Cristo. O relato de Ana reforça a percepção de que aspectos de ordem religiosa podem oprimir o exercício e a livre explicitação da orientação sexual.

Além do familiar e do religioso, certamente o *ethos* interdiscursivo mais presente nas falas dos entrevistados foi o **escolar**. Talvez por advir da mesma lógica educacional, percebi que os entrevistados iniciam a vida no Ensino Superior carregados de impressões e expectativas relacionadas a experiências passadas no período escolar. Diversas dessas experiências foram associadas a existência de *bullying* neste ambiente, como evidenciam as falas a seguir:

"A época que me marcou referente a isso, foi quando eu mudei de escola. Isso foi de oito para nove anos já, até os oito anos eu estudava, tipo, nessas escolinhas de bairro. E quando eu tinha nove anos eu fui para o Colégio Militar. Então lá, pelo meu pai ser militar, ele já me advertia antes de ir. Antes de eu começar as aulas, ele dizia tu não fica com essas coisas, tu não fala isso, tu não sei o quê [...] Eu falo de mim. Não é uma coisa forçada, eu não sei, não sei, chegar num ambiente e me colocar de outra forma, porque não é uma coisa que a gente molda assim, sabe? [...] Eu sofri muito, em relação a isso, porque eu passei o primeiro ano lá, foi péssimo! Porque eu olhava para qualquer pessoa de lá e qualquer pessoa tirava onda com minha cara. Independente de ser mulher, de ser homem, de ser mais velho, de não ser, de ser a psicóloga, de ser não sei o quê... Foi difícil porque eu ficava, "meu Deus, eu vou ter que vir para cá todo dia e eu não vou ter o que eu tinha na outra escolha", por exemplo, se acontecer alguma coisa a professora tal vai estar lá. E foi difícil, em relação a isso, porque tiravam assim, onda [sarro] mesmo, com tudo! Tipo, de uma caneta que você usava diferente, de um desenho que eu fazia, de uma música que escutava, de qualquer coisa! Até de comida assim: "Ah! Tinha que ser [...] Só podia ser um frango"⁸ mesmo! Que não come a comida do colégio, que traz dinheiro pra comprar, não sei o quê, não sei o quê". Então, coisas assim, que não influencia em nada, que eu já ouvi, eu já ouvi tanta coisa que..." [olha pra cima lembrando da época em que descrevia e interrompe a fala]. (Lorenzo)

"Ah, era horrível [na escola]. Porque, tipo, você tinha que está mentindo, você não pode falar, eu não conseguia falar abertamente com meus amigos. Não digo isso no ensino médio né, digo isso nas séries mais antigas. Eu acho que [o momento mais difícil] foi quando eu tive que desistir da escola por *bullying* e perdi um ano, no ensino médio, isso no 2 ano. [...] Eram xingamento e perseguição. Teve um dia que eu fui muito humilhado, era no intervalo, no intervalo não, era perto de largar. Aí estava todo mundo indo embora, estava lotado. Só que foi horrível para mim aquilo ali. Você adolescente né, eu estava entrando na adolescência ainda e chocou muito. Depois daquilo eu não quis mais ir para a escola. Aí eu retornei depois com meus pais, e fui falar com a coordenadora, mas ela disse que eu deveria me aceitar e que deveria aceitar aquilo que estava acontecendo, que eu não deveria me importar. Só que não é bem assim que deveria ter agido a coordenadora". (Rafael)

"Existem comentários de muita gente falando. Eu mesmo... tinham coisas que muitos meninos falavam que eu não estava pronto para assumir para todo mundo, assumir é uma palavra muito forte. Para dizer mesmo que eu

⁸ Adjetivação local direcionada ao homem homossexual.

realmente gostava [de homens], e muitas vezes eles soltavam piadas e me sentia mal com aquilo [...] e também ficava com medo de se eu assumisse, se eu dissesse realmente o que era as coisas iam mudar completamente, as piadas iam crescer muito mais. Eu ia virar comentário na escola, por exemplo. Os acontecimentos eram essas brincadeiras... *bullying*. Essas coisas que sempre acontecem". (Miguel)

"Era péssimo. E sempre existia aquele grupinho [...] da sala que falava mal de você, dizia que você era gay ou pelo jeito de você se vestir". (Marcelo)

A partir das experiências compartilhadas, pude notar que o *bullying* sofrido durante a vivência escolar de alguns entrevistados estava relacionado ao comportamento destes discentes e à aparente não conformidade com o padrão de masculinidade esperado pelas pessoas — um relato recorrente por parte dos entrevistados homens, e que pode ser exemplificado com as falas acima de Lorenzo, Rafael, Miguel e Marcelo —, gerando sofrimentos e até mesmo aversão à escola.

Outros textos, como o de Caio a seguir, evidenciam a insegurança de alguns de assumir publicamente sua orientação sexual no período escolar por medo de preconceito e discriminação, além do receio de serem alvo de *bullying*.

"Ah! Era muito pesado, porque...eu passava por hétero, isso acabou acarretando várias coisas, por exemplo, eu fiquei 2 meses sem ir para a escola, mas não porque faziam alguma coisa comigo, porque eu fazia parte do grupo que praticava uma espécie de *bullying* com outras pessoas. E você vê primeiro que na época do Ensino Médio não rolava muita aceitação. Até porque acabei em 2010. E não tinha esse lance de mais aberto, mais inclusivo, que tem hoje em dia, entendeu? Então, tinha uma época que eu sabia o que eu era, mas disfarçava e ao mesmo tempo eu não podia ajudar as pessoas que eu sabia que estavam precisando, porque estavam passando por isso. Porque senão o alvo ia acabar [sendo] eu". (Caio)

A preocupação dos entrevistados com o julgamento alheio e com os termos pejorativos que costumeiramente são utilizados para designar os homossexuais no ambiente escolar, refletem como as exigências sociais, os valores e padrões morais — fortemente associados à matriz de inteligibilidade heterossexual — atuavam como forças autoritárias, segregando e causando sofrimento a discentes gays e lésbicas, como pode ser visto nos relatos de José, Lorenzo e César:

"Numa sala de aula a gente sabe que sempre tem grupinhos, você faz um grupinho aqui e o restante da sala se não gostar do que você é, no caso da questão sexual, vai lhe excluir, não vai estar se juntando. Na minha questão eu sempre me juntei com pessoas da frente ou pessoas religiosas e tentava me esconder ali, eu acho. Na minha cabeça eu tentava me esconder ali, na parte que se destacava né da questão de estudo e da religião, que sempre me juntei com pessoas religiosas dentro da sala, já pelo fato de eu estar sempre na igreja. Tentava não me juntar na bagunça, mas sempre me julgavam,

todos da turma detrás me julgavam me chamando de gay ou de outros nomes que eles sempre falavam. Mas eles queriam ter amizade pelo fato de eu estudar, mas querendo ou não ainda me escancaravam em questão, me excluía do grupo, que eles eram o grupo sempre da bagunça e eu era o gay estudioso que sempre ficava pra lá, sempre ficava pra trás, saiam e me deixavam, não me queriam por perto. Não sei se era vergonha ou porque não gostavam realmente pelo fato de eu ser gay e nunca ter me assumido, mas todo mundo via uma coisa diferente em mim pelo fato de eu não me relacionar com ninguém, nem com homem nem com mulher". (José)

"Eu fui uma criança normal, né?! A clássica criança dos anos noventa, digamos assim. [...] Eu não sabia o que era, nunca tive acesso a nada que remetesse a sexualidade, a coisa do sexo em si. Nem hetero, nem gay, nem nada, nunca tive acesso a isso. [...]Então, chegou um momento que eu fui perguntar ao meu pai o que era isso. E aí ele me explicou o que era. E eu disse: "meu Deus, mas eu não faço isso". Porque era uma criança de seis, sete, oito, nove anos que tava sendo julgada, sei lá pelo o que ela fazia e tal. Eu sempre fui uma criança que tinha esse lado criativo muito evidente, de querer desenhar, projetar e tal. Que não eram o que os meninos faziam. Então, também, já tinha esse certo tipo de preconceito de... "ah, ele desenha bem". Aí as professoras sempre ficavam em cima, porque era a letra melhor, eram os desenhos, os trabalhos melhores, não sei o que. [...] Eu vim saber o que era e de ter consciência de quem eu era, de assumir para mim, para depois para sociedade, vamos dizer assim, eu tinha uns doze, treze anos". (Lorenzo)

"Eu não me aceitava, porque eu via isso como uma anormalidade. Uma anomalia genética. Ao ponto de eu já escutar isso de algumas pessoas. E que você ter uma relação homossexual era algo errado. Que...é... estava fora dos padrões, que teve até um termo que usaram para mim...agora eu esqueci, mas querendo dizer que de fato era uma anomalia genética. Então, assim, a partir do momento que você joga uma bomba de informação dessa, principalmente negativas, pelo menos na minha concepção, em uma cabeça infantil, você acaba deixando aquela criança meio perplexa né, sem saber o que fazer". (César)

Tais práticas recorrentemente sofridas pelos estudantes reforçavam o imaginário negativo sobre o ser diferente, corroborando, em alguns casos, com o sentimento de exclusão (visto no relato de José) e com a não aceitação de sua orientação sexual (como descrito por César).

A partir das normas subjacentes presentes nos discursos legitimados socialmente, alguns indivíduos se silenciam e passam a adotar performances que homogeneízam seus comportamentos, a fim de que pudessem ser aceitos socialmente e como fuga à exclusão, ao *bullying* e ao preconceito.

"Eu sempre fui muito comunicativo, [...] me chamavam de homossexual, gay, bichinha, aquela coisa toda, eu meio que me reprimia, não queria expressar a minha homossexualidade na escola. Até porque quando se tinha algum aluno mais afeminado ou que as pessoas desconfiavam que aquela pessoa era... "gay, bichinha, viadinho", enfim, eram desses tipos de

adjetivos, entendeu? Então tentava me reprimir ao máximo para não mostrar a minha sexualidade a ninguém. Eu era homossexual, mas eu me reprimia, ficava na minha, já para não dar motivo para ninguém falar, já que tinha família evangélica. E querendo ou não, naquela época, a questão de você ser homossexual sempre foi uma coisa negativa, entendeu? Aí era bichinha, era viadinho, então eu ficava na minha para não dar motivo para ninguém falar". (Carlos)

"Eu ficava mais na minha. Algumas pessoas sabiam, pessoas mais próximas a mim, mas não era todo mundo que sabia. [...] Eu ficava mais na minha pelo fato da discriminação dos demais. O povo ia apontar, então eu tinha esse medo". (Isadora)

"Eu me assumia como hétera, porque no colégio se você chegasse e dissesse eu gosto de menina você era bem reprimida, você era aquela pessoa excluída. Então eu tinha que dizer que era hétera para ser aceita onde eu estava. E foi bem difícil, porque eu tinha que namorar meninos e muitas vezes eu gostava de meninas". (Bruna)

"Fingia que me interessava por uma menina. Nunca fiquei, nunca procurei ficar com alguma menina. Aí, era mais um fingimento eu acho, para me esconder como proteção na escola, para não ser tachado de nada, algo do tipo. Naquela época não tinha cabeça suficiente. Hoje acho que sou outra pessoa. [...] Comigo não, mais de outras pessoas que estavam ao meu redor, por serem assumidos e não terem medo no caso, soltarem brincadeiras. Só que aquela brincadeira voltava para maldade, de expor a pessoa, de ficar colocando para baixo, por ela ser o que ela é, coisa do tipo, com alguns colegas [...], também tinha muito caso com meu irmão, por exemplo, meu irmão também é [gay], e as pessoas, meus colegas quando viam meu irmão ficavam abusando dele o tempo todo, falavam dele para mim, vinham dizendo que ele era um viadinho, que ele era menina, falavam várias coisas entendeu? Só que chegava para mim isso. Por esse motivo também, para não me expor no caso, porque não queria passar por uma situação dessa, ficava calado e defendia ele. Mas as pessoas continuavam xingando ele". (Felipe)

O ser homossexual ou bissexual é enxergado desde a época infantil como algo exótico, diferente do comum, e costuma despertar curiosidade e chamar atenção. As performances fora do padrão heteronormativo eram rechaçadas e pormenorizadas, reforçando o imaginário de que comportamentos fora da heteronormatividade seriam considerados "anormais".

"Na maioria das vezes, em todas as escolas, se tiver alguma pessoa gay ou lésbica essa pessoa é conhecida por todo mundo, porque são poucas ou às vezes só tem [aquela] mesmo... e tipo, qualquer coisa os olhares voltam exatamente para essa pessoa por ser "diferente" das outras" (Miguel).

"Quando eu me assumi, em 2010, eu era 8ª série, então foi um pouco tranquilo pelos meus amigos, eu tinha muitos amigos LGB⁹ [lésbicas, gays e bissexuais], por causa deles foi tranquilo... no meio que convivía, como eles

⁹ Há uma adaptação da sigla LGBT (que se refere a grupo formado por lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/travestis/transgêneros) quando Júnior utiliza a sigla LGB, referindo-se apenas a gays, lésbicas e bissexuais.

eram tranquilos. Mas com outras pessoas não eram não, não era muito agradável não. Aff! Era pesado, até pela minha idade também, conhecimento, não saber discutir. Tanto que eu falava 'opção sexual', não existe opção, é orientação". (Júnior)

Os relatos apresentados interdiscursivamente sobre o *ethos* escolar revelaram experiências que contribuíram com as expectativas dos discentes sobre o Ensino Superior e com o modo como estes iniciaram sua vivência nesse novo *ethos*. Na seção a seguir, apresento os textos que me levaram a entender como os discentes enxergam o Ensino Superior.

7.3 Um novo *ethos*: o Ensino Superior

As Instituições de Ensino Superior (IES) podem ser compreendidas como um espaço social entrecortado por diferenças humanas (LOURO, 2012), entre elas as de orientação sexual. Ao longo do processo de socialização em que se busca um ofício profissional, os indivíduos são influenciados pelo saber e pelas práticas discursivas, os quais estão intrinsecamente ligados ao ambiente social do Ensino Superior.

Ao abordarem aspectos e impressões acerca deste ambiente, alguns dos entrevistados estabelecem comparações entre o *ethos* escolar e as IES, utilizando expressões como "mente mais aberta" para caracterizar a relação do contexto atual em que estudam com as diferenças de orientação sexual:

"Eu acho mais fácil no ambiente de faculdade porque todo mundo que está ali já sabe o que quer. Está estudando para o seu futuro, uma coisa que já é certa. Então, acho que na faculdade as pessoas já têm a mente mais aberta para lidar com outro tipo de pessoas. E escola não, a maioria são adolescentes que acham que o certo é só uma coisa só e só existe um padrão a ser vivido". (Miguel)

"A cabeça de uma pessoa adulta é totalmente diferente de uma pessoa que está na adolescência, então são mundos totalmente diferentes [o escolar e o Ensino Superior]. A gente percebe sim uma maior aceitação dos homossexuais, sendo que por vezes tem alguns comentários, como posso dizer, também negativos a respeito do homossexual". (Carlos)

"No ensino superior tem pessoas que são mais maduras, que lidam bem com essa questão da pessoa assumir ou não assumir a sua sexualidade. Eu não tenho, eu não sofro a mesma coisa que sofria no ambiente escolar durante o ensino médio e o ensino fundamental. [...] Mas] no meu caso eu não falo a ninguém que eu sou bissexual, entendeu? Eu não tenho isso abertamente. Eu nunca fui, nem na minha família, nem no colégio, nas escolas que eu passei, nem aqui na faculdade eu falo sobre". (Marcelo)

"Na faculdade em si, algumas pessoas, não todas, mas acho que a grande maioria é mais mente aberta. Elas estão mais bem informadas, bem mais instruídas. [...] Então, até o momento eu não sofri nada nem vi nada, tipo, 'minha nossa!'" (Caio)

No entanto, ao longo das entrevistas pude constatar que o ideal da heterossexualidade compulsória ainda é bastante presente neste ambiente, o que faz com que algumas práticas que denotam preconceito, discriminação ou exclusão sejam naturalizadas, e fez com que alguns estudantes abordassem com maior polidez situações que pudessem denotar condutas socialmente não aceitas no ambiente educacional envolvendo as diferenças de orientação sexual.

Algumas das contradições que me possibilitam essa análise podem ser evidenciadas em falas de um mesmo entrevistado, como as do discente Caio, que falou "não sofri nada nem vi nada, tipo, 'minha nossa!'" e momentos depois relatou com pesar caso de associação feita por discentes na instituição entre o HIV (em português Vírus da Imunodeficiência Humana) e os gays:

"É porque na verdade esse menino lá da sala ele tinha sentado e ele tinha saído, aí o outro menino chegou atrasado e sentou no lugar dele. [E disseram] "não senta aí não, porque fulano sentou aí". Aí o outro soltou "vai que tu senta aí e depois pega AIDS". Aí foi uma coisinha mais pesada. [...] é, o fato de falar que [...] o HIV no caso começou por conta de gay, entendeu? E hoje, 2018, a maioria dos portadores e transmissores do vírus do HIV são héteros, homens, inclusive. E, para mim, essa é uma das maiores falta de informação que tem. Achar que entrou nesse contexto sexual, achar que é praticamente por osmose. Um lance de toque, passou. Entende? Eles falam muito isso". (Caio)

Ainda que se enxergue maior consciência do que é considerado errado e dos limites de comportamento na convivência adulta, de maneira mais velada e/ou eufemizada, exemplos de preconceito e de discriminação — como o relatado por Caio — podem ser percebidos em diversos momentos no cotidiano do curso. Os relatos descrevem situações em que se brinca ou se deslegitima aqueles que são diferentes e que não se enquadram ao padrão heteronormativo.

Apesar de parte dos entrevistados afirmar que não tem ou teve problemas de convívio, outros discentes identificam contradições no discurso de alguns atores deste contexto com relação ao que é dito e ao que efetivamente ocorre na prática social do dia a dia, como pode ser observado na fala de Rafael:

"Eu não tive problema ainda, eu só acho que tem, entre pessoas, assim, uma aceitação forçada, que, no caso, "tá eu aceito", mas é como você vivesse numa bolha. "Você vive no seu mundo e eu vivo no meu". [...] assim, quando você diz que aceita, você está conversando, você diz ser meu amigo e diz que aceita, mas coisas que você fala vão mostrando que realmente você não aceita, que você vai totalmente contra aquilo. Daí você entra numa

contradição, e você não sabe se realmente aquela pessoa aceita ou se está fazendo aquilo de fingimento, só porque está na sua frente". (Rafael)

As incoerências percebidas por Rafael são reforçadas por outros relatos que evidenciam a existência de brincadeiras pejorativas, olhares enviesados, atitudes segregadoras, etc. — os quais serão melhor explorados nas subseções 8.7 e 8.8.

"Querendo ou não o preconceito existe e é muito escondido em partes, normalmente as pessoas dizem que não têm, quando na verdade elas acham que não têm, mas sim, elas têm. [...] Querendo ou não o gay tem um destaque sempre maior, porque o gay é um [ser] aberto, aí muita gente já olha com outros olhos para a gente. Muita gente acha que é uma escolha, mas na verdade não é. É uma coisa que acontece naturalmente. Como eles têm a orientação deles eu tenho a minha. E realmente isso acontece, quando estou num grupo de amigos - na minha sala eu sou o único gay que tem lá - aí todo mundo já me conhece. Nunca falei com todo mundo da minha sala, mas todo mundo me conhece. Se eu fosse um hétero no meio deles eu acho que seria uma pessoa despercebida. Mas como sou gay, todos me conhecem por ser gay. Já teve comentários quanto a isso, eu procuro relevar". (Miguel)

"Às vezes eu enxergo um incômodo, às vezes eu fico incomodado com alguns tipos de brincadeiras, não comigo, mas que tiram com outros colegas que são e, na maioria das vezes, levam isso como riso né, afinal, tudo que o povo fala, o povo acha que é piada. Ah, é só uma brincadeira. Só que toda brincadeira ela tem um fundo de verdade. Então, eu acho que isso incomoda um pouco, porque poderia ser comigo se eu fosse abertamente com todo mundo, entende? E eu não ia gostar do tipo de brincadeira que tem". (Rafael)

A observação de Miguel com relação a ser o único gay em sua sala de aula, reflete percepção de alguns alunos para o fato de que os LGBTs são minoria não só com relação às relações de poder, mas também minoria numérica em termos quantitativos de alunos nas salas de aula.

"Na minha sala, eu não sei se o senhor lembra, mas tinham uns 100 alunos [no começo do curso]. Eu não lembro muito, mas eu acho que só tinha eu de LGBT, não tinha mais nenhum outro, se tinham não falavam. [...] É muito pouco. Agora que a gente está na sala, a gente está com 3 turmas [unificadas], são 3 de ADM. Só tem 3 LGBT, 1 na minha sala e 2 na outra turma, o resto da sala não tem. E juntando as 3 ficam uns 45 alunos, por aí". (Júnior)

Compreender como os entrevistados enxergam o Ensino Superior foi um passo para chegar ao real *lócus* de pesquisa desta tese: o curso de Administração. Nas próximas subseções discorro sobre aspectos relacionados às performances, relações e impressões dos discentes no e sobre o curso.

7.4 Como é ser diferente no curso de Administração: a performance dos discentes na graduação e seus condicionantes

A lógica binária que dualiza as percepções tanto sobre o sexo quanto sobre o gênero, produz normas e valores sociais que limitam, proíbem e regulam o comportamento dos sujeitos, os quais passam a apresentar performances que estejam alinhadas a esta estrutura de poder (FOUCAULT, 1999). Esta estrutura — denominada por Butler (2017) de matriz de inteligibilidade — produz os parâmetros de conformidade para que o sujeito seja percebido e aceito socialmente, "em conformidade com um eixo diferencial de dominação" (BUTLER, 2017, p. 19).

Tais forças condicionantes sobre a dinâmica social, também se instalam sobre a prática discursiva e a prática social do curso de Administração. Com base nas discussões que apresentei na seção teórica sobre a referida graduação, corroboradas pelos relatos apresentados pelos estudantes entrevistados, pude entender que o aparelho discursivo presente na Administração e as relações de poder dele desencadeadas reforçam o ideal de fabricar "sujeitos viáveis" (BUTLER, 1993), fruto da homogeneização dos comportamentos a partir de performances socialmente legitimadas.

Na procura por reconhecimento neste contexto do Ensino Superior, os indivíduos são incitados por normas discursivas a se adequar à ordem simbólica vigente, fato que exerce influência sobre a forma como os indivíduos se enxergam, a maneira como lidam com sua orientação sexual no curso, como observam as relações estabelecidas com outros indivíduos neste contexto, e como percebem o ser gay ou bissexual durante o período em que são discentes.

Mais especificamente o que tange o modo como lidam com sua orientação sexual na Administração, percebi que os discentes apresentavam distintas formas de se posicionar: alguns não eram assumidos, outros reservados e os demais declaravam abertamente sua orientação.

Os discentes **não assumidos** parecem sofrer mais o efeito opressivo dos imperativos da performatividade, o que faz com que recorram ao silenciamento como forma de adequação e para não entrarem em atrito com os valores normativos, como pode ser observado nas falas a seguir:

"Como as pessoas não sabem, para todo mundo eu sou hétero, eu ajo como uma pessoa hétero, não sei. Eu acho que para mim é tudo normal. Eu acho que talvez se eu divulgasse ou falasse para alguém, aí eu poderia me sentir, não sei, talvez constrangida. Porque as pessoas têm preconceito, né" (Ana).

"O mesmo jeito que eu me comporto dentro da sala de aula me comporto fora da sala de aula, entendeu? Eu não, é... me comporto como bissexual na sala nem fora da sala. Eu tento é reservar isso só para mim, não divulgo nada. Nunca deixo isso aberto". (Marcelo)

Pude perceber nos relatos o receio que os discentes têm em expor sua orientação sexual por se encontrarem numa estrutura discursiva que hostiliza os que não se enquadram no padrão heteronormativo. O completo silenciamento descrito pelos discentes Ana e Marcelo reflete o receio de serem excluídos e alvo de julgamentos preconceituosos, e se constitui na maneira pela qual, aparentemente, se adéquam aos ditames da heteronormatividade — os quais advém de uma estrutura discursiva exterior a estes sujeitos, mas que, como Miskolci e Pelúcio (2007) chamam a atenção, são internalizados e incorporados por eles.

Os citados entrevistados buscam adequar suas performances às normas da matriz de inteligibilidade heterossexual, composta por normas hegemônicas e legitimadas socialmente, e que fabricam sujeitos mediante práticas sociais continuamente reproduzidas (SOUZA, 2017). Procurando reconhecimento e valorização do meio social no qual estão inseridos, Ana e Marcelo conformam seus corpos sobre identidades previamente arquitetadas, pois a não adequação poderá colocar em risco a estabilidade em seus convívios sociais.

Outros entrevistados alegam que preservam sua vida e imagem, que não "expõem sua sexualidade para qualquer um", mas que se perguntados não têm o porquê escondê-la. Denominarei eles aqui de **reservados**.

"Ainda sou reservado, sou mais na minha, tem alguns que sabem tem alguns que não sabem. Mas eu gosto mais de preservar a minha... vamos dizer imagem". (Eduardo)

"Bem, eu sou aberto assim para os meus amigos mais próximos, pra qualquer pessoa que quiser perguntar e eu me sentir confortável, eu falo, mas não exponho. [...] Acho que é porque nem todo mundo vai aceitar, nem todo mundo vai querer conviver. E justamente por causa [...] que tem das pessoas fingirem que aceitam, eu prefiro que, se não é para aceitar, não precisa tá fingindo, entendeu? Eu prefiro ficar na minha mesmo. [Mas] eu não consigo ver nenhum bloqueio nisso não. Meu bloqueio é timidez mesmo para seminário, mas não tem nada a ver com isso". (Rafael)

No caso dos estudantes que lidam de maneira reservada com sua orientação sexual, como o Rafael acima, é comum a associação do sentimento de segurança e de intimidade a pessoas ou grupo de pessoas específicos. Diversos entrevistados expõem que se sentem mais a vontade no curso com grupos que os enxergam e os respeitam como são, e que não os julgam explícita ou implicitamente pelas diferenças que possam existir.

"Até então eu não consegui me abrir para todo mundo do curso. Só quem sabe é [Mariana]... Acho que todo mundo sabe, né. Mas não tem certeza. Só [Mariana] e uma amiga que trancou [...]. Só as duas. Eu sou muito fechado, não consigo me abrir para ninguém, justamente pela pressão psicológica que eu senti na época da escola. Então eu não consigo me abrir com ninguém". (Evaristo)

"Eu me comporto com o jeito que eu sou. [...] Ninguém chega para falar alguma coisa a mim ou perguntar, não sei se desconfiam se não desconfiam, não sei. E também não me importo se desconfiar, porque hoje em dia eu não me importo, entendeu? Mas, antigamente, eu tinha isso na cabeça, de que eu devia me esconder. Eu acho que não me escondo, só vivo minha vida, se alguém quiser saber alguma coisa é só perguntar. [...] porque no curso em si eu não tenho uma relação de amizade com alguém da sala, se eu tivesse eu agiria como eu costumo agir com um amigo meu, uma amiga minha, seria essa mesma pessoa. Mas como não tenho vivência com ninguém lá da sala. [...] As pessoas mais próximas eu vejo que têm uma mente fechada para isso, entendeu? [...] Nunca chegaram a falar da minha vida, nunca cheguei a falar da minha vida para eles, algo que eu faço ou deixo de fazer. E acho que se eu falasse, talvez essas pessoas meio que ficariam estranhas comigo, mudassem comigo. Porque umas eu percebo que têm preconceito, outras eu sei que nem tanto, mas tipo não compreendem". (Felipe)

Por não se ajustar ao padrão de orientação sexual instituído pela matriz de poder, alguns dos discentes reservados — assim como os não assumidos — sentem-se forçados a se enquadrar aos padrões de normalidade vigente, como fuga das violências decorrentes de sua não adequação, e sentem-se impedidos de performar livremente no ambiente educacional.

"Sou muito fechado. Aqui eu sou muito formal, justamente para não dar abertura para alguém está entrando na minha vida. Quem fez isso foi o meu sofrimento, eu dei abertura a muita gente entrar na minha vida no passado e só me trouxe sofrimento, entendeu? Pessoas ignorantes que não sabem respeitar a escolha das outras pessoas. Então, na minha vida profissional e na relação acadêmica eu preferi ser uma pessoa mais comportada, uma pessoa mais formal [...]. Evitar brincadeiras, comportamento que não leve as pessoas a te criticarem tanto. [...] Eu acho que é uma forma de me esconder, não vou mentir pra tu. Eu escondo a minha sexualidade justamente pelo sofrimento que eu vivi. Então isso é um problema que eu estou me cuidando na terapia. Eu não terminei a minha terapia, entendeu? Ai por isso que eu escondo". (Evaristo)

O texto de Evaristo é um exemplo de como alguns discentes ainda sofrem por não se ajustarem à heterossexualidade compulsória, e de como a performance destes no curso são afetadas interdiscursivamente por vivências provenientes de contextos anteriores.

Todavia, não foram todos os entrevistados que alegaram reprimir ou evitar expor sua orientação sexual no contexto da graduação em Administração. Alguns estudantes demonstraram desafiar o processo de normalização decorrente dos atos discursivos da

heterossexualidade compulsória ao declarar abertamente orientação sexual distinta da heterossexual. Denomino tais discentes na pesquisa como **assumidos**¹⁰.

Pude perceber que estudantes que têm sua orientação sexual assumida socialmente antes do ingresso no Ensino Superior tendem a ter menos receio das relações estabelecidas no dia a dia do curso e, ao mesmo tempo, tendem a se colocar mais e a exigir mais respeito pelo que são e como são. Ao mesmo tempo, assim como para os alunos reservados, o refúgio em grupos menores de "confiança" tende a ser buscado para que possam se sentir menos pressionados e julgados por pressões performativas. O adjetivo "normal" também foi recorrentemente utilizado para se distanciarem da estranheza que, por vezes, são enxergados. Pude perceber a partir das falas que o senso de normalidade/anormalidade ainda está fortemente presente no imaginário discente quando se tangencia questões sobre sexualidade.

"Eu lidei normalmente, porque assim, como eu já havia dito, a partir do momento que a gente se percebe e se aceita primeiramente, tudo acaba fluindo tranquilamente. Então, se eu já consegui me aceitar e me incluir na sociedade, aí quando falo sociedade falo tanto no âmbito profissional como no âmbito pessoal e acadêmico. Então, isso para mim é algo normal, até porque eu não vejo, eu não olho muito para o lado sexual. [...] Na faculdade eu nunca tive nenhuma repreensão a minha sexualidade. Pelo contrário, eu sempre fui muito acolhido. Tanto pelos professores quanto pelos meus colegas. Como eu não sou muito de estar me juntando com muitas pessoas, eu sempre sou daquele de me formar num grupinho e ficar ali mesmo, as meninas [colegas de turma] inclusive por serem "tradicionais" né, elas me acolheram e conviveram comigo durante esses 4 anos super bem". (César)

"No curso eu estou em paz comigo mesmo, eu me sinto bem do jeito que eu sou. Não é porque eu sou gay que eu tenho que está dizendo que sou gay, porque não devo satisfação a ninguém, mas se me perguntarem eu digo sem problema nenhum. Já passou essa fase de ficar remoendo alguma coisa que para os outros eram negativas e para mim também ia ser. Eu tô bem com isso, eu tô acostumando". (Miguel)

"Hoje em dia eu já me aceito tranquilamente, mas dentro da transição né, uma hora ou outra eu tinha que me aceitar do jeito que eu sou. E não está me escondendo, tendo que no caso me vestir como o pessoal fala muitas vezes" (José)

"Eu tento ser o mais, igualitário possível, em relação ao comportamento, porque o que eu sou fora da faculdade é o que eu tento mostrar que eu sou dentro dali, entendeu? Porque eu não acho que eu deveria mudar os meus trejeitos ou o jeito que eu falo ou se eu dou pinta ou não, porque tem uma pessoa do lado que vai se incomodar. Porque quem vai se incomodar é ela e não eu. Pra mim não vai interferir". (Caio)

¹⁰ Importante salientar que as classificações não assumido, reservado e assumido são recursos linguísticos utilizados para facilitar a construção do texto, não tendo qualquer pretensão de limitar ou determinar a identidade dos sujeitos da pesquisa.

"[...] a minha sexualidade no curso é supertranquila, tirando esses comentários, mas de um modo geral é muito tranquila. [...] Eu não sou de gritar aos quartos cantos que eu sou homossexual, mas quando me perguntam eu digo sem nenhuma hesitação". (Carlos)

Quando perguntados sobre "como é ser gay ou bissexual no curso de Administração", a maioria dos entrevistados utilizou a adjetivação "tranquilo" ou "normal". No entanto, sequencialmente às primeiras verbalizações trazem relatos que não são coerentes com a tranquilidade inicialmente expressa, e que retratam situações que não são corriqueiras para a maioria dos alunos do curso (heterossexuais), denotando relativo incômodo por parte dos entrevistados, como piadas e brincadeiras pejorativas, comentários preconceituosos etc. Pude observar que, inicialmente (e até inconscientemente), há a tentativa de minimizar a ocorrência e relevância desses acontecimentos, caracterizando estratégia discursiva denominada polidez implícita.

"Sou bissexual. Atualmente eu lido de uma forma tranquila. Falo abertamente sobre isso em sala de aula, não tenho problema de me auto afirmar em sala de aula. Assim, bem tranquilo. [...] existe muita gente, ali dentro mesmo, que você percebe que não quer ser seu amigo ou olha de um jeito torto por sua orientação". (Maria)

"Eu acho, pelo menos na minha turma, eu acho tranquilo. É, porque, como já são todos adultos me respeitam, em partes, porque no começo sempre tinha a piadinha, comentários [...]". (Miguel)

"No curso, na sala de aula, eu sou mais fechado, mais na minha. Mas, fora do curso... sou solto, sou mais livre, aberto. [...] Porque tem gente que eu não tenho muita intimidade, e também eu vejo que muitos são um pouco preconceituosos. Mas tipo, ia ficar aquela gracinha, piadinha vai, piadinha vem. Eu não gosto me abrir mais para o povo da sala". (Eduardo)

"Na sala as piadas rolam soltas com quem não é [hétero], um brincando com o outro [...]. Ninguém lá na sala sabe a meu respeito, acredito. Nunca precisei expor nada, ninguém também nunca perguntou, então eu fico na minha só. Mas se alguém por acaso perguntar alguma coisa, acho que eu me daria bem". (Felipe)

O receio de sofrer práticas discriminatórias levam a maior parte dos entrevistados a limitarem suas relações e a não performar como costumam performar em outras esferas nas quais lidam abertamente com sua orientação sexual. Textos como o de Eduardo revelam as diferenças de comportamento no *ethos* da graduação em Administração e fora dele. Partindo da ideia de que a performance pode ser compreendida como a maneira que o sujeito se apresenta e controla a impressão que os outros têm dele (GOFFMAN, 1959), diversos entrevistados evidenciam que sustentam performances distintas de sua identificação sexual como forma de se adequar às imposições contextuais e evitar a discriminação.

Grande parte dos atores da pesquisa expôs aparente tensão e adaptação de suas performances por acreditarem que o ambiente do curso é mais intolerante com sua orientação que outros ambientes. Diante destes relatos pude constatar "a repetição compulsória de normas antecedentes e subjetivantes" (HIGASHI, 2016, p. 32), as quais não podem ser ignoradas pelos indivíduos e que, ao mesmo tempo, os constroem. Relatos como o de Felipe aparentam demonstrar que para alguns alunos o ambiente do curso não é um cenário tão acolhedor às diferenças de orientação sexual, percepção que faz com que determinados estudantes se reprimam e se silenciem durante a vivência acadêmica.

Alguns dos condicionantes sobre o comportamento no curso de Administração são descritos por José:

"Talvez eu me sinta um pouco mais livre fora [do curso], pelo fato de não ter aquela pressão, que querendo ou não a gente tenta se comportar o máximo nos âmbitos que você está. Eu sei que escola ou faculdade é um ambiente mais livre, mas às vezes você não se sente tão livre dessa maneira. No caso do julgamento que a gente sabe que ainda existe, muita gente que julga se você é muito exagerado nas coisas. Mas eu me sinto muito mais tranquilo quando eu estou perto de amigos ou em algum âmbito, festa ou coisa do tipo que seja mais relacionado a homossexualidade e tento ao máximo não me julgar ou julgar as pessoas, por ser um pouco mais visíveis, vamos dizer assim, pelo fato de eu não querer ser tanto assim. [...] mas dentro de sala de aula se você não se sente tão à vontade para se soltar em questão da sexualidade você vai ficar um pouco mais retraído, vai se fechar um pouco em relação a sexualidade, [...] então você vai se adaptar ao local. [...] dentro de sala de aula eu me sinto mais retraído do que fora. Porque eu não estou em um ambiente que eu me sinta tão confortável feito quando eu estou em um ambiente mais de LGBT. Porque eu sei que em sala de aula sempre vai haver uma pessoa ou outra que não aceita seu jeito, que não aceita você pelo fato de você ser gay ou não ser. [...] Porque ainda o pessoal vive naquele padrãozinho que homem tem que estar com mulher e mulher tem que estar com homem. [...] eu tento não me expressar exageradamente demais porque eu acho que as pessoas falam pelo seu jeito de ser ainda, qualquer coisa que você faz em um ambiente muito público as pessoas falam, você sendo hétero ou não. Mas para a gente que é gay tudo é exagerado, qualquer coisa que você faz é exagerada para as pessoas, já pelo fato da pessoa ser preconceituosa e por mais que digam que não são eles sempre vão estar com esse preconceito enrustido na cabeça deles". (José)

José apresenta explicitamente em seu enunciado a adequação de seu comportamento no curso — através de textos como "a gente tenta se comportar o máximo nos âmbitos que você está", "dentro de sala de aula eu me sinto mais retraído do que fora", "eu tento não me expressar exageradamente demais porque eu acho que as pessoas falam pelo seu jeito de ser ainda" —, porque acredita que há julgamento constante de algumas pessoas sobre seu comportamento — "muita gente que julga se você é muito exagerado nas coisas", "as pessoas falam pelo seu jeito de ser ainda, qualquer coisa que você faz em um ambiente muito público

as pessoas falam". O estudante aponta também que há maior vigilância e julgamento sobre o comportamento de gays do que sobre o de pessoas heterossexuais — "para a gente que é gay tudo é exagerado" —, e que tais dissonâncias são reflexo do preconceito que diversas pessoas têm com aqueles que são diferente.

Pude também constatar ainda que José consegue perceber a existência de um padrão (heteronormativo) seguido pela maior parte do corpo discente — "o pessoal vive naquele padrãozinho que homem tem que estar com mulher e mulher tem que estar com homem" —, que faz com que os estudantes utilizem tal modelo de comportamento na busca por coerência entre os indivíduos com os quais convivem.

Os citados silenciamentos e modelagem de performances no curso podem ser identificados nas falas de outros alunos que discorrem sobre suas impressões acerca do *ethos* da Administração, como pode ser percebido nas falas de Isadora e de Lorenzo a seguir.

"Quando tem umas coisas muito polêmica assim, que muita gente está discutindo, eu prefiro não me posicionar. Porque eu sei que o povo vai ficar com preconceito, entendeu? [...] Não é legal. Porque você deixa de falar, de se expressar, por medo do que as pessoas vão pensar sobre você". (Isadora)

"Como eu te falei, as pessoas ainda estão aprendendo a conviver. Então existe termos e tal que eu procuro, não é questão de privar, mas não falar aqui. Até por ser uma instituição religiosa, ser um lugar pequeno, as pessoas olham muito, eu percebo quando eu chego! As pessoas ficam achando que eu sou um estranho, ficam olhando mesmo, acompanhando para ver qual é a sala que vai entrar e tal. [...] Eu procuro não falar muito, não me abrir muito. Sabe? Lógico que já acharam rede social, todo mundo se segue e tal, mas eu procuro não compartilhar muito [...] certas coisas [...] até para mostrar o limite as pessoas, entendeu?". (Lorenzo)

O silenciamento e/ou a adequação de comportamento de Isadora e Lorenzo parecem advir de imposições percebidas pelos discentes como do lugar e da instituição. Conforme apresentado por Lorenzo — "As pessoas ficam achando que eu sou um estranho, ficam olhando mesmo, acompanhando para ver qual é a sala que vai entrar e tal" —, algumas atitudes manifestadas por atores do curso indicam aparente percepção de incoerência entre os discentes não heterossexuais e o lugar em que se encontram (graduação em Administração).

O estranhamento com o qual alguns estudantes na IES lidam com as orientações sexuais que não se enquadram no ideal compulsório da heterossexualidade parece restringir o posicionamento e o comportamento habitual de discentes gays e bissexuais do curso de Administração, os quais buscam adotar performance que imponha limites para que possam obter respeito de seus pares.

Diferentemente da maioria dos discentes entrevistados, Júnior se sente mais vulnerável fora da IES do que dentro dela. Em sua fala relata diversas experiências em que foi alvo de discriminação nas ruas.

"Aqui, dependendo do grupo que eu estou, eu me sinto mais livre. Na rua eu tenho que ficar mais recatado. Um dia eu fui encher o VEM [Vale Eletrônico Metropolitano] [...] e quando cheguei lá estava quebrado e eu tive que atravessar a pista [...], aí quando eu estava saindo da máquina passou uma Kombi cheia de homem e começaram a gritar "veado, veado, veado". Nesse mesmo mês, eu estava passando na frente de uma escola, não era nem Ensino Médio, era de Ensino Fundamental, eu estava vestido de rosa, a camisa rosa, aí começaram: "ei de rosa, é contigo mesmo que eu estou falando, vira, vira, vira". Ou seja, aqui dentro eu me sinto um pouco mais livre dependendo das pessoas que estou conversando. Fora eu me sinto mais preso. Até aqui na parada [de ônibus] já também aconteceu, eu estava conversando passou um homem na carroça e ficou me chamando de veado, "olha como ele é, não sei o que, não sei o que". Chato! Eu me sinto um pouco mais livre aqui dependendo com quem estou conversando do que na rua. Na rua é mais... me sinto um pouco acuado, com medo de falar qualquer coisa e as pessoas já olharem. Até que é tranquilo, mas quando começam a falar eu fico com medo, eu me sinto indefeso". (Júnior)

Apesar de também conseguir identificar e de relatar haver diferenças de tratamento e abertura por parte de alguns atores que fazem parte da instituição de ensino que estuda (principalmente por parte dos alunos), Júnior parece expor que o contexto acadêmico ainda preserva algumas regras de comportamento e de civilidade que impedem demonstrações explícitas de preconceito e de intolerância. Acredito que o fato de ser visualmente constatada a não adequação aos padrões heteronormativos na aparência de Júnior propicie a ele maior vulnerabilidade em contextos nos quais não possuam imposições mais rígidas quanto ao respeito ao próximo e às diferenças que possua.

Outra evidência interessante a ser compartilhada a partir dos relatos coletados é a que indivíduos com outras formações (anteriores a de Administração) tendem a ter maior discernimento e maior capacidade criativa diante da ordem do discurso dominante e de seus desdobramentos ideológicos sobre o fato de não terem orientação sexual legitimada pela heteronormatividade. É o caso de Maria:

"Eu acho que por já ter vindo de outra graduação eu tenho uma mente mais aberta, do que eu era antes. Eu tento ser clara, objetiva com as pessoas, "eu sou isso e aceitem se quiser. Eu aqui tenho que respeitar vocês e vocês também têm que me respeitar". Funciona assim, eu não sou, eu não uso mais a história de meio termo, de tentar me esconder das pessoas. Eu acho que já passou esse meu tempo. Eu sou isso e pronto" (Maria).

Percebo que alunos como Maria — e Lorenzo —, que já passou por outra graduação, se sentem mais maduros que os demais, e tendem a se colocar nas relações estabelecidas no

curso com menor temor e maior firmeza no tocante a sua orientação sexual, talvez por já terem vivido esse temor de não aceitação e reconhecimento em outras circunstâncias de suas vidas. Apesar dessa primeira declaração, em outros momentos da entrevista, Maria expõe que percebe um tratamento diferenciado em sala de aula por conta de sua orientação sexual:

"É buscar meu espaço todos os dias, porque a gente está dentro de uma sala que eu sei, que eu sinto, que eu vejo os olhares, né. Você consegue enxergar o olhar da pessoa quando é diferenciado para você. É você tentar se afirmar todo dia dentro da própria sala de aula". (Maria).

A autoafirmação diária relata por Maria evidencia uma subversão à matriz de inteligibilidade heterossexual e ato performativo de resistência às forças que emanam desta matriz de poder.

Outra interessante percepção acerca da autopercepção sobre seu comportamento no curso evidenciada pela pesquisa foi encontrada na fala do discente Rafael:

"É que aqui no curso, querendo ou não, você está montando a sua carreira, você está sendo profissional, eu acho que você não tem que misturar tantas coisas. [...] Talvez eu ache que por estar aqui estudando e por eu estar montando a minha carreira eu ache que não deveria me comportar de tal forma. Mas, às vezes, eu penso que isso poderia já ser algum bloqueio meu, por não ter uma aceitação total de todo mundo, entendeu? Aí... por que um heterossexual poderia se comportar de tal forma abertamente e eu não poderia, entendeu? [...] Por exemplo, falar mais abertamente. Se um menino chega dizendo, mais abertamente, que foi para uma festa, pegou uma menina e tal... ele, um hétero, consegue falar isso abertamente. Mas eu vou sentir um bloqueio quanto a isso, eu não vou conseguir falar isso abertamente em público. Vou dizer para meus amigos, mas para todo mundo, [...] na sala, eu não vou ter coragem". (Rafael)

Há no relato de Rafael associação entre o curso de Administração e o mercado profissional. Em sua concepção, teoricamente, a graduação seria um espaço no qual sua performance deveria estar próxima àquela que é legitimada no âmbito organizacional/empresarial. A fala do entrevistado sugere certa preocupação com a não legitimação que o ser homossexual pode trazer a sua carreira profissional.

"Às vezes tem gente que não se sente confortável, aí vai e se comporta de outra forma, daí é difícil de você conseguir identificar, porque está moldado em relação a massa, [...] justamente ao que é aceitável. Não é aceitável que você fique falando, sei lá, gírias, ou se comporte de tal forma, por exemplo, eu falo isso em relação a quem é gay, afeminado, no caso. É, a sociedade tenta moldar de uma forma que a pessoa queira, a pessoa acaba automaticamente seguindo aquele padrão". (Rafael)

"Essa questão do visual, por exemplo, que meus amigos sempre falam isso, que "Ah! Tu vai trabalhar na área de administração, tu vai ter que se vestir

de tal forma, tu vai ter que [...] tu não vai poder frequentar certos lugares e tal". E eu faço "minha gente isso não influencia!", mas eu já tenho essa consciência que se eu arranjar um emprego na área administrativa a proposta vai ter que ser outra, entendeu? Eu vou ter que fazer uma reconstrução de imagem para poder atender o que eles querem. [...] Eles querem uma visão normativa tanto dos homens como das mulheres". (Lorenzo)

Rafael faz uma importante constatação sobre a influência do padrão aceitável (heteronormativo) sobre a performance no curso (e as restrições a ela impostas) de quem de alguma forma não se enquadra a ele. Quanto mais distante da matriz heterossexual, menos a performance será reconhecida. Na fala de Lorenzo, também consigo identificar tais associações. O aluno utiliza-se de semiose relacionada à maneira de se vestir para evidenciar alguns estereótipos¹¹ encontrados sobre a profissão de administrador, os quais normatizam a vivência e as percepções estabelecidas no curso. Na próxima seção destacarei outras semioses encontradas nas entrevistas.

7.5 Algumas semioses observadas

Ainda com relação ao comportamento dos discentes entrevistados no curso, pude identificar em diferentes momentos das falas coletadas a existência de diversas semioses. Segundo Fairclough (2012, p. 308), elementos semióticos estão presentes a todo momento na vida social, interconectando práticas sociais de distintos tipos e incluindo "todas as formas de construção de sentido – imagens, linguagem corporal e a própria língua".

A semiose nos permite observar a atividade social inserida em uma prática, as construções sociais dessa prática e o desempenho de posições particulares, a partir, por exemplo, da orientação sexual que os sujeitos possuem. Como já citei anteriormente, com base na matriz de inteligibilidade, projetamos e negociamos nossa imagem pública perante uma audiência por meio do uso de certos recursos semióticos, como roupas, entonação da fala, gestos, seleção de palavras e o próprio corpo (GOFFMAN, 1959), algumas destas projeções podem ser apontadas em alguns textos:

"As pessoas [na IES], elas associam muito às roupas! As roupas são o que eles falam mais, porque gera o impacto... é o primeiro impacto que têm. Então se eles veem uma menina usando um determinado tipo de roupa, 'ah, já é sapatão!' Se a menina não gosta de se maquiar... ah, já é! A mesma coisa

¹¹ O estereótipo é uma representação social acerca de traços distintivos de um grupo, categoria ou classe social (AYESTERAN; PÁEZ, 1987), que designa modelo lógico para simplificar uma contradição da vida cotidiana, o qual pode se sobrepor ao real (MARTINS; RODRIGUES, 2004), mas que não equivale à realidade. Trata-se de uma imagem mental simplificada de algo ou alguém, a partir de generalização baseada em crenças que reduzem a realidade, e que tem influência sobre intenções e comportamentos (MARTINS; RODRIGUES, 2004).

é o rapaz. Se o rapaz gosta de usar uma modelagem de calça mais justa... 'Thhhh... é viado!' Se gosta de ter uma barba benfeita, uma sobancelha benfeita... já também diz que é viado". (Lorenzo)

"Eu acho que basicamente muitos de lá devem saber que eu sou gay pelo fato de eu agir dentro de sala, do jeito que eu falo, querendo ou não às vezes a fala diz, o jeito que você anda, o jeito que você se veste [...]. O pessoal fala muitas vezes: "ah porque tu se veste com roupa muito apertada, tu gosta de roupa muito curta". Eu nunca achei que eu preciso me vestir de acordo com o que o pessoal fala que tem que se vestir. Eu simplesmente tenho que me vestir do jeito que eu gosto, eu tenho que saber o que eu me sinto bem. [...] Às vezes, porque eu falo gesticulando, muita gente fala: "ah, porque tu gesticula demais, porque tu se solta demais quando está falando". Por que eu tenho que está me prendendo?". (José)

Os relatos de Lorenzo e José apresentam algumas semioses por meio das quais acreditam ser identificados como gays. Tais traços estereotipam o comportamento de gays e lésbicas, mas nem sempre encontram equivalência na realidade. O relato de José sobre "eu nunca achei que eu preciso me vestir de acordo com o que o pessoal fala que tem que se vestir", evidencia atitude subversiva ao processo de normatização que decorre da performatividade heteronormativa.

Ao discorrer sobre normatividade, Lorenzo faz associação entre algumas destas semioses e a normatização que pressiona o comportamento dos estudantes no curso e no mercado de trabalho:

"A visão normativa é exatamente essa que gera aquela dúvida 'Será que ele é? Acho que não! Porque ele se veste assim. Olha a roupa dele! Ele usa barba! Será que ele é gay mesmo?' Então, essas coisas assim. As roupas dizem muito das pessoas, enfim, e o que é esperado é exatamente isso, a camuflagem, pelo menos na hora do trabalho. Que é o que eu vejo muito com meus amigos, eles vão para balada, para festa e você vê no visual que é diferente. É como se fosse uma libertação quando eles saem de noite, assim, porque eles podem usar o que eles quiserem, eles podem usar o cabelo que eles quiserem, que ninguém vai tá nem aí. Agora, na empresa deles, não! É aquela coisa normativa mesmo! É os homens de social, gravata, sapato, cinto... As mulheres naqueles look esporte-fino e tal. E aí sempre me perguntam: "tu vai estar disposto a dedicar oito horas do teu dia, tu vestido desse jeito. E justamente se policiando? Porque tu não vai poder chegar na empresa e ficar tipo assim: - E aí minha gente, bom dia!", com essa animação toda, porque vai ter gente que não vai gostar", como tem gente na sala que não gosta do meu jeito, entendeu?". (Lorenzo)

É possível sinalizar sobre o enunciado de Lorenzo a evidenciação de uma estruturação social semiótica hegemônica, que, segundo Fairclough (2016), indica ao senso comum qual construção de sentido deve ser legitimada socialmente. Pude deduzir que a relação estabelecida pelo discente entre a normatividade e o modo de se vestir talvez seja reflexo de sua formação anterior em Design de Moda.

Não só a maneira de se vestir, como também a forma de agir, de pensar e de falar podem estar relacionadas com "o modo sistemático de organizar e pensar os seres humanos" (FILAX et al., 2015, p. 132) e com pré-determinações de como devem performar corpos masculinos e corpos femininos. José e Júnior discorrem sobre o modelo heterossexual a partir de algumas semioses julgadas como inadequadas:

"Eu sei que eu tenho que me controlar um pouco, algumas coisas que eu faço. Que é prejudicial até para mim, em questão profissional. Mas muitas vezes não é, é só pelo meu jeito muito afeminado de ser, as pessoas acham que não é muito adequado a fazer isso em grupo, em público. [...] Porque não é tipo essa coisa da heteronormatividade, homem ele tem que ser masculino, no sentido de que ele ter que ser durinho na fala, ele não pode ter voz fina, ele não pode andar rebolando. E mulher que tem que ser feminina, usar maquiagem, ter gestos mais leves na mão e tal, e homem não. Você pode ser gay, pode ser bi, mas "se comporte como homem". Não se comporte como uma pessoa que você não vai ser respeitada pelo seu jeito. É assim que eles acham, ou seja, como eu sou um homem, afeminado, que não tenho uma voz tão grossa, para eles não é adequado". (Júnior)

"O padrão em si eles focam como o padrão do heterossexual né, que é aquilo no caso: pra quem é hétero é aquela coisa mais despojada em questão para a [orientação] sexual deles, mas que a gente siga o que as pessoas falam né. O padrão que geralmente falam é o que geralmente todo mundo faz naquela mesma linha, se ultrapassa um pouquinho o pessoal já ver como diferença e quer que se padronize a eles. A gente está sempre na mesmice que as pessoas fazem. A gente não pode ser um pouco diferente nem muito diferente, porque senão as pessoas nos julgam pelo fato de ter essa diferença, e ninguém aceita ter uma pessoa diferente de você. [...] Eu tento me tranquilizar, eu tento não seguir a questão de padronização por isso eu me sinto às vezes julgado por isso. Porque eu passo a ter aquele estereótipo, de que você tem que ficar reservado não sei o que, você isso e você aquilo. E eu tento administrar isso dessa forma, eu tento não ligar para os comentários que as pessoas fazem de mim ou o que pensam. É como eu sempre tento lidar com isso, é assim que eu fui me libertando do preconceito que eu tinha dentro de mim pelo fato de eu não aceitar ser gay". (José)

Em ambas as falas é possível perceber como a heterossexualidade compulsória exerce pressão para que os discentes conformem seus corpos à matriz de inteligibilidade, ao ponto do discente Júnior, por exemplo, achar que precisa controlar "seu jeito muito afeminado de ser" para não se prejudicar profissionalmente. É possível ainda identificar nos dois enunciados que os discentes sofrem julgamentos e pressões pelo fato de alguns de seus comportamentos desviarem do ideal heteronormativo e do estereótipo de masculinidade cobrado para os homens.

As classificações de quais comportamentos são vistos como sendo masculinos ou femininos não são criados apenas para descrever, mas principalmente para normatizar por meio de critérios exclusivistas (BUTLER, 1998). A partir destas normatizações — que estão,

por sua vez, associadas ao padrão heteronormativo —, delimitam-se comportamentos linguísticos e sociais que excluem sujeitos "desviantes", como o caso das vestimentas de José e Lorenzo e da entonação de fala e trejeitos de Júnior.

A partir dos relatos e das semioses observadas, pude perceber a estilização reiterada dos sujeitos a partir da performatividade, submetendo e impelindo os corpos a enquadrarem-se aos parâmetros performativos provenientes da heterossexualidade compulsória.

A identificação de semioses durante as entrevistas foi importante também para que eu pudesse sentir o nível de tranquilidade dos entrevistados ao falarem sobre sua orientação sexual e, por conseguinte, adaptasse a condução dos turnos na conversação. Para alguns entrevistados, como Ana, era perceptível que o falar sobre sua orientação sexual causava constrangimento e nervosismo, a ponto de ter dificuldade de se expressar.

"Por exemplo, com meus amigos do sexo masculino, eu consigo conversar sobre o assunto sentindo menos preconceito do que se eu falar com alguma colega do sexo feminino, eu acho que isso também influencia. Parece que as mulheres, eu acho que elas devem se sentir... eu não sei se é coisa da minha cabeça... que uma amiga minha pode, sei lá, sentir que eu possa estar querendo paquerar ela ou alguma coisa assim, aí eu fico mais, não sei, acho que alguma coisa desse tipo. Não estou sabendo explicar com as palavras certas, mas acho que pode ser alguma coisa desse tipo". (Ana)

Falas repartidas, demora em concatenar ideias e finalizar pensamentos, friccionar de mãos, dificuldade para encarar olho no olho o entrevistador foram algumas das semioses percebidas na coleta de dados, e que possibilitaram uma maior compreensão minha (como pesquisador) sobre os atores da pesquisa.

7.6 Do diferente para o diferente: como os discentes percebem outros alunos LGBTs no curso

Pude constatar que diversos entrevistados corporificam a racionalidade do 'senso comum' sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, interferindo principalmente em como se enxergam e se comportam como gays, e como enxergam outros homossexuais no contexto do curso — principalmente aqueles ditos "afeminados".

Um dos questionamentos que fiz aos atores da pesquisa durante as entrevistas foi sobre como enxergavam outros LGBTs no curso de Administração. Os discentes utilizaram-se de distintas estratégias para abordar a percepção que têm sobre aqueles que possuem orientação sexual fora da compulsoriedade heterossexual, no entanto, reproduziram em sua maior parte percepções sobre alunos gays:

"Daqui, o mais assim afeminado que gosta de aparecer sou eu. O resto não vejo muito com esses comportamentos assim muito afeminados, exagerados igual a mim não, são tranquilos no canto deles. Eu que gosto de sair falando com todo mundo, por isso que eu conheço tanta gente aqui". (Júnior)

"[há] essa questão de diferenciação de perceber as pessoas a partir [...] do jeito que as pessoas se comportam. As pessoas me percebem de uma forma diferente e também percebem ele [Júnior] de uma forma diferente, apesar de nós dois sermos homossexuais". (Carlos)

"A regra não se aplica a todos, mas eu acho que gay é desinibido por vida. São pessoas alegres, divertidas, normalmente, e até mesmo os mais sérios, são pessoas extremamente, que eu tenha por vista, que são extremamente inteligentes, entende? Então isso já se destaca por nota e eu não quero ser, tipo, uma raça superior não, entende? [...] Eu acho que isso vem do que eu falei anteriormente, eu acho que a gente tenta mostrar o melhor para tentar se impor. Para não acarretar futuros desgastes, emocional ou psicológicos, com outro indivíduo da sala, acho que é por conta disso. Acho que baseado também nas experiências passadas, acho que cada um tem uma perspectiva do que passou, do que já sofreu, do que já viu, por exemplo. E tentar, pelo menos ao decorrer do curso, vão ser 4 anos você lidando com as mesmas pessoas. E eu acho que você tem que não cometer os mesmos erros do ensino médio, entendeu? Acho isso o mais importante das experiências passadas". (Caio)

Tanto Júnior quanto Carlos estabeleceram comparativos entre distintas performances. Júnior citou que a performance dos demais estudantes gays é mais contida que a sua e que, aparentemente, eles se relacionariam menos que ele com as demais pessoas no curso por causa disto. Carlos, por sua vez, fez um paralelo de como as pessoas percebem e julgam de maneiras diferenciadas o comportamento dos gays — principalmente, utilizando a matriz de inteligibilidade heterossexual.

Já a percepção de Caio ressalta uma suposta necessidade dos gays de se destacar e de demonstrar mérito dentro do grupo social do qual fazem parte, como uma tentativa de se impor, mostrar seu mérito e evitar manifestações de intolerância e discriminação. Com base no percebido pelo discente, tal posicionamento seria estimulado pelas experiências passadas e funcionariam como uma demonstração de força, busca de respeito, além de alicerce para que estes se relacionem no curso.

As exteriorizações dos entrevistados estiveram em sua maior parte centradas sobre o ambiente das salas de aula que fazem parte:

"Ah! dentro desse contexto de orientação, eu acho que na sala pelo menos tem futuros administradores gays, eu não sei se eu percebi muito que meninas gays, no caso lésbicas. É... são maior o número, pelo menos na faculdade, de meninos gays". (Caio)

"Na nossa sala eu não conheço nenhum colega meu que seja, entendeu? Quer dizer, conheço! Que é um rapaz aí, mas nunca fui de conversar com ele, nunca fui de se relacionar com ele, é... é... amistosamente, eu nunca conversei com ele pra saber como é que ele se porta diante disso. Então, até porque na nossa sala grande fatia da sala é, eu não sei se o senhor já percebeu isso, a maior parte da sala que é dessa turma, tem mais hétero do que lésbica, gay e bissexual, etc.". (Marcelo)

"Eu consigo identificar algumas pessoas, mas como é o comportamento deles eu não sei. [...] Na sala eu sei que tem algumas pessoas que devam ser, um eu sei que é e acho que se relaciona bem com os amigos dele... assim, sabem de boa, tiram brincadeiras entre si, mas é mais entre eles. Às vezes, chega alguém de fora e brincam também, mas eu não sei se tem essa liberdade para brincar com essa pessoa. Enfim, acho que existe respeito no grupo deles". (Felipe)

"Eu conheço poucos [LGBTs] na realidade. Conheço só Júnior e [Cássia] que estuda comigo. Eu acho normal o comportamento [deles], [...] porque como até então te disse, tenho dificuldade de me aceitar e não os outros. Eu aprendi a amar o próximo do jeito que ele é, então, normalidade, eu vejo ela como uma mulher mesmo sendo lésbica, e ele como um homem mesmo sendo gay. [...] Olha, em questão de comportamento, como eles são pessoas bem resolvidas, totalmente diferente de mim, enxergo eles como [se] eles não fugissem dos instintos deles, entendesse? [...] Nada demais, tudo normal" (Evaristo)

A dificuldade que os discentes apresentaram para perceberem (fora de suas salas de aula) outros LGBTs na instituição pode decorrer justamente da conformação dos corpos e da modelagem de performances que alguns indivíduos se submetem a fim de dificultar sua identificação como não heterossexuais, numa tentativa de autoblindagem a manifestações de preconceito e discriminação.

Alguns entrevistados enxergam que grande parte dos LGBTs são introspectivos e contidos no curso por causa do preconceito sentido neste contexto. O receio de serem alvo de algum tipo de comentário preconceituoso, de não serem levados a sério ou de serem excluídos faz com que "se fechem". A introspecção parece também estar associada à tentativa de preservar o longo convívio com a turma nos 4 anos de duração do curso.

"Eu vou responder pela pessoa que eu tenho mais intimidade, que é também [homossexual], né! Ela também não é muito de se expressar, ela é muito na dela, entendeu? [...] Algumas pessoas sabem dela na faculdade, na sala. Ela não é do tipo que tem, como posso falar, ela é mais na dela. [...] De manhã também tinha um, que eu analisava que ele ficava mais na dele assim [...]. Mais na deles, é justamente isso, o preconceito que os demais vão ter em cima deles. Então eles preferem ficar, na minha opinião, assim como eu. Preferem ficar mais na deles do que se expor. Porque assim, a gente sabe que faculdade, queira ou não, [...] são pessoas que você vai levar por quatro anos. Então eu acho que é preconceito mesmo. Eu acho que eles ficam mais na

deles pelo preconceito que as pessoas vão ter [...] e aceitação, entendeu?". (Isadora)

"Eu identifico alguns na sala, porém eu acho que dentro do curso de Administração são muito fechados ainda. São muito fechados, não sei se por medo, se é jeito de falar, jeito de agir. Identifico algumas pessoas na sala que são muito na delas assim, com a questão da orientação sexual. Acredito que por medo, porque a gente está numa sala e a gente não conhece todo mundo ali né, a gente não sabe até onde as pessoas podem ir. Então eu acho que muita gente prefere ficar na dele, ficar na sua, do que se afirmar". (Maria)

"Tem alguns que são mais fechados, tipo tem medo de dizer que é, medo do que a gente vai pensar, medo do que a gente vai achar. E tem outros que conseguem se abrir, naturalmente, tipo "ah eu consigo, eu sei", a gente consegue ter mais liberdade; tem outros que não, que ainda tem medo, que ainda estão no casulo. É como uma borboleta, a gente consegue ser livre; e tem outras que ainda estão no casulo, com medo". (Bruna)

"Tem um menino lá da sala que as pessoas desconfiam, já vieram falar comigo, me perguntar, aí eu disse que isso tinha que perguntar a ele. Eu não vou saber da vida dele, até porque não me interessa se ele é ou não. E se for, "bem-vindo ao clube", como dizem. [...] Eu acho que [por causa do] preconceito talvez não se abram com medo do que vai acontecer. É porque cada caso é um caso. Tem umas pessoas que lidam melhor com isso, outras não... acho que vai muito do que acontece dentro de casa, em relação a família, delas quererem se assumir ou não. Mas eu acho que as pessoas são curiosas, que elas querem só falar, ter alguma coisa para falar, alguma coisa para comentar, uma novidade para espalhar, talvez seja isso". (Miguel).

A partir dos relatos dos entrevistados, percebi que não estão muito preocupados em identificar outros LGBTs no contexto em que estão inseridos. A curiosidade e desconfiança parece povoar mais o imaginário dos discentes heterossexuais. Por parte dos gays e bissexuais, mesmo aqueles que não são assumidos ou não lidam bem com sua orientação sexual, parecem lidar com naturalidade e, principalmente, com respeito às diferentes formas de vivenciar a sexualidade.

Outro ponto a ser destacado se refere a autorreflexão que alguns estudantes fizeram da relação (ou não) estabelecida entre os LGBTs como um grupo.

Eu percebo que não somos muitos unidos, apesar de sermos homossexuais, é cada um meio que no seu lugar [...] é todo mundo um pouco afastado, não é aquele pessoal unido, vamos dizer assim... no sentido de sentar, conversar, brincar, dialogar, trocar uma ideia... são meio que afastados um do outro. [...] Vou citar um exemplo mesmo lá na sala, tem eu, Júnior e outro menino. Ele [outro menino] não conversa muito comigo, não dialoga muito comigo, até porque eu tenho uma percepção de mundo muito diferente da dele [...], acho que é uma questão de entrosamento entendeu, não sei como passa na cabeça dele de querer se expor e ser tratado de forma diferente". (Carlos)

"Eu tenho uma boa relação com eles, mas antes eu não tinha, não conseguia chegar nos grupos não. Não sei explicar. Mas eu não conseguia chegar muito

nos grupos, eu não sei se eu era pouco veado para estar nos grupos ou era demais para o grupo. Não sei se eles me achavam exagerado, "essa 'poc' é muito, gosta de aparecer, eu não quero ela aqui não". Não sei, mas eu tinha uma relação tranquila com a maioria dos LGBTs daqui". (Júnior)

Interessante identificar que tanto Carlos quanto Júnior, de maneiras distintas, não percebem união ou proximidade entre os discentes LGBTs no curso. O desconfiar de Júnior dessa não aproximação dele com os demais LGBTs por conta de sua performance afeminada pode denotar uma reprodução de julgamentos heteronormativos pelos próprios homossexuais e bissexuais. Outra possível justificativa para esse não entrosamento pode ser encontrada no possível temor que alguns discentes não assumidos tenham em se relacionar com outros alunos que além de assumidos estão constantemente afirmando sua orientação sexual. Lorenzo também fez algumas alegações com sentido semelhante:

"Na sala tem outros gays que tem esse receio de se aproximar de mim, justamente por eu ser uma pessoa que eu não tenho problema, eu não tenho essa barreira de "ai meu Deus, eu não posso porque...", eles têm! Você percebe, você vê que eles ficam desconfiados, eles ficam com medo de falar alguma coisa, eles ficam com medo de participar. Eu enxergo isso, que ainda existe esse medo do que as pessoas em volta vão dizer. [...] Eu sou uma pessoa que não tenho problema. Até porque está bem na cara... Nunca precisei estar dessa forma. Aí eu acho que essa barreira é justamente isso. Por eu ser uma pessoa de boa, já vão, tipo, ligar logo... Por eu viver muito no ambiente LGBT e tal, de não querer se expor, de não querer aparecer... sei lá! São vários fatores que tem! Se for listar [...] eu percebo sim! Essa coisa do medo, de não querer se aproximar, existe muito. Aqui, né? Aqui na faculdade". (Lorenzo)

O receio de outros alunos gays, apontado por Lorenzo, parece estar relacionado a afirmação deste enquanto homossexual assumido, podendo ser interpretada por aqueles como uma ameaça à sexualidade reprimida/ocultada ou ainda, inconscientemente, como uma afronta aos ditames da heteronormatividade, aguçando a insegurança que têm com sua orientação sexual e que pode ser utilizada como estímulo de práticas preconceituosas. Lorenzo também destaca a preocupação que outros discentes têm com o julgamento dos pares, receio este já apontado por outros entrevistados, que promove uma autonegação de sua sexualidade e o silenciamento.

O silêncio no tocante à temática sobre sexualidade foi expresso mais uma vez por Júnior:

"Eu não vejo muito os LGBTs daqui baterem de frente com essas questões de sexualidade. Já eu falo muito. [...] Talvez eles fiquem um pouco... não é necessário mais ou eles já estão cansados de tanto explicar e não adiantar nada. Aí cansa. Tem hora que cansa de você explicar e a pessoa não querer entender". (Júnior)

A observação trazida por Júnior de que não vê "os LGBTs daqui baterem de frente com questões sobre sexualidade" revela o silenciamento que muitos destes discentes se colocam por não quererem expor sua sexualidade num ambiente/contexto concebido como heteronormativo. Ao debater e se colocar como uma voz diferente e que existe, mesmo não se enquadrando ao padrão heteronormativo vigente, Júnior é alvo de estigmatizações de ambos os lados — tanto de estudantes heterossexuais, quanto de LGBTs.

Vale ressaltar que o referido aluno é citado em algumas falas de outros entrevistados, na maioria das vezes se relacionando ao fato dele ser mais visto, das pessoas saberem que ele é gay (apesar de Júnior se autodeclarar bissexual) e ressaltando traços de feminilidade em seu comportamento. Alguns comentários exaltam sua forma de ser e de expor sem medo sua orientação sexual em todos os âmbitos nos quais se relaciona no curso; outros comentários falam das chacotas e pormenorizações que sofre pelo jeito de ser, e de como é estereotipado e estigmatizado neste ambiente. Pude também perceber que alguns alunos utilizam Júnior para falar de si mesmos, realizando comparações entre a performance de um e de outro dentro do curso, como pode ser verificado nos relatos de Carlos abaixo:

"As pessoas sabem que eu sou homossexual, mas também sabem que Júnior é também homossexual, sendo que me enxergam de forma diferente, e enxergam ele de forma diferente; primeiro que ele é bem mais extrovertido e bem mais afeminado do que eu, então as pessoas sempre tentam condicioná-lo a questão da mulherzinha, de ser feminino. Aí uma vez me falaram mesmo assim: "você e Júnior são tão diferentes, apesar de homossexuais". Aí eu falei: "sim, mas ele é de um jeito e eu sou de outro, não é só porque eu sou um homossexual 'meio que padrãozinho' que eu sou mais homem do que ele ou menos homem do que ele", entendeu? É só uma questão de diferença, mas sim, [há] essa questão de diferenciação de perceber as pessoas a partir [...] do jeito que as pessoas se comportam. [...] Parte do jeito que eu sou mais fechado, mais na minha, já Júnior não, é bem mais aberto; então pelo fato de ele se expor mais ele acaba sendo mais visível do que eu. [...] É que ele é muito menininha, entendeu? Que ele é muito afeminadozinho". (Carlos)

É possível identificar no texto de Carlos comparação entre a sua performance e a de Junior, a partir de critérios vinculados a feminilidade e decorrente aproximação/distanciamento do padrão heteronormativo de comportamento. O estudante relata que as pessoas no curso tendem a associar o jeito de ser de Júnior à performance feminina — "bem mais extrovertido e bem mais afeminado do que eu, então as pessoas sempre tentam condicioná-lo a questão da mulherzinha, de ser feminino" — ao mesmo tempo em que percebem que ele (Carlos) possui performance mais alinhada ao padrão heteronormativo — "eu sou um homossexual 'meio que padrãozinho'" — e, por isso, causa

menos estranheza das pessoas e é mais respeitado, além de ser visto como mais homem que Júnior. Tal comparação exemplifica a crítica do movimento *queer* à heteronormatividade, evidenciando que há maior aceitação social a gays e lésbicas normalizados, com performances alinhadas ao que reforça o modelo heterorreprodutor (MISKOLCI, 2016).

Ainda é possível destacar nessa fala de Carlos a reprodução do estigma sobre o discente Júnior — "É que ele é muito menininha, entendeu? Que ele é muito afeminadinho" — buscando a conformação de seu corpo ao que é inteligivelmente visto como o ser homem e o ser mulher. Relatando conversa com Júnior, Carlos parafraseia algumas falas de seu colega discente:

Uma época lá na faculdade né, ele disse que era bissexual, aí começaram a dizer: "mas como é que você é bissexual se você tem mais jeito de menina do que homem?" Aí ele pegou, a princípio ele ficou todo sem graça, aí ele falou: "minha gente, vocês têm que entender que não é pelo fato de eu ser bissexual que eu tenho que ter uma postura mais máscula". Então ele meio que foi, até pelas próprias amizades dele [...] que eram próximas a ele também começaram a enxergar dessa forma. Aí foi quando ele conversou comigo e ele falou assim: "Carlos, o meio LGBT ele é tão hipócrita, ele fala em igualdade, mas quando você foge à regra da igualdade do que eles falam você é o diferente". Aí eu disse, "bem-vindo ao mundo, fazer o que né? É assim que é". (Carlos)

A partir do enunciado, é possível identificar que Júnior percebe intolerância entre os próprios LGBTs, que guiados pelas normas reguladoras da matriz de inteligibilidade — a qual define os parâmetros legitimados de masculinidade e feminidade — repetem e reiteram performances consideradas adequadas às normas de gênero e excluem as performances desviantes.

"A princípio eu até estranhei, aí eu falei até pela forma de comportamento dele né, porque ele gosta muito de se expor. Ele publicou no Facebook dele, [...] aí quando foi na faculdade eu peguei e fui conversar, eu falei: "que história é essa?" Ele: "eu sempre fui, mas eu ficava meio que recluso, porque eu sabia que ia sofrer recriminação das pessoas pelo fato de ser afeminado e me considerar bissexual, aí eu já fiquei com uma menina e eu gostei". Aí eu falei: "então tá, viva a sua vida do jeito que você achar correto". [...] Porque é mais ou menos assim, o termo de maturidade, eu sou uma pessoa mais centrada do que Junior. Ele vive um pouco no mundo da fantasia, eu tenho mais os pés no chão, então as pessoas o enxergam como uma figura caricata, sempre como aquele "eu quero ter um amigo gay, porque um amigo gay vai me fazer rir em algum momento", entendeu? Então quando as pessoas vêm conversar algum problema pessoal ou relacionamento, às vezes, não estou dizendo que é sempre, as vezes me procuram, me perguntam, não perguntam a ele. Aí eu falei "sabe por que as pessoas, às vezes, não te enxergam uma pessoa com personalidade? [...] as pessoas sempre vão te enxergar dessa forma caricata, porque você se porta de fora caricata, entendeu? Você acredita no 'Alice, no mundo da fantasia', você tem que ser mais pé no chão, entendeu? E você quer sempre estar mostrando para as

pessoas que você é homossexual, quando na realidade não há necessidade disso [...]. Se você é homossexual, tudo bem, é a sua orientação sexual, mas você não tem que está expondo 24h, querendo ser uma figura caricata 24h para agradar as pessoas, para as pessoas aceitarem você". Porque ele tem um problema da questão da aceitação, então quando um determinado grupo ou determinada minoria de pessoas não aceitam, ele meio que acha que o problema é com ele; então ele meio que tenta se aproximar dessas pessoas, se tornar uma pessoa caricata para agradar as pessoas. Aí eu falei assim: "não seja assim, as pessoas vão gostar de você pela pessoa que você é, não por você [ser] caricato, muito engraçado, fazer as pessoas rirem". (Carlos)

A partir do último texto, Carlos compartilha que se percebe mais centrado que Júnior por ser mais contido e se expor menos que ele. Não há aqui como analisar e/ou comparar o nível de maturidade entre os discentes, colocada pelo entrevistado em suas palavras. No entanto, constato aparente julgamento de Carlos quanto à exposição que Júnior dá a sua sexualidade, adjetivando a feminidade presente no comportamento deste como sendo "caricata", numa clara depreciação de sua performance — observação sutilmente amparada na performatividade que submete os corpos a princípios normativos de adequação provenientes da heterossexualidade compulsória (JAGGER, 2008; BUTLER, 2003a).

Ao mesmo tempo, Carlos revela observação de que acredita que Júnior sofre com a não aceitação e com o julgamento que as pessoas no curso fazem de sua sexualidade e de seu comportamento. Relatos de outros discentes reforçam esta observação:

"É como se fosse levar o gay ou o homossexual só pro lado engraçado, como se você não levasse nada a sério, entendeu? Às vezes você faz uma piada e podia ser Júnior ou quando tem Júnior na sala também, que é um amigo meu. Que o povo fala, zoa, como se ele fosse uma figura engraçada, entendeu? Só que não é, tipo assim, poderia ser com qualquer gay, entendeu? Qualquer pessoa que está lá, tipo, eles não enxergam uma pessoa séria. Não enxerga que você também pode conseguir as coisas. Que você também tem perfil para alcançar um perfil de um heterossexual. Não, porque você é gay, acha que você é o brincalhão, que você é o engraçado. Acho que o tipo de brincadeira sempre são esses assim". (Rafael).

"Existe muito preconceito [...]. A gente tem um colega em sala de aula, Júnior, que a gente via o preconceito que ele sofria. Colegas mesmo, alunos seus mesmo, você conhece... E eu e [Suelen] a gente até conversava sobre isso, aquele jeito dele [...] afoito. Uma pessoa vítima de muito preconceito na sala, muito mesmo, que até ele é depressivo também. Ele se sentia mal, ninguém percebia, poucas pessoas percebiam. As pessoas rebatiam ele com uma brincadeira muito pesada, tipo no grupo mesmo de whatsapp. Eles diziam [discentes] "frango safado", "seu frango", aí começavam a esculhambar ele e entendiam pelo o jeito dele ser que isso não fazia mal a ele, mas fazia. Ele se sentia triste, porque até então isso não deixa de ser um preconceito pelos olhos meus e de outra pessoa que percebia, entendesse?" (Evaristo)

As brincadeiras direcionadas a Júnior, explicitadas por Rafael e Evaristo, refletem os "valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção" evidenciados por Miskolci (2016, p. 25), os quais estabelecem uma "fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo". Evaristo diz acreditar que tais atitudes relacionadas a Junior são motivadas por preconceito de parte do corpo discente ao jeito afeminado de Júnior:

"Eu não gosto muito de palavrão, entendesse? Então se você chegar para uma pessoa: "seu frango safado!"... Muitos amigos meus no grupo falavam isso com o Júnior, e começavam a esculhambar ele, e isso [fazia] ele ficar doente, [...] no grupo, em sala de aula, a gente via que ele ficava doente. E isso para mim é ofensivo. Eu acho que você tem que medir as palavras. Ele é brincalhão com tudo, mas ele não está ofendendo ninguém. Até então teve uma época que o grupo das meninas até ia falar com o diretor, porque isso estava mexendo muito com ele. [...] Eu acho que é por questão... eu vejo como preconceito. Por Júnior ser afeminado, eles [discentes heterossexuais] acham que não é do gênero masculino, as pessoas já têm essa visão. Porque você é gay você não é visto como homem, entendesse? Então acho que o preconceito era o que fazia isso. É justamente por isso que eu sou uma pessoa mais fechada, porque eu não gosto desse tipo de brincadeira. Então, no início da faculdade, as pessoas queriam tirar esse tipo de brincadeira comigo, eu cortava logo. Eu disse: "a minha vida pessoal não diz respeito a ninguém, cuide da sua vida", fazia aquele texto no grupo e ninguém comentava. Que a minha vida, minha sexualidade é minha. Se algum tempo eu quiser divulgar eu divulgo. Então eu não quero divulgar, então pronto. Por isso que eu não dou liberdade. Por isso que eu gosto de ser na minha, formal, não ando perguntando intimidade de ninguém justamente para não dar cabimento para perguntarem sobre a minha vida, entendeu?". (Evaristo)

Novamente, outro discente cita atitudes preconceituosas sobre aqueles que fogem aos padrões heteronormativos. De acordo com o relato de Evaristo, estudantes não heterossexuais (principalmente os homens afeminados) são estereotipados no curso. O discurso legitimado incide sobre as performances dos corpos sociais padrões de normalidade aceitáveis socialmente, padrões estes que estabelecem quem são os chamados "sujeitos viáveis" e quem será rechaçado. A estilização reiterada sobre os corpos causa efeitos sobre a anatomia e sobre a orientação sexual dos discentes por estar ancorada sob a lógica binária e reprodutora homem/mulher, que reforça a heterossexualidade compulsória e postula o que Pinto (2007, p. 23) denomina de "a única possibilidade do sujeito".

Júnior também citou em sua entrevista como recebe os julgamentos proferidos a si:

"Algumas pessoas ficam questionando: "porque isso, porque tu não se comporta mais..., isso é feio, as pessoas vão olhar com um olhar diferente, isso não é ético, não é moral", por causa do comportamento. Eu sei que as vezes eu extrapolo, falo alto e algumas pessoas se sentem incomodadas. Mas muitas vezes é só meu jeito. Não é porque eu estou querendo agredir

ninguém com palavras. É porque vem, brota! Eu sei que eu tenho que me controlar um pouco, algumas coisas que eu faço. Que é prejudicial até para mim, em questão profissional. Mas muitas vezes não é, é só pelo meu jeito muito afeminado de ser, as pessoas acham que não é muito adequado a fazer isso em grupo, em público. [...] Porque não é tipo essa coisa da heteronormatividade, homem ele tem que ser masculino, no sentido de que ele ter que ser durinho na fala, ele não pode ter voz fina, ele não pode andar rebolando. E mulher que tem que ser feminina, usar maquiagem, ter gestos mais leves na mão e tal, e homem não. Você pode ser gay, pode ser bi, mas "se comporte como homem". Não se comporte como uma pessoa que você não vai ser respeitada pelo seu jeito. É assim que eles acham, ou seja, como eu sou um homem, afeminado, que não tenho uma voz tão grossa, para eles não é adequado". (Júnior)

Em momentos distintos da entrevista, o discente se questiona sobre o porquê das pessoas se incomodarem com seu jeito, ao mesmo tempo em que se opõe às imposições performativas que induzem a produção de identidades estáticas e estáveis — que na minha interpretação revela uma performance de resistência por parte do discente às ordens do discurso vigente.

Butler (2017) já chamava a atenção para o fato de que tanto o sexo quanto o corpo serem efeitos discursivos que se materializam a partir de uma significação cultural. No caso de Júnior, os códigos de significação e as estruturas que regulam as performances de gênero não o atribuem inteligibilidade, por não se conformar às estruturas discursivas da heteronormatividade. Essa dissonância entre o que a matriz de inteligibilidade heterossexual reforça e o que os discentes enxergam na performance do aluno parecem justificar a ocorrência de ações discriminatórias e preconceituosas.

Foram constatadas outras manifestações de preconceito e de discriminação no relato de alguns entrevistados quando falavam sobre outros discentes LGBTs:

"[...] Você viver normalmente, sem precisar estar chamando a atenção. Que a partir do momento que você quer andar rebolando, parecendo que vai quebrar a sua bacia, eu acho que isso é desnecessário, até mesmo porque eu nunca vi uma mulher fazendo isso. Então você dizer que quer ser uma mulher e fazer isso, você não está nem querendo ser uma mulher, está querendo ser um palhaço. Pelo menos na minha visão, porque eu tenho conhecidos que inclusive são transexuais que não chega nem perto do que algumas pessoas fazem. E se vestem como mulher e agem como mulher, tranquilamente. Mas eu acho que é o exagero, a partir do momento que você consegue limitar as suas ações a não chegar no exagero você está vivendo dentro dessa minha visão que eu tenho para mim". (César)

"Eu não sei se eu possa está errada, mas uma pessoa que é homossexual, eu vou ser mais específica, assim, gay que age de uma forma exagerada, porque eu mesmo não acho necessário, eu acho que isso influenciaria [na percepção sobre o perfil do administrador]. Eu tenho amigos gays, um mesmo eu falo para ele que não acho legal falar alto, jogando mão, não tem necessidade.

Para você ser uma pessoa homossexual não precisa ser espalhafatoso. Eu acho que uma pessoa mais discreta, em relação a ser homossexual, para um perfil administração ou qualquer outro, poderia ser mais discreta, mais contida, eu acho assim. [...] Não é que eles não tenham, alguns gostam de aparecer mais. Até pessoas também heterossexuais, por exemplo, no meu trabalho tem uma menina que gosta de falar alto, chamar atenção, e esse é até uma coisa que eu não acho legal. Pelo que eu saiba essa garota não é bissexual ou lésbica, mas ela age da mesma maneira assim que muitos gays agem, e eu não acho legal. Essa é uma característica que muitos gays adoram". (Ana).

Pude perceber em alguns relatos a ocorrência — mesmo que inconsciente — de declarações intolerantes por parte de estudantes gays. O diferente resalta aos olhos e, muitas vezes, incomoda o próprio sujeito diferente.

Como forma de conhecer e analisar mais amplamente as relações estabelecidas entre os entrevistados no curso de Administração, questionei os estudantes sobre como descreveriam a relação com os alunos, docentes e funcionários do curso, as interpretações sobre tais interações serão expostas na seção a seguir.

7.7 O cotidiano do curso de Administração a partir das redes de relacionamento

Nos depoimentos sobre o convívio estabelecido com o corpo discente no dia a dia do curso de Administração, os entrevistados relataram diversas ocorrências e distintas formas de relacionamento.

"Têm alunos também que meio, não te acolhem pelo seu jeito de ser também. E tem alunos que são mais, como posso falar, mais relax, te aceita, te respeita, não deixa de falar com você por causa disso, tem alunos que são assim. Eu quando cheguei aqui na faculdade passei por esse processo de quando eu me assumi, alguns amigos meus se afastaram de mim e outros que eu nunca imaginaria me acolheram". (Bruna)

Alguns entrevistados começam a falar de sua relação com os demais alunos (heterossexuais) utilizando estratégias discursivas que indicavam polidez, reparando os atos de fala e minimizando as ocorrências sobre as quais estão discorrendo. Todavia, nesses casos há uma posterior e frequente utilização de conjunções adversativas que revelam situações contrárias ao inicialmente exposto. Como pode ser notado, por exemplo, na fala de Maria a seguir:

"Eu acredito que seja tranquilo, pelo menos da minha parte né. É... assim... as pessoas que se identificam, que se auto afirmam que são gays dentro da sala tem um convívio com outras pessoas tranquilo dentro da sala. Apesar de eu já ter enxergado vários olhares tortos, mas acho que é tranquilo, dentro da própria sala de aula e com o professor também. Os professores são muito tranquilos quanto a isso, muito tranquilos mesmo. [...] Boa parte é olhar de

preconceito mesmo. De achar que a gente não deveria estar ali, muitas vezes. Boa parte, infelizmente ". (Maria) [grifo meu]

Apesar de iniciar sua verbalização alegando que a convivência com os discentes é tranquila, Maria destaca posteriormente que "apesar" disso repara "olhares tortos... de preconceito mesmo", indicando sensação contrária à tranquilidade anteriormente descrita.

Os olhares enviesados direcionados aos entrevistados — e em sua maioria carregados de recriminação por serem diferentes do padrão normativo — foram citados em outros fragmentos discursivos:

No primeiro período eu me sentia assim, eu sabia que tinha gente que falava de mim pelo jeito de eu ser em sala de aula, mas com o tempo talvez tenham mudado a opinião né, mas no primeiro período, assim que a gente começou a chegar em sala de aula, as pessoas estão se conhecendo, as pessoas se sentem um pouco julgadas porque sabe que tem gente olhando para você, falando, rindo, a gente não sabe o que é que estão falando, mas a pessoa vê que estão em sua direção, aí a pessoa nunca sabe o que realmente está acontecendo ali naquele grupo, o que é que eles estão falando, o que eles estão fazendo, o que eles estão pensando de você pelo seu jeito de estar ali [...]. Mas, o que eu vejo, existe muita gente que é preconceituosa". (José)

"Os olhares, tipo, tem gente que chega para você e você sabe que ele lhe aceitam e gostam de você como você é. E tem pessoas que olham para você e já te discriminam só pelo olhar". (Bruna)

"Por exemplo, quando Lorenzo, que é meu amigo, que é gay, faz uma fala, se você parar para observar Lorenzo falando e as pessoas que viram para olhar para Lorenzo, você consegue enxergar, sabe. Quando Lorenzo chega na sala, tipo assim "bicha e num sei o que e tal", você consegue perceber os olhares das pessoas porque Lorenzo está ali, porque Lorenzo chegou falando. Quando eu chego, ele [fala] "sapatão e tal". Você consegue enxergar os olhares das pessoas porque ele falou aquilo, sabe. Incomoda as pessoas que estão na sala". (Maria)

Os olhares e consequentes julgamentos deles provenientes são sentidos pelos discentes desde que iniciam o curso. Relatos como os de José e de Maria evidenciam uma suposta inconsistência enxergada por outros alunos sobre a existência de LGBTs no curso de Administração desde que a graduação se inicia.

O fragmento discursivo "você consegue perceber os olhares das pessoas porque Lorenzo está ali" citado por Maria denota que alguns dos estudantes na Administração não reconhecem o curso como um lugar para pessoas que possuam comportamento desviante dos imperativos heteronormativos.

Ademais, a partir da percepção de discriminação por parte de Bruna e de incômodos notados por Maria, por exemplo, pude constatar que os entrevistados enxergam em muitos desses olhares indícios de preconceito e, por vezes, de hostilidade aos indivíduos que não se

ajustam aos "papéis de gênero" teoricamente determinados pelo sexo biológico. Borrilho (2015) denomina que características como essas podem ser enquadradas na concepção geral de homofobia.

Outros discentes conseguem identificar nas falas de terceiros como existe desinformação acerca das temáticas de orientação sexual e de gênero:

"Se fosse um gay no meu lugar que não falasse muito, de querer mesmo conversar com as pessoas, uma pessoa que fosse mais reservada talvez fosse mais tranquilo, eu não ouvisse tantos questionamentos sobre sexualidade. Mas por causa do meu comportamento muito explosivo eu escuto às vezes comentários chatos. Eu ouvi uma vez, a gente estava falando sobre gênero e a menina falou assim: 'Então se eu quiser ser uma tartaruga eu vou ser uma tartaruga'. Falando na espécie que não tem nada a ver com gênero. São esses comentários que a pessoa escuta. Foi comentário sobre transexualidade e tal". (Júnior)

"Eu sempre tenho que dizer para eles: 'Oh minha gente, o fato de eu gostar de homens, não quer dizer que eu tenha que ser uma mulher, entendeu? São dois homens ali'. São essas coisas que eu costumo deixar claro, assim, até para eles saberem e conviverem com outros, né!". (Lorenzo)

A partir dos enunciados é possível perceber a citada desinformação de alguns estudantes no curso, que produz estereótipos sobre o que é ser gay, lésbica ou bissexual. Tal evidência pode ser explicada pelo fato do contexto em que a maioria dos discentes vive e convive ser repleto de signos linguísticos provenientes da matriz de inteligibilidade heterossexual, a qual omite discussões e informações sobre questões de gênero e de orientação sexual. A presença de Lorenzo e de outros discentes que quebram com o padrão predominante no curso representa o que Borba (2014) chama de espaço para subversões, possibilitando que o corpo discente de um modo geral — a partir da experiência vivida — tenha mais contato com a diversidade de orientação sexual humana e que haja a desestabilização do modelo heteronormativo — o qual busca a conformidade entre corpo, sexo, gênero, desejo e performance —, tendo potencial de viabilizar mudanças de percepção e compreensão destas diferenças pelos discentes.

No entanto, como já citei anteriormente, não são todos os discentes gays e bissexuais que se posicionam, falam abertamente sobre sua sexualidade e se preocupam em desmistificar equivocados estereótipos destinados aos LGBTs, como é o caso de Lorenzo e de Júnior. Alguns entrevistados, a exemplo de Evaristo, sofrem com os julgamentos e recorrem a introspecção como fuga:

"Eu vejo que muitos são um pouco preconceituosos. Mas tipo, ia ficar aquela gracinha, piadinha vai, piadinha vem. Eu não gosto de me abrir mais para o povo da sala". (Eduardo)

"Porque elas [pessoas do curso] me julgavam. Me julgavam muito pelo meu jeito de ser, entendesse? Principalmente quando eu namorava com a menina, lá no interior, aí era que eles me julgavam bonito! [...] 'Eu não sei o que ele estava fazendo com essa menina, ele não gosta'... Aí começavam, e falavam, eu passando e as pessoas falando, pensando que isso não ia me atingir, entendesse? Na época, como eu disse, não sabia de nada sobre orientação sexual, entendesse? [...] Eles me veem como membro da LGBT, e eu não me aceitava como membro da LGBT. [...] Interferia porque eu me excluía. Eles me tratavam super bem, até então eu sempre gostei muito de apresentar seminário na sala, na faculdade, eu sempre me dei bem, porque eu iniciei a carreira de pedagogo, não sei se tu soube. Eu sempre tive um bom desempenho em seminário, aí como eu desempenhava muito bem eles começavam com brincadeiras, "vai a... ei bicha", não sei o que, [...] era uma zoada muito grande na sala. E na época, pela doutrina da religião, isso era como uma ofensa para mim. Era isso que me deixava... eu entendia isso como um julgamento". (Evaristo)

A partir do exposto por Evaristo é possível perceber que a mudança de atitude para com os seminários foi motivada pelas práticas discursivas discriminatórias direcionadas ao discente. As citadas gozações relatadas por Evaristo também puderam ser identificadas em outros textos. Pude perceber que julgamentos, piadas e outras manifestações que expõem estudantes LGBTs produzem neles constante estado de vigilância, como pode ser observado em diferentes turnos da entrevista de José:

"Na sala de aula é um pouco complicado, mas ao mesmo tempo nesse ano, nesse século que a gente vive a gente tem um pouco mais de aceitação comparado a antigamente. Antigamente a gente tinha que ficar se escondendo pelo fato disso e daquilo. Mas a gente sabe, sempre sabe, que uma hora ou outra vai ter alguém que é preconceituoso dentro da sala, ou em qualquer outra, mas dentro de sala a gente sabe que vai haver. Porque vai haver gente que é religiosa ao extremo ou simplesmente uma pessoa que não aceita você só por causa disso, tem preconceito, e não tem nenhuma questão, só porque não gosta do fato de você ser homossexual". (José)

"Eu sei que sempre vão rolar umas brincadeiras que sempre tem né, umas pessoas que brincam com você pelo fato de você ser homossexual, tiram algumas brincadeiras, que eu tento levar como brincadeiras né, querendo ou não a gente sabe que toda brincadeira uma hora ou outra vai ser um pouco pesada demais pra aquele comentário ou alguma coisa do tipo". (José)

"Eu me torno quase antissocial em sala de aula, porque eu fico só focado em uma pessoa ou em algumas pessoas que estão por perto, aí eu não saio conversando com A e B. Mas a gente sabe que uma hora ou outra sempre vai aparecer um que está na frente, está do lado, está do outro, que possa ser que fale ou possa ser que não, mas que fala de você". (José)

As falas Eduardo, Evaristo e José denotam que piadas, atos preconceituosos e outros signos linguísticos ou não (como os olhares) direcionados aos estudantes LGBTs são internalizados como pressões sociais que causam angústia, impotência e até mesmo

isolamento de alguns dos entrevistados. As falas me fazem lembrar que muitas vezes, com receio de sofrer agressões — mesmo que apenas verbais — gays introjetam atitudes sociais negativas que reforçam o constante estado de vigilância em que se encontram (IRIGARAY; SARAIVA; CARRIERI, 2010).

Outro recurso evidenciado por parte dos entrevistados como forma de autoproteção e preservação foi o parcial isolamento no que vou nominar aqui de "círculos de segurança", formado por colegas de classe que estabeleceram maior nível de confiança e nos quais puderam identificar ausência ou traços suavizados de preconceito com a diferença de orientação sexual.

"As pessoas já têm seus grupos formados e se identificam com aquele grupo e acaba que ninguém interage com ninguém, porque eu já tenho a minha "patotazinha", já tenho a minha patotazinha, então é com quem me sinto mais confortável, então eu não vou interagir com outra pessoa. Aí pronto fica todo mundo nesse seu quadrado, na sua bolhinha, ninguém interage com ninguém e conversa com ninguém. Não cria vínculos com ninguém". (Carlos)

"Quando estou num grupo de amigos — na minha sala eu sou o único gay que tem lá —, aí todo mundo já me conhece, nunca falei com todo mundo da minha sala, mas todo mundo me conhece. Se eu fosse um hétero no meio deles eu acho que seria uma pessoa despercebida. Mas como sou gay, todos me conhecem por ser gay. Já teve comentários quanto a isso, eu procuro relevar". (Miguel)

O depoimento de Carlos reflete que os "círculos de segurança" podem prejudicar a interação e socialização dos discentes, em troca da aparente sensação de maior proteção projetada a partir do restrito convívio com outros discentes.

Outra interessante constatação foi apresentada por Miguel ao exprimir que "Se eu fosse um hétero no meio deles eu acho que seria uma pessoa despercebida. Mas como sou gay, todos me conhecem por ser gay". É possível reconhecer nesta fala que o ser gay (ou ter orientação sexual distinta do que anui a matriz de inteligibilidade heterossexual) é motivo por si só para atrair atenção e curiosidade dos sujeitos presentes, provavelmente decorrente dos estereótipos e da objetificação que o LGBT recorrentemente é alvo, as quais banalizam a percepção que as demais pessoas têm deles.

Pude constatar que, no caso dos alunos gays masculinos, esses círculos de segurança são formados em sua maioria por mulheres heterossexuais. A boa relação estabelecida entre gays e mulheres heterossexuais foi expressa por diversos entrevistados:

"Eu vejo interação entre gays homens e mulheres. Eu vejo essa interação realmente, acho que é bem mais fácil, porque são duas cabeças que se respeitam mais, acho porque homens héteros tenta não manter tanto contato

por conta de, eu até brinquei quando entrei na faculdade, que eu escolhi um curso muito hétero para fazer parte, porque é quase 90% da sala é hétero, tanto da manhã quanto da noite. E eu acho que mulheres são mais respeitadas, mulheres são mais empáticas, eu acho que elas entendem mais o meu lado, não o que você passou, porque você não chega a se abrir para qualquer um, mas eu acho que fica mais fácil de... delas entenderem do que os caras. Fora que ainda tem aquele lance do orgulho masculino ser ferido por estar andando com viado [...]. Eu acho que, o fato dos meninos héteros não se relacionarem tanto com os gays é um lance mais de cultura, de adolescência também. E homens [hétero] se importam mais com opinião do que mulheres. Se uma mulher andar com um gay ela vai ser tachada de quê? De nada. Porque não está com o mesmo sexo. Mas se um hétero andar com um gay vai ser tachado de viado. É praticamente aquele ditado: "Quem anda com porco farelo come". [...] [Homem] Hétero liga muito para a opinião do outro, entende? Aí é que entra, não que fulano ou sicrano vai ficar tirando brincadeira comigo ou onda dizendo que eu tô andando com viado, entende? E acho que um cara ou outra mulher falando com a outra, ah tu só anda com viado, é eu ando mesmo, eu tenho amigas que falam, são muito de boa". (Caio)

"Eu acho que o medo é a base. A gente não sabe como as pessoas vão reagir, entendeu?! Com mulher é aquela coisa, é mais fácil, mas tem algumas que ainda não gostam, não querem. Porque a gente sempre brinca que a mulher gosta de ter uma "bicha de estimação" pra fazer graça o tempo todo. [...] No meu caso, eu tive mais facilidade de me relacionar com elas. E no caso dos meninos, foi justamente isso. Eles ainda têm essa coisa de "ah, ele vai dar em cima de mim! Eu não vou falar com ele não, porque senão ele vai dar em cima de mim". Então, no caso dos homens, eles têm essa barreira de início, de não querer conversar, de não querer muito papo, justamente porque eles acham que todos nós vamos dar em cima e que sempre vai ter essa relação "sexual", vamos dizer assim. Eles acham que a gente se chegar perto de um hétero vai ser nesse contexto. E tipo, é mais difícil em relação a isso aí". (Lorenzo)

"Heterossexuais [homens], às vezes, não querem se aproximar de... principalmente quando se trata de um homossexual feminino [afeminado]. [...] A questão de não querer se aproximar, vamos supor, existe determinado grupo de pessoas aí chega aquele homossexual afinado, então você percebe que aquela pessoa evita se aproximar porque tem um homossexual ali mais afinado. Não é todos, mas existe sim uma parcelazinha pequena comparado a antes, mas ainda existe aquela repulsa de não quero entrar naquele grupo porque tem homossexual muito afinado. E acho que [...] na cabeça do homem hétero é sempre assim, 'se um homossexual está tendo amizade comigo é porque ele está tendo interesse em mim', quando na realidade não é, entendeu? Então acho que alguns evitam se aproximar de homossexuais mais afinados por conta do que as outras pessoas vão falar. Ou evitam se aproximar [porque pensam que] 'provavelmente vai chegar uma hora na nossa amizade que ele vai querer dar em cima de mim', e a coisa não é desse jeito". (Carlos)

Os entrevistados ressaltam que a relação com mulheres costuma ser "bem mais fácil", porque as enxergam como pessoas mais respeitadas e empáticas, por mais que as vezes algumas delas enxerguem o gay como uma "bicha de estimação" — objetificação do sujeito

gay. Já com relação aos garotos heterossexuais, há a percepção de que existe certo medo por parte destes com relação aos gays, tanto de que sejam julgados por andarem com LGBTs quanto de serem assediados por gays. Carlos é ainda mais específico ao dizer que o receio — ou "repulsa" em suas palavras — se acentua quando se trata de indivíduo com traços de comportamento afeminado.

A partir da interpretação que os entrevistados dão as relações estabelecidas com alunos heterossexuais do sexo masculino, é possível identificar dissonâncias perceptuais que retratam estereótipos criados sobre a figura do gay, principalmente relacionadas a hipersexualização deste — constatadas em falas como "ah, ele vai dar em cima de mim!" e "se um homossexual está tendo amizade comigo é porque ele está tendo interesse em mim". Segundo visão dos entrevistados, os "héteros" acreditam que podem sofrer investidas dos gays ou ainda que podem ser levantadas dúvidas acerca de sua heterossexualidade — a partir de associações como a presente no ditado "Quem anda com porco farelo come". A negação e a hostilidade ao homem gay por parte do heterossexual parecem compor o processo de socialização masculina e atuar na construção de sua virilidade (BORRILHO, 2015), assim como na afirmação de sua heterossexualidade.

Segundo Borrilho (2015, p. 89), "confrontar-se com um homem efeminado desperta a angústia em relação às características femininas de sua própria personalidade", as quais o homem heterossexual precisa se opor. Tal reflexão ajuda a justificar a citação de Carlos sobre o distanciamento ser maior quando se trata de gays afeminados. Essa percepção sobre a relação com heterossexuais faz com que, em alguns momentos na relação com eles, gays tenham a sensação de que precisam reprimir sua sexualidade para que não tenham seu comportamento confundido.

"Eu não sei como explicar isso, mas é uma coisa que eu vejo desde a escola. Um LGBT consegue uma amizade mais tranquilamente com mulheres do que um hétero, do que um homem hétero [...]. É mais difícil, porque homem hétero, a maioria acha que a gente quer eles o tempo todo, então é como se eu tivesse que reprimir muito a minha sexualidade dependendo dos homens que eu estivesse liderando, para eles não pensarem que eu como gestor acima deles estou dando em cima de alguém. [...] Sempre acontece isso, falou de uma forma carinhosa está dando em cima, e não é. Então com homens é mais difícil. Eu tenho certeza que vai ser mais difícil, com mulher vai ser mais tranquilo, com homem não. Até por causa do meu jeito também". (Júnior)

A partir do relato de Júnior, é possível perceber que as impressões sobre as dificuldades de relacionamento entre homens heterossexuais e homens LGBTs não aparentam ser exclusivas do âmbito educacional. O entrevistado cita ainda que os mesmos desafios

expostos por outros discentes também povoam o campo profissional, fato que o leva acreditar que deverão constituir obstáculos, especialmente, para os profissionais que apresentam comportamento afeminado.

Outra curiosa ocorrência nos relatos é que a maneira como as entrevistadas (bissexuais) enxerga os discentes heterossexuais é distinta da dos alunos gays e bissexuais. Algumas entrevistadas alegaram se sentir mais à vontade para falar sobre sua orientação sexual com estudantes homens pois, de acordo com suas percepções, as mulheres heterossexuais seriam mais preconceituosas que os homens heterossexuais, como podemos identificar nos relatos de Isadora e Ana:

"Os demais da manhã, ninguém sabia. Absolutamente ninguém sabia. Até porque eu vivia mais com mulheres. Então mulher, eu acho que é mais preconceituosa, sim!. Mulheres hétero. E quando você fala isso elas já ficam meio assim para o seu lado [...]. Mulheres, pelo o que eu acho, têm mais preconceito quando se trata disso [orientação sexual] do que homem. Homem é bem mais tranquilo, tanto é que eu tenho vários amigos homens. Eu prefiro amizade de homem, porque homem me entende mais do que mulher. Porque mulher sempre fica meio assim, entendeu? 'Ah, será que ela vai dar em cima de mim', eu acho né, deve passar pela cabeça dela. Tem algumas que eu prefiro nem comentar pra evitar esse tipo de pensamento da parte dela". (Isadora)

"Por exemplo, com meus amigos do sexo masculino, eu consigo conversar sobre o assunto sentindo menos preconceito do que se eu falar com alguma colega do sexo feminino, eu acho que isso também influencia. Parece que as mulheres, eu acho que elas devem se sentir... eu não sei se é coisa da minha cabeça... que uma amiga minha pode, sei lá, sentir que eu possa estar querendo paquerar ela ou alguma coisa assim, aí eu fico mais, não sei, acho que alguma coisa desse tipo". (Ana)

Enquanto os homens gays e bissexuais acreditam que as mulheres são mais acolhedoras e menos preconceituosas, as mulheres bissexuais dizem o contrário. No entanto, o argumento trazido pelas entrevistadas é semelhante ao dos homens entrevistados, ao associarem o preconceito de mulheres heterossexuais ao receio que têm de serem assediadas pelas mulheres lésbicas ou bissexuais. Ao que me parece, há um temor por parte dos heterossexuais (sejam homens ou mulheres) com o diferente e como a diferença de orientação sexual de outrem pode ameaçar a afirmação de sua orientação heterossexual.

Alguns entrevistados alegam que após tomarem conhecimento sobre sua orientação sexual determinados estudantes modificaram a maneira de se relacionar e/ou de tratá-los:

"Eu nunca tive nada muito crítico, só tive com um aluno assim, colega de sala, que... mas não foi nada de muito anormal não... que no início, quando eu não falava abertamente [sobre minha orientação sexual], a gente se

comunicava normal. Bem, aí teve aproximação do grupo em geral, que sempre teve grupinhos, como o senhor sabe, aí ele sentava perto, próximo a gente e tal. Só que depois de um tempo que ele viu eu falando abertamente [sobre minha orientação sexual] com o pessoal que estava no grupo, eu achei que ele deu uma afastada, mas chega e fala "oi, oi". Até mudar de lado de sentar ele mudou, eu senti isso. Talvez seja alguma coisa da minha cabeça, mas eu senti meio que um afastamento" (Rafael).

"Um amigo que eu considerava muito como um irmão, já meio que começou a desviar. Eu conversar com ele, ele dizia: 'oh, não quero saber sobre isso não'. Começou a se distanciar, tipo, a gente sentava junto, ele começou a mudar o jeito dele. A gente comia junto, ele começou meio que se afastar mais ainda. E foi aí que eu comecei a perceber a diferença de quando eu me assumi e dos amigos que estavam realmente do meu lado e outros não. Alguns chegavam e criticavam, 'tu era menina evangélica, tu era uma menina de dentro da igreja, tu namorava com homem e agora tu está se relacionando com mulher, tu agora está meio que [tendo] uma vida doida'. Aí eu olhei assim e disse: 'poxa é a minha vida, é o meu jeito de ser, eu estou me sentindo bem assim e por que as pessoas estão me criticando tanto? Eu não estou fazendo mal a sociedade'. Aí algumas se afastaram por causa disso, de tanto ficar metendo pau, falando essas coisas [...]. Eu já tinha um grupinho já certo, que o pessoal ficava tirando onda porque aqueles grupinhos já eram feitos, e quando eu me assumi para o pessoal, aquele grupo já meio que começou a se afastar, me excluir. [...] Aquelas pessoas que eu sempre contava meio que me excluíram de tudo". (Bruna)

É interessante observar como as diferenças humanas são levadas em consideração e influenciam as práticas sociais discentes. A partir dos relatos de Rafael e Bruna, percebo que a orientação sexual foi por si só motivo para que houvesse discriminação, no sentido literal do termo — distinguir, diferenciar, segregar. Com base na paráfrase descrita por Bruna — "tu era menina evangélica, tu era uma menina de dentro da igreja, tu namorava com homem e agora tu está se relacionando com mulher, tu agora está meio que [tendo] uma vida doida" —, é possível reconhecer nova interdiscursividade com o *ethos* religioso. Ser "menina evangélica" significa estar de acordo com a os valores cristãos e com as imposições de moralidade deles decorrentes (dentre elas a heterossexualidade compulsória), o que reflete na percepção que o aluno tem sobre seu caráter. Mediante interdiscurso identificado na fala do estudante, ser "menina de dentro da igreja" pressupõe também ser heterossexual, não cabendo outras formas de vivenciar a sexualidade no *ethos* em questão. Estabelecendo correlação contrária, ser bissexual ou gay é "ter uma vida doida", não ter comportamento justificável através da matriz de inteligibilidade.

Os julgamentos daqueles que se afastaram dos discentes homo ou bissexuais são reflexo da busca por estabilização e homogeneização do comportamento humano, a partir de limites linguisticamente construídos e socialmente naturalizados os quais excluem aqueles que destoem do padrão heteronormativo.

Enquanto alguns alunos do curso se afastam daqueles que apresentam orientação sexual não heterossexual, outros exteriorizam seu preconceito ou seu incômodo com a diferença mediante chistes e gozações, as quais serão analisadas na próxima subseção.

Ainda com relação ao relacionamento com outros discentes do curso, apesar dos preconceitos sofridos, alguns entrevistados ainda acreditam que possam resistir e contribuir para a mudar a forma como LGBTs são enxergados no curso. Lorenzo, por exemplo, enxerga sua presença na Administração como uma quebra de paradigma importante para a desmistificação de estereótipos, a partir da desconstrução das relações pré-moldadas e das noções estáticas e normalizadoras sobre a sexualidade:

"Eu sei que é difícil, porque eles não estão acostumados a conviver todos os dias com um homossexual em sala de aula, você percebe que eles não têm esse hábito. Principalmente os homens, né?! E eles estão aprendendo a conviver, a ver além disso, que eles no início ficavam tipo meio que bloqueados assim, para não andar juntos, não falar, para não sei o quê [...]. Então, eu encaro a minha presença aqui como essa questão de desmistificar essa coisa, de mostrar para eles que existe algo mais além, que as relações podem ser construídas independente da sexualidade, religião..." (Lorenzo)

Numa perspectiva claramente *queer*, o discente busca a partir de sua orientação sexual e performance destoantes do padrão normativo desconstruir as convenções culturais presentes no curso de Administração. A prática de sujeitos como Lorenzo e Júnior têm resultados e efeitos sobre a prática social do curso. Percepções como "eles já estão aprendendo a conviver", podem denotar um desses efeitos que provocam transformações — mesmo que vagarosas — nas relações sociais estabelecidas na graduação.

No tocante a relação com o corpo docente e demais funcionários da faculdade, a quase totalidade dos entrevistados alegou nunca ter sofrido ou sentido atitudes preconceituosas ou discriminatórias, como citam alguns relatos abaixo:

"Eu acho que o professor, principalmente de graduação, é bem mais esclarecido em relação a sexualidade quanto os alunos, eu também acho que vai do meio dele, eu acho que alguns tem contato. [...] Alguns brincam, outros são mais sérios, mas que querendo ou não você vê que eles são bem esclarecidos. Eu acho que eles são bem resolvidos, na verdade o intuito é esse. Tem até um professor da noite que acho que ele é casado e ele brinca com todo mundo, ele não difere, para ele todos são alunos, independente da orientação sexual de cada um, entendeu?" (Caio)

"De um modo geral percebo que a relação do homossexual e professores é bastante interessante. Não percebo discriminação nenhuma de professor com aluno, entendeu? Até porque eu acredito que a maioria dos professores já tem uma visão acho que bem mais ampla e não queira tratar essas pessoas [LGBTs] de uma forma diminuta como uma minoriazinha insignificante. A

relação é bacana entre professor e homossexuais, eu consigo perceber essa relação muito boa entre professores e homossexuais, com todos, não consigo perceber diferença nenhuma. Com os funcionários também. As tias, que eu chamo de tia, também são bastantes tranquilas com a homossexualidade de outras pessoas, tenho amizade com boa parte delas". (Carlos)

"Porque como é curso superior eu acho que os professores têm uma cabeça mais tranquila em relação a diversidade, de alunos que eles vão encontrar na sala". (Júnior)

De maneira geral, os professores foram apontados como sujeitos "mais esclarecidos", quando comprados ao corpo docente. Com base na percepção dos alunos, tal postura se deve à formação e conhecimento dos docentes, que lhes proporcionariam "visão bem mais ampla" — mais despida de preconceitos, estereótipos e estigmas —, além da experiência que estes têm em lidar com diferentes pessoas. Em outras palavras, os entrevistados enxergam que o nível de instrução está diretamente associado ao respeito esperado às diferenças, dentre elas as de orientação sexual.

Mesmo alegando não ter tido qualquer problema com docentes, Lorenzo demonstra que não descarta a possibilidade de que isso ocorra ao longo do curso:

"A minha relação com os professores sempre foi muito de boa, assim. Eu sempre respeitei a posição deles lá, de professores. Mas eu sempre procuro ter uma relação que não seja assim tão robótica. Aquela coisa de "o senhor, a senhora" [...], eu sempre costumo deixar uma coisa mais à vontade [...]. Não existe problema nenhum com nenhum professor não. Pelo menos da minha parte, não! Mas possa ser que durante o curso eu encontre com algum que... Aí eu não sei como eu vou manusear isso né? Que assim... É totalmente diferente de quando eu tinha 11 anos e agora. Naquela época eu não podia dizer nada. Que se eu fosse me defender, fazer alguma coisa né? Mas agora eu não sei como vai ser isso". (Lorenzo)

O estado de alerta de Lorenzo reflete experiências vivenciadas no *ethos* escolar, vivência esta utilizada intertextualmente pelo entrevistado quando supõe como reagiria à alguma atitude preconceituosa ou discriminatória de algum professor — "É totalmente diferente de quando eu tinha 11 anos e agora. Naquela época eu não podia dizer nada". Depreendo destas palavras que a experiência anterior do aluno contribuiu para a forma como enxerga hoje a realidade que o cerca, contribuindo para que hoje questione os valores e normas socialmente naturalizados que podem segregá-lo. Esse contexto reflete para mim uma transposição da qual Lorenzo passa de oprimido na infância escolar para um lugar de contestação no Ensino Superior.

Outros entrevistados inferem ainda que a boa relação estabelecida entre professores e funcionários com discentes LGBTs pode sofrer influência do cargo e consequente retorno financeiro que se tem dele:

"Pelo o que vejo eles [professores] atendem muito bem esse público, não vejo maus-tratos não, nem os funcionários também, em geral. [...] É porque o estudante está ali mais próximo, querendo ou não, você está, eu enxergo assim, alguns professores e funcionários também, ele tem que pagar conta, né? Ele não pode agir de qualquer forma. No caso, ele tem que, querendo ou não, tratar bem todo mundo que está ali. Então não tem como medir se aquilo está sendo verdadeiro ou tá sendo só algo, eu preciso de dinheiro, entendeu? Já os alunos não. Tipo, os alunos têm alguns que são próximos de você e tal, mas tem outros que não, que falam com você, mas é você lá e eu aqui". (Rafael)

"Querendo ou não, a maioria dos professores que dão aula lá na faculdade tem mestrado, doutorado, então são pessoas que tem uma carreira acadêmica bastante consolidada e também tem uma visão de mundo bastante diferente do senso comum, entendeu? Em relação ao funcionário, não posso dizer se acontece isso, mas eu acho que o dono deve instruí-los a tratar todo mundo de maneira igual, até porque todos ali estão pagando a mensalidade e não só por isso, mas porque merecem respeito, porque são pessoas independente de qualquer coisa". (Carlos)

Tanto Rafael quanto Carlos ponderam intertextualmente a possibilidade de poderes econômicos e institucionais interferirem sobre a forma com que estes funcionários devem se relacionar com os discentes, independente das diferenças que possam apresentar. Rafael discorre que o poder econômico atua indiretamente sobre tais sujeitos, já que "tem que pagar conta". Carlos percebe que o fato de pagarem pela mensalidade na IES os concede direito de exigir tratamento respeitoso por parte dos funcionários, circunstância que impele a instituição a orientar tais membros a não cometerem ações intolerantes.

Dos entrevistados, apenas Bruna apresentou relato de prática percebida como negativa por parte de docente da instituição. Segundo a aluna, uma professora mudou o tratamento com ela após ter ficado ciente de sua bissexualidade:

"Uma professora minha que eu gostava bastante, me identificava muito, quando ela soube também ela meio que se afastou bastante. E eu fiquei meio que, tipo, perdida, sem entender. [...] Eu me dava muito bem com ela, a gente conversava no Instagram, a gente trocava algumas ideias. E ela meio que, você se sentia colhida por ela [...]. Tipo, meio que [ela] mostrou algo, eu sei por causa dos boatos, que eu estava ficando com a menina aqui na escola e tal. Não sei se ela chegou a ver, mas chegou aos ouvidos dela. Ela não chegou diretamente a mim e disse assim: "ah, eu vou me afastar de você". Mas você percebia que o jeito que ela falava com você mudou bastante. Aquela palavra que ela falava contigo no Instagram, ela não falava mais. O jeito dela em sala de aula mudou bastante, então você percebe, tipo os exemplos que ela dava eram muito sobre mim, tipo, "ah Bruna vai fazer

isso, ah Bruna...". Ela começou a não dar. Tipo, "boa tarde Professora!", ela me abraçava, ela brincava, tirava onda, ela começou a não fazer mais isso. Então eu já comecei a perceber aí que estava modificado, que alguma coisa ali estava errada e eu não tive coragem de chegar para ela e perguntar. Eu deixei assim, não adianta eu pegar e falar, ela pode chegar para mim e dizer: "não, é impressão sua". Mas você sabe que não era impressão minha. Era que, realmente depois disso, depois que eu me assumi, foi que ela soube, foi que uns amigos meus vieram dizer que ela sabia, aí mudou". (Bruna)

O relato de Bruna demonstra que alguns signos linguísticos não tão óbvios, como o silêncio e a indiferença, podem ser sentidos e interpretados pelos entrevistados, além de evidenciar a presença de preconceito velado. A percepção de mudança de comportamento da professora pode denotar certo desconforto dela com a orientação sexual da entrevistada, justificando assim a alteração na forma de se relacionar com esta.

7.8 "As brincadeiras são para divertir ou ofender?": piadas e chistes direcionados aos discentes gays e bissexuais no curso

Os relatos dos entrevistados evidenciaram a existência de prática discursiva baseada no humor que recorre a convenções as quais naturalizam relações de poder baseadas na orientação sexual, na ideologia heteronormativa e nas suas próprias convenções. A partir da ideia que associa a heterossexualidade à noção de normalidade, rechaça-se performances que evidenciam a homossexualidade, tingindo-os com tons vexatórios.

As recorrentes "brincadeiras" relatadas pelos entrevistados podem ser consideradas recursos linguísticos que comunicam a partir de sarcasmo, sátiras e ironia (WÄHLIN, 2001; WOOD, CALDAS, 2005). Segundo Irigaray, Saraiva e Carrieri (2010), os homossexuais masculinos e femininos são alvos potenciais de piadas que ressaltam estereótipos desviantes do padrão de comportamento heteronormativo. Tal premissa foi confirmada a partir de diversos enunciados:

"Eu sei que sempre vão rolar umas brincadeiras que sempre tem né?! Uma pessoa que brinca com você pelo fato de você ser homossexual, tiram algumas brincadeiras, que eu tento levar como brincadeiras né, querendo ou não a gente sabe que toda brincadeira uma hora ou outra vai ser um pouco pesada demais pra aquele comentário ou alguma coisa do tipo". (José)

"Por que um LGBT não pode ter atributos a não ser fazer outra pessoa rir? Por que muitas vezes só colocam a gente para fazer outra pessoa rir? Aí quando chega em um momento que eu me apaixono, que eu tenho dores, aí já não importa, a minha única qualidade e meu único serviço que eu tenho que prestar é humor, só fazer as pessoas sorrirem". (Júnior)

"As pessoas não levam os LGBTs a sério, não levam! Aham que a gente tá ali para entreter, para fazer graça. Tanto é que as pessoas se impressionaram quando eu comecei a falar com que eu trabalhei, do que eu ensinei, do que

eu sei fazer. Porque elas não acreditaram de início, entendeu? Ainda tem essa visão de não quererem contratar a gente por achar que a gente vai ficar fazendo graça o dia todo, ouvindo Britney, Madonna... E não vai fazer o que tem que fazer, entendeu?". (Lorenzo)

"Fora do grupo eu não sei se as brincadeiras são para ofender ou só brincadeiras mesmo. Não conheço todos que estão envolvidos, não sei como é a relação deles ali fora e tal, mas tem brincadeiras com essa pessoa [colega gay da turma] também. Mas só insinuando mesmo, falando alto para todo mundo escutar. Não sei se é falta de respeito ou entre eles [...]. Acho que [falam alto] porque é esse assunto [orientação sexual]. Acho às vezes que é para expor de alguma forma. [...] Falar "ah tava com um boy em tal lugar, tava se agarrando com um macho ali". Esse tipo de coisa que eu escuto às vezes direcionado a essa pessoa". (Felipe)

Algumas importantes constatações são encontradas nos enunciados acima. Discentes como José interpretam como corriqueira a existência de brincadeiras envolvendo LGBTs no curso de Administração — "Eu sei que sempre vão rolar umas brincadeiras que sempre tem né?!" —, parecendo ser característica recorrente na prática discursiva desta graduação. Júnior, por sua vez, chama atenção para a objetificação do LGBT como mero instrumento para fazer rir, restringindo a manifestação de outros estados de humor e negando a necessidade que têm de vínculos menos superficiais. Ao falar sobre como essa população é enxergada pela sociedade, o entrevistado se questiona sobre a comicidade sob a qual são estereotipados.

É possível identificar na fala de Lorenzo a percepção de que as piadas refletem a banalização sofrida pelos LGBTs e a não seriedade pela qual são tratados — "As pessoas não levam os LGBTs a sério, não levam! Acham que a gente tá ali para entreter, para fazer graça" —, também denotando sua objetificação como instrumento de humor. Já no texto de Felipe é possível perceber a tentativa de exposição do aluno gay.

Assim como no texto de Felipe acima, há uma aparente imprecisão por parte de alguns entrevistados sobre o julgamento que devem fazer sobre as piadas sobre orientação sexual proferidas pelos colegas discentes. A maioria ameniza as brincadeiras não as associando à prática de preconceito. Por mais que se demonstrem incomodados com as brincadeiras, generalizam-nas como outras tantas que são proferidas no dia a dia do curso ou como ironias as quais estão habituados a escutar nos distintos círculos que fazem parte. Já outros conseguem ter o discernimento de que elas os inferiorizam e se tratam de manifestações preconceituosas.

"Fora esses comentários que às vezes penso até que não seja... é... eu acho que sejam preconceito, mas eu creio que esses comentários são para serem engraçados mesmo. Para ter alguma coisa para rir. [...] para muitos gays [são] uma piada pronta, sempre tem uma piada de gay". (Miguel)

"Assim, tem muitas brincadeiras dos meninos [héteros] lá no fundo, um xingando o outro de viado, disso e aquilo outro... agora assim é mais no tom de ofender, se fosse pra alguém no caso direcionar a mim ou outra pessoa acredito que seja mais para ofender essa pessoa, colocar a pessoa para baixo e tal, entre eles é tudo brincadeira, é o que vejo pelo menos, em grupo também da faculdade, enfim. *Whatsapp* também é a mesma coisa, xingamentos e tal, um brincando com o outro assim, é dessa forma". (Felipe)

Em seu relato, Felipe retrata a maneira depreciativa com que alguns discentes tratam colegas gays, lésbicas e bissexuais no curso. A partir das gozações realizadas por estudantes heterossexuais, consigo perceber que estes enxergam de maneira diminuta aqueles que possuem orientação sexual diferente da heterossexual. Felipe compartilha ainda depoimento no qual descreve como a banalização das brincadeiras também pode ser percebida pela forma como são ignoradas por aqueles que não são alvo delas, mas que causam incômodo ao entrevistado:

"Acho que é ignorado, se solta alguma brincadeira acho que quem está ali na frente deixa passar batido. Porque, como falei, às vezes não dar para identificar se é uma brincadeira ou pra ofender a pessoa. Acho que por eles não conseguirem identificar, escutam por um ouvido e sai pelo outro. Eu me incomodo, apesar de ter um papel de não falar nada, de não fazer nada, enfim, eu me incomodo, não exponho isso. É errado, eu sei, mas..." (Felipe)

Ao que parece o humor presente nas piadas proferidas por discentes heterossexuais aos LGBTs naturalizam a homofobia, a ponto de outras pessoas presentes na situação não se darem conta ou não se incomodarem pelo fato da "brincadeira" não ferir valores heterocêntricos. As citadas gozações parecem ainda ter respaldo do meio social — "Acho que por eles não conseguirem identificar, escutam por um ouvido e sai pelo outro" —, e através do humor desrespeitam e colocam gays e bissexuais como alvo de manifestações humorísticas difamatórias (IRIGARAY; SARAIVA; CARIERI, 2010).

Alguns entrevistados percebem a existência de eufemismo¹² ao denominar de "brincadeiras" algumas dessas manifestações humorísticas, alegando que "toda brincadeira tem um fundo de verdade":

"Às vezes eu enxergo um incômodo, às vezes eu fico incomodado com alguns tipos de brincadeiras, não comigo, mas que tiram com outros colegas que são [gays] e, na maioria das vezes, levam isso como riso né, afinal, tudo que o povo fala, o povo acha que é piada. 'Ah, é só uma brincadeira'. Só que toda brincadeira ela tem um fundo de verdade. Então, eu acho que isso incomoda um pouco, porque poderia ser comigo se eu fosse abertamente

¹² Figura de linguagem que expressa a suavização de determinadas expressões pela troca por termos mais amenos.

com todo mundo, entende? E eu não ia gostar do tipo de brincadeira que tem". (Rafael)

"No começo sempre tinha a piadinha, comentários. Eu procuro rebater esses comentários porque não é porque eu sou gay que vou permitir que uma pessoa brinque com uma coisa que não tem nada a ver com a vida dela. Eu tô vivendo a minha vida e não me meto na vida de ninguém para a pessoa se meter na minha. Tudo bem que é brincadeira, mas toda brincadeira tem fundo de verdade. E só porque é brincadeira não estou obrigado a gostar". (Miguel)

A utilização da expressão "toda brincadeira tem um fundo de verdade" também denota polidez por parte de Rafael e de Miguel. Apesar de perceberem a utilização de eufemismo nas "brincadeiras" direcionadas aos LGBTs, os entrevistados não são enfáticos ao afirmar que grande parte destas brincadeiras são pejorativas. Provavelmente, a eufemização trata-se de um recurso linguístico que oculta a falta de moralidade no ato dos piadistas.

O incômodo sentido por Rafael ao presenciar as piadas direcionadas aos colegas assumidos parece reforçar a forma reservada com a qual lida com sua orientação sexual no curso, atuando como uma das fontes repressoras que coíbem sua plena performance neste ambiente. Outro tópico a ser destacado está relacionado à manifestação de Miguel acerca da necessidade de se impor para conquistar o respeito de seus colegas de turma e sobre o fato das brincadeiras surgirem também de pessoas com as quais não têm tanta intimidade:

Primeiro eles tinham que me respeitar para talvez ter alguma amizade para assim tirar alguma brincadeira que eu pudesse relevar. Mas não... eu primeiro tenho que me impor, ao dizer que todos me respeitem e pra talvez criar algum vínculo maior, uma amizade, uma parceria, daqui para frente". (Miguel)

Diferentemente do usual nas práticas em sociedade, onde o respeito é precedente ao início das relações, o discente estranha a ocorrência de brincadeiras sem que haja vínculos estreitos de amizade. Segundo o entrevistado, mesmo sem nenhum tipo de afinidade, alguns alunos se sentem no direito de proferir piadas direcionadas a ele pelo simples fato de ser gay. A cobrança precisa vir de um posicionamento concreto dele exigindo respeito e impondo barreiras, senão as brincadeiras permaneceriam.

Enxergo no depoimento a existência do que Irigaray, Saraiva e Carrieri (2010) chamam de política da diferença, na qual os LGBTs são enxergados como diferentes, engraçados e, ao mesmo tempo, menores como sujeitos. Constatamos ainda que as "brincadeiras" são tão mais frequentes e vexatórias quanto mais afeminado — e/ou distante do padrão heteronormativo — for o discente. Outros relatos refletem como diversas dessas piadas expõem e ridicularizam gays e bissexuais no curso:

"Uma vez eu fui no banheiro aqui no curso [...] e não estava muito lotado, eu e um amigo da minha sala. Aí [ele] disse assim: 'o teu banheiro é o outro não é esse não', era o banheiro feminino. Porque brincar disso quando eu estou com meus amigos é uma coisa, e eu estar no banheiro e falar isso alto na frente das pessoas, e ele usar isso de uma maneira tipo 'eu não sou homem suficiente para estar no banheiro masculino' é chato. Uma coisa é eu brincar, outra coisa é eu falar sério". (Júnior)

Há no depoimento evidente ridicularização de Júnior — "Aí [ele] disse assim: 'o teu banheiro é o outro não é esse não', era o banheiro feminino", "falar isso alto na frente das pessoas" — ao mesmo tempo que reflete uma confusão entre gênero e orientação sexual. Alguns dos relatos, como o de Júnior, demonstram como a imagem dos gays e bissexuais masculinos, principalmente, é estereotipada no imaginário de alguns discentes do curso, associando-os ao gênero feminino.

"Um exemplo disso foi lá na sala, quando [Laura] trouxe vários óculos para vender lá na sala como ela sempre faz, aí nisso [Oswaldo] falou mesmo assim: 'pergunta a Carlos qual é o óculos mais adequado, porque ele é gay, ele entende de moda feminina'. Aí eu falei: '[Oswaldo], não é porque eu sou homossexual que eu entendo de moda feminina, ou não é porque eu sou homossexual que eu vou gostar de músicas internacionais, de cantoras consideradas pop'. E [Davi] também já fez um comentário bastante chato que é querer tratar um homossexual como se ele fosse uma mulher. Então, claro que não são todos, mas sempre tem uma parcelinha por mínima que seja que ainda tem esse pensamento, de querer associar a homossexualidade a feminilidade, são coisas totalmente diferentes, entendeu?". (Carlos)

Ao mesmo tempo em que se pode evidenciar, a partir do comentário de Carlos, a habitual associação entre gays homens e feminilidade, percebo tom pejorativo sobre as adjetivações baseadas na "feminilidade" tanto por parte dos alunos heterossexuais (no caso de Oswaldo e Davi), que as utilizam para fazer deboches, quanto por parte de Carlos, ao tentar se distanciar e não ser associado a traços femininos. Por mais que o entrevistado esteja correto ao afirmar que nem todo gay homem entende de moda feminina ou gosta de músicas e cantoras pop, homossexualidade e feminilidade não são coisas "totalmente diferentes". A feminilidade pode habitar a homossexualidade, como também poderá em algum momento e circunstância estar presente na própria heterossexualidade masculina.

Segundo Borrilho (2015), a negação e a tentativa de distanciamento da feminilidade por homens (sejam eles homo, bi ou heterossexuais) são frutos de um aparelhamento discursivo sexista que vigora em nossa sociedade e que, ao seu turno, subjulga o feminino. Diversos depoimentos até aqui demonstrados são entrecortados por percepção de inferioridade sobre o feminino e de valorização do masculino, configurando contexto

permeado por misoginia. Diante disto, percebo tanto no olhar dos discentes heterossexuais para Carlos quanto na maneira deste se referir às características femininas a si atribuídas um preconceito com o feminino (misoginia), percepção esta que pode reverberar limitações sobre suas performances em sociedade e, conseqüentemente, no curso.

Outra importante constatação da pesquisa sobre a ocorrência das duvidosas manifestações de humor direcionadas aos gays e bissexuais no curso foi encontrada em dois contatos distintos com o discente Miguel. Durante a entrevista, Miguel alegou o seguinte:

"Na minha turma, já teve essas brincadeiras, não sei o que, hoje não tem mais, sempre quando alguma pessoa vinha falar alguma coisa, rebatia, dava um fora, mostrava a pessoa que não era aquilo que estava dizendo. Teve um mesmo que disse: 'Miguel, vou parar de brincar contigo porque eu percebo que tu não gosta pelas coisas que tu me diz'. Aí eu disse: 'Não, a partir do momento que você ofende outra pessoa isso deixa de ser brincadeira'. Aí ele foi e pediu desculpas e disse que não ia acontecer mais. Aí realmente, ele conversa comigo, mas ele vê o que vai falar". (Miguel)

Neste relato, Miguel fala das piadas no tempo passado, e discorre sobre acontecimento em que precisou deixar claro para outro discente que "a partir do momento que você ofende outra pessoa isso deixa de ser brincadeira", desconstruindo o significado de brincadeira e como os atos humorísticos podem ofender os sujeitos a quem são destinados. No mesmo texto, Miguel deixa claro que "Na minha turma, já teve essas brincadeiras, não sei o que, hoje não tem mais".

Coincidentemente, ou não, no mesmo dia em que fiz a entrevista com o discente, ele me escreveu pelo *whatsapp* e enviou *prints*¹³ de conversas no grupo de sua turma no referido aplicativo. Nas imagens (não compartilhadas nesta pesquisa por questões éticas) foram ilustradas brincadeiras que tantos discentes relatam sofrer com relação a sua orientação sexual. Miguel informou neste segundo contato que a "brincadeira" partiu de uma colega de classe, e que no momento que a respondeu associou o ocorrido aos acontecimentos que havia relatado na anterior entrevista a mim concedida.

Na conversa compartilhada, uma colega de sala havia sugerido no grupo da turma no referido aplicativo que se a classe tivesse bom rendimento Miguel faria um "agrado". O comentário foi seguido de risos e de uma exclamação ressaltando que o comentário era apenas uma "brincadeira". Miguel responde privadamente à colega de turma alegando "não tenho problema nenhum com relação a minha sexualidade e se você tem, ou acha que pode faltar

¹³ Registros de congelamento de tela por meio dos quais é possível criar imagens que enquadram todas as figuras ou textos presentes na tela — nesse caso, do celular do discente.

com o respeito pra quem é 'diferente' de você, tem alguma coisa errada e não é comigo. [...] Sei bem o que você quis falar. [...] Mas, por favor, apague aquela ofensa que você chamou de comentário e me peça desculpas no grupo. É o mínimo que você pode fazer".

Ao me enviar as imagens, o aluno escreveu: "Estou mandando pela coincidência mesmo e talvez o senhor possa usar essas imagens no seu projeto. [...] quis mandar pra você ver que acho que vou ter que lidar muito com essas situações". O discente contou ainda que não foi a primeira vez a ocorrer esse tipo de abordagem com seu nome no grupo.

A conversa relatada, primeiramente, refuta a afirmação anterior de Miguel sobre não mais existirem comentários sarcásticos envolvendo sua homossexualidade. Foi possível também perceber a utilização do recurso linguístico de ironia¹⁴ por parte da aluna, havendo aparente associação do termo "agrado" com atos íntimos (como os sexuais). Na mesma conversa, Miguel expressa "Incrível que com tantos homens na sala, tu acertou logo o meu nome", ele utiliza o mesmo recurso linguístico de ironia, querendo na realidade expressar que não acreditava na falta de intenção da aluna em expô-lo.

Em um dos turnos da conversa, o próprio Miguel explicita que a escolha dele como alvo da piada se deve aparentemente a sua orientação sexual, pois dentre tantos homens na turma ele (o único assumidamente gay) foi exatamente o selecionado para "fazer o agrado". Com relação a ação induzida por esta piada e a outros relatos descritos pelos entrevistados, pude perceber que gozações com conotação sexual tecidas sobre os LGBs (principalmente aos homens gays) são práticas discursivas comuns no *ethos* do curso de Administração:

"[Existe] brincadeira pesada, tipo assim, não com meu caso, mas com o que vejo... 'fulano vai dar esse teu rabo a outra pessoa' ou quando sai da sala, 'já vai dar né?' ". (Eduardo)

"[...] Por exemplo, alguém faz uma pergunta. O professor faz uma pergunta. Um menino acerta, aí um vai e diz: 'quem acertar vai ganhar um beijo de Miguel por causa disso'. Ai eu já virei e disse: 'não, não é porque eu gosto de homem que vou ser obrigado a ficar com qualquer um, que vocês podem tirar brincadeiras comigo e eu tenho que aceitar isso por ser gay e porque você brinca com outras que levam na brincadeira, não. Você tem que ver que do mesmo jeito que uma menina gosta de um menino, eu gosto de meninos e eu não tenho problema nenhum quanto a isso. Se você acha que isso é um problema aí você procure um médico, procure ver aí qual o seu problema em relação a isso. Mas veja o que você diz' ". (Miguel)

¹⁴ A ironia constitui figura de linguagem que ecoa de um enunciado apresentando disparidade entre o que se fala e o sentido real que o texto ecoado quer passar, geralmente expressando algum tipo de atitude negativa (FARICLOUGH, 2016).

É possível observar que expressões como "fulano vai dar esse teu rabo a outra pessoa" e "quem acertar vai ganhar um beijo de Miguel por causa disso" evidenciam a hipersexualização a qual o gay é exposto, banalizando e expondo assuntos de cunho íntimo como forma de explicitar a orientação sexual dos sujeitos debochados.

Outro evento evidenciado nos depoimentos foi a brincadeira amparada em interdiscursos envolvendo a corrida presidencial de 2018 no Brasil. Como realizei a maior parte da coleta de dados em período que antecedia as eleições presidenciais brasileiras, alguns entrevistados relataram que alunos do curso se utilizaram de interdiscursos amparados em posicionamentos intolerantes de um dos presidentiáveis para zombar de estudantes gays:

"Lá na sala mesmo eles ficam brincando, eu não sei se é brincadeira, eu não sei, ficam o tempo todo... eles sabem que eu não gosto de Bolsonaro, mas hoje mesmo eles vieram me agarrar, [dizendo] 'Bolsonaro 2018, Bolsonaro 2018!'. Aí eu disse assim: 'vocês são muito chatos!' Isso eu levo como brincadeira, eu não ligo muito não. Mas, a gente estava discutindo ali sobre o que ele fala. Aí teve uma frase que ele [candidato a presidência] disse assim: 'Se o seu filho é gayzinho, é só dar uma porrada que ele vira homem'. Aí eles [discentes] estavam tentando justificar essa frase dele que não era homofobia. Mas é homofobia! É como se fosse assim, uma questão do comportamento dele para seu filho virar homem, mas não tem nada a ver com [isso]. [...] porque essas questões homofóbicas dele eu não gosto e eu bato muito de frente com eles por causa disso. Aí, talvez, eles venham brincar porque vou me irritar por causa disso. Eu não gosto dele [candidato à presidência] por causa dessas questões de sexualidade, é chato o que ele fala". (Júnior)

No relato de Júnior, um dos candidatos à presidência foi exaltado na fala de colegas de classe porque sabiam que isso irritaria o entrevistado. Ao parafrasear uma das frases em que o candidato teria incitado violência contra gays — "Se o seu filho é gayzinho, é só dar uma porrada que ele vira homem" —, Júnior manifesta intertextualmente seu sentimento de repulsa e indignação, os quais provavelmente estão relacionados a diversos outros momentos de violência e intolerância pelos quais já passou em sua vida — "Eu não gosto dele [candidato à presidência] por causa dessas questões de sexualidade, é chato o que ele fala".

Trazer tais discursos para o espaço educacional e direcioná-lo conscientemente ao estudante diferente (Júnior) parece também conter carga de violência simbólica e de intolerância. A interdiscursividade citada parece também refletir implicitamente o distanciamento de Júnior ao padrão heteronormativo que vigora no curso.

O depoimento de Júnior não é o único a relatar implícita ou explicitamente atos preconceituosos. Alguns entrevistados enfatizam em seus textos que há prática discursiva

recorrente na graduação em Administração que se utiliza do humor para se referir aos discentes LGBTs do curso a partir de piadas preconceituosas ou discriminatórias:

"O preconceito que sempre existiu... hoje em dia o pessoal diz que não é preconceituoso, mas existe. O preconceito ainda está enrustido em qualquer tipo de brincadeira. Sempre, o pessoal sempre julgou as pessoas pelo fato de ser homossexual, pelo fato das meninas serem homossexuais também e assim vai. Porque querendo ou não, o menino que é um pouco mais afeminado, a menina que é um pouco masculina e tem aquele jeito mais de homem, as pessoas nunca aceitam pelo fato de ser algo diferente para eles. E eu sempre vi isso desde criança até hoje, eu ainda continuo vendo, muita gente critica pelo fato da pessoa ser um pouco mais afeminado ou pelo fato de você ser gay. Porque as pessoas julgam você pelo fato do que você é, julgam você pelo seu lado sexual, e não pelo seu lado pessoa de ser. As pessoas preferem julgar você por uma sexualidade do que julgar por algo que você faça. Ao invés de no caso falar com você de algo que modifique na sua vida, eles vêm falar sobre sua sexualidade". (José)

"Querendo ou não o preconceito existe e é muito escondido em partes, normalmente as pessoas dizem que não têm, quando na verdade elas acham que não têm, mas sim, elas têm". (Miguel)

Por meio dos depoimentos dos entrevistados, é possível constatar que o humor direcionados aos gays configura-se muitas vezes como discurso de ódio travestido de brincadeira, materializando-se na fonte de sofrimento para esses sujeitos, além de estereotipar função social a esse grupo e ainda reafirmar a rejeição e exclusão a que são relegados. Os encadeamentos linguísticos e discursivos baseados no humor e apresentados nesta seção parecem estar em constante movimento de produção e reprodução, além de reforçar relações assimétricas de poder entre as sexualidades com base no caráter desviante, anormal e inferior destinado às orientações não heterossexuais.

7.9 Percepção sobre o curso: um olhar a partir das diferenças

Também perguntei nas entrevistas sobre a percepção dos discentes sobre a graduação cursada e se enxergavam relação entre o curso de Administração e as diferenças humanas. Diversos elementos foram apontados pelos entrevistados, e ressaltou-se inicialmente a apreensão de caráter funcionalista na forma como o curso é conduzido:

"Então eu acho que o curso de Administração, é uma coisa muito prática, ele desenvolve muito essa parte prática e esquece um pouco essa parte humana. Porque são pessoas ali né, calculando, mas são pessoas". (Lorenzo)

"Bem, até agora o curso de Administração não influenciou muito você a pensar, sabe. É algo muito metódico. Por exemplo, existem algumas cadeiras que poderia se adentrar a isso [discussões sobre as diferenças humanas], mas é algo muito assim... acho que eles querem formar o administrador apenas

para saber um pouco da teoria e apenas isso. Não se faz uma autorreflexão sobre o porquê que a empresa tem que funcionar assim, sabe. Existe alguma outra forma de se administrar uma empresa ou qualquer outra coisa? [...] É aquilo que está ali e pronto. Não instiga você a questionar sobre como funciona a empresa e tal, não para radicalizar, mas para você entender, a empresa funciona assim, assim e assim. Mas será que poderia melhorar de tal forma? Não é muito passado isso". (Maria)

Tanto Lorenzo quanto Maria chamam a atenção para a pouca estimulação à reflexão crítica sobre questões menos óbvias que tangenciam à Administração, como a temática sobre as diferenças humanas e, mais especificamente, sobre as diferenças de orientação sexual, bem como essas questões estariam associadas às relações estabelecidas nas organizações.

Lorenzo ressalta o pragmatismo que impera sobre a graduação, o qual negligência as questões humanas essenciais à formação do profissional do(a) administrador(a). Maria, por sua vez, atenta para a acriticidade presente no curso — muito semelhante à crítica feita por Freire (1979, p. 11) sobre o esvaziamento reflexivo dos profissionais nas organizações, fazendo analogia destes com latas vazias cheias de "depósitos técnicos" —, resultado da ausência de reflexão sobre o exercício profissional. A falta de autorreflexão e questionamento, além do engessamento e metodismo salientados pela entrevistada estão relacionados às críticas feitas por Nicolini (2003) sobre a linha de produção que a formação em Administração pode estar se tornando.

Como já salientei em outros tópicos destas análises, é possível identificar nos textos dos entrevistados elementos que sublinham a heteronormatividade no curso.

"Eu até brinquei quando entrei na faculdade, que eu escolhi um curso muito hétero para fazer parte [...] e eu continuo com essa percepção, porque é pouquíssimo, é por conta do quantitativo de gays na sala. [...] Na verdade eu não sei explicar por que o curso é assim". (Caio)

"O curso de Administração reflete as nossas diferenças no nosso cotidiano, não sei se dá para entender. Reflete a sociedade. Aquilo ali é uma parcela, mas é o reflexo do Brasil atualmente. Você tira da questão, por exemplo, do quanto a boa parte da turma são conservadores. Do quanto a boa parte da turma é daquela linha da "família tradicional brasileira". É aquilo. Branco, hétero, é... que tem pensamentos mais ligado ao que a mídia passa, não buscam a informação. Reflete o que a sociedade, o que a gente vive fora da faculdade. [...] Quando digo que reflete a sociedade é porque são como toda sala, [...] essas diferenças existem, mas estão lá cada uma no seu quadrado". (Maria)

"Eu acho o curso de Administração muito preconceituoso. [...] No curso de Administração, pelo menos, eu acho que essas pessoas heterossexuais elas conseguem se expressar melhor. Assim, não são todas, porque têm aquelas pessoas que são na delas também, sem ser [LGBT], mas eu acho que elas conseguem se expressar mais, né. Conseguem ter uma amizade mais fácil

com outras pessoas, entendeu? Principalmente, um amigo gay meu. Ele não consegue se enturmar com todos, porque algumas pessoas vão olhar meio assim, entendeu? Então acho que o fato de ser hétero ajuda mais no convívio [...] na faculdade". (Isadora)

Caio expressa em suas palavras recorrente associação feita pelos entrevistados entre a graduação em Administração e a homossexualidade. Apesar do discente apenas ressaltar o olhar quantitativo acerca do pequeno número de não homossexuais em sua turma, tanto Maria quanto Isadora trazem elementos mais qualitativos, a partir dos quais podemos identificar a já citada heteronormatividade. Enquanto Maria percebe aparente conservadorismo no curso, Isadora discorre sobre a constante presença de preconceitos que dificultam a socialização dos que têm orientação sexual não hegemônica. Outra interessante constatação é a de que, algumas vezes, os entrevistados personificam o curso, atribuindo-lhe adjetivações e atitudes humanas, como o caso do preconceito — "Eu acho o curso de Administração muito preconceituoso".

Os relatos aparentam evidenciar que, a partir da constatação da existência da diferença entre os discentes, o cotidiano externo ao curso se reflete em suas práticas, a homossexualidade se constitui como normal e natural tendo como consequência a exclusão do outro desviante, o que torna o convívio social mais fácil para aqueles que se enquadram na matriz heteronormativa e mais difícil para aqueles que não se inserem neste perfil.

A mencionada heteronormatividade produz alguns estereótipos sobre o curso:

"Já me perguntaram muito: 'ah, mas tu assim... por que tu tas fazendo Administração? Porque não é curso de viado!' As pessoas têm também essa seleção aí! São essas coisas que eu venho dizendo: 'não, minha gente! Tem sim, tem viado que é dentista, tem viado que dá aula, tem no sei o quê... Viado não é só estilista e cabeleireiro não! Eles fazem outras coisas também'. Aí eles fazem: 'Sério?'. Aí eu disse: 'Sério!' Aí eu tenho que falar né! 'Eu tenho um amigo meu que é não sei o que, tem amigo meu que é PM, tem um amigo meu que é gerente de marketing'. 'Sério? PM? Viado?' As pessoas acham que a gente não é capaz de fazer as coisas, porque a gente é viado! Tem isso". (Lorenzo)

"Para ser administrador você tem um perfil muito sério, e é quando você liga LGBTs a cursos assim, porque normalmente as pessoas ligam LGBT à Arte, história, mas nunca à Administração, Direito. Porque é como se não fosse um curso para você, não é um curso que vá lhe contemplar, você não tem jeito para ser um doutor, porque geralmente quem faz direito, medicina, engenharia, já sai de lá doutor, mas não é assim né? Mas geralmente é assim: 'não é que seja um curso tão adequado para você, você não se encaixaria tanto nesse curso. Você não tem personalidade para assumir uma postura de liderança [...]. Talvez você não tenha maturidade suficiente' [...] usam isso como desculpa para lhe desqualificar, dependendo da sua sexualidade e gênero". (Júnior)

A fala de Lorenzo reflete imaginário social de que o curso de Administração é um curso heterossexual e, sendo assim, não haveria espaço na graduação para aqueles que possuem orientação sexual e, principalmente, performance "desviante" do que rege a matriz heteronormativa. Os dois entrevistados expressam estereótipo que cerceia os LGBTs a um nicho específico de profissões "adequadas", geralmente profissões tidas como femininas.

Lorenzo destaca a limitação ou incapacidade atribuída ao LGBT para exercer certas profissões — "As pessoas acham que a gente não é capaz de fazer as coisas, porque a gente é viado!" —, ao passo que Júnior enxerga que tais estereótipos são alimentados a fim de desqualificá-los por serem diferentes — "usam isso como desculpa para lhe desqualificar, dependendo da sua sexualidade e gênero". Tal segregação que circunscreve os LGBTs quando se trata de formação superior e profissionalização reflete as consequências negativas da heteronormatividade no curso e alimenta inseguranças naqueles que são diferentes e que têm interesse em cursar Administração.

Os relatos de alguns entrevistados mostram que a percepção da heteronormatividade sobre o curso de Administração ajuda a reforçar estereótipos acerca do perfil de aluno que predomina no curso (branco, homem, heterossexual, de ideologia conservadora), os quais, ao mesmo tempo, reforçam a falsa ideia de que o curso não pode ser cursado por pessoas que se distanciem em demasiado desse padrão estereotipado.

"No começo, de fato, eu fiquei um pouco mais receosa por... assim, você tem uma ideia que o curso de Administração é normalmente hétero e tal. Você já vai com aquela ideia de pessoas de direita, conservadoras e tal. Ai eu fui assim com o pé atrás claro [...] O curso de Administração para mim é formado de pessoas brancas, héteras, que tinham um posicionamento... para mim na sala só ia ter eu de esquerda, que tem um pensamento ligado com a esquerda. Pensava também que não teria tantos gays como encontrei na sala. E... no fundo do meu coração, eu não achava que ia me identificar com a turma, eu não achava que eu ia me dar bem com as pessoas que estavam ali. E, não foi 100% assim, porque eu encontrei algumas pessoas que pensam igual a mim, que tem essa visão de querer um mundo mais igual né. A sala não é extremamente branca, existem negros dentro da sala, que eu fiquei muito feliz por isso". (Maria)

"Eu vim pra cá fazer [Administração] porque eu tenho um trabalho independente com uma produtora, eu produzo festas para o público LGBT, então eu quis fazer o curso de Administração para eu ter uma base melhor nessa questão de administrar, fazer controle de público, enfim. Como eu te falei, eu pensei muito antes de fazer, porque a gente tem aquela imagem de que o curso de Administração é um curso bem "normativo". Tanto é que [eu] ficava assim... 'Meu Deus do Céu, eu vou chegar nessa sala de aula e vai tá todo mundo... aquele povo sério de Administração e vai chegar eu assim na sala [aponta para si]'. Então, foi bem difícil eu querer vir para cá e tal, mas aqui, quando eu cheguei na sala de aula — eu sou muito de observar —

sentei, eu primeiro observei as pessoas em volta, para ver se ia rolar ou não. Porque se eu visse que não tinha condição eu não ia vir. Porque eu passei muito tempo da minha vida obrigado a conviver numa sala de aula com pessoas que não me queriam ali, então, agora eu tenho — graças a Deus — esse poder de escolha. Mas aí, eu disse: 'Não! Eu vou, vou ser o que eu sou sempre... e aí as pessoas vão se manifestar, então aí a gente vai ver o que rola ou não' ". (Lorenzo)

Maria e Lorenzo compartilham nos relatos os receios que possuíam antes de iniciar o curso de Administração. Em suas falas é possível identificar a percepção de caráter heteronormativo sobre a graduação — "você tem uma ideia que o curso de Administração é normalmente hétero e tal", "eu pensei muito antes de fazer, porque a gente tem aquela imagem de que o curso de Administração é um curso bem 'normativo'" —, que gera uma impressão negativa sobre a possibilidade de inclusão e convívio com as diferenças, em especial, de orientação sexual. O ideal normativo presente no curso, por si só, indica o perfil e performances legitimadas neste contexto, as quais constituem a primeira barreira à inserção do sujeito diferente.

Há também relativo estranhamento quando os entrevistados associam sua performance às que parecem ser legitimadas no curso. Maria utiliza-se de interdiscursividade com o campo político para expressar a sensação de que predominaria neste espaço princípios conservadores os quais prejudicariam sua convivência na Administração. Já Lorenzo fez relação intertextual com sua experiência no período escolar, revivendo os períodos de angústia e silenciamento sofridos na infância e adolescência e os tomando como referência para sinalizar a nova performance que teria como discente e como reagiria à situações adversas e de intolerância.

Tal estereótipo é parcialmente quebrado quando os discentes iniciaram o curso e se depararam com a diversidade de diferenças ali existente. No entanto, alguns estigmas que alimentam a sensação de estranhamento à presença de LGBTs no curso permanecem, e são sentidos tão logo iniciam a convivência no curso.

Quando perguntados se enxergavam relação entre a Administração e as diferenças humanas, diferentes aspectos foram pontuados:

"Quando a gente aprende a liderar a gente não vai liderar só para pessoas que a gente gosta ou que a gente acha que merece ser liderada. É para todo mundo, não importa. São pessoas que eu vou ter que liderar, que eu vou ter que aconselhar na organização, que eu vou ter que tratar com respeito. E não ligando essas coisas, negro, gay, branco não [...]. No curso de Administração, eu acho essencial esses assuntos [sobre diferenças humanas], porque vou lidar com pessoas, não vou conseguir me esconder, não falar com ninguém. Tem que lidar com pessoas, tenho que saber como lidar com elas e esquecer diferença. Não é nem esquecer, mas saber que elas existem e não são relevantes para meu tratamento uma com a outra, só respeito. Não é

porque ele tem uma característica que ele deve ser mais respeitado do que esse quem tem outra [...]. Saber lidar com essas coisas seria essencial no curso de Administração". (Júnior)

"Você não vai ser gestor apenas de uma minoria dos heterossexuais, você vai ser gestor de uma grande organização e você vai ter ali pensamentos, culturas diferentes, sexualidades diferentes. Então cabe a esse gestor saber lidar como todas essas diferenças [...]. Porque você não pode querer administrar para a minoria, você tem que administrar para um todo e saber que dentro desse todo vão existir várias diferenças, e tem que saber administrar essas diferenças [...]. Eu digo isso pela período passado que eu tive aula com o senhor, entendeu?!". (Carlos)

"Tipo, falta de conhecimento também, eu acho que a educação também, muitas pessoas não têm educação sobre isso. [...] acho que é por isso que as pessoas não levam a sério". (Rafael)

Tanto Júnior quanto Carlos expressam a relação das diferenças com a Administração resgatando o caráter relacional e humano presente no exercício da função do(a) administrador(a), e a necessidade deste(a) profissional lidar com a heterogeneidade humana, sem discriminações ou segregações. Rafael, por sua vez, faz associação entre a falta de conhecimento e a ocorrência de preconceito. Tanto na fala deste quanto nas demais falas dos entrevistados acima podemos denotar referência à importância de discussões sobre gênero e sexualidade para a formação de profissionais na/da Administração — como em "No curso de Administração, eu acho essencial esses assuntos [sobre diferenças humanas], porque vou lidar com pessoas".

Apesar de perceberem que existe relação entre o curso de Administração e as diferenças humanas, identifiquei que não há consenso sobre se a graduação prepara ou não seus estudantes para lidar com tais diferenças. Alguns entrevistados acreditam que no curso se ensina sobre como encarar e se relacionar com as diferenças.

"Dependendo da disciplina eu acho que sim [...]. E uma boa parte do curso fala sobre seriedade, e eu acho que o curso fala também de você julgar o profissional e não sexo ou orientação. [...] porque é aquele 'ou atura ou surta', acho que se eu não gosto de uma determinada pessoa eu vou aprender a lidar com ela. Eu vou aprender a conviver com ela porque vão ser quatro anos. Então...o curso ensina você a lidar com as diferenças, porque são trinta pessoas, trinta mentes diferentes, trinta mundos diferentes e trinta situações diferentes dentro de uma única sala". (Caio)

"Sim. Porque dentro do curso a gente acaba pagando algumas cadeiras que nos faz, nos obriga indiretamente, a abrir mais a cabeça de saber respeitar todas as pessoas independente de quem ela seja ou qual gosto ela tenha, ou a maneira com que ela vive. Desde que ela não ultrapasse o seu limite. Ou seja, desde que ela não chegue a cometer alguma falta. [...] Até onde chegue num ponto que não seja, que não cause desconforto para as outras pessoas, que estão convivendo com ela naquele ambiente". (César)

"Na realidade sobre orientação sexual eu vim saber mais depois da faculdade. A questão da inclusão, até tu deu uma aula para gente, um estudo de caso, lembra? No 5º período. Foi aí que eu consegui, que eu comecei ter entendimento sobre isso [...]. Eu acho que você já sai daqui com a mente mais aberta em questão mesmo de conhecimento em relação a isso, em questão dos preconceitos enfrentados, tipo, como se a gente já recebesse uma preparação do curso do que a gente vai ver na faculdade em relação a galera LGBT. Então eu acho que a gente recebe uma boa preparação do curso, ele proporciona um bom conhecimento então a gente já vai preparado para o que vai enfrentar". (Evaristo)

Parte dos entrevistados alega que acredita que o curso ensina a lidar com as diferenças. Pude perceber que as declarações com esse direcionamento estiveram amparadas, em sua maioria, em compreensões superficiais e generalistas sobre as diferenças humanas. A metáfora utilizada por Caio — "ou atura ou surta" — denota mais uma obrigatoriedade moral de "tolerar" a diferença que necessariamente compreender, respeitar e inseri-la, operando-a de maneira funcionalista aos interesses organizacionais.

Já na fala de César é possível observar trechos que reproduzem preocupações de adequação à matriz heterossexual e suas normatizações. No enunciado "Desde que ela não ultrapasse o seu limite. Ou seja, desde que ela não chegue a cometer alguma falta. [...] Até onde chegue num ponto que não seja, que não cause desconforto para as outras pessoas", há claro condicionamento da ação respeitar à adequação de performance à performatividade heteronormativa, numa reafirmação aos cerceamentos impostos a quem é diferente.

A capacidade que os estudante têm de perceber as diferenças humanas no contexto organizacional e de trabalho não são suficientes para afirmarmos — como feito por Evaristo, por exemplo — que os alunos do curso estão preparados para lidar com tais diferenças. Pude observar que a compreensão sobre diferenças a qual os entrevistados se referiram se apoia em perspectiva gerencialista, semelhante à crítica feita por Siqueira et al. (2016) ao apontarem que as distintas diferenças costumam ser reduzidas a um único ponto de vista, sem o devido entendimento sobre os contextos das quais emanam e sem a real preocupação sobre os direitos e espaços conquistados pelos sujeitos diferentes.

A noção de tolerar e de respeitar os sujeitos diferentes, presente nas falas dos entrevistados, não necessariamente instrui os indivíduos a compreender e lidar sem estranheza com tais diferenças, parece mais estar relacionada com a ideia discutida por Silva (2013) de que a aparente generosidade presente na tolerância pode denotar superioridade de quem é tolerante, bem como o respeito, por sua vez, pode indicar essencialismo sobre o qual as diferenças são encaradas, sendo percebidas como estáticas, restando apenas respeitá-las. As

falas pareceram reproduzir idealização bastante difundida pelos manuais da Administração sobre visão holística, mas que de fato nem abrange nem promove a inclusão do diferente no convívio social do curso e no ambiente de trabalho.

A maior parte dos entrevistados alegou que pouco se discute sobre diferenças na graduação e/ou acreditar que não se prepara para lidar com as diferenças na Administração, como pode ser observado nas falas a seguir:

"A gente não pagou nenhuma cadeira em relação a isso. Não é só pagar a cadeira também, a gente tem que lidar, o convívio da gente não é tipo uma coisa normal, assim né? Não é uma coisa normal que a gente lida todo dia [...]. É como eu falei, a gente não tem nenhuma cadeira que paga isso, nenhuma cadeira que é voltada a isso, a justamente esse quebra de preconceito". (Isadora)

"Eu acho que ainda está muito vago, porque, a única vez que eu vi falando sobre sexualidade, sobre diversidade, foi no 4º período, na disciplina de Gestão de Recursos Humanos, que uma professora passou um seminário, não foi nem um tema da aula dela, ela passou um seminário, um grupo foi e falou sobre diversidade, ela discutiu alguns pontos e só, não tive mais contato. [...] é totalmente importante até porque ninguém é igual a ninguém. Eu acho que sempre vai ter na empresa alguém diferente, e você conseguir captar isso, você como profissional conseguir enxergar isso". (Rafael)

"Esse assunto da questão de gênero, de orientação sexual quer dizer, é... só duas vezes eu acho que tocou no assunto. Uma que foi a professora de Administração, que ela foi adentrar a questão das empresas que usam [...] a causa para ganhar em cima. E a outra foi a de comunicação que veio falar sobre a questão do preconceito dentro da empresa. Mas, assim, são formas bem rápidas de falar o assunto. Não é muito tocado, não é muito debatido. Embora a gente saiba que os professores são super tranquilos e tal. Nunca passei por situação nenhuma adversa, mas existe isso. Existe essa ausência do assunto. Não só da questão da orientação sexual, mas uma forma geral mesmo das diferenças". (Maria)

Para justificar posicionamento dado, os entrevistados alegaram por vezes não haver no curso disciplinas relacionadas diretamente às diferenças humanas — "A gente não pagou nenhuma cadeira em relação a isso" — ou que, nas poucas ocasiões em que foi abordado, o tema foi tratado de maneira vaga ou superficial — "são formas bem rápidas de falar o assunto. Não é muito tocado, não é muito debatido". A ausência ou superficialidade identificada pelos entrevistados parece também reforçar para os discentes a permanência dos estereótipos e do preconceito neste contexto — "a gente não tem nenhuma cadeira que paga isso, nenhuma cadeira que é voltada a isso, a justamente esse quebra de preconceito".

A estudante Maria chama atenção ainda para o fato de que há suposto silenciamento por parte dos docentes — "Embora a gente saiba que os professores são supertranquilos e tal [...] existe isso. Existe essa ausência do assunto. Não só da questão da orientação sexual, mas

uma forma geral mesmo das diferenças" —, questionando a falta de iniciativa deste para abordar a temática em questão. Segundo a percepção da discente, a presença de temáticas envolvendo, por exemplo, a questão de gênero e de orientação sexual em sala de aula é feita a partir de exemplos passageiros que não são discutidos pelos docentes com a complexidade que possuem. Rafael e Maria tecem ainda outros comentários:

"O ensino em si não. Eu acho que por mim, por eu ser [gay], por eu ter nascido assim, eu consigo mais identificar se está sendo proveitoso. Mas, em relação ao ensino, quando eu vejo alguns amigos que comentam junto, geralmente é que são ou tem amigos muito próximos que conviveu a vida toda assim, aí conseguem ter uma mente mais aberta em relação a isso. Mas o curso mesmo mostrar assim, eu não consigo identificar não. Não sei em outras universidades, né?". (Rafael)

"Não é falado sobre isso, sobre as diferenças mesmo de modo geral. Não só da orientação sexual, você não fala sobre isso no curso, pelo menos até agora. [...] Eu acredito que vai permanecer isso, a minha esperança é que existisse um debate mais... que houvesse um debate na verdade sobre as diferenças. Porque boa parte ali recusa a falar sobre as diferenças também, sabe. Boa parte acha que isso se for bater em sala de aula é "mimimi", é perda de tempo. [...] Às vezes não dá nem para julgar essas pessoas, porque se a gente for analisar existem casos assim, que tipo já vem de famílias fechadas né, naquele convívio e tal. Então, para muita gente vai continuar sendo "mimimi", vai continuar sendo uma coisa sem importância falar sobre as diferenças, sobre as minorias, infelizmente. E como não tem um debate puxado por nenhum professor até agora, e se tiver com certeza vão debater, não na sala de aulas, mas vão mandar um *whatsapp* dizendo que o professor está conversando besteira ao invés de dar o assunto. Como se isso também não fizesse parte do curso, sabe". (Maria)

Com forma de reforçar a crença de que o curso não prepara seus discentes para lidar com as diferenças, Rafael julga que sua percepção seja mais sensível a essa análise pelo fato de ter uma diferença não hegemônica (de orientação sexual) — "Eu acho que por mim, por eu ser [gay], por eu ter nascido assim, eu consigo mais identificar se está sendo proveitoso" —, permitindo-o enxergar com maior nitidez ao buscar temas que pudessem de alguma forma incluí-lo nas discussões dentro do curso.

Maria faz importante reflexão sobre a falta de lucidez por parte da maioria do corpo discente acerca da importância e da pertinência do debate sobre diferenças para a formação em Administração — "boa parte ali recusa a falar sobre as diferenças também, sabe. Boa parte acha que isso, se for bater em sala de aula é "mimimi", é perda de tempo". Como são questões que se relacionam a aspectos de minorias, tais temáticas tendem a não despertar interesse na maioria dos discentes (daqueles que possuem características consideradas hegemônicas, como é o caso dos heterossexuais), o que talvez justifique a naturalização das "relações de poder,

ideologias particulares e as próprias convenções" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 99) sobre as diferenças e a prática discursiva a elas relacionada. O fato parece também estar ligado à lógica do ganho tão forte no curso, a partir de máximas como "o que tal discussão trará de contrapartida para mim que não faço parte dessa minoria ou que não possuo essa diferença?", refletindo um pouco da influência do individualismo sobre as práticas no curso. A falta de percepção sobre o outro e sobre a coletividade seguida do pouco estímulo para tais debates pulverizam a discussão destes temas no contexto educacional da Administração, e tornam legítimos contextos de dominação e de desigualdade.

Corroborando com o mesmo pensamento, Ana tece relação intertextual entre distintos temas e a desigual importância que dada a cada um deles durante o curso de Administração:

"Não consigo enxergar nada direto do curso de Administração que venha a unificar isso [tratar sobre as diferenças]. [...] como por exemplo tem a questão de meio ambiente, meio ambiente é uma situação que a gente precisa ver que está ruim e que nas aulas de administração a gente consegue ter o conteúdo que te ajude a ter [conhecimento], melhorar isso. Em relação a unificar as diferenças eu não encontrei nada que tivesse relacionado. E até deveria existir, justamente porque quando você chegar em uma supervisão, você vai ter que lidar com todos os tipos de diferenças né. [...] eu acho que não prepara, não tem nada que... até teve um debate com [a professora Flávia] que, não era um debate sobre relação sexual ou coisas do tipo, mas que entrou no assunto e ficou uma confusão na sala de aula, porque ninguém tem preparação para isso. Quem acha que não é certo... acabou-se. 'Ah, eu respeito, mas não acho certo'. Mas não respeita, não é questão que me desrespeitou ou já vi desrespeitar, mas, realmente, o preconceito faz com que haja uma diferença". (Ana)

Na associação feita, é visualizada pela entrevistada a recorrente presença sobre conscientização e importância da gestão ambiental e da minimização do impacto organizacional sobre o meio ambiente, no entanto, segundo Ana, não há a mesma evidência no tocante à discussão sobre as diferenças humanas e sobre o respeito a elas, demonstrando por meio da distinção e seleção de conteúdo o que é e o que não é valorizado no curso. A aluna exemplifica ainda em seu relato momento em que um certo debate recaiu sobre a temática de orientação sexual e, nesse momento, ficou claro para ela o despreparo e desinformação do corpo docente no trato dessas questões — "até teve um debate com [a professora Flávia] que, não era um debate sobre relação sexual ou coisas do tipo, mas que entrou no assunto e ficou uma confusão na sala de aula, porque ninguém tem preparação para isso" —, o que novamente evidencia a relevância do tema ser trabalhado com os estudantes do curso.

Lorenzo também expõe alguns fatos que o fazem acreditar que falta algo na formação recebida pelos discentes durante o curso:

"Eu acho muito vago, assim, porque sempre fica faltando alguma coisa. [...] as pessoas vêm de uma história já de 'vamos abafar, vamos esconder, não é necessário, eles que têm que se adequar a gente. Se eles quiserem alguma coisa eles vão ter que...', que é justamente essa questão da roupa, do visual... 'se eles quiserem vão ter que ser assim e tal'. [...] a questão de gestão de pessoas, ficou um buraco... vamos dizer que as pessoas da minha sala mudaram seus pensamentos porque eu tô lá, mas tem pessoas que não andam comigo, que não conversam e tal, que tão... pegaram aquilo ali... tipo, 'não devemos ter preconceito com as pessoas'... aí ela pontuou, pronto! E é aquilo ali? Não é só aquilo, entendeu? E como você vai lidar no dia a dia da empresa com uma pessoa trans, por exemplo? Tem gente que não sabe ainda. Então eu disse 'oh minha gente, se chegar uma mulher trans, vocês têm que levar ao banheiro feminino', então tem gente que [fala] 'Sério? É sério que tem que fazer isso?' São essas coisinhas, que tem que ser pontuadas e que até agora não foram". (Lorenzo)

Apesar de ainda estar no primeiro período do curso, o discente percebe a falta de abordagem e de comentários construtivos sobre a existência de LGBTs no universo organizacional, o que pode apontar a falta de transversalidade nas discussões que são estabelecidas na grade curricular do curso a respeito das diferenças que existem nas organizações e com as quais os alunos irão se deparar no seu dia a dia de trabalho. A partir do relato do entrevistado, podemos também refletir que a ausência de discussões sobre a realidade que os circunscreve pode reforçar silenciamentos e a modelagem de comportamento destes para que se enquadrem na estrutura discursiva hegemônica que vigora sobre o curso.

Passagens como "as pessoas vêm de uma história já de 'vamos abafar, vamos esconder, não é necessário, eles que têm que se adequar a gente'" denotam como alguns dos entrevistados enxergam a afirmação do padrão heteronormativo a partir de discursos presentes no curso. Ademais, o trecho "pegaram aquilo ali... tipo, 'não devemos ter preconceito com as pessoas'... aí ela pontuou, pronto! E é aquilo ali? Não é só aquilo, entendeu?" reflete o olhar de Lorenzo sobre a banalização do preconceito e, principalmente, da compreensão social acerca das diferenças, como se apenas a não existência de preconceito fosse suficiente para harmonizar e resolver as problemáticas relacionadas ao tópico, seja no âmbito do curso, quanto no ambiente de trabalho. O entrevistado complementa sua exposição:

"Eu acho que falta muito ainda, para esclarecer as pessoas. Vê... no caso da minha sala foi necessário eu vir, porque se dependessem dos outros [estudantes não heterossexuais] que tem lá na sala ia ficar a mesma coisa, as pessoas iam ficar com raiva deles, porque eles não se aproximam e tal. [...] Então eu acho ainda que falta essa parte. Eu não! Eu já fiz outras graduações e eu já paguei essas cadeiras, digamos assim. Tanto é que a cadeira de

filosofia rende mais do que as outras, porque você vê os pensamentos das pessoas daqui, você vê, principalmente quando falam de política. Você vê do tipo... tem uma mulher ali caladinha, mas ela vai votar em Bolsonaro e está na mesma sala que eu, tipo ela fala comigo e tal, mas ela fala porque ela é educada, porque se fosse por ela eu não estava aqui". (Lorenzo)

Há a presença de intertexto no relato, mais especificamente relacionado a recente momento político do país no qual um dos candidatos à presidência tinha posicionamento declaradamente contrário às minorias, entre elas os LGBTs. Nessa relação estabelece-se um elo comparativo entre "votar em Bolsonaro" (apoiar politicamente um candidato contrário a diversidade sexual e que incitou por diversas vezes a intolerância para com este grupo) e ser intolerante ou enxergar pejorativamente os não heterossexuais no curso de Administração. No relato, o entrevistado compartilha ainda a impressão de que outra aluna não reconhece o seu lugar no curso — "ela fala comigo e tal, mas ela fala porque ela é educada, porque se fosse por ela eu não estava aqui" —, e que a cordialidade utilizada por esta seria um mero instrumento de convivência, mas que, ao seu ver, não traduz a percepção real da colega de classe com relação a sua orientação sexual. O comportamento da discente, relatado a partir da percepção do entrevistado, pode ser explicado como um sutil reflexo de como a performatividade impõe princípios normativos de adequação à noção da heterossexualidade compulsória (JAGGER, 2008; BUTLER, 2003a), os quais interferem não somente sobre a performance dos corpos, como também sobre a interpretação que os atores sociais fazem deles e do lugar que estes devem ocupar nos ciclos sociais.

Ainda sobre argumentos que reforçam a percepção de grande parte dos entrevistados sobre o curso não preparar seus discentes para lidar com as diferenças, Júnior faz importante menção sobre a estrutura curricular do curso:

"Pra gente não fica claro não. Tanto que a gente só discutiu isso em uma disciplina sobre questão gênero, de diferenças na empresa, na organização, a gente só discutiu isso em uma disciplina. No resto, que me lembro, é a gente que fala... os próprios alunos. Mas no plano curricular [do curso] eu não me lembro não de ter nada falando sobre as diferenças não, só em uma mesmo, foi no 5º período, o resto eu não lembro de ter nenhuma". (Júnior)

Ao consultar as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Administração (BRASIL, 2005), pode-se perceber a inexistência de preocupações relacionadas diretamente com a apreensão e o lidar com as diferenças humanas. Há um claro direcionamento das diretrizes às questões que envolvem o processo produtivo e seu gerenciamento, as negociações, as formulações matemáticas, o desenvolvimento de projetos e consultorias, etc. As preocupações alusivas aos sujeitos humanos são reduzidas às entrelinhas

de expressões amplas e generalistas como "expressar-se de modo crítico e criativo diante dos diferentes contextos organizacionais e sociais", "consciência da qualidade e das implicações éticas do seu exercício profissional", "transferir conhecimentos da vida e da experiência cotidianas para o ambiente de trabalho" (BRASIL, 2005, s.p.).

Não posso deixar de citar a indicação de conteúdos de formação complementar nas diretrizes curriculares do curso, facultando a inclusão de "estudos opcionais de caráter transversal e interdisciplinar para o enriquecimento do perfil do formando", direcionamento este que abriria espaço para a inclusão de discussões acerca das diferenças humanas. No entanto, os relatos dos entrevistados parecem reforçar a ideia de que é "bastante comum a prática de repetir o currículo mínimo preconizado pelo Conselho Federal de Educação" (MARTINS et al., 1997, p. 239), dando ênfase aos critérios técnico-gerenciais exigidos e negligenciando as disposições de estímulo subjetivo e reflexivo, principalmente sobre a importância e centralidade humana no contexto socio-organizacional — incluindo neste bojo de discussões as diferenças de orientação sexual e de diversidade de gênero referidas pelo discente Júnior.

A observação de Júnior, amparada pela prática citada, reforçam também a percepção da heteronormatividade sobre a Administração. Ao excluir ou silenciar questões sobre gênero e orientação sexual no currículo do curso, as escolas de Administração mantêm inquestionáveis o padrão normativo que subjulga outras sexualidades distintas à heterossexualidade (OZTURK; RUMENS, 2014).

Após análise das respostas ao questionamento sobre a possível contribuição do ensino na Administração para o lidar com as diferenças no âmbito organizacional, constatei que a maior parte dos discentes alegou não ter debatido questões ou não perceber discussões preocupadas em auxiliar o(a) profissional de Administração a compreender, respeitar e se relacionar com aqueles que estejam fora da matriz de inteligibilidade legitimada socialmente. Houve ainda entrevistados que conseguiram apontar professor(es) específico(s) que trabalhou(ram) sobre o tema das diferenças humanas em sala de aula, relacionando-as ao exercício profissional na Administração.

Ante o exposto, pude verificar que não é claro nem constante o ensino sobre diferenças humanas e discussões sobre orientação sexual e também sobre gênero no curso de Administração. A condução de tais temas está mais relacionada à sensibilidade e ao interesse dos professores que por ventura queiram conduzir tais temáticas que a uma preocupação ampla sobre a importância que as diferenças humanas representam para a formação de profissional da Administração. Dessa forma, o despertar de consciência e o preparo ao

compreender questões que envolvam as distintas orientações sexuais na gestão, por exemplo, não são estimulados em todos os alunos do curso — dependerão dos docentes designados às turmas —, e isso está diretamente relacionado às distintas percepções que têm sobre a maneira que o curso de Administração lida com as diferenças relacionadas à formação de seus profissionais.

Assim como mencionado por Júnior no último recorte de texto acima — "No resto, que me lembro, é a gente que fala... os próprios alunos" —, parcela dos entrevistados acredita que o interesse pela temática das diferenças, a curiosidade e as experiências vividas dos discentes informam mais sobre diferenças humanas, e como estas se estabelecem no relacionamento das pessoas, que os conhecimentos proporcionados pelo ou a partir do curso.

"Se for só depender do curso eu acho que falta um pouquinho, esse ensino aí [sobre diferenças]. Mas se for trazer de vida, de fora da faculdade pra cá, pelas pessoas que eu converso, [...] acessando sites para ler sobre o assunto, se fosse com ajuda disso eu conseguiria, mas só o curso não. Eu acho que precisa mais, saber lidar mais com as coisas, com as diferenças. É saber lidar com o que você acha diferente, porque o que é diferente para ela pode não ser diferente para mim, então tem essa coisa de ter mais essa discussão aberta. E tipo ouvir mais a opinião de pessoas, não ver só o que está ali [...]. Ouvir também é interessante, não só o que já está escrito, documentado. Ouvir mais o que as pessoas têm a falar, eu acho que ajuda muito saber respeitar as pessoas como humano. A gente conversa muito, muito não, mas já conversou sobre saber respeitar as pessoas trans quando elas... tipo assim, 'estou no trabalho e preciso fazer xixi, vou no banheiro'. Aí tem que respeitar isso porque é uma necessidade que o corpo da pessoa tem, não tem como ela ficar tampada e não fazer xixi, mas só sobre isso... necessidades fisiológicas. Mas sobre outras questões não. Acho que não prepara para isso não, só se você trouxe de fora já esse conhecimento, mas aqui a gente só discutiu uma vez". (Júnior)

Chama atenção na declaração de Júnior o destaque sobre a necessidade de discussão aberta sobre as diferenças. A fala do entrevistado reflete não apenas o que acredita ser importante para o aprendizado no curso de Administração, mas parece também ser um clamor para que também o escutem, já que é uma das vozes das diferenças encontradas no curso. "E tipo ouvir mais a opinião de pessoas, não ver só o que está ali" parece querer dizer "Eu também estou ali. Ouçam-me!". A fala do discente me leva, mais uma vez, à compreensão de que há formas distintas de se silenciar os estudantes não heterossexuais, e a ausência e/ou carência de discussões sobre as diferenças de orientação sexual exemplificam uma das formas de silenciamento no curso.

No relato de Bruna abaixo também é possível notar a percepção de como o aprendizado sobre diferenças parece se dar mais pela convivência com os sujeitos do curso (e

suas distintas diferenças) do que efetivamente a partir de um estímulo pensado, coerente e sistematizado para a graduação em Administração por parte dos atores competentes:

"No ensino a gente está aprendendo sobre administração, mas tem muita coisa que a gente aprende no dia a dia aqui na faculdade. É como eu falei, só tive a forma de poder me abrir aqui, porque as pessoas aqui me ajudaram [...] extra curso. [...] aqui a gente precisa lidar com tudo, aqui tem de tudo vamos dizer assim. Para poder lidar você aprende a lidar com as pessoas, você aprende a respeitar as pessoas do jeito que elas são, vamos dizer assim".
(Bruna)

Alguns entrevistados dissociam o ensino da Administração do aprendizado sobre e como lidar com as diferenças de orientação sexual. No entanto, observo na fala de Bruna que há um aprendizado não institucionalizado e não pedagogizado sobre a convivência com as diferenças no dia a dia do curso e as relações extra acadêmicas que são estabelecidas nele. A própria presença de LGBTs no curso é importante para que os discentes conheçam, reconheçam e respeitem as distintas formas de orientação sexual, de identidade de gênero e de tantas outras diferenças, mas não é suficiente para coibir as práticas de preconceito e de discriminação — relatadas principalmente no item 8.8 destas análises.

A diversidade presente na composição do corpo discente parece retirá-los da "bolha social" que muitas vezes se encontram e os aproximam da pluralidade e heterogeneidade que constitui a vida humana em sociedade. Esse aprendizado não estruturado e extra institucional contribui indiretamente para a refutação dos estereótipos e a diminuição do preconceito, além de possibilitar o exercício do respeito às diferenças e da compreensão sobre o diferente. Tal reflexão se alinha ao exposto por Siqueira et al. (2012) sobre a formação profissional, ressaltando que esta não está limitada ao conhecimento formal conduzido e apreendido pelos discentes, provendo-se também de saberes oriundos de práticas cotidianas, opiniões públicas, noções de moralidade, etc.

A partir dos relatos percebi que os discentes se deparam no contexto do Ensino Superior com diversas questões relacionadas à orientação sexual. Por mais que as discussões sobre diferenças (entre elas as de orientação sexual) no ensino da Administração sejam bastante pontuais, e direcionadas a partir e a depender do docente que os alunos encontrem no caminhar do curso, os estudantes vivenciam informalmente e de maneira extra acadêmica experiências com pessoas diferentes de si — evidenciando importante processo de socialização destes sujeitos. Não é raro ser a primeira vez que alguns estudantes se relacionam com pessoas LGBTs ou que começam a lidar de maneira menos sofrida e com menos medo de sua sexualidade. Mesmo constatando que as relações e experiências no cotidiano do curso

proporcionam aos discentes descobertas e aprendizado sobre o convívio com as diferenças humanas, percebo que há a necessidade de se discutir sobre as diferenças de orientação sexual e o lidar com os sujeitos não heterossexuais de maneira menos tacanha e conservadora, e mais aprofundada, didática e contextualizada às relações de trabalho e ao ambiente organizacional. A relevância da temática também foi percebida pelos entrevistados:

"Eu acho necessário falar sobre diferenças, não importa o curso, acho que em qualquer curso, e hoje em dia que as coisas estão tão sobre sexualidade e gênero, você ser negro, você ser branco, racismo e tal, discutindo tanto isso que vai para dentro das empresas. Porque a gente sai da rua e chega aqui na faculdade e vai conversar sobre isso. Então é necessário, eu acho, ter uma parte do curso que discute essas questões, até para lhe conscientizar sobre algumas coisas que talvez você quando entrou na faculdade não fosse conscientizado. Aí eu acho necessário falar mais... que uma aula numa disciplina é pouco para isso, muito pouco. E quando eu falo não é conscientizar, assim, ensinar o que é ser bi, o que é ser negro, não. É conscientizar que as pessoas, em geral, não importa o que é ou se foi escolha ou se não foi, respeitem. Acho que isso deveria ser mais discutido no curso". (Júnior)

No texto acima, Júnior nos faz refletir a respeito do papel social que as IES devem ter com a conscientização e a disseminação de ideais mais humanos e inclusivos. Ademais, o entrevistado faz interessante constatação de que as discussões sobre diferenças de orientação sexual, de gênero e de raça estão presentes tanto no lugar de estudo quanto no lugar de trabalho, interferindo em relações acadêmicas e organizacionais, a distinção está na profundidade e no embasamento sobre os quais tais discussões são tecidas, o que justifica mais uma vez a relevância e a pertinência destes temas na formação de profissionais em Administração.

As observações de Júnior corroboram com alguns pontos de vista dos demais entrevistados, chamam atenção para o fato de que a temática sobre as diferenças humanas está presente no dia a dia dos discentes, em suas conversas, em suas interações no curso. Assim como ele, Miguel faz referência à importância do ensinamento de tal tema para a construção de relações cotidianas mais respeitadas e conscientes, fornecendo importante alicerce para as relações de trabalho durante o exercício profissional.

"Eu acho que deveria ter alguns ensinamentos sobre isso, diferentes pessoas que não têm o mesmo perfil que o seu. Para que se caso elas viessem a conviver com alguma pessoa gay, lésbica ou cadeirante, dentro do ambiente de trabalho, fosse uma coisa normal, não que as pessoas olhassem com um olhar diferente, com a percepção diferente de como se fosse com um hétero, com uma pessoa não cadeirante, não deficiente. Acho que deveria ter um ensinamento maior [...], um reforço maior em questão desses preconceitos

que ainda acontecem, e mostrar que independente de qualquer coisa o que importa é o seu trabalho". (Miguel)

Miguel tece analogia entre as categorizações hegemônicas ser heterossexual e não ter deficiência com relação ao ser gay/lésbica e ser cadeirante. A associação a partir das diferenças de orientação sexual e deficiência, respectivamente, fazem referência à percepção social sobre normalidade. O sutil aparelhamento ideológico presente no curso e também no ambiente profissional reforça convenções que, segundo Fairclough (2016), costumam ser naturalizadas e automatizadas. Apoiado sobre a ideia de normalidade — presente no ponto de vista de diversos atores do curso, inclusive de alguns entrevistados —, há recorrente comparação e consequente inferiorização sobre os modos de viver desviantes da heterossexualidade, como também o menosprezo aqueles que possuem deficiência, por não se enquadrarem no perfil/padrão naturalizado como normal.

Como forma de exemplificar a relevância dada às diferenças e como estas poderiam ser melhor inseridas e exploradas no curso de Administração, também foi questionado aos discentes o que sugeririam de novo ou complementar no curso de Administração. Eis algumas colocações:

"Eu acho que poderia ter não só uma, ou duas, ou mais palestras a respeito do assunto, eu acho que isso abre mais a cabeça das pessoas, quando conhecem antes de julgar. E tem um entendimento de pessoas que são também. Acho que seria uma boa. Em relação as aulas, essas disciplinas críticas né, abordarem mais abertamente sobre o tema". (Rafael)

"Então, acho que deveria ter na grade, justamente essas cadeiras mais humanas [...]. Então, eu acho que deveria sim, que daqui pra frente deveria ter mais, deveria ter mais aprofundamento nisso aí. Não só nas questões da sexualidade, mas nas religiões também. É muita brincadeira em relação as religiões africanas que eu chega fico [sinal em substituição a um palavrão]... em relação aos evangélicos também, muita brincadeira. Então deveria ter um aprofundamento maior aí sim" (Lorenzo)

"Eu acho que o curso tem que abrir mais o diálogo sobre isso. Eu acho que o curso falta falar mais né, como eu já tinha falado, ter palestras, ter cursos que falem sobre o assunto. Eu não tive acesso a textos, por exemplo, talvez é isso que eu estou falando, talvez por estar no 1º período eu não tive acesso a textos. Não sei se a gente consegue ver isso na graduação. Mas é isso, fazer o outro pensar, ou até o próprio professor na sala de aula, fazer o aluno pensar que ser administrador não é só por mandar ou qualquer coisa do tipo. É também aceitar a diferença do outro, é entender também o outro, é ter esse lado mais humano" (Maria).

Rafael justifica seu desejo de mais iniciativas que disseminem conhecimento sobre as diferenças, pois acredita que quanto mais conhecimento menor a ocorrência de julgamentos negativos às distintas diferenças que podem ser encontradas no curso. Destaca ainda a

necessidade de se falar mais abertamente sobre a temática, não deixando importantes discussões nas entrelinhas ou sem o devido aprofundamento e problematização que necessitam.

Lorenzo chama atenção para o fato de que existem outras diferenças que são subjugadas e rechaçadas no convívio do curso — "Não só nas questões da sexualidade, mas nas religiões também. É muita brincadeira em relação as religiões africanas que eu chega fico [sinal em substituição a um palavrão]" —, percepção esta que o faz evidenciar a necessidade de disciplinas menos superficiais e mais focadas em discussões sobre as diferenças humanas.

Corroborando com os demais entrevistados, Maria reforça a necessidade de se pensar em alternativas que levem os estudantes do curso a refletir e a expandir a consciência destes sobre o papel social do(a) profissional da Administração, fugindo do comum estereótipo e das generalizações envolvendo a ele(a) direcionados — "ser administrador não é só por mandar ou qualquer coisa do tipo. É também aceitar a diferença do outro, é entender também o outro, é ter esse lado mais humano". A entrevistada acrescenta:

"[...] tem que ser mais debatido, tem que ser mais falado, tem que se ter palestras, tem que se ter cursos, tem que ter alguma coisa para você entender que para ser um bom administrador, você tem que aceitar e respeitar as diferenças dos outros. E a partir disso poder entender também como o outro se impõe né". (Maria)

Além de Maria os demais entrevistados expuseram alternativas que poderiam de alguma forma ampliar a inserção e o debate sobre as diferenças na graduação em Administração. A maioria das sugestões versaram sobre a criação e inclusão de disciplina que discutisse esta temática:

"Eu acho que deveria ter uma disciplina sobre diversidade, de verdade. Porque isso ia ser um ponto inicial ou a continuação pra pessoas de mente fechada, seja religiosamente falando ou não, homofóbicos [...]. Mas eu acho que deveria ter uma disciplina sobre diversidade porque isso ensina muita coisa, não é só você lidar com as diferenças. É um lance de respeito, entende? Eu acho que ia fazer muita gente abrir a mente em relação a isso, acho que seria massa". (Caio)

"Eu acho que poderia pagar uma cadeira relacionada a isso, ajudaria bastante muitas pessoas que têm esse preconceito, que têm essa visão que os homossexuais, os transexuais não podem, que não são capacitados o suficiente. Eu acho que seria interessante". (Isadora)

"Eu acho que uma disciplina totalmente voltada para isso. Voltada para questão de gênero, sexualidade, questão de inserção da turma no mercado de trabalho. Eu acho que poderia ter uma disciplina só para isso. [...] Questão de preparação, tanto para a galera que é LGBT entrar no mercado de

trabalho, pra até então a gente como gestor receber a galera no mercado de trabalho, entendeu? Eu acho que iria ajudar muito, até você ter um pensamento crítico voltado para essa área. [...] Para lhe falar a verdade esse assunto eu só vi com o senhor, no 5º período, [na disciplina] Gestão e Valores Humanitários, e só aquela aula que teve estudo de caso, ou senão no [evento acadêmico da instituição] que teve alguma coisa [palestra do curso de Turismo voltada à diversidade sexual]. Eu acho que a faculdade deveria voltar mais para esse tema, tipo, ter mais palestras. E até mesmo ter uma disciplina voltada para isso seria bem melhor. Então, eu sei bem pouco, [...] mas só a tua aula me ajudou muito. Foi um estudo de caso que a gente teve, que me ajudou muito. Então eu acho que aqui é muito fraco em questão desse conteúdo [sobre esse tema]". (Evaristo)

"Eu acredito que deveria ter uma disciplina, não específica, ou senão uma optativa, uma disciplina optativa. Como tem muita gente preconceituosa, falar sobre a liberdade, para respeitar essa classe LGBT. Ter uma disciplina optativa nessa área mais [específica], tipo, mais LGBT. Para mostrar ao povo, mostrar mais a eles sobre esse grupo". (Eduardo)

A sugestão pela implantação de uma nova disciplina no curso é acompanhada de alguns argumentos, quais sejam: a importância do respeito ao próximo e as diferenças que possuir, o combate ao preconceito, a quebra de estereótipos, além de evidenciarem a importância sobre a preparação profissional e o lidar com as diferenças presentes no ambiente de trabalho.

Percebo que a sugestão dada por alguns discentes para que tenha uma nova disciplina é reflexo do desejo que têm de poderem ser enxergados e valorados no curso. Os estudantes estão no centro de um sistema de educação, "dependem da consistência e da durabilidade de padrões de fala no interior e no exterior dessas relações para sua reprodução" (FAIRCLOUGH, 2016, p. 96). Contudo, elas são passíveis de transformações que podem se iniciar relativamente no discurso. O ensino pode ser uma das ferramentas para a transformação do discurso normalizador e silenciador presente no curso de Administração.

Segundo Santomé (2017), o ensino e o aprendizado que acontece em sala de aula podem "construir significados, reforçar e conformar interesses sociais, formas de poder, de experiência", além de sempre estar carregados de significado cultural e político. A criação de uma nova disciplina poderia legitimar a temática diante do corpo discente do curso, incitando nele uma nova postura diante às diferenças de orientação sexual, de identidade de gênero e de quaisquer outras diferenças que fossem subjugadas pelo processo de normalização decorrente dos atos discursivos hegemônicos, os quais insistem em colocá-las num lugar inferior, por exemplo, em comparação ao lugar geralmente destinado aos heterossexuais, além de poderem se opor ao caráter estático e estável da identidade defendido por tal discurso.

A ideia proposta pelos estudantes coaduna com preocupação de diversos pesquisadores que buscam abordagens mais críticas ao estudo da administração, procurando criar disciplinas e currículos que dialoguem com temas ligados a desigualdades, poder e controle (RUMENS, 2016), no bojo de tais questões também se encontram as diferenças. No entanto, a coleta de dados no curso de Administração da IES pesquisada revela que estas preocupações ainda parecem ser pontuais e impulsionadas por forças mais individuais que coletivas.

Pode ser notado nos textos de Rafael, Maria e Evaristo acima outra sugestão que também encontrei em outros textos coletados: a realização de palestras e cursos voltados à discussões sobre diferenças humanas. Alguns discentes alegaram acreditar que, apesar de considerar importante a criação de disciplina voltada a este tema, não há espaço e/ou abertura para uma disciplina que aborde apenas a temática sobre diferenças:

"Incluir uma disciplina não teria como, mas, no caso, essa disciplina por exemplo, essas de organização e sociedade, essas disciplinas assim, acho que poderia encaixar mais sobre a diversidade em geral né, não só sobre homossexualidade". (Rafael)

"Eu acho que se fosse para implantar alguma cadeira, eu acho que seria algo muito extenso. Mas de se ter algumas palestras de “capacitação” para todos os formandos terem acesso a todos os tipos de orientação sexual que hoje têm. Que antes era, ou gay ou lésbica ou hétero. Hoje tem vários outros tipos. Então, a partir do momento que a gente tem um conhecimento maior e quem sabe até um pouco mais a fundo sobre aquelas orientações sexuais, eu acho que a gente conseguiria lidar melhor, na sociedade no caso e no curso". (César)

Possivelmente, acredito que a crença sobre a qual não existiria espaço na grade curricular do curso para uma disciplina totalmente voltada a discussões sobre diferenças — "Incluir uma disciplina não teria como" — deve-se à interpretação de que não há atribuição de valor ao tema, por parte de quem tem poder para realizar tal modificação, quando se pensa na formação que um administrador necessita. A partir de impressões como esta, alguns entrevistados recorreram a recomendações alternativas — como as palestras — que não alterariam a estrutura curricular do curso, além de serem aparentemente mais simples e demandarem menos tempo para serem implementadas.

"Eu acho que deveria ter aqui na faculdade umas palestras sobre isso, ter um grupo de encontro sobre isso para que a gente pudesse ajudar um ao outro. [...] Para poder lidar com as pessoas, porque aqui a gente conhece um ao outro, mas lá fora a gente não conhece ninguém. E a gente lidando aqui primeiro, quando chegasse no trabalho, quando fosse uma gestora, realmente a gente teria uma experiência daquilo". (Bruna)

"Não saberia o que sugerir exatamente, mas poderia ser mais falado [sobre diferenças] de alguma forma, não sei se mais palestras seriam interessantes, falando sobre os diversos temas e não só um específico, sobre tudo que envolvam as minorias no caso. Porque eu acho que não é tão abordado. Teve um evento recentemente na faculdade que falou bastante disso". (Felipe)

Bruna destaca a relevância que os relacionamentos interpessoais no curso têm sobre a forma como os hoje discentes terão de se relacionar em futuras experiências profissionais, evidenciando como as experiências de convívio no curso devem corroborar para os profissionais que serão. Ao pontuar algumas sugestões para o curso, a estudante associa o exercício de aprender a lidar e a respeitar as diferenças no âmbito do curso ao processo de preparar-se para o convívio com as diferenças humanas no exercício do trabalho profissional e nas relações laborais. Aos olhos da discente, explorar esta temática nas IES é, ao mesmo tempo, proporcionar experiência a quem futuramente precisará gerenciar e se relacionar com as diferenças nas organizações.

Felipe faz referência em seu enunciado a evento na instituição que abordou tema sobre sexualidade. Tratou-se de palestra sobre diversidade sexual trazida pela coordenação do curso de Turismo, e que foi estendida aos demais alunos. O evento parece ter chamado a atenção dos entrevistados como uma iniciativa positiva que trouxe temática pouco vista e discutida nas esferas de aprendizagem a que têm acesso. José também discursou acerca de sugestões para o curso e sobre a referida palestra:

"Talvez mais cursos, mais oficinas que fale um pouco sobre sexualidade, como houve aqui uma palestra falando sobre isso e teve muita gente que falou qual era a necessidade de falar sobre diversidade. Muita gente estava criticando e muita gente foi para a palestra, [outras] não queriam pelo fato de falar sobre diversidade, que eles não aceitam. [...] Porque não aceitam mudanças, e acham que... no caso eles estavam dizendo lá que isso deveria ser no horário da manhã, que já focaram novamente para um curso específico que era Turismo. Achavam que só pelo fato de falar sobre diversidade ou alguma coisa do tipo tinha que ter a relação de um curso específico e não todas as áreas. [...] Eu creio que pra questão de diversidade é, tantos nos cursos como eu tinha falado, oficinas, envolvimento dentro de sala que falasse um pouco mais sobre isso, tivesse alguma disciplina ou alguma coisa específica que falasse mais sobre diversidade". (José)

Na ocasião, o entrevistado relata que os estudantes de Administração criticaram negativamente a temática e a pertinência da palestra com relação à graduação que cursam, alegando não perceberem vínculo entre eles. O texto de José exemplifica a clandestinidade como o tema é tratado neste contexto, além de demonstrar a falta de discernimento por parte

de diversos graduandos em Administração a respeito da importância de tais discussões, tanto para a formação profissional quanto para a formação pessoal dos mesmos.

Os posicionamentos citados também refletem como as estruturas de poder, alicerçadas pelos valores e padrões heteronormativos, atuam como força restritiva que marginaliza o diferente, segregando e ou silenciando os LGBTs e os assuntos a eles associados, como forma de adequação à ordem simbólica, a ponto de silenciar até mesmo a multiplicidade de vozes que deveria caracterizar o ambiente acadêmico. Tal compreensão está relacionada ao que Smith (2000) apresenta acerca da marginalização a qual os sujeitos diferentes são submetidos, a fim de tornar trivial e irrelevante suas vivências, e invisibilizar suas visões e experiências.

Além das sugestões já pontuadas, alguns entrevistados propuseram que profissionais LGBTs fossem trazidos à instituição como forma de desmistificar os estereótipos limitantes que são forjados sobre o perfil do profissional LGBT.

"Acredito que se trouxesse experiências reais de pessoas que são homossexuais e conseguiram alcançar determinado cargo, seria bastante interessante e também seria um combustível motivador para as pessoas que são homossexuais e que também, as vezes, enxerga uma barreira no mercado de trabalho. [...] 'Poxa, aquela pessoa ali saiu da mesma situação que eu, eu me considero uma pessoa pobre... uma pessoa pobre, uma pessoa homossexual e que conseguiu estar ali. Por que eu também não posso?' Não precisa trazer uma pessoa pobre, mas que trouxesse homossexuais, lésbicas, homossexuais de modo geral, como exemplo. Considerar que o seu futuro depende muito de você, não dos estereótipos que o mercado lhe impõe. [...] Se trouxessem esses [exemplos] na organização acredito que seria um combustível para que as pessoas pensem: 'eu sou homossexual e posso chegar lá naquela mesma função que aquela pessoa está ocupando'". (Carlos)

Carlos ressalta como a experiência proporcionada pelo contato com profissionais LGBTs pode desconstruir estereótipos associados aos LGBTs dentro e fora do mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que pode minimizar as inseguranças dos discentes não heterossexuais quanto ao futuro profissional que lhes aguarda. A fala de Carlos provoca reflexão sobre a importância de confrontar os discentes com aquilo ou aqueles que lhe são diferentes, percebendo que a diferença enxergada no outro ou percebida em si ensina e faz parte da (des)construção destes sujeitos.

Segundo Lorenzo, dar mais ênfase e espaço para profissionais LGBTs dentro do curso seria uma forma de explicitar que tais indivíduos são tão capazes quantos os heterossexuais para exercer a profissão de administrador(a).

"Eu acho que deveria mostrar as pessoas LGBTs, tipo casos de sucesso, assim, na área. Porque justamente isso, as pessoas acham que os LGBTs não têm a capacidade de ter uma formação em Administração, em Medicina...

Enfim, que esses cargos até então que a maioria é hetero. E pra despertar essa confiança, para as pessoas verem que o trabalho da gente é do mesmo nível ou até melhor do que um hetero. [...] Então, deveria ter sim, alguma maneira de colocar isso. Não de uma vez, pra chocar, mas de uma forma mais leve. Mas é o que eu te disse, as pessoas quando me viram, tiveram esse impacto na sala de aula 'ah, um gay aqui!'. Porque elas não estão acostumadas a ver a gente ocupando um lugar que até então eles acham que não é da gente". (Lorenzo)

Lorenzo discorre que há suposta diferenciação, por parte de alguns atores no curso, quanto ao lugar que deve ser ocupado por heterossexuais e aqueles que não possuem esta orientação sexual. Na percepção do entrevistado, a maioria das pessoas não está acostumada a conviver com homossexuais assumidos e que expõem naturalmente (ou não escondem) sua orientação sexual — a exemplo dele — ocupando lugares que historicamente foram ocupados por heterossexuais.

A partir do relato de Lorenzo e dos demais entrevistados, é possível perceber indícios de que há no curso de Administração o que Kelan (2013) chama de cultura masculina, a qual justificaria a limitada preocupação em torno de assunto que envolvem as diferenças humanas, em especial as de orientação sexual e gênero, e que evidencia estrutura curricular e atividades acadêmicas reforçando a hegemonia heterossexual e atendendo a interesses masculinos.

As sugestões dadas pelos discentes levam-me a refletir sobre a necessidade de novas políticas de relação com o outro no processo educacional, expressa por Souza e Dinis (2010). As iniciativas devem transcender a ideia de tolerância e a busca pelo ideal politicamente correto, com o objetivo de desconstruir as compreensões binaristas e excludentes, "é preciso criar um ambiente propício ao diálogo e ao questionamento permanente de novas práticas educativas" (SOUZA; DINIS, 2010, p. 133).

A comum utilização de modelos como estímulo ao aprendizado no curso de Administração (PETINELLI-SOUZA, 2013; NICOLINI, 2003) parece não dar conta da complexidade e diversidade humana existente tanto no curso quanto nos desafios que se apresentarão nas vivências de trabalho dos seus discentes. Se faz necessário que se abram novas possibilidades de se enxergar as diferenças humanas, a fim de que os discentes possam lidar com a multiplicidade de maneiras de ser, como é o caso das distintas orientações sexuais.

Trazer para a graduação de Administração discussões sobre diferenças de orientação sexual auxiliaria a desmistificar e desconstruir o processo de naturalização que criam padrões de normalidade sobre os sujeitos dentro e fora do curso, possibilitando que os discentes em formação percebam-se "semelhantes em suas diversidades" (SOUZA; CARRIERI, 2010, p. 68), e para que estas diferenças não sejam subjulgadas ou analisadas quando comparadas aos

"aspectos normalizantes que a heteronormatividade insiste em tornar naturais" (HIGASHI, 2016, p. 47). Dessa forma, seria possível disseminar a compreensão de que as diferenças são onipresentes e substanciais em quaisquer relações, não sendo encaradas com estranheza e sim como pré-condição de qualquer indivíduo.

7.10 Imaginário sobre o(a) profissional da Administração

A maneira como o ensino na Administração está estruturado reforça imaginário normativo sobre o perfil e a performance do que é ser administrador(a), reverberando traços normalizadores sobre as práticas sociais estabelecidas no cotidiano do curso, os quais se materializam, por exemplo, nas falas preconceituosas travestidas de "brincadeiras", nos atos discriminatórios entre discentes, na forma que percebem o curso e no modo como a figura do profissional da Administração é concebida pelos discentes.

Quando questionados sobre como enxergam o perfil de um profissional formado em Administração, a maioria dos entrevistados apontam inicialmente características de comportamento, em sua maioria características subjetivas, como organização, pontualidade, comprometimento e, principalmente, a seriedade.

Por diversas vezes o termo "sério" ou "seriedade" foi utilizado ao ser relacionado a figura do(a) administrador(a). Algumas destas vezes a expressão foi verbalizada como uma adjetivação distante do estereótipo construído sobre os LGBTs.

"Sempre esperam que aquela pessoa tenha um determinado comportamento, ela tem que ser muito **séria**, tem que ser muito centrada. [...] Acredito que as pessoas sempre imaginam um profissional como sendo uma figura **séria**, ele tem que ser muito **sério** até pela profissão que ele exerce. Muito centrado, muito correto, não no sentido negativo da coisa [...]. Eu digo isso porque tinha vezes que [...] quando eu chamava esse meu líder para falar com aquele cliente — esse meu líder era um figura bem caricata, gostava de falar bem diferente bem extravagante, com cores bem chamativas e estilos bem diferentes — [...] aí quando chegava você percebia aquele impacto [do cliente]: 'meu Deus, eu pensava que o líder ou o gestor era uma pessoa menos caricata, fosse uma pessoa mais **séria**, mais diplomática'. Eu acho que a pessoa imagina assim, que o gestor deva vir de paletó e gravata atender, bem doutorzinho, sempre esperam querendo ou não um estereótipo de determinado gestor". (Carlos) (**grifo meu**)

"Uma pessoa **séria**, uma pessoa mais **séria** em questão de... se fosse uma pessoa em questão [não heterossexual] que tinha que ser uma pessoa mais **séria** para estar naquela área. [...] A questão de **seriedade** seria... para quem é gay, vamos dizer, e é uma pessoa muito solta, uma pessoa muito afeminada ou alguma coisa do tipo, não que seria uma coisa para você ficar, como geralmente eu falo, 'para voltar pra dentro do armário', mas pelo fato de um padrão do gestor ser uma pessoa mais **séria** uma pessoa mais focada, que

demonstra ser uma pessoa mais focada né, pra estar naquela [posição], pra as pessoas querendo ou não lhe respeitarem pelo fato de você estar demonstrando **seriedade**". (José) (**grifo meu**)

"Eu acho que deverão ser pessoas mais centradas, tranquilas, que escute, fale, tenha postura, uma pessoa **séria**, não muito explosiva. Talvez seria um pouco mais complicado. Eu mesmo acho que hoje se eu fosse trabalhar em uma empresa eu ia ter que aprender muito, muito. [...] É uma pessoa capacitada a liderar, organizar coisas no geral de dentro de uma empresa, dependendo da área dele. E que fosse uma pessoa mais centrada e menos explosiva. Mais, eu nem sei como explico, mais assim... é... menos agoniada, menos atazanada, mais tranquila no canto dela". (Júnior) (**grifo meu**)

Percebo nos enunciados acima a evidenciação de estereótipos sobre a imagem do sujeito gay — tanto pelo cliente, no exemplo dado por Carlos, quanto pelos entrevistados —, que pode ser justificada pela ação da performatividade sobre tais indivíduos, e que explicam a reprodução da heteronormatividade por tais atores. O traço de seriedade ressaltado parece reproduzir discurso que transforma em rotina textos convencionados a fim de naturalizá-los (FAIRCLOUGH, 2016).

No caso do relato do entrevistado Júnior, é curioso observar que ao descrever como enxerga o perfil do comportamento de um administrador relata características opostas a forma como já havia descrito o seu próprio comportamento, reforçando os comentários e julgamentos que colegas proferem sobre sua performance no curso como não aderente ao que se espera da conduta de um gestor. Esse texto específico explicita como a performatividade presente no curso de Administração pode cercar indivíduos que não se adéquam aos imperativos de performance estereotipados sobre a área.

Por mais que José não queira "voltar para dentro do armário", a modelagem de performance constitui um dos instrumentos que reafirma o padrão heteronormativo como o modelo a ser seguido e que privilegia um tipo de orientação sexual em relação a outro.

"Porque muita gente não nos respeitam porque a gente brinca demais, pelo fato da gente ser homossexual eles levam a gente na brincadeira. Aí às vezes a gente tem aquele perfil de mais sério para que eles tentem nos respeitar, a gente sabe que querendo ou não, nesse caso, nós estaríamos nos adaptando a eles e não eles se adaptando para serem liderados por nós naquela área. [...] mas não tem o mesmo respeito que um hétero tem". (José)

O imaginário de "seriedade" sobre a figura do(a) administrador(a) muitas vezes faz com que trabalhadores gays contenham características que feminizem e/ou que abalem a posição de poder que esse profissional possa ocupar. Nos últimos relatos de José, é possível reconhecer que a seriedade pode ser encarada como artifício para camuflar a real orientação do trabalhador. Segundo interpretação do discente, o respeito e a inclusão do profissional gay

estariam condicionados à adequação de sua performance ao padrão heteronormativo, sob pena de ser desqualificado a exercer o cargo ou ter sua potencialidade colocada em xeque.

José conclui o raciocínio externando a percepção de que há recorrente adaptação de LGBTs aos parâmetros heteronormativos, mesmo quando é o LGBT que ocupa o cargo de maior poder na relação profissional. A reflexão do discente pode indicar a sobreposição da performatividade heteronormativa sobre a estrutura organizacional e, por conseguinte, sobre as relações de trabalho nela existentes.

Tal indução pode demonstrar como a heteronormatividade pode emergir de maneira sutil na prática social organizacional, instituindo e naturalizando performances, e estabelecendo a heterossexualidade como o padrão a ser seguido (HIGASHI, 2016).

Além da seriedade, a formalidade também foi apontada por alguns entrevistados como outra característica necessária ao(à) administrador(a).

"Eu pensaria isso como uma pessoa bem **formal**. Formal mesmo. Tanto no comportamento quanto na questão até do traje mesmo. Isso na questão de sexualidade qualquer pessoa pode se enquadrar, mas se existe é uma **formalidade** no seu profissional. A sua vida fora do profissional não importa. Acho que sempre tem que ter uma **formalidade** no perfil do administrador. [...] Qualquer tipo de sexualidade pode se enquadrar no perfil [...]. Mas só que tem que ter uma **formalidade** no ambiente de trabalho, entendeu? [...] A **formalidade** que eu apresento na faculdade. A pessoa formal, que não gosta de escandalizar. Era esse o termo que eu queria usar. Eu acho que todo profissional tem que carregar isso. Seja qualquer área, não só administrador, fosse um advogado, fosse um professor". (Evaristo) (**grifo meu**)

A formalidade expressa por Evaristo novamente parece indicar adaptação a regras de conduta alinhadas a padrões de comportamento heteronormativos, que reprimem performances fora da matriz de inteligibilidade e, como expressado pelo discente — "A formalidade que eu apresento na faculdade" —, exercem influência sobre o comportamento adotado por tais estudantes no âmbito do curso, impelindo-os a camuflarem sua orientação sexual.

Os entrevistados também indicam a existência de alguns estereótipos compartilhados com relação ao padrão valorado na Administração.

"As pessoas enxergam que nós não temos essas características [formais]. Porque as pessoas pensam assim, 'tu é o quê?'. [...] Se eu fosse chegar para uma pessoa e dissesse 'eu sou lésbica', se eu me considerasse lésbica, as pessoas não iriam me aceitar. As pessoas iriam dizer, 'tu é o quê? Tu é advogado, tu é médico, tu é gay?'. As pessoas pensam logo assim, porque na sociedade já pensam que [...] para você ter algum cargo você tem que ser hétero. [...] Porque o mundo já pensa assim, é meio que um padrão, entende?

É um padrão, as pessoas ainda tem esse padrão, e a gente está começando a quebrar agora". (Bruna)

"Como eu sempre falo é uma pessoa séria, aquele padrãozinho de roupa social, maletinha, aquelas coisas mais formais, não um ambiente um pouco mais tranquilo, porque a gente sabe que a área de Administração, como tem várias áreas diversas, o foco é como a gente vê a área de Administração como um empresário em si. A área administrativa a gente foca como se a gente visse só uma pessoa fardada, com paletó, com gravata, uma pessoa formal literalmente. Então aquele padrãozinho de empresas, de grandes empresas na verdade, de multinacionais que detém aquele padrão. [...] O padrão em si eles focam como o padrão do homossexual né [...]". (José)

"Eu acho que quando você pensa em um administrador a maioria das pessoas não pensam em um administrador negro. Vamos começar por aí. [...] A maioria pensa branco, palitozinho, cabelo engomadinho, o famoso "boi lambeu", sério e decidido. Acho que é mais ou menos esse o estereótipo" (Caio).

"Eu acho que uma pessoa séria, responsável... Em relação ao administrador em si, acredito que em relação a sexualidade, vejo muito o perfil homossexual. Uma pessoa séria, comprometida, geralmente branco também [...] Acho que na minha vivência em relação a trabalho, nas empresas que trabalhei e tal, eu vejo muito dessa forma, todos meus chefes e tal [...] a grande maioria é assim [homossexual]". (Felipe)

"É porque pobre nunca teve muito acesso à educação superior, isso começou a se tornar bastante recorrente de um tempo para cá. Mas antigamente você via poucas pessoas negras assumindo mesmo cargos interessantes em hospitais, em empresas, em escolas. [...] de um período para cá você consegue perceber que essas classes tanto homossexuais ou negros, ou negros e pobres, ou homossexuais, negros e pobres, estão sim conseguindo entrar no mercado de trabalho. [...] Então você consegue perceber que essas pessoas não ocupam muitos cargos, mas um ou outro você consegue ver eles penetrando no mercado de trabalho". (Carlos)

"Em relação ao homem, seria um homem homossexual, branco, sério, que manda, que você nem pode falar nada, que você coloca num pedestal, que as pessoas colocam, ele lá e você aqui. [...] O que eu enxergo em relação a mim é que eu posso conseguir muito mais além ou até igual, que não vejo diferença dele para mim, entendeu?". (Rafael)

Além da seriedade já discutida, os entrevistados apontam outras características que generalizam e simplificam o imaginário sobre o sujeito administrador: vestes sociais (paletó e gravata), cor da pele branca, homossexualidade e gênero masculino. A partir do perfil estereotipado, diferencia-se o lugar a ser ocupado por determinados sujeitos e as performances permitidas.

Bruna expõe o fato da orientação sexual ainda ser distintiva na percepção sobre o profissional, sendo assim, a depender do cargo, a homossexualidade pode se constituir em

pré-requisito para a obtenção de um posto de trabalho — "para você ter algum cargo você tem que ser hétero".

A partir do referido estereótipo descrito, os entrevistados fazem referência a outras características humanas excluídas desse padrão normativo, as quais, assim como a homossexualidade e a bissexualidade, não são associadas inicialmente à figura do(a) administrador(a) — "a maioria das pessoas não pensam em um administrador negro", "geralmente branco também", "a grande maioria é assim [heterossexual]", "seria um homem heterossexual, branco".

No texto de Carlos, mais especificamente, pude perceber a sobreposição de diferenças (interseccionalidade) a partir da qual aproxima grupos oprimidos socialmente — "homossexuais, negros e pobres" (orientação sexual, raça, classe social) — ao falar das comuns dificuldades de inserção e das segregações que passam no mercado de trabalho. Rafael chama atenção sobre como ter ou não tais características reservam às pessoas distintos lugares no convívio social — "as pessoas colocam, ele lá e você aqui" — e diferentes julgamentos sobre competência profissional.

Alguns discentes, como Maria, teceram relação entre o imaginário sobre o(a) administrador(a) e o perfil da turma que faz parte na graduação em Administração:

"O perfil [...] são pessoas brancas, pessoas que não são muito estimuladas a pensar, mas a obedecer... héteros, porque apesar da gente está em uma sala muito grande existem poucos gays, sabe. E a população... cada vez mais a gente tem um número expressivo, por exemplo, na sala não tem nenhuma trans, nenhum trans, não tem. [...] eu sei que boa parte não tem acesso né, mas eu esperava... queria na verdade que existisse também mais negros na sala, embora tenha, mas são poucos, são de contar nos dedos. E a questão de professor mesmo, professor negro só tem um, não tem? São [pessoas] brancas, héteras e só". (Maria)

Em seu relato, Maria descreve algumas características encontradas no perfil de sua sala de aula, e destaca a predominância de discentes heterossexuais e de cor branca, além de questionar a ausência de transexuais no curso. A representação do profissional da Administração encontrado no mercado de trabalho parece refletir o perfil de alunos presente na graduação — como ressaltado pela entrevistada —, já que muitos dos que exercem ofício de administrador vieram de cursos de Administração. Tal representação espelha e reforça, mais uma vez, o padrão heteronormativo sobre a graduação, o que indiretamente inibe o acesso de sujeitos com outras orientações sexuais neste contexto, os quais podem interpretar que não há lugar no curso para quem não seja heterossexual.

Outros entrevistados destacam elementos simbólicos associados a maneira de se vestir do(a) profissional da Administração:

"Uma pessoa mais séria, né? Uma pessoa que saiba falar, que saiba se expressar. E que ande bem arrumada. Usar roupa bem formal. Sei lá, se vestir bem". (Isadora)

"Eu vejo uma pessoa, seja ela homem ou mulher, independente, isso aí eu já não estou nem falando em relação a orientação sexual, seja ela homem ou mulher. Vestida formalmente, óbvio. Gerindo alguma empresa ou gerindo alguma equipe. [...] É lógico, uma pessoa com... um homem, sempre alinhado com cabelo feito, curtinho, com barba feita, com paletó, com unha curta. E mulher com a unha devidamente cortada, não muito grande, mas também não muito pequena, cabelo grande e maquiada. Eu acho que essa é a maioria do pensamento das pessoas [...], para a sociedade, o normal seria isso... algo que a sociedade veja como que não seja errado". (César)

A formalidade do visual apontada tanto por Isadora quanto por César foi associada pelo entrevistado como sendo o "normal [...]" algo que a sociedade veja como que não seja errado". Novamente o ideal de normalidade é resgatado, possibilitando identificar estereótipos sobre a imagem do(a) profissional de Administração nos moldes do que é legitimado pela matriz de inteligibilidade heteronormativa, mais especificamente traços que reforçam a masculinidade do homem e a feminilidade da mulher.

A disseminação do modelo associado à matriz heterossexual possibilita controle social por meio de elementos legitimados e universalizantes, que naturalizam imaginário estereotipado e instituem padrão que busca resignar os corpos sobre identidades previamente concebidas (PINTO, 2007).

Ainda sobre o tópico vestimenta, Lorenzo tece comentários sobre as imposições sobre o visual do administrador e como relaciona-as a sua performance:

"Assim, antes de eu querer fazer [cursar Administração] aqui, eu tenho alguns amigos gays e que são da área. E aí eles sempre disseram 'você tem que fazer porque é emprego certo e não sei o que lá, não sei o que lá'. Mas aí eu faço 'minha gente o que eles esperam? Será que eu vou conseguir dar?'. Essa questão do visual, por exemplo, que meus amigos sempre falam isso, que 'Ah! Tu vai trabalhar na área de Administração, tu vai ter que se vestir de tal forma, [...] tu não vai poder frequentar certos lugares e tal'. E eu faço 'minha gente isso não influencia!', mas eu já tenho essa consciência que se eu arranjar um emprego na área de administrativa a proposta vai ter que ser outra, entendeu? Eu vou ter que fazer uma reconstrução de imagem para poder atender o que eles querem. [...] Eles querem uma visão normativa tanto dos homens como das mulheres". (Lorenzo)

Percebo que a forma como os discentes concebem como são enxergados como profissionais tende a influenciar a maneira como performam ou pretender performar no papel

social de administrador(a). Ao ressaltar elementos requeridos sobre o visual deste trabalhador, relacionados a maneira de se vestir e de se comportar, Lorenzo pressupõe a necessidade de uma "reconstrução de imagem" diferente daquela com a qual se apresenta cotidianamente, na tentativa de gerenciar as impressões que por ventura se destinem a ele.

O entrevistado consegue constatar que as expectativas destinadas ao profissional da Administração estão alicerçadas numa "visão normativa" sobre a figura do homem e da mulher dentro da matriz heteronormativa — a qual estabelece o que é ser homem e o que é ser mulher, ou os requisitos que farão com que estes possam ser reconhecidos e legitimados socialmente.

A performatividade permite a repetição de atos e ritos mesmo com a ausência de seu referente, ou de significados e intenções não tão claramente determinados (PINTO, 2007), como pode ser constatado nas observações de amigos gays de Lorenzo — "Ah! Tu vai trabalhar na área de Administração, tu vai ter que se vestir de tal forma, [...] tu não vai poder frequentar certos lugares e tal". Os ideais performativos indiretamente fazem o entrevistado programar sua performance profissional antes mesmo de ocupar cargo de administrador, pré-definindo e regulando a performance esperada — "eu já tenho essa consciência que se eu arranjar um emprego na área de administrativa a proposta vai ter que ser outra, entendeu? Eu vou ter que fazer uma reconstrução de imagem para poder atender o que eles querem".

Provavelmente influenciado por sua anterior formação em Design de Moda, Lorenzo apresenta olhar mais atento sobre a maneira como os LGBTs se vestem:

"As roupas dizem muito das pessoas, enfim, e o que é esperado é exatamente isso, a camuflagem, pelo menos na hora do trabalho. Que é o que eu vejo muito com meus amigos, eles vão para balada, para festa e você vê no visual que é diferente. É como se fosse uma libertação quando eles saem de noite, assim, porque eles podem usar o que eles quiserem, eles podem usar o cabelo que eles quiserem, que ninguém vai tá nem aí. Agora, na empresa deles não! É aquela coisa normativa mesmo! É os homens de social, gravata, sapato, cinto... As mulheres naqueles *look* esporte-fino e tal". (Lorenzo)

Lorenzo destaca como a vestimenta pode se constituir num dos elementos que masculinizam ou feminizam o sujeito social, podendo ser utilizada como instrumento de "camuflagem" — nas palavras do entrevistado — e de adaptação às normatizações impostas no ambiente de trabalho, as quais diferenciam e corporificam o que é ser homem e o que é ser mulher, bem como as demandas de performance do que se espera de um e da outra.

A binarização biológica do sexo pautada sobre a discussão acerca da sexualidade, apontada por Costa (1995), desencadeia uma série de diferenciações e demandas

comportamentais do que se espera do masculino e do feminino, justificando os apontamentos tecidos pelo entrevistado.

Alguns entrevistados sugerem que indivíduos afeminados, por exemplo, não passam credibilidade ou não impõem respeito, algo que para eles apresenta-se como importante na relação de trabalho.

"Têm uns que... como posso dizer, não mancha a imagem né. Mas têm uns que não sabem se comportar. Como a nossa classe já é preconceituosa, tem gente que ajuda a ter esse preconceito mais ainda, pela forma de agir, forma de falar, forma de... tipo assim, até se vestir. [...] Para ser uma pessoa dessa classe não precisa ser uma pessoa totalmente... tem gente que gosta, tem gente que não gosta. Mas tipo... como já tem muito preconceito por causa disso, vamos... como posso dizer, vamos minimizar. Porque lógico que todos têm que respeitar, até porque respeitar é fundamental né?! Nós vamos fazer por onde, [...] tipo ficar na sua, agir como uma pessoa normal, não ficar com escândalos na rua, esses tipo de viadagem. [...] Normal, tipo, não ficar se expressando, só porque sou viado, só porque sou desse meio tem que mostrar para todo mundo, tem que fazer baixaria?!, 'o pessoal tem que me aceitar do jeito que sou, então tem que falar várias coisas... falar baixaria'. [...] A maioria do povo normal, hétero, não faz esse tipo de baixaria que alguns [homossexuais] fazem, aí era bom que todo mundo agisse normal, já que quer ser aceito na sociedade, é bom agir normal". (Eduardo)

A performatividade heteronormativa exerce influência também sobre discentes LGBTs, e é utilizada, por vezes, como parâmetro para a construção de julgamentos sobre aqueles que destoam do modelo hegemônico. Muitos discentes LGBTs se reprimem e moldam suas performances a partir daquilo que é legitimado pelos padrões de "normalidade" e passam a igualmente julgar os que se distanciam da matriz de inteligibilidade.

Ao observar a fala de Eduardo é interessante pontuar que discentes afeminados e expressivos, por exemplo, são culpados por "darem motivos" para que práticas de intolerância e desrespeito ocorram — "têm uns que não sabem se comportar. Como a nossa classe já é preconceituosa, tem gente que ajuda a ter esse preconceito mais ainda, pela forma de agir, forma de falar, forma de... tipo assim, até se vestir". Nas diversas generalizações realizadas pelo entrevistado, ser gay e afeminado quase que se associa diretamente ao "fazer baixaria" — "A maioria do povo normal, hétero, não faz esse tipo de baixaria que alguns [homossexuais] fazem". Ao mesmo tempo, o texto do estudante tenta justificar o silenciamento que muitos homossexuais são submetidos como meio de se adequarem ou estarem mais próximos do padrão de normalidade legitimado pela sociedade e pela maioria no curso — "aí era bom que todo mundo agisse normal, já que quer ser aceito na sociedade, é bom agir normal".

Também é possível perceber na verbalização a associação entre ser heterossexual e ser normal — "Normal, tipo, não ficar se expressando, só porque sou viado", "A maioria do povo

normal, hétero..." —, evidenciando a influência da performatividade vigente sobre o discurso de alguns gays e bissexuais, excluindo do imaginário que fazem sobre o que é "ser normal" aqueles que não se ajustam aos ideais heteronormativos. O curioso é notar que, ao mesmo tempo que alguns dos entrevistados (como Eduardo) associam a heterossexualidade à normalidade, se colocam no contexto de uma pretensa anormalidade, constituindo uma autonegação.

Alguns entrevistados ressaltam que as interpretações no mercado de trabalho destinadas aos trabalhadores LGBTs são reduzidas a sua orientação sexual e à maneira como performam, principalmente se sua performance se distanciar do padrão de comportamento heteronormativo.

"Às vezes, as pessoas [...] tentam enxergar o homossexual como uma pessoa que não é capaz de ser responsável pelo simples fato de ser muito, não todos, extrovertidos. Então, por vezes, associam essa questão de ser extrovertido com a falta de comprometimento com a organização, com a falta de compromisso com a organização. O problema é esse. Não são todos que enxergam uma pessoa homossexual dessa forma, mas em grande maioria vão dizer 'ah não, o homossexual!', porque sempre condicionam o homossexual como uma figura caricata, então o homossexual é uma figura caricata, é irresponsável. 'Não vai saber gerir a minha organização', ou 'a minha organização está perdida, porque não vai saber separar a homossexualidade da gestão'. Também vai ir outro problema porque vai querer que o homossexual seja um padrão dentro da organização e [só] fora possa assumir a sexualidade dele. Quando não estão as coisas correlatas, entendeu? Então sempre vai existir essa questão de estereótipos... 'o homossexual é caricato e talvez não tenha responsabilidade, não saiba administrar, não saiba gerir, não saiba ensinar, não saiba operar ou não saiba fazer coisas pelo simples fato de ser homossexual'". (Carlos)

O adjetivo "caricato", recorrentemente expressado durante a entrevista com o estudante Carlos, é reflexo dos estereótipos associados à figura dos LGBTs, principalmente dos homens, por eventualmente expressarem símbolos considerados femininos em suas performances, distanciando-se do ideal de masculinidade reforçado e legitimado socialmente.

A relação entre os estereótipos associados ao gay afeminado e as expectativas do que é ou deve se comportar o administrador indicam como a performatividade legitima certas performances aceitáveis no exercício da profissão, ao passo que exclui performances desviantes do padrão estabelecido. Quaisquer outras expressões fora da matriz de inteligibilidade devem ser vivenciadas e performadas fora do ambiente organizacional. Os estereótipos idealizados sobre a figura do(a) administrador(a) e dos LGBTs no mercado de trabalho são discutidos e associados por alguns entrevistados.

"Para ser administrador você tem um perfil muito sério [...]. Mas geralmente é assim, não é que seja um curso tão adequado para você... 'você não se encaixaria tanto nesse curso', 'você não tem personalidade para assumir uma postura de liderança' [...], 'talvez você não tenha maturidade suficiente'. [...] Usam isso como desculpa para lhe desqualificar, dependendo da sua sexualidade e gênero". (Júnior)

"Quando eu trabalhava, eu percebia que tanto os homossexuais quanto os heterossexuais me tratavam de uma forma, porque eu sempre fui muito na minha, muito tranquilo, enquanto tratavam o [Abraão] de uma forma diferente pelo fato de ele ser uma pessoa mais afeminada. Então você consegue tanto no trabalho quanto na faculdade, você consegue perceber sim essa diferença de tratamento com homossexual menos afeminado do que com homossexual mais afeminado". (Carlos)

Júnior chama atenção que os prejulgamentos e estereótipos direcionados ao(a) administrador(a) LGBT no mercado de trabalho são proferidos com o intuito de desqualificá-los, constituem práticas discursivas baseadas na diferenciação e hierarquização a partir da sexualidade, e refletem os valores heteronormativos presentes na matriz de poder do curso e do mercado de trabalho.

Carlos, por sua vez, demonstra que a performance dos profissionais relacionada à adequação ao modelo heteronormativo tem influência sobre as relações estabelecidas no ambiente de trabalho — "você consegue tanto no trabalho quanto na faculdade, você consegue perceber sim essa diferença de tratamento com homossexual menos afeminado do que com homossexual mais afeminado". Há uma maior legitimação sobre performances alinhadas à matriz de inteligibilidade e, conseqüentemente, maior subjugamento daqueles que possuem performances "desviantes".

Outros entrevistados salientam o fato do reconhecimento de administradores LGBTs também estar associado ao poder e/ou autoridade relacionados ao cargo que ocupam na estrutura formal da organização.

"Eu acho que tem esse, esse embate. As pessoas não vão tanto pela orientação sexual, vão mais por essa hierarquia de cargos, eu pelo menos vejo assim, que quanto maior teu cargo na administração, mais respeito você impõe". (Caio)

"Eu vou citar um exemplo, se uma pessoa é gay e não é bem-sucedida, ela é apenas uma pessoa gay, a primeira coisa ela é gay, é frango essa pessoa. Se ela for uma pessoa bem-sucedida, tiver um cargo bom, aí eu escuto 'esse homem tem uma casa, um emprego bom, ele tem um carro do ano, ele vive viajando e é gay'. Tipo, gay vai para a última linha da escala. Acredito que seja isso". (Miguel)

Caio atenta para a questão de que o cargo (e conseqüentemente a autoridade vinculada a ele) interfere sobre como as relações envolvendo a orientação sexual se estabelecem. A

depende do poder que se tenha, será atribuída maior ou menor legitimidade à orientação sexual fora da matriz heterossexual.

Miguel também sublinha que o reconhecimento do profissional gay está atrelado ao cargo que ocupa na hierarquia organizacional, o qual lhe concederá status social, condições materiais e, conseqüentemente, poder nas relações de trabalho. O respeito conquistado nesse caso seria fruto da mercantilização das relações sociais (VIANA, 2016), a qual converte poder econômico e autoridade formal em legitimidade.

Parte dos entrevistados percebe que há maior demanda por esforço profissional ao LGBT para ser reconhecido e conquistar legitimidade no trabalho do que a profissionais heterossexuais.

A gente tem que se 'esforçar mais' para que a gente consiga ser respeitado dentro do âmbito". (José)

"Na minha opinião, eu acho que eu preciso ser um pouco melhor pelo fato de eu ser [bissexual], entendeu? Do que os demais". (Isadora)

"É o que sempre disse, já que sou gay eu já sofri preconceito, então eu tenho que mostrar para essas pessoas que o que elas acham de mim não interferiu em nada. Sempre procurar o meu melhor, me determinar duas vezes mais do que o outro, para que eu seja reconhecido pelo o que eu faço e não com quem me relaciono". (Miguel)

"Eu acho que a gente luta mais, a gente batalha mais pra não só impor respeito, que eu acho que foi uma coisa que eu mais falei aqui hoje, acho que é ganhar visibilidade, de tentar superar as expectativas [...]. Eu acho que a gente tenta mostrar o melhor, tipo, é que não é a minha orientação sexual que vai fazer, que vai dar as ordens, entende? Que sou mais que isso, que meu conceito maior é esse, é... sou maior do que a minha orientação sexual. Sou um ser humano". (Caio)

O esforço, determinação e/ou luta apontados pelos estudantes simbolizam a necessidade de afirmação da competência profissional contra os estereótipos forjados sobre os LGBTs. Na percepção dos entrevistados — já que muitas vezes têm seu profissionalismo reduzido a sua orientação sexual —, eles precisam ter desempenho melhor que os heterossexuais para que possam ser respeitados e reconhecidos como bons profissionais.

"Dependendo do comportamento da pessoa não tem problema nenhum, agora assim, uma frase que sempre falam: 'o que você faz na sua casa fica entre quatro paredes, então quando você vier para o trabalho não misture seu trabalho com a sua vida pessoal'. Só que isso também vale para um hétero, ele não tem que misturar a vida pessoal dele com o trabalho, trazer questões da casa dele para o trabalho. Mas muitas vezes é colocado mais para... como se a gente tivesse o dever de se comportar mais do que eles, os héteros. Porque, como a gente é LGBT, a gente tem que se dar o respeito, a gente não pode falar muita coisa não, se não a gente não vai ser respeitado. No trabalho

não pode ser muito [...] o que a gente é em casa. É como se a gente tivesse mais o dever de se comportar, do que os héteros. Que eles são héteros, então já é mais do que suficiente para eles serem respeitados. A gente não... tem que ter uma coisa a mais. A gente tem que se dar o respeito, mostrar o respeito, se não a gente não consegue respeito não, a gente não é digno de respeito dependendo do nosso comportamento". (Júnior)

Ao discorrer sobre suas impressões acerca do perfil de um administrador, Júnior traz pra discussão a recorrente distinção entre o comportamento esperado no âmbito organizacional e o que se tem nos domínios da vida privada. No entanto, o estudante compartilha a percepção de que, por mais que esta premissa sirva tanto para heterossexuais quanto para LGBTs, aqueles já possuem a legitimidade e aceitação social que lhes garantem respeito no convívio social — "eles são héteros, então já é mais do que suficiente para eles serem respeitados" —, enquanto os LGBTs precisam conquistar e "se dar" o respeito, o que dependerá do julgamento e aceitação do ciclo social sobre como performam — "A gente não... tem que ter uma coisa a mais. A gente tem que se dar o respeito, mostrar o respeito, se não a gente não consegue respeito não, a gente não é digno de respeito dependendo do nosso comportamento".

De acordo com o relato do discente, a vigilância no âmbito profissional seria mais acentuada para aqueles que têm uma orientação sexual não dominante e, ainda mais, para aqueles que performam fora dos moldes estabelecidos pela matriz de inteligibilidade. Podemos perceber que, apesar do discurso que busca revestir as organizações como reinos racionais e assexuados (PRIOLA et al., 2014), há um modelo de profissional arquitetado e naturalizado a partir de uma sexualidade dominante, o qual funciona como mecanismo de poder e controle que limita e silencia as performances contrastantes com o hegemônico (BUTLER, 2017; PRIOLA et al., 2014).

Como já discuti em outros momentos destas análises, a hegemonia heterossexual presente no ambiente profissional exerce influência até sobre os julgamentos de estudantes gays e bissexuais sobre as performances destoantes da matriz de inteligibilidade:

"Exemplo, o comportamento de Junior na faculdade, eu acho que ele não deveria levar ele para o mercado de trabalho, para o trabalho em si. Apesar que sabemos que existe flexibilidade na cultura de cada organização, mas acho que... por exemplo, o gestor tem que ter um bom comportamento". (Evaristo)

Na fala de Evaristo acerca da performance de Júnior, um bom e adequado comportamento se refere aquele que se enquadre nos padrões de performance heteronormativa. Aos olhos do entrevistado — e do grupo hegemônico presente no curso —,

traços de feminilidade não são vistos como performances aceitáveis para um profissional da Administração. Todavia, Júnior não vê como dissociar a maneira como costuma performar de sua performance no trabalho, apesar de crer que o comportamento fora dos moldes heteronormativos possa trazer consequências para sua vivência profissional:

"Tipo eu vou me formar, eu vou ser um profissional, então não adianta, essas questões religiosas, de gênero, raça, não deveriam influenciar em nada na minha relação com os funcionários. Não tem que influenciar. Por que influenciar? Não tem necessidade de influenciar, mas vão influenciar e é ruim. Porque não tem como mudar meu jeito, eu sou afeminado aqui, na rua, em qualquer lugar, não tem como mudar isso. Claro que não vou chegar na frente gritando, chamando palavrão... Eu queria? Queria! Mas não vou fazer isso. É como se eu não estivesse me dando respeito. 'Ele é afeminado, ah ele é de boa, vou falar qualquer merda, qualquer coisa, ele não vai ligar não'. Aí talvez a coisa que ele fale seja chata. É isso". (Júnior)

O relato de Júnior nos revela como a performatividade que circunscreve o contexto do curso e campo de trabalho da Administração exerce influência sobre a performance dos sujeitos nela presentes. O discente já prevê as pressões as quais será submetido por ter comportamento díspar daquele idealizado para a profissão na qual está se qualificando, mas questiona quais rumos tomar já que não enxerga possibilidade de conter seus traços afeminados.

Como Butler (1993) já salientou, a busca por reconhecimento social é condicionada por discurso que nomeia, categoriza e hierarquiza identidades sociais. No caso de Júnior, essa busca não se concretizará por completo. Diante do exposto pelo entrevistado — "não tem como mudar meu jeito, eu sou afeminado aqui, na rua, em qualquer lugar, não tem como mudar isso" — frente a impossibilidade de se encaixar nas normas discursivas heteronormativas requeridas socialmente, podemos prever uma contínua sensação de incompletude e instabilidade na vida profissional de Júnior e de outros discentes, alimentada pelo aparelhamento ideológico que reforça tais normas compulsórias (BUTLER, 2017).

As questões que discuto nesta subseção geraram questionamentos e reflexões nos entrevistados sobre o "certo" e o "errado" no tocante a como a orientação sexual está inserida no ambiente profissional.

"O certo era avaliar os profissionais da área justamente pelo conhecimento, do que ele tem pra oferecer, para o lugar que ele quer. As pessoas perdem muito tempo avaliando coisas que não vão fazer muita diferença [nesse caso estava se referindo à questão da orientação sexual]. Nenhuma! As vezes o cara sabe do assunto, sabe trabalhar e coisas que podem ser moldadas com o tempo. Nessa questão da aparência, vamos dizer assim, que se perde, né! A questão da sexualidade não é uma coisa que interfere, que não muda o desenvolvimento do funcionário". (Lorenzo)

"Não [existe] um perfil certo, porque o que as pessoas enxergam é que existe um perfil certo, que seria a pessoa séria e engessada que segue um padrão e tal. Só que não, eu acho que qualquer pessoa pode desenvolver a função [como administrador(a)], independente de sua sexualidade, cor, gênero [...]". (Rafael)

Foi recorrente nos relatos a percepção de que a orientação sexual não interfere no exercício profissional de um profissional, e mais especificamente do(a) administrador(a). A partir desse argumento, alguns entrevistados alegam que a orientação sexual e a performance a ela associada não deveriam ser utilizadas como instrumento segregador e/ou de julgamento ao(à) profissional, e que tampouco devesse existir perfil baseado na sexualidade, gênero ou raça.

Outros entrevistados enxergam relação positiva entre a orientação sexual não hegemônica e o exercício profissional, alegando que ser diferente concede a si maior sensibilidade e empatia com o outro:

"O que poderia dizer é que o homossexual é mais empático, então poderia vir a se questionar sobre algo para não tentar fazer algo negativo para algum colaborador. Mas acho isso muito relativo. Eu conheço vários héteros que são muito empáticos, que levam muito em consideração várias coisas. E conheço muitos homossexuais que são carrascos, que são 'olho por olho e dente por dente'. Então eu acho que isso é muito relativo. A diferença de um homossexual para um heterossexual na Administração é ter uma percepção diferente". (César)

"A minha visão de mundo, a minha visão é diferente de uma pessoa que é mente fechada. Eu acho que me diferencia nisso. Em lidar com as demais pessoas que tem essa mesma orientação. [...] Porque, como eu sou [LGBT], como eu conheço pessoas que são, eu sei que são pessoas que são capazes também, que tem a mesma capacidade de uma pessoa hétero". (Isadora)

"Como gestor, eu acho que me diferenciaria nisso. Eu acho que eu daria mais oportunidade para o público LGBT, principalmente para pessoas transexuais que sofrem mais preconceito. Eu daria oportunidade. [...] Porque eu acho assim que a maioria dos meus amigos administradores, principalmente religiosos, evangélicos, tem muito preconceito com transexual, eles acham que isso é mais espiritual. Tá ligado, na diferença entre psicologia e religião? Eles acham que você é homossexual por questão espiritual. Então eu acho que eles não dariam oportunidade a ninguém". (Evaristo)

"Eu acho que, vamos supor, eu tendo uma diferença, eu posso enxergar ou entender situações que ocorreriam com pessoas que também tem diferenças sexual, como física, como qualquer uma. Eu acho que conseguiria entender melhor o outro, que sofre das mesmas dificuldades. Porque quando a gente passa por alguma situação, a gente consegue adquirir experiência que vai te ajudar agir melhor com aquilo". (Ana)

É possível identificar nos relatos a compreensão dos entrevistados de que a bagagem de experiências relacionadas a sua orientação sexual pode concedê-los aprendizado que lhes permitam se colocar no lugar do outro, a fim de minimizar as injustiças cometidas com base na diferenciação humana. Ademais, os estudantes acreditam que poderiam promover uma gestão mais humanizada, tentando equilibrar as oportunidades e não alimentando estereótipos que subjuguem os diferentes.

Apesar de salientar a percepção de que o homossexual pode vir a ser mais empático que o heterossexual no ambiente de trabalho, César faz a ressalva de que essa observação não pode ser generalizada. Assim como apontado por Burbules (2008) acerca do reducionismo e das reificações que a generalização sobre as diferenças humanas pode promover, o estudante considera não haver como reduzir a empatia a apenas um tipo de orientação sexual, no entanto, acredita que a diferença proporcionaria ao(a) administrador(a) percepção mais ampla sobre o lugar do outro, a partir de seu lugar.

Ana discorre que há uma tendência da pessoa que tem diferença (que de alguma forma o vulnerabilize socialmente, seja ela de orientação sexual, física, etc.) possuir maior empatia por aqueles que também possuem alguma vulnerabilidade. Segundo a discente, é como se a experiência de vida proporcionada pela diferença lhe sensibilizaria a tentar entender as diferenças de outrem — "Eu acho que conseguiria entender melhor o outro, que sofre das mesmas dificuldades. Porque quando a gente passa por alguma situação, a gente consegue adquirir experiência que vai te ajudar agir melhor com aquilo".

Pude também perceber que diversos relatos voltados à relação entre orientação sexual e o perfil do(a) administrador(a) foram construídos no tempo verbal futuro do pretérito, aparentando indicar a ótica de que questões relacionadas à sexualidade não deveriam estar relacionadas ao olhar que se tem sobre este(a) profissional.

Após a análise sobre os relatos que abordaram a percepção sobre o curso e o imaginário a respeito do(a) profissional da Administração constato, de modo geral, que a forma como a graduação em Administração costuma estar estruturada não estimula os discentes a refletir sobre as diferenças humanas e a questionar o papel que exercerão como administradores. A estrutura curricular do curso, os temas que são discutidos e/ou silenciados em sala de aula, como também o estereótipo formado sobre o(a) profissional da Administração introduzem sobre as práticas sociais pressupostos normalizadores, os quais exercem influência e normalizam as relações humanas, apontando o que se pode considerar normal dentro do curso e no exercício profissional no ambiente de trabalho.

A partir do resgate de trechos enunciados por Maria: "o curso de Administração não influenciou muito você a pensar [...] pessoas que não são muito estimuladas a pensar, mas a obedecer", enxergo que o curso de Administração parece interiorizar e reforçar a heteronormatividade presente no mercado de trabalho e nas relações nele estabelecidas, reproduzindo a matriz de poder alicerçada sobre a hegemonia heterossexual. O referido aparelhamento impele os estudantes do curso a adequarem sua performance aos ideais compulsórios da heterossexualidade, a fim de facilitar sua convivência no curso e a arquitetarem perfil profissional próximo ao estereótipo forjado sobre o profissional da Administração.

Por fim, percebo que o ser administrador(a) é algo idealizado pelos discentes, a partir de atributos masculinos e normativos (especificamente heteronormativos). Os entrevistados (principalmente os afeminados) parecem nutrir a expectativa de que o curso (título de graduação) e a performance do que se espera de um administrador(a) os tornarão respeitáveis diante da sociedade. Todavia, de maneira geral, o que pude demonstrar é que no curso de Administração não há a preocupação com o pensamento crítico de seus estudantes, e sim com a contemplação das instruções técnicas das diretrizes curriculares nacionais. Ou seja, o curso é arquitetado sobre base técnica, que pretende munir os futuros profissionais de conhecimentos técnicos, sem compromisso com o estímulo crítico e analítico que também serão demandados pelos profissionais no contexto de trabalho.

8 Refletindo sobre os questionamentos da pesquisa

Nesta seção, retomo as questões norteadoras que guiaram a desenvolvimento desta tese na busca de refletir acerca das principais constatações que as análises das entrevistas proporcionaram.

8.1 Quais intertextos podem ser identificados nas falas dos discentes?

Ao longo das falas dos entrevistados, pude observar pelo menos 5 intertextos relacionando (direta e indiretamente) o *ethos* do curso de Administração com outros *ethos*: familiar, religioso, escolar, mercado de trabalho e político.

A propriedade heterogênea que os textos possuem de apresentar fragmentos explícitos, implícitos ou mesclados de outros textos consumidos ou vivenciados anteriormente (FAIRCLOUGH, 2016) está condicionada às relações de poder presentes nos distintos *ethos* nos quais os entrevistados tiveram experiências. Pude perceber que aspectos relacionados a, por exemplo, como a família lida (ou lidou) com a orientação sexual dos discentes, a maneira como os valores religiosos os pressionavam, os relatos de *bullying* sofrido no ambiente escolar, a forma como percebem a performance legitimada dos profissionais no mercado de trabalho e a intolerância identificada durante a corrida presidencial brasileira em 2018 chamavam a atenção dos estudantes a sua aparente não conformidade com o padrão de comportamento (heteronormativo) socialmente esperado.

Principalmente as experiências vivenciadas nos *ethos* familiar, religioso e escolar parecem estar ligadas ao processo de socialização (primária e secundária) dos indivíduos, contribuindo direta ou indiretamente para a maneira como lidam com sua orientação sexual e como performam nos distintos espaços sociais — dentre eles o do Ensino Superior.

Os exemplos que mencionei parecem reforçar imaginário negativo sobre o ser diferente, corroborando para o silenciamento de alguns alunos e/ou para a adequação de suas performances como busca de reconhecimento social e fuga de atos preconceituosos, discriminatórios e/ou excludentes.

Na maioria dos casos, é possível perceber que o modelo heterossexual legitimado socialmente e reforçado nas práticas sociais familiares, religiosas, escolares e do mercado pressionam os discentes e demandam performances alinhadas à matriz de inteligibilidade

inclusive no curso de Administração. O ideal de heterossexualidade compulsória busca homogeneizar comportamentos e tem como consequências a produção de autoaversão em alguns estudantes e a necessidade de contestação de outros.

Não obstante às pressões heteronormativas, alguns discentes desafiam a ordem de discurso vigente e contrariam a violência simbólica e a intolerância identificadas em atos de fala no dia a dia do curso, em discurso de político então candidato à presidência do Brasil ou ainda em princípios conservadores observados no campo da Administração.

Todavia, a partir dos interdiscursos proferidos nos textos, percebo que há comum preocupação dos entrevistados sobre como a orientação sexual e performance que possuem poderão interferir na inserção destes ao mercado trabalho ou em suas carreiras profissionais.

8.2 Como as semioses identificadas nos discursos discentes se relacionam com suas performances?

Como já citei na parte teórica e em parte das análises dos dados, há uma estrutura de poder presente no curso de Administração que concede (ou não) inteligibilidade sobre os corpos presentes no curso com base na adequação ou não conformidade com os parâmetros impostos pela heteronormatividade.

Aspectos relativos à orientação sexual têm sido utilizados para diferenciar e hierarquizar sujeitos na mencionada graduação, e não raro produzem segregações e discriminações por apontarem o "outro" não só como diferente, mas também como inferior. A partir da observância sobre o ato de diferenciar foi possível identificar algumas semioses que evidenciaram relações de poder na prática social do curso.

Foi possível perceber nos textos que a forma como os discentes lidam com sua orientação sexual no curso, bem como performam, está relacionada à maneira que se posicionam a partir das prescrições da matriz de poder. Como a performance também se refere ao modo como o sujeito controla a impressão que os outros têm dele (GOFFMAN, 1958), observei que distintos elementos semióticos são utilizados para tentar identificar a orientação sexual de outrem e/ou para camuflar a sua diante das relações sociais no curso.

Constatei nos relatos que a maioria dos entrevistados percebe que há uma normatização na Administração sobre como o(a) profissional (e também o/a estudante da área) deve se comportar e se apresentar. Elementos relacionados ao modo de se vestir, ao visual adotado, à maneira de falar, à feminilidade ou masculinidade no comportamento, à linguagem corporal, ao nível de extroversão, entre outros foram citados e associados pelos entrevistados à (a)normalidade.

As roupas justas de José, o visual arrojado de Lorenzo, a feminilidade presente no comportamento de Júnior e sua extroversão são alguns dos elementos semióticos apontados pelos alunos como destoantes do estereótipo compartilhado de como deve se comportar um(a) estudante (e futuro(a) profissional) da Administração. Da mesma forma, roupas sociais (como ternos), a formalidade e a seriedade, além da pouca extroversão, foram características associadas pelos alunos ao perfil do(a) administrador(a).

Tal imaginário reflete a existência de estereótipo construído — com base na heteronormatividade — e compartilhado do modelo de sujeito legitimado para o contexto em questão, bem como quais performances devem ser reproduzidas para que adquiram reconhecimento social. Os elementos semióticos frutos da matriz social hegemônica indicam à coletividade qual a construção social de sentido deve ser legitimada (FARICLOUGH, 2016), ao passo que relegam à exclusão aqueles que se distanciam do modelo normatizado.

Em busca de reconhecimento, preocupados com os julgamentos e temendo pelo futuro profissional, foi possível constatar que diversos discentes tentam camuflar alguns traços comportamentais ou adequar sua performance à estrutura de poder — principalmente os aspectos perceptíveis visualmente.

As normatizações parecem exercer mais pressão sobre os homens afeminados, ao se constatar divergências com relação ao estereótipo de masculinidade, ao mesmo tempo que se condena a feminilidade enxergada em seus comportamentos. Tal percepção reforça o diagnóstico de Kelan (2013) ao indicar a presença de cultura masculina na Administração, a qual enaltece atos masculinos e subjulga elementos que remetem a feminilidade, evidenciando discursos misóginos no curso.

A estilização reiterada dos sujeitos no curso de Administração a partir da performatividade heteronormativa não só conforma como também demanda dos corpos sociais performances compatíveis com a matriz de inteligibilidade heterossexual, e confere sentido de anormalidade para aqueles que não reproduzem comportamentos linguísticos e sociais aderentes ao padrão de sexualidade hegemônico.

O aparelho discursivo presente na Administração e as relações de poder dele desencadeadas parecem reforçar o ideal de fabricar "sujeitos viáveis" (BUTLER, 1993), fruto da homogeneização dos comportamentos a partir de performances socialmente legitimadas.

8.3 Como os discentes enxergam o curso de Administração e o contexto no qual estão inseridos?

Alguns entrevistados alegaram acreditar que a graduação em Administração não é tão acolhedora às diferenças de orientação sexual quanto alguns atores do curso a percebem. Outros conseguiram identificar ainda a existência de padrão heteronormativo recorrentemente afirmado pela prática discursiva do curso, o qual faz com que muitos estudantes se sintam impelidos a buscar coerência diante do perfil normalizado.

Entre algumas das observações tecidas sobre a graduação posso destacar o caráter funcionalista na condução do curso, o ínfimo estímulo à reflexão crítica, o conservadorismo e a presença de preconceitos à diversidade sexual que dificultam a socialização daqueles que são diferentes.

A maioria dos entrevistados alegou que pouco se debate sobre diferenças na graduação — quando tais discussões ocorrem são feitas de maneira passageira, superficial e sem a complexidade que a temática engloba — e que não sente que é preparada para lidar com as diferenças humanas que o(a) administrador(a) se deparará em seu trabalho. Ademais, alguns alunos ponderaram que a falta de abordagens transversais sobre as diferenças e a ausência de comentários construtivos acerca da existência de LGBTs nas organizações reforçam o silenciamento que esta minoria é submetida no âmbito educacional — e também no organizacional.

Outro significativo comentário se deu acerca do silenciamento de docentes com relação a citada temática e sobre a banalização de preconceitos contra os LGBTs, frequente na prática social do curso. Alguns estudantes alegaram acreditar que o ensino se constitui em importante instrumento para o questionamento sobre práticas repressoras e para a (re)construção de relações mais respeitosas e conscientes.

O modo como os entrevistados retrataram o curso parece outra vez confirmar condição heteronormativa sobre a Administração e a forma como a graduação está estruturada aparenta reforçar estereótipo de suposta normalidade sobre a heterossexualidade, tornando mais fácil o convívio aos heterossexuais e silenciando e reprimindo os que possuem orientação desviante.

A clandestinidade pela qual o tema é tratado no curso parece indicar pouco interesse em estimular o diálogo sobre as diferenças, ao passo que reflete sutilmente o aparelhamento ideológico presente na graduação, o qual reforça convenções heteronormativas e naturaliza e automatiza determinadas performances.

8.4 Como as relações presentes no curso de Administração podem ser caracterizadas a partir dos relatos dos discentes entrevistados?

Conforme apresentei na seção das análises, as relações no curso (abordadas pelos textos dos entrevistados) se referiram ao convívio com discentes LGBTs, discentes heterossexuais, docentes e funcionários. O maior volume das falas se concentrou sobre o relacionamento entre discentes, aparentando que este elo possui maior centralidade na prática social da graduação para os estudantes, no tocante à temática de orientação sexual.

Alguns discentes alegaram que o fato de não serem heterossexuais não aproxima os LGBTs, não sendo suficiente para a criação de identificação coletiva por parte deste grupo. Além de observar a pouca afinidade entre estes alunos, foi possível perceber a existência de intolerância entre alguns discentes gays e bissexuais, principalmente sobre aqueles que se distanciam em demasiado do modelo de performance legitimado no curso. Os alunos afeminados tendem a ser alvo maior de estigmatizações, inclusive de outros LGBTs do curso.

Alguns entrevistados alegaram que discentes não assumidos ou reservados com relação a orientação sexual tendem a não querer se relacionar com eles por serem assumidos. Transcorreram ainda que observam certo temor por parte desses alunos, como se a forma como os assumidos performam ou lidam abertamente com sua orientação sexual ameaçasse a identidade oculta daqueles, ao mesmo tempo que são recriminados por desafiar a ordem vigente e a matriz de inteligibilidade.

Ao repetirem e reiterarem as performances legitimadas, os discentes não assumidos e reservados parecem revelar certo temor dos julgamentos dos demais discentes do curso e passam a corporificar a racionalidade do senso comum, negando parcialmente sua sexualidade.

A relação com os alunos heterossexuais se apresenta mais conturbada. Mesmo que os entrevistados tenham alegado manter bom convívio com alguns colegas héteros, os relatos demonstram que parte dos discentes do curso se mantém afastada dos LGBTs e que outra parcela exterioriza seu preconceito mediante recorrentes brincadeiras de cunho pejorativo — que podem facilmente ser classificadas como discurso de ódio.

Tais "brincadeiras" parecem querer ressaltar o caráter desviante dos alunos gays e bissexuais em relação ao padrão heterossexual que vigora sobre o curso e, muitas vezes, materializam valores morais violentos que aviltam o sujeito diferente. Ao mesmo tempo em que os LGBTs são taxados como engraçados e diferentes, são colocados num lugar distinto dos demais discentes (heterossexuais). Os chistes parecem querer mascarar atos de preconceito e discriminação, além de camuflar o não reconhecimento do lugar ocupado pelos

LGBTs na Administração — principalmente daqueles que muito destoam dos códigos de significação pelos quais a matriz de inteligibilidade confere reconhecimento.

Os atos de preconceito e discriminação presentes na prática discursiva da graduação tendem a estimular constante estado de vigilância nos estudantes gays e bissexuais. Em diversos textos coletados foi possível observar (explícita ou implicitamente) sofrimento e angústia em alguns entrevistados, alimentados pelos citados atos ou ainda pela indiferença sofrida.

Na busca por se sentirem menos vulneráveis, diversos entrevistados compartilharam possuir "ciclos de segurança" formados por discentes nos quais depositam confiança e amizade. Parte destes entrevistados tentam se preservar restringindo parcialmente suas relações a esses ciclos, o que pode prejudicar a socialização desses estudantes na graduação. Outros entrevistados relataram ainda restringir seu comportamento no espaço acadêmico, optando pela introspecção como forma de defesa aos atos de intolerância.

Mesmo com a aparente instabilidade causada a partir de performances que se distanciam do padrão heteronormativo que paira sobre o curso, alguns alunos como Júnior e Lorenzo mantêm os atos performativos condizentes com a maneira com a qual se identificam. O fato de serem observados e mencionados por outros entrevistados parece demonstrar que o modo como performam tem algum impacto sobre a prática social do curso, além de me fazer concordar com o alegado por Lorenzo — "eu encaro a minha presença aqui como essa questão de desmistificar essa coisa, de mostrar para eles que existe algo mais além, que as relações podem ser construídas independente da sexualidade" — quando remete à importância de suas performances "desviantes" no processo de desconstrução dos estereótipos e das noções estáticas e normalizadas sobre a sexualidade.

Um fato inusitado nos enunciados estudantis foi que discentes homens (gays ou bissexuais) disseram ter melhor relação com mulheres, enxergando menor preconceito em suas ações quando comparadas aos homens heterossexuais; enquanto as entrevistadas bissexuais ponderaram se sentir mais a vontade com homens, por achar que eles seriam menos preconceituosos que as mulheres heterossexuais. A partir desta discordância perceptual entre os dois grupos, interpreto que há um temor generalizado por parte dos heterossexuais (homens ou mulheres) com relação a orientação sexual que possa de alguma forma ameaçar a afirmação de sua heterossexualidade, ao mesmo tempo em que a hipersexualização dos LGBT arquiteta um estereótipo de que estes podem a qualquer momento assediar os colegas heterossexuais, como se não fossem capazes de construir vínculos sem o interesse sexual.

Os entrevistados discorreram ainda sobre sua relação com os docentes e demais funcionários da instituição. A quase totalidade dos relatos descreveu convívio saudável e harmonioso com esses atores, utilizando adjetivações positivas e demonstrando manter bons vínculos. No caso em particular dos professores, diversos estudantes alegaram acreditar que o nível de instrução destes estaria diretamente associado ao maior respeito e compreensão sobre as diferenças.

Entretanto, alguns discentes levantaram a suposição de que a inexistência de atos preconceituosos e/ou discriminatórios — comuns nas relações com os discentes — estaria relacionada a poder econômico e institucional. Pressionados pelo vínculo empregatício e consequente submissão ao poder da IES, docentes e funcionários não poderiam manifestar posicionamentos intolerantes contra os discentes, já que são estes que mantêm economicamente a instituição e, em contrapartida, os salários destes trabalhadores.

Mesmo com base no raciocínio tecido, uma das discentes entrevistadas relatou perceber preconceito velado por parte de uma das professoras da instituição. Atos de preconceito velado foram relatados em distintos episódios — como mudança de comportamento e olhares enviesados ou de hostilidade —, aparentando também fazer parte da prática social do curso. De maneira geral, com base nos relatos e na concepção geral de homofobia (BORRILHO, 2015), posso afirmar que as relações estabelecidas na graduação em Administração são permeadas de atos homofóbicos.

Ao analisar os enunciados discentes, foi possível ainda identificar a hegemonia heterossexual nas relações estabelecidas na Administração, a qual estabelece padrão normativo a ser seguido no curso. A não coerência entre a orientação sexual e/ou a performance de alguns discentes com o aparato ideológico heteronormativo estabelecido estimula a produção de atos intolerantes e excludentes.

8.5 Como pode ser desenhada a prática social sobre a graduação em Administração a partir dos discursos de discentes gays e bissexuais do curso pesquisado?

De antemão posso começar essa resposta afirmando que o curso de Administração é um curso heteronormativo. Foram inúmeros os elementos relatados pelos entrevistados que reforçaram o pressuposto da heteronormatividade sobre a graduação, entre eles estão: o conservadorismo presente no curso; o estereótipo de profissional presente no imaginário discente (homem, formal, sério, vestido de terno); a exclusão ou silenciamento de temáticas

sobre gênero e orientação sexual no currículo e nas salas de aula do curso; as práticas discursivas que "brincam" com a imagem e criam estereótipos aos LGBTs.

A heteronormatividade percebida na prática social da Administração parece distanciar sujeitos que acreditam não se enquadrar no modelo heteronormativo estereotipado sobre a referida graduação, fato que parece gerar insegurança acerca da vivência neste *ethos*. Além dessa insegurança, também é possível perceber no curso aparelhamento discursivo sexista, que exalta comportamentos masculinos a proporção que inferioriza femininos. Essa desigualdade estabelecida entre masculinidade e feminilidade pode ser observada sobre as atitudes hostis sobre as performances dos estudantes afeminados. Por se distanciarem do modelo de masculinidade arquitetado pela matriz de poder, tais discentes são julgados e preteridos, inclusive por outros alunos gays que possuem performance mais próxima da heteronormativa.

Diante do exposto pelos entrevistados, consigo perceber na graduação estrutura de dominação heterossexual sobre as demais orientações sexuais. A estrutura de poder sob a prática social do curso desencadeia relações de desigualdade e discriminação — no significado explícito da palavra —, distinguindo, diferenciando e segregando com base nos princípios instituídos pela matriz de inteligibilidade.

Há ainda aqueles que se silenciam frente a constatação de que não se adéquam ao modelo de identidade legitimado pela ordem simbólica vigente, restringindo e adequando suas performances. A ordem do discurso na Administração parece demandar de seus estudantes a estilização constante de seus corpos, tornando as performances cada vez mais homogêneas.

Alguns entrevistados pareceram buscar de distintos modos se adequar ao modelo previamente concebido para a área, silenciando sua orientação sexual e as performances que porventura possam denunciá-la, na tentativa de buscar reconhecimento e fugir das violências decorrentes da não adequação. Os estudantes parecem ter percebido que quanto mais distante suas performances estiverem da matriz de inteligibilidade heterossexual, menos serão reconhecidos.

Foi possível ainda identificar que as relações de poder do curso baseadas na orientação sexual reforçam prática discursiva baseada no humor, a partir da qual a ideologia dominante reforça a normalidade presente na heterossexualidade, enquanto menospreza em tom de ironia as sexualidades "desviantes".

As piadas proferidas sobre os LGBTs são recorrentes no cotidiano do curso e tendem a expor, ridicularizar e hostilizar seu modo de ser e se reconhecer, utilizando-os como

instrumento para se fazer rir, reforçam-se valores heterocêntricos ao mesmo tempo em que se naturaliza a homofobia.

Em síntese, pode perceber que a heteronormatividade evidenciada na prática social da Administração compele práticas compulsórias aos discentes do curso, sendo regida por normas que instigam a repetição de performances legitimadas e que se amparam na compreensão linear entre corpo, sexo e desejo. No entanto, tal performatividade não é determinante sobre a construção do perfil profissional e da performance dos estudantes do curso. Apesar de parte dos alunos gays e bissexuais buscar se adequar aos ditames da matriz de inteligibilidade, outras performances "desviantes" mostraram a existência de espaços de mudança e subversão à lógica performativa, por mais que a hegemonia heterossexual se mostre como ideologia dominante.

9 Considerações finais ou iniciais?!

Por meio do presente estudo busquei compreender quais as implicações do discurso normalizador na graduação em Administração sobre as performances de estudantes gays e bissexuais do curso. Considerando que a performance humana é influenciada pela repetição compulsória das normas históricas, culturais e sociais que regulam a sociedade através do discurso — além de estar associada ao poder vinculado ao discurso (SOUZA, 2017) —, os textos dos discentes gays e bissexuais entrevistados nesta pesquisa levam à compreensão de que a performance no curso de Administração é condicionada à matriz de inteligibilidade heterossexual, a qual legitima socialmente a conformidade entre sexo, gênero e sexualidade, fabricando o padrão aceito de administrador(a) mediante práticas discursivas — explicitada através da matriz curricular, do conteúdo abordado em sala de aula, por exemplo — e práticas sociais — expressas por meio das relações entre os discentes do curso, nas brincadeiras proferidas aos LGBTs, etc. — continuamente reproduzidas nesta graduação.

Não tive com esta tese o propósito de chegar a conclusões generalizantes, todavia, a pesquisa apresentou indicativos de que a performatividade sobre a Administração parece reforçar a pré-condição sobre a orientação sexual capaz de promover reconhecimento no curso (a heterossexual). A partir da performatividade as práticas discursivas e sociais são produzidas, e as performances são moldadas com base nos códigos de significação presentes na matriz heterossexual. Decorrente deste contexto apresentado, os corpos dos discentes circunscritos no curso tendem a ser regulados e naturalizados pela sexualidade, com base num conjunto de imposições estabelecidas a partir da compulsoriedade heteronormativa.

As considerações até aqui tecidas permitem comprovar a tese que inicialmente defendi na introdução deste trabalho de que **o discurso subjacente de orientação sexual presente na graduação em Administração possui pressupostos normalizadores e heteronormativos, que restringem as categorias identitárias reconhecidas neste contexto específico e demandam dos estudantes performances consideradas legitimadas no curso.**

Pude perceber a partir dos relatos discentes a existência de uma ordem sexual normalizadora no curso de Administração que, por conseguinte, silencia aqueles que não se enquadram dentro dos moldes da citada matriz. A ordem do discurso neste *ethos* é baseada em tecnicismo asséptico e neutro do ensino da Administração, que contribui para a manutenção

das relações sociais assimétricas e, por conseguinte, das atuais formas de dominação social. Por meio da citada formação social normalizadora os discentes deste curso são profissionalizados e disciplinados a manter esta ordem social no contexto organizacional.

Os padrões instituídos e reforçados ao longo da graduação atuam como normas condutoras, disciplinares e organizadoras dos atores nela presentes, principalmente entre os discentes, hierarquizando as diferenças neste contexto — heterossexuais, gays não afeminados, gays afeminados, por exemplo —, ao mesmo tempo em que buscam homogeneizações dentro da ordem vigente.

Há o reforço de um trabalho ideológico da performatividade heteronormativa sobre o diferente, o qual sustenta relações de dominação, delimita espaços de convivência e atuação aos atores sociais e legitima estruturas sociais (FAIRCLOUGH, 2016). Percebo que a matriz heterossexual possibilita certo controle social na Administração a partir de elementos legitimados e universalizantes que formam o modelo tradicional e as performances esperadas por um(a) administrador(a), os quais buscam conformar os corpos discentes sobre identidades previamente arquitetadas.

A heteronormatividade ainda permanece como a ordenação dominante na Administração. Com base nela outras formas de orientação sexual e até mesmo de identidade de gênero são vistas como marginais, e tendem a influenciar a visão que os discentes desta graduação têm sobre o perfil profissional legitimado tanto no âmbito do curso quanto no mercado de trabalho em que já se encontram ou que irão se inserir. A partir dessa concepção, tendem a buscar uma forma de adequação pela qual consigam preservar sua orientação sexual e buscar a tão almejada colocação/ascensão profissional.

Apesar da pressão performativa sofrida, a performance dos corpos nem sempre é exercida com base no que a performatividade induz. Há alguns discente que tentam, em alguns momentos específicos, subverter a matriz de poder que sustenta a heteronormatividade — como exemplos que relatei sobre os discentes Júnior e Lorenzo, seja pelo modo de se vestir, pela manutenção do comportamento afeminado e/ou pela preservação de atos de fala comuns ao *ethos* LGBT —, o que costuma ter como consequências atos de recriminação, preconceito, discriminação e exclusão.

Todavia, os atos de subversão são pontuais e esporádicos. Os relatos pareceram reforçar que a busca por reconhecimento no curso e sobre a carreira profissional a construir está condicionada a discurso que nomeia, categoriza e hierarquiza as diferenças. No caso dos discentes LGBTs, parecem sobrar dois caminhos possíveis: o silenciamento e a adequação da performance ou as sensações de incompletude e de instabilidade na vida profissional,

sensações estas alimentadas pelo aparelhamento ideológico que alerta de forma recorrente acerca da inconformidade de sua sexualidade às normas discursivas heteronormativas sobrepostas à Administração.

O ideal heteronormativo que paira sobre as relações sociais do curso conduz atos performativos a partir do conjunto de práticas norteadoras e normalizadoras presentes na matriz de poder. Em vista disso, a performance dos discentes pesquisados tendeu em sua maioria a reproduzir as normatizações instituídas sobre o perfil legitimado de administrador(a) que se deseja enquadrar — as quais reforçam símbolos de masculinidade no homem e de feminilidade no caso da mulher. Contudo, por mais que a performance discente se apoie sobre o padrão referenciado, inconsistências continuarão existindo, dificultando a integração do sujeito diferente.

A experiência no campo revelou ainda aproximação e relação interdiscursiva do *ethos* do curso de Administração com o *ethos* do mercado de trabalho. O curso de Administração parece reforçar e reproduzir práticas discursivas presentes no mercado de trabalho, reprodução esta que exerce impacto sobre os sujeitos ditos "diferentes" no curso, os quais buscam normalizar suas performances, adequando-as ao padrão legitimado no mercado. A premissa baseada na máxima de quanto mais distante da matriz heterossexual menos a performance será reconhecida e, por conseguinte, menores as chances de inserção e/ou de permanência nos postos de trabalho da Administração é bastante disseminada entre os discentes. Os sistemas de reconhecimento, alinhados à performatividade heteronormativa, parecem instaurar sob a prática social do curso a mesma busca por certa estabilidade entre corpo, sexo, gênero e performance estimulada em outras esferas sociais — entre elas grande parte do mercado.

Diante do já apresentado, pude identificar que a heteronormatividade na Administração atua como poder hegemônico continuado sobre o curso, podendo: criar barreira à inserção dos sujeitos diferentes na graduação; silenciar ou limitar a performance daqueles que adentram o curso mas não querem ser excluídos por serem diferentes; estimular a construção de estereótipos e práticas discriminatórias; naturalizar no imaginário discente modelo único de performance profissional (a partir da orientação sexual dominante).

As evidências relatadas nesta pesquisa apontam ainda para a necessidade de rever a estruturação curricular do curso de Administração, dando visibilidade e discutindo de maneira mais robusta e menos conservadora questões sobre desigualdades e poder a partir das diferenças humanas, além de contextualizá-las às relações de trabalho e ao contexto organizacional.

O anseio que tenho por trazer a heteronormatividade ao debate na Administração encontra como primeira barreira o fato do discurso hegemônico presente na graduação estar ligado justamente à matriz de inteligibilidade sustentada sob a ordem moral concebida a partir do ideal de normalidade. Sendo assim, acredito que o curso deve ser repensado e reestruturado a fim de contemplar sujeitos que destoam e resistem aos padrões limitantes e excludentes, desconstruindo e reconstruindo as estruturas discursivas para que reconheçam e incluam as diferenças.

Entre as principais limitações que encontrei posso destacar a dificuldade em acessar os atores da pesquisa — talvez motivada pela temática do estudo em confronto com a heteronormatividade (exaustivamente) discorrida por mim nas análises e nestas considerações finais — e o desafio de responder aos questionamentos da tese frente ao tempo escasso. A limitação de tempo, em especial, demandou recorte mais específico sobre o lócus e os atores da pesquisa, de forma que a temática que aqui discuti poderá ainda render estudos a partir do discurso de docentes, coordenadores e chefes de departamento, e em outras IES privadas e públicas, a fim de ampliar e reforçar as conclusões sobre a prática social do curso.

Também há a possibilidade de problematização da heteronormatividade a partir do discurso de estudantes heterossexuais na graduação, com relação ao seu currículo, sobre a pós-graduação em Administração e acerca da performance docente no curso.

Ainda como proposição de estudos futuros indico a análise das relações interseccionais da sexualidade (foco desta investigação) com outras diferenças nos enunciados discentes e o aprofundamento de categorias discursivas identificadas no corpus desta pesquisa — quais sejam: sofrimento, moralismo, violência, defesas, apagamento de diferenças. Há espaço ainda para se problematizar o curso de Administração na realidade histórico-contextual do Nordeste — e os preconceitos aqui enraizados —, além de pensar como podemos voltar este curso às diferenças, já que foi demonstrado que parece "restringir-se" às diretrizes curriculares nacionais.

Acredito com esta pesquisa ter contribuído com os estudos que buscam contestar, analisar e desestabilizar as estruturas alicerçadas sob a ordem moral e ideológica que diferencia o masculino do feminino, o heterossexual do homo e do bissexual, além das atribuições — certo e errado, normal e anormal, moral e amoral, bom e mau — destinadas a essas binariedades.

Ao problematizar a heteronormatividade vigente em nossa sociedade e no curso de Administração, assim como discutem Berlant e Warner (1998), não tenho a intenção de chegar a uma solução que ponha fim aos conflitos, e sim questionar a reprodução de uma

metanarrativa que privilegia uns e exclui outros sujeitos perante normas de inteligibilidade associadas a sua orientação sexual.

Apesar de ser difícil, no presente momento, conceber um mundo sem a influência heteronormativa, acredito ser possível tal desconstrução mediante questionamento e ensino, por meio dos quais podemos confrontar verdades universalizantes, resistir a forças homogeneizantes, além de sensibilizar e mobilizar os discentes — futuros profissionais — a (re)construir práticas sociais mais humanas, inclusivas e abertas às diferenças. Foram essas as ideias que moveram esta tese e que norteiam minha atuação docente, e são elas que impulsionarão a agenda de pesquisas que se desenvolverá a partir dela.

Referências

- ALVES, Mário Aquino; GALEÃO-SILVA, Luiz Guilherme. A crítica da gestão da diversidade nas organizações. **RAE**. v. 44. n. 3. jul./set. 2004.
- ANDRADE, Rui Otávio B. de; AMBONI, Nério. **Teoria Geral da Administração: das origens às perspectivas contemporâneas**. São Paulo: M.Books, 2007.
- AUSTIN, John. **Quando Dizer é Fazer**: Palavras e Ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AYESTARAN, Sabino; PAEZ, Darío. Representaciones sociales y estereotipos grupales. In: PAEZ, Darío (ed.). **Pensamiento, individuo y sociedad**. Cognicion y representacion social. Madrid: Fundamentos, 1987. p. 221-262.
- BAILER, Cyntia; TOMITCH, Lêda Maria Braga. O planejamento como processo dinâmico: a importância do estudo piloto para a pesquisa experimental em linguística aplicada. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 24, p. 129-146, 2011.
- BENTO; Berenice. Política da diferença: feminismos e transexualidades. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011. (Coleção CULT; n.9).
- BERLANT, Lauren; WARNER, Michael. Sex in Public. **Critical Inquiry**, v. 24, n. 2, p. 547, 1998.
- BERTERO, Carlos Osmar. **Ensino e pesquisa em administração**. São Paulo: Thomson Learning, 2006. (Coleção Debates em Administração)
- BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**. ed. 43. jul-dez 2014. p. 441-474.
- BORRILHO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. 1. ed.; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26. jan./jun., p. 329-376, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Administração. Resolução nº 4, 13 de julho de 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12991>>. Acesso em: 1º nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Brasil supera média da OCDE de ingresso de estudantes. 18 set. 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/19080-brasil-supera-media-da-ocde-de-ingresso-de-estudantes>>. Acesso em: 1º dez. 2017.

BRAVO, Juliana. Do "Eu" ao "Outro": a estilização do corpo *queer*. **Periódicus**: Revista de estudos indisciplinados em gênero e sexualidades, Salvador, n. 3, v. 1, mai./out. 2015.

BRYANT, A. Querying queer theory again (or queer theory as drag performance). **Journal of Homosexuality**. v. 45, n. 24, p. 349-352, 2003.

BURBULES, Nicholas C. Uma gramática da diferença: algumas formas de repensar a diferença e a diversidade nos tópicos educacionais. In: GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa (orgs.). **Currículo na contemporaneidade**: incertezas e desafios. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 13 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. Performativity, Precarity and Sexual Politics. **Revista de Antropologia Iberoamericana**, v. 4, n. 3, 2009.

BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. Nova Iorque: Routledge, 2004.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 11-42, 1998.

BUTLER, Judith. Critically Queer. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**. v. 1, p. 17-32, 1993.

BUTLER, Judith. **Bodies that Matter**: On the Discursive Limits of "Sex". Nova York, Routledge, 1993a.

CAMERON, Deborah. **Verbal Hygiene**. London: Routledge, 1995.

CAMERON, Deborah; KULICK, Don. **Language and Sexuality**. Cambridge: CUP, 2003.

CFA. **Conselho Federal de Administração**. Disponível em: <www.cfa.gov.br>. Acesso em: 30 nov. 2017.

CFA. História da Administração. s.d. Disponível em: <http://www.cfa.org.br/administracao/historia-da-profissao>. Acesso em: 30 nov. 2017.

CFA. Censo dos Cursos. 3 de março de 2017. Disponível em: <http://www.cfa.org.br/servicos/formacao-profissional/censo-dos-cursos-de-bacharelado-em-administracao-e-dos-cursos-superiores-de-tecnologia-nas-diversas-areas-da-administracao>. Acesso em: 1º dez. 2017.

COHEN, Cathy J. Punks, bulldaggers, and welfare queens: the radical potential of queer politics? **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, v. 3, n. 4, p. 437-465, 1997.

CONCEIÇÃO, Eliane Barbosa da; et. al. Gestão da diversidade: existe diálogo entre as literaturas brasileira e internacional? In: Encontro da ANPAD (EnANPAD), XXXV, 4 a 7 de setembro de 2011. **Anais...** Rio de Janeiro/RJ: EnANPAD, 2011.

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. **Métodos de pesquisa em Administração**. Tradução Luciana de Oliveira da rocha. 7 ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

COSTA, Cláudia de Lima. O feminismo e o pós-modernismo/pós-estruturalismo: (in)determinações da identidade nas (entre) linhas do (com)texto. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar. **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

COSTA, Flávia Zimmerle da Nóbrega; GUERRA, José Roberto Ferreira; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza. O solo epistemológico de Michel Foucault: possibilidades de pesquisa no campo da Administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 15, n. 35, p. 168-179, abr./2013.

COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II**. São Paulo: Escuta, 1995.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **A formação e a ideologia do administrador de empresas**. São Paulo: Cortez, 1991.

COX JR., Taylor. **Cultural diversity in organizations: theory, research and practice**. San Francisco: Berrett Koehler, 1993.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Paradigmas e perspectivas em transição (parte II). In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DINIZ, Ana Paula Rodrigues. Mulheres Gerenciáveis?: uma análise dos discursos sobre as mulheres na revista Exame. **Dissertação** (Mestrado). Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração (CEPEAD). Belo Horizonte: UFMG, 2012.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. Tradução: Iran Ferreira de Melo. **Linha D'Água**. n.25, v. 2, p. 307-329, 2012.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: Textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FARIA, José Henrique de. Epistemologia Crítica do Concreto e momentos da pesquisa: uma proposição para os estudos organizacionais. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 16, n. 5, p. 15-40, Out. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712015000500015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 out. 2018.

FILAX, Gloria et al. Teoria *Queer*/Abordagem lésbica e gay. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (orgs.). **Teoria e métodos de pesquisa social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

FLEURY, Maria Tereza Leme. Gerenciando a diversidade cultural: experiências de empresas brasileiras. **RAE (Revista de Administração de Empresas)**. São Paulo, v. 40, n. 3, p. 18-25, jul./set. 2000.

FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FOUCAULT, Michael. **A Arqueologia do Saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michael. **Ética, sexualidade, política**. Ditos & Escritos. Volume V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, M. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria *queer* e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GILBERT, Jacqueline. A.; IVANCEVICH, John. M. Effects of diversity management on attachment. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 31, n. 7, p. 1331-1349, 2001.

GODOI, Christiane Kleinübing. Perspectivas de análise do discurso nos estudos organizacionais. In: GODOI, C. K; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOFFMAN, Erving. **The Presentation of Self in Everyday Life**. Nova York: Anchor Books, 1959.

HALPERIN, David M. The normalization of queer theory. **Journal of Homosexuality**, v. 45, n. 24, p. 339-343, 2003.

HANASHIRO, Darcy Mitiko Mori; CARVALHO, Sueli Galega de Carvalho. Diversidade cultural: panorama atual e reflexões para a realidade brasileira. **REAd**. ed. 47, v. 11, n. 5, set-out. 2005.

HANASHIRO, Darcy Mitiki Mori; TORRES, Cláudio Vaz. Introdução de Edição Especial. **RAM (Revista de Administração Mackenzie)**. v. 11, n. 3, p. 2-5, São Paulo/SP, mai./jun. 2010.

HARDING, Nancy et al. Leadership and charisma: A desire that cannot speak its name? **Human Relations**, v. 64, n. 7, p. 927-949, 8 fev. 2011.

HEARN, Jeff. Changing Men and Changing Managements: a Review of Issues and Actions. **Women In Management Review**, v. 7, n. 1, p. 2-9, 1992.

HIGASHI, Roberto. A heteronormatividade e a graduação em Administração. **Dissertação** (Mestrado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória: UFES, 2016.

IRIGARAY, Hélio Arthur Reis; QUEIROZ, Luiz Gustavo Mauro de. Diversidade da força de trabalho: o que temos ensinado a nossos alunos? In: Encontro da AnPAD (EnANPAD), XXXVIII. **Anais...** Rio de Janeiro/RJ: EnANPAD, 2014.

IRIGARAY, Hélio Arthur Reis; SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Humor e discriminação por orientação sexual no ambiente organizacional. **RAC**, Curitiba, v. 14, n. 5, p. 890-906, set./out. 2010.

IRIGARAY, Hélio Arthur Reis. Discriminação por orientação sexual no ambiente de trabalho: uma questão de classe social? Uma análise sob a ótica da pós-modernidade crítica e da *queer theory*. **Anais do Encontro de Administração Pública e Governança**, III. Salvador/BA, 12-14 nov., 2008.

JAGGER, Gill. **Judith Butler: Sexual Politics, Social Change and the power of the performative**. Nova York: Routledge, 2008.

JAGOSE, Annamerie R. **Queer theory: an introduction**. New York: New York University Press, 1996.

KELAN, Elisabeth K. The becoming of business bodies: Gender, appearance, and leadership development. **Management Learning**, v. 44, n. 1, p. 45-61, 2013.

KING, A. Queer categories: queer(y)ing the identification 'older lesbian, gay and/or bisexual (LGB) adults' and its implications for organizational research, policy and practice. **Gender, Work and Organization**. v. 23, n. 1, p. 7-18, 2016.

LÄMSÄ, Anna-Maija et al. Effect of Business Education on Women and Men Students' Attitudes on Corporate Responsibility in Society. **Journal of Business Ethics**, v. 82, n. 1, p. 45–58, 11 set. 2007.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEE, Hugh; LEARMONTH, Mark; HARDING, Nancy. Quee(y)ing public administration. **Public Administration**, v. 86, n. 1, p. 149-167, 2008.

LGBT. *Gay-friendly* — o que é? s.d. Disponível em: <<http://www.lgbt.com.br/gay-friendly-o-que-e/>>. Acesso em 12 mai. 2019.

LIMA, Manolita Correia. **Monografia**: a engenharia da produção acadêmica. 2 ed. rev. e atualizada. São Paulo: Saraiva, 2008.

LORENTZ, Cacilda Nacur. Diversidade e reconhecimento da diferença: um estudo no âmbito organizacional. **Tese (Doutorado)**. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração. Belo Horizonte: CEPEAD, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre a sexualidade e teoria *queer*. 2 ed. 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 541–553, 2001.

MARTINS, Paulo Emílio Matos et al. Repensando a formação do administrador brasileiro. **Archétypon**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 15, p. 11-30, set./dez. 1997.

MARTINS, Rosa Maria Lopes; RODRIGUES, Maria de Lurdes Martins. (2003). Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica. **Millenium Revista do ISPV**, n. 29, p.

249-254, 2004. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millennium/Millennium29/32.pdf>>. Acesso em: 1º de mar. 2019.

MAVIN, Sharon; BRYANS, Patricia; WARING, T. Unlearning gender blindness: new directions in management education. **Management Decision**, v. 42, n. 3/4, p. 565–578, 2004.

MAZUR, Barbara. Cultural diversity in organizational theory and practice. **Journal of Intercultural Management**. v. 2, n 2, p. 5-15, nov. 2010.

McDONALD, James. Coming out in the field: a queer reflexive account of shifting researcher identity. **Management Learning**. v. 44, n. 2, p. 127-143, 2013.

MELLO, Sebastião Luiz de et al. **Perfil, formação, atuação e oportunidades de trabalho do administrador: pesquisa nacional**. 6 ed. Brasília: CFA, 2015.

MELLO, Sebastião Luiz de; MELO JUNIOR, José Samuel de Miranda; MATTAR, Fauze Najib. **Perfil, formação, atuação e oportunidades de trabalho do administrador: pesquisa nacional**. 5 ed. Brasília: CFA, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. rev. ampl., 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora : UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2016. (Série Cadernos da Diversidade)

MISKOLCI, Richard. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria queer. **Florestan**. v. 1, n. 2, 2014.

MISKOLCI, Richard. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, 150-182.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 1, 104-124, 2009.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Gênero**. Niterói, v. 7, n. 2, p. 257-269, 1. sem. 2007.

MISOCZKY, Maria Ceci Araújo. Análise Crítica do Discurso: um olhar mais amplo aos contextos sociais. In: **GESTÃO.Org**. Recife, v. 3, n. 2, p. 124-138, 2005.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo, diferença cultural e diálogo. **Educação & Sociedade**. ano XXIII, n. 79, p. 15- 37, ago./2002.

MORGAN, Gareth. **Imagens da Organização**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2007.

NARDI, H. C. Nas tramas do humano: quando a sexualidade interdita o trabalho. In: POCAHY, F. **Rompendo o silêncio**: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NICOLINI, Alexandre. Qual será o futuro das fábricas de administradores. **RAE**. v. 43, n. 2, p. 44-54, abr./mai./jun. 2003.

NKOMO, Stella M.; COX JR., Taylor. Diversidade e identidade nas organizações. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C. (orgs.). **Handbook de estudos organizacionais**: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. 1. ed. vol. 1 São Paulo: Atlas, 1999.

OLIVEIRA, João Manuel de. Cidadania Sexual sob Suspeita : Uma Meditação sobre as Fundações Homonormativas e Neo-Liberais de uma Cidadania de “ Consolação”. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 1, p. 68–78, 2013.

OZTURK, Mustafa Bilgehan; RUMENS, Nick. Gay Male Academics in UK Business and Management Schools: Negotiating Heteronormativities in Everyday Work Life. **British Journal of Management**, v. 25, n. 3, p. 503–517, 2014.

PAIVA JÚNIOR, Fernando. G.; LEÃO, André Luiz M. S.; MELLO, Sérgio C. Benício. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em administração. **Revista de Ciências da Administração**. v. 13, n. 31, p. 190-209, set./dez. 2011.

PAULA, Ana Paula Paes de. Para além dos paradigmas nos Estudos Organizacionais: o Círculo das Matrizes Epistêmicas. **Cad. EBAPE.BR**, v. 14, nº 1, Artigo 2, Rio de Janeiro, Jan./Mar. 2016. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/31419/56887>>. Acesso em 16 nov. 2018.

PAULA, Ana Paula Paes de. Repensando os estudos organizacionais: o círculo das matrizes Epistemológicas e a abordagem freudo-frankfurtiana. **Tese** (Professor titular). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas: Belo Horizonte, 2012. 233f.

PAULA, Ana Paula Paes de. Teoria Crítica nas Organizações. São Paulo: Thomson Learning, 2008. (Coleção Debates em Administração)

PETINELLI-SOUZA, Susane. Constituição e formação do sujeito administrador. **Administração: Ensino e Pesquisa**. Rio de Janeiro, v.14, n. 3, p. 453-483, ju./ago./set., 2013.

PHILLIPS, Mary; KNOWLES, Deborah. Performance and Performativity: Undoing Fictions of Women Business Owners. **Gender, Work & Organization**, v. 19, n. 4, p. 416–437, 14 jul. 2012.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciladas da diferença. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP. São Paulo. 2 ed., 2 v., p. 7-33, 1990.

PINO, Nádia Perez. A teoria *queer* e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. **Cadernos Pagu**. n. 28. Campinas. jan./jul. 2007.

PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. **D.E.L.T.A.** ed. 23, v.1, p. 1-26, 2007.

PRIOLA, Vincenza; LASIO, Diego; DE SIMONE, Silvia; SERRI, Francesco. The Sound of Silence. Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Discrimination in “Inclusive Organizations”. **British Journal of Management**, v. 25, n. 3, p. 488–502, 2014.

REED, Michael. Teorização Organizacional: Um Campo Historicamente Contestado. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (Eds.). . **Handbook de Estudos Organizacionais V. 1**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2007. p. 61–97.

RICH, Adrienne C. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 5, n. 4, p. 631–660, 1980.

RUMENS, Nick. Towards Queering the Business School: A Research Agenda for Advancing Lesbian, Gay, Bisexual and Trans Perspectives and Issues. **Gender, Work & Organization**, v. 23, n. 1, p. 36–51, 2016.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. 1 ed. 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS, Elisabeth Cavalcante dos; BISPO, Danielle de Araújo; DOURADO, Débora Paschoal. A utilização da Teoria Social do Discurso de Fairclough nos Estudos Organizacionais. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**. v. 4, n. 1, p. 55-77, jan./mar. 2015.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; IRIGARAY, Hélio Arthur dos Reis. Políticas de diversidade nas organizações: uma questão de discurso? **RAE**. n. 3, v. 49. São Paulo, jul./set. 2009.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, janeiro/abril, 2005.

SEIDMAN, Steven. Theoretical perspectives. In: SEIDMAN, S.; FISCHER, N.; MEEKS, C. (orgs.). **Handbook of the new sexuality studies**. New York: Routledge, 2006. p. 3-13.

SHIMADA, Nayara Emi; CRUBELLATE, João Marcelo. A constituição do administrador profissional. **Caderno de Administração**. Universidade Estadual de Maringá. v. 20. n. 2. 2012.

SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de et al. Construções identitárias de estudantes de farmácia no trote universitário: questões de gênero e sexualidade. **Pro-Posições**, v. 23, n. 2, p. 145–159, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. 4 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SIQUEIRA et al. Diversidade nas organizações: uma análise sistemática da produção acadêmica da área de administração entre 2010 e 2015. In: Encontro da ANPAD (EnANPAD), XL, 25 a 28 de setembro de 2016. **Anais...** Costa do Sauípe/BA: ANPAD, 2016.

SMITH, Catherine R. Notes from the Field: Gender Issues in the Management Curriculum: A Survey of Student Experiences. **Gender, Work & Organization**, v. 7, n. 3, p. 158–167, 2000.

SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy. Glossário. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (orgs.). **Teoria e métodos de pesquisa social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

SOUZA, Eloisio Moulin de. A Teoria *Queer* e os Estudos Organizacionais: Revisando Conceitos sobre Identidade. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, art. 2, p. 308-326, mai./jun. 2017.

SOUZA, Eloisio Moulin de. O mito da igualdade: análise pós-estruturalista das políticas de diversidade promovidas por bancos públicos e privado. In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO (EnGPR), II, 15 a 17 de novembro de 2009. **Anais...** Curitiba/PR: ANPAD, 2009.

SOUZA, Eloisio Moulin de; et al. A analítica de Foucault e suas implicações nos estudos organizacionais sobre poder. **O&S**, v. 13, n. 36, jan./mar. 2006.

SOUZA, Eloisio Moulin de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A analítica *queer* e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **Rev. Adm. Mackenzie (RAM)**, v. 11, n. 3, Edição Especial. SÃO PAULO, SP, maio/jun. 2010.

SOUZA, Eloisio Moulin de; MACHADO, Leila Domingues; BIANCO, Mônica de Fátima. O homem e o pós-estruturalismo foucaultiano: implicações nos estudos organizacionais. **O&S**, v. 15, n. 47, out./dez. 2018.

SOUZA, Eloisio Moulin de; PEREIRA, Severino Joaquim Nunes. (Re) produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho : a discriminação de homossexuais por homossexuais. **RAM - Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 4, p. 76–105, 2013.

SOUZA, Eloisio Moulin de; SOUZA, Susane Petinelli; SILVA, Alfredo Rodrigues Leite da. O pós-estruturalismo e os estudos críticos de gestão: da busca pela emancipação à constituição do sujeito. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, art. 4, pp. 198-217, mar./abr. 2013.

SOUZA, Leandro Corsico; DINIS, Nilson Fernandes. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. **Revista Pro-Posições**, v. 3, n. 63, p. 119–134, 2010.

SOUZA, Mariana Mayumi Pereira de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A análise do discurso em estudos organizacionais. In: SOUZA, Eloisio Moulin de (org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional**: uma abordagem teórico-conceitual. Vitória: EDUFES, 2014.

SOUZA, Mariana Mayumi Pereira de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Identidades, práticas discursivas e os estudos organizacionais: Uma proposta teórico-metodológica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, nº 1, artigo 3, Rio de Janeiro, Mar. 2012.

SULLIVAN, Nikki. **A critical introduction to queer theory**. New York: New York University Press, 2003.

SWAIN, Tania Navarro. Para além do binário: os *queers* e o heterogêneo. **Gênero**. Niterói, v. 2, n. 1, p. 87-98, 2. sem. 2001.

SWAN, Elaine; STEAD, Valerie; ELLIOTT, Carole. Feminist challenges and futures: women, diversity and management learning. **Management Learning**, v. 40, n. 4, p. 431–437, 2009.

TEIXEIRA, Juliana Cristina. As artes e práticas cotidianas de viver, cuidar, resistir e fazer das empregadas domésticas. **Tese** (Doutorado em Administração). Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração (CEPEAD). Belo Horizonte: UFMG, 2015.

TEIXEIRA, Maria Paula dos; SILVA, Isabel Cristina da; MAFRA, Flávia Luciana Naves. Reflexões sobre a formação do administrador: uma abordagem a partir da inserção das questões sociais nos conteúdos disciplinares. **Revista Symposium**, FADMINAS, Lavras/MG, v. 9, n. 1, p. 5-22, jan./jun. 2011.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. À mode de Foucault: um exame das estratégias arqueológica e genealógica de investigação. **Lua Nova**, São Paulo, n. 81, p. 215-247, 2010.

THOMAS Jr., R. Roosevelt. **Beyond race and gender**: unleashing the power of your total work force by managing diversity. New York: AMACON, 1991.

TYLER, Melissa; COHEN, Laurie. Spaces that Matter: Gender Performativity and Organizational Space. **Organizational Studies**, v. 31, n. 2, p. 175–198, 2010.

VAN DIJK, Teun A. La multidisciplinaridad del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 143-177.

VIANA, Nildo. **A Mercantilização das Relações Sociais**. Modo de Produção Capitalista e Formas Sociais Burguesas. Rio de Janeiro: Ar Editora, 2016.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**. Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago/dez. 2014.

WATSON, K. Queer theory. **Group Analysis**. ed. 38, v. 1, p. 67-81, 2005.

WÄHLIN, Nils. Humour and irony as devices for identity constructions. **Proceedings of Critical Management Studies Conference**, Manchester, United Kingdom, July 11-13, 2001.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Tradução de Caio Liudvik. 2 ed. Petrópolis/RJ: vozes, 2013. (Série Pensamento Moderno)

WITTIG, M. The straight mind. **Feminist Issues**, v. 1, n. 1, p. 103–111, 1980.

WOOD JR., Thomaz; CALDAS, Miguel P. Rindo do que? Como consultores reagem ao humor crítico e à ironia sobre sua profissão. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 12, n. 34, . p. 83-101, jul./set. 2005.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

APÊNDICE A: Instrumento de coleta de dados

- . Como você descreveria sua sexualidade?
- . Você lembra como lidava com sua sexualidade no período escolar? O que mais lhe marcou nesse momento de sua vida e por quê?
- . E no contexto da Educação Superior, como é ser LGBT (lésbica, gay, bissexual ou transexual) no curso de Administração?
- . Você percebe diferenças entre seu comportamento/jeito de ser no âmbito do curso e fora dele? Por quê?
- . Você percebe (ou acredita) que aspectos como gênero, classe social, raça ou outras diferenças se relacionam as questões de sua sexualidade no contexto do curso de ADM? Como? Por quê?
- . Como você enxerga os outros LGBTs no contexto do curso de Administração?
- . Como você descreveria o cotidiano de um LGBT no curso de Administração?
- . Como você descreveria o perfil do profissional de Administração formado no curso de Administração? Por quê?
- . Como você relacionaria o curso de Administração com as diferenças humanas nele existentes?
- . Você acredita que o ensino em Administração contribui para o lidar com as diferentes formas de identidade sexual no âmbito organizacional?
- . Você acredita que a formação que está recebendo no curso de Administração o(a) prepara para lidar com as diferenças humanas no contexto organizacional?
- . O que você sugeriria de novo ou complementar para o curso de Administração? Por quê?
- . Como você enxerga que sua identidade sexual (LGBT) pode lhe diferenciar como administrador?

APÊNDICE B: Instrumento de coleta de dados (versão com comentários)

- . Como você descreveria sua sexualidade (**identidade sexual; como lida com ela**)?
- . Você lembra como lidava com sua sexualidade no período escolar? O que mais lhe marcou nesse momento de sua vida e por quê?
- . E no contexto da Educação Superior, como é ser LGBT (lésbica, gay, bissexual ou transexual) no curso de Administração? (**como lida com sua sexualidade no curso; descrição do comportamento no curso**)
- . Você percebe diferenças entre seu comportamento/jeito de ser no âmbito do curso e fora dele? Por quê? (**evita fazer ou falar algo com relação a sua sexualidade no âmbito do curso?**)
- . Você percebe (ou acredita) que aspectos como gênero, classe social, raça ou outras diferenças se relacionam as questões de sua sexualidade no contexto do curso de ADM? Como? Por quê? (**como percebe que tais diferenças se entrelaçam em meio as relações estabelecidas no convívio do curso**)
- . Como você enxerga os outros LGBTs no contexto do curso de Administração?
- . Como você descreveria o cotidiano de um LGBT no curso de Administração? (**relações com outros LGBTs, com heterossexuais, com os atores presentes no curso: discentes, docentes, coordenador, diretor**)
- . Como você descreveria o perfil do profissional de Administração formado no curso de Administração? Por quê? (**com quais características**)
- . Como você relacionaria o curso de Administração com as diferenças humanas nele existentes?
- . Você acredita que o ensino em Administração contribui para o lidar com as diferentes formas de identidade sexual no âmbito organizacional?
- . Você acredita que a formação que está recebendo no curso de Administração o(a) prepara para lidar com as diferenças humanas no contexto organizacional?
- . O que você sugeriria de novo ou complementar para o curso de Administração? Por quê?
- . Como você enxerga que sua identidade sexual (LGBT) pode lhe diferenciar como administrador?

APÊNDICE C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado(a) Senhor(a)

Esta pesquisa centra-se sobre **performances de estudantes LGBTs no curso de Administração** e está sendo desenvolvida pelo pesquisador Diego Costa Mendes e sob a coordenação e orientação do Prof. Dr. José Ricardo Costa de Mendonça, ambos do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFPE, envolvendo uma Tese de Doutorado.

O objeto geral do estudo é identificar como se apresenta e quais as implicações do discurso normalizador em cursos de graduação em Administração sobre as performances dos estudantes. A finalidade deste trabalho é contribuir para a compreensão de como as diferenças sexuais estão situadas no curso de Administração, cooperando com o avanço do conhecimento na área dos estudos *queer* e sobre identidade nesse contexto.

Solicitamos a sua colaboração para participar de forma voluntária da entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e publicar em revista científica nacional e/ou internacional, na elaboração de relatórios de pesquisa e tese de doutorado. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa a princípio não representa riscos para a sua integridade física e psicológica, e apenas busca compreender sua opinião e interpretação de um fenômeno social no seu campo de conhecimento.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir dele, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer momento da entrevista.

Assinatura do Entrevistador

Considerando que fui informado(a) do objetivo do estudo proposto e de como será minha participação, declaro meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins acadêmicos/científicos (divulgação em eventos e publicações, elaboração de relatório de pesquisa, e tese de doutorado a ser submetida a banca examinadora). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Recife, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com o pesquisador **Diego Costa Mendes**: telefone (81)996268735, e-mail: diegocostape@gmail.com; ou com o pesquisador **José Ricardo Costa de Mendonça**, e-mail: jrcm@ufpe.br